

O
CONHECIMENTO
de
VIDA

*W*ITNESS LEE



CONHECIMENTO
de
VIDA

WITNESS LEE

*Somente para distribuição gratuita
Proibida a venda*

Living Stream Ministry
Anaheim, California • www.lsm.org

© 2010 Living Stream Ministry

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida nem transmitida por qualquer processo – gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação, ou sistemas de armazenamento e recuperações de informações – sem o consentimento escrito da editora.

Edição para distribuição em massa, 2010.

ISBN 978-0-7363-3413-6

Traduzido do Inglês
Título original: *The Knowledge of Life*
(Portuguese Translation)

Ver última página para informações de distribuição.

Publicado por:
Living Stream Ministry
2431 W. La Palma Ave., Anaheim, CA 92801 U.S.A.
P. O. Box 2121, Anaheim, CA 92814 U.S.A.

ÍNDICE

<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>
Introdução	5
Catorze pontos sobre a vida	7
1 Que é vida?	9
2 Que é experiência de vida?	19
3 A primeira experiência de vida: regeneração	25
4 O que se ganha pela regeneração	31
5 A sensação de vida	47
6 A comunhão de vida	57
7 A sensação do Espírito e o conhecimento do Espírito	63
8 A diferença entre espírito e alma	75
9 Três vidas e quatro leis	89
10 A lei da vida	111
11 O conhecimento interior	147
12 Que é crescimento de vida?	177
13 A saída da vida	187
14 Luz e vida	199
Sobre os dois servos do Senhor	223

LISTA DE ABREVIATURAS

Os textos das referências bíblicas do Novo Testamento foram extraídos do Novo Testamento, Versão Restauração e as demais referências foram extraídas da versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida, 2ª edição (SBB), salvo indicação específica.

ARC – Almeida Versão Revista e Corrigida

ASV – American Standard Version (Inglês)

KJV – King James Version (Inglês)

Lit. – Tradução literal

XXI – Almeida Século XXI

INTRODUÇÃO

Embora saibamos que o desejo e a intenção de Deus seja ganhar um homem corporativo, que tenha Sua imagem, manifeste Sua glória e possua Sua autoridade para lidar com Seu inimigo a fim de que Ele obtenha descanso eterno, ainda assim, pouquíssimas pessoas sabem que esse grande desejo e intenção de Deus só pode ser alcançado por meio de Sua própria vida. Menos pessoas, ainda, tocaram essa questão de conhecer e experimentar essa vida que leva a cabo o propósito de Deus. Portanto, os santos hoje são fracos e imaturos. Embora haja muitos com coração de busca, pouquíssimos acharam a maneira da vida. Muitos até mesmo tem zelo, conhecimento, poder e dons equivocados.

Damos graças a Deus porque nestes últimos dias de grande necessidade Ele manifestou, por meio das mensagens do nosso irmão, a linha de sua vida maravilhosa e oculta, possibilitando, assim, que todo crente veja e toque esse tema. Estas mensagens podem ser consideradas a cristalização da nata do conhecimento e experiência de vida dos santos dos últimos dois mil anos, acrescidos dos trinta anos de experiência pessoal do nosso irmão; elas são, sem dúvida, completas e magníficas. O conteúdo dessas mensagens é dividido em duas partes principais. A primeira parte discute o conhecimento de vida e é dividida em quatorze pontos principais que mostram as características da vida e seus princípios vitoriosos de operação. A segunda parte¹ discute as experiências de vida e é dividida em dezenove itens que explicam as experiências nos diversos estágios da vida espiritual e a maneira de se buscar a vida. Se buscarmos e praticarmos essas lições, uma por uma, seremos capacitados a caminhar em uma linha e rapidamente alcançar o estágio de maturidade de vida.

¹A segunda parte já foi publicada pelo Living Stream Ministry sob o título *Experience of Life*.

Portanto, essas mensagens tornaram prática a ciência da vida que é quase invisível e intangível. Todos os santos que vivem o Senhor e buscam crescimento de vida precisam ler essas mensagens.

Dr. Y. L. Chang

Novembro de 1956
Taipei, Taiwan, República da China

CATORZE PONTOS SOBRE A VIDA

Usaremos catorze capítulos, que tratam de catorze pontos principais, a fim de ver por todos os ângulos o que é vida e alguns assuntos relacionados à vida. Neste livro edificamos um fundamento sobre o conhecimento de vida. Tratamos da questão da experiência de vida em outro volume.²

²*The Experience of Life*, livro publicado pelo Living Stream Ministry.

CAPÍTULO UM

QUE É VIDA?

Primeiramente vamos ver o que é vida. Para conhecê-la, precisamos saber o que ela é. É muito difícil explicá-la; portanto precisamos realmente da misericórdia do Senhor. Segundo o ensinamento da Bíblia, pelo menos seis pontos devem ser mencionados para esclarecer esse assunto.

I. SOMENTE A VIDA DE DEUS É VIDA

Ao explicar o que é vida, devemos primeiramente ter clareza acerca de uma coisa: que tipo de vida em todo o universo pode ser considerado vida? Primeira de João 5:12 diz: “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida”. João 3:36 também diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, porém, desobedece ao Filho não verá a vida”. Essas duas passagens da Bíblia nos dizem que, se o homem não tiver a vida de Deus, ele não tem vida. Isso nos mostra que, aos olhos de Deus, somente a vida Dele é vida; além dela, nenhuma outra pode ser considerada como vida. Assim, quando a vida de Deus é mencionada na Bíblia, ela é tratada como sendo a única vida (Jo 1:4; 10:10; 11:25; 14:6; etc.).

Somente a vida eterna de Deus é vida, e outras vidas não são consideradas como tal, porque somente a vida de Deus é divina e eterna.

Que significa *divino*? Ser divino significa ser de Deus, ter a natureza de Deus ou ser transcendente e distinto de todos os outros. Somente Deus é Deus, somente Deus tem a natureza de Deus, e somente Deus é transcendente e particular; portanto, somente Deus é divino. A vida de Deus é o próprio Deus (mais tarde trataremos desse assunto), e por ser o próprio Deus, ela naturalmente tem a natureza de Deus. Por exemplo:

uma taça de ouro é ouro, e por ser ouro, ela tem a natureza do ouro; o ouro é, de fato, sua natureza. Semelhantemente, a vida de Deus é o próprio Deus e tem a natureza de Deus; Deus é a natureza de Sua vida. Como a vida de Deus é Deus e tem a natureza de Deus, a vida de Deus é divina.

Que significa *eterna*? Eterna significa não criada, sem início nem fim, que existe por si mesma e é perene e imutável. Apenas Deus é incriado; apenas Ele existe “de eternidade a eternidade” (Sl 90:2), ou seja, sem início nem fim. Ele é o “Eu sou o que sou” (Êx 3:14), e é “sempre o mesmo” (Sl 102:27). Como Deus é assim, a vida, que é o próprio Deus, também é assim. A vida de Deus, assim como o próprio Deus, é incriada, sem início nem fim, que existe por si mesma, perene e que nunca muda. Portanto, a vida de Deus é eterna. Por isso, as Escrituras se referem à vida de Deus como a vida eterna.

Uma vez que tanto o divino como o eterno são a natureza de Deus e expressam as características do próprio Deus, ambos são também a natureza da Sua vida e retratam suas características. Contudo, ser divina não é somente uma característica da vida de Deus, mas, mais que isso, é a essência da Sua vida, ao passo que ser eterna é apenas uma característica da vida de Deus. Vejamos novamente a ilustração da taça de ouro. Sua natureza é de ouro inoxidável. Contudo, o ouro não apenas caracteriza a taça, mas também sua própria essência, ao passo que sua natureza inoxidável é devida ao fato de ela ser de ouro. Da mesma maneira, a razão de a vida de Deus ser eterna é que ela é divina. (Ser divina significa não apenas que é de Deus, mas que é o próprio Deus.) A vida de Deus é eterna porque é divina. No universo, nenhuma vida criada tem a natureza divina; portanto, nenhuma vida criada é eterna. Apenas a natureza da vida incriada de Deus é divina e eterna. Uma vez que a natureza da vida de Deus é assim, naturalmente a vida de Deus também é assim. A vida de Deus é eterna porque é divina. Em todo o universo, apenas a vida de Deus é divina e eterna; portanto, apenas a vida de Deus é considerada vida.

Somente a vida que é divina e eterna pode ser considerada como vida, porque vida denota algo vivo e tudo que é considerado vida tem de ser eterno. O que é imortal é imutável; permanece o mesmo e continua vivo, mesmo depois de ter passado

por qualquer tipo de ataque ou destruição. Uma vida que está sujeita à morte e a mudanças não é capaz de sofrer qualquer ataque ou destruição, nem é eterna, imortal ou imutável, e por isso não pode ser considerada vida. Aquilo que é vida deve ser algo que vive para sempre e nunca muda. Somente o que é eterno pode ser assim. Então, o que é eterno? Somente o que é divino! Aquele que é divino é Deus, o próprio Deus. O próprio Deus não tem início nem fim; existe por Si mesmo e para sempre; portanto, Ele é eterno. Porque somente o que é divino é eterno, e somente o que é eterno pode viver eternamente sem mudança, somente o que é tanto divino como eterno é que pode ser considerado vida.

Todos os tipos de vida no universo, seja angélica, humana, animal ou vegetal, são mutáveis; portanto, não são eternas. Elas não têm a natureza de Deus nem são divinas. Somente a vida de Deus tem a natureza de Deus; portanto, ela é divina e eterna, imortal e imutável, impossível de ser retida pela morte e é indestrutível (At 2:24; Hb 7:16). Não importando o tipo de golpe ou destruição que ela receba, ela permanece imutável e a mesma para sempre. No universo, além da vida de Deus, nenhuma outra vida pode ser assim. Portanto, do ponto de vista da eternidade, somente a vida de Deus é vida. Ela não apenas tem o nome de vida, mas tem também a realidade da vida e, portanto, ela preenche totalmente o significado da vida. Outras vidas são vida apenas em nome, não em realidade; portanto, elas são incapazes de satisfazer o critério da imortalidade e imutabilidade da vida e não podem ser consideradas como vida. Conseqüentemente, de acordo com Sua natureza divina e eterna, a vida de Deus é única no universo.¹

II. VIDA É O FLUIR DE DEUS

Com respeito ao que é a vida, precisamos ver primeiramente que somente a vida de Deus é vida. Então, precisamos ver que vida é o fluir de Deus. Apocalipse 22:1-2 fala de um

¹ Porque a vida de Deus é a única vida, sempre que o Novo Testamento, no original grego, fala dessa vida, usa a palavra *zoe*, que se refere à vida mais elevada (Jo 1:4; 1Jo 1:2; 5:12, etc.). Além disso, o texto original do Novo Testamento também usa (1) *bios* para falar da vida física (Lc 8:43; 21:4, etc.) e (2) *psiquê*, para falar da vida da alma, ou vida natural do homem (Mt 16:25-26, Lc 9:24, etc.).

rio de água da vida fluindo do trono de Deus e, no rio da água da vida está a árvore da vida. Tanto a água da vida como a árvore da vida representam a vida. Portanto, podemos ver aqui claramente que vida é o que flui de Deus. Por essa razão, podemos dizer que vida é o fluir de Deus.

Já vimos que a vida precisa ser divina e eterna. Uma vez que Deus é Deus, Ele é naturalmente divino. E a Bíblia também diz que Deus é eterno. Por isso, como Deus é divino e eterno, Ele é vida. Portanto, o fluir de Deus é vida.

De acordo com a natureza divina e eterna do próprio Deus, Deus é vida. Mas se Deus não fluir, embora Ele seja vida, para nós ele não será. Ele tem de fluir; então, Ele será vida para nós. Seu fluir passa por dois passos. O primeiro é Ele ter se tornado carne. Isso O capacitou fluir do céu para o meio dos homens e manifestar-se como vida (Jo 1:1, 14, 4). Portanto, a Bíblia fala a esse respeito, por um lado, como Ele ter sido “manifestado na carne” (1Tm 3:16) e, por outro, como a vida que se manifestou (1Jo 1:2). Portanto, quando estava em carne, Ele disse que Ele é vida (Jo 14:6). Embora, no primeiro passo do Seu fluir, Ele tenha podido manifestar-Se como vida para nós, Ele não podia ser recebido por nós como vida; portanto Ele precisou dar o segundo passo do fluir. Seu segundo passo do fluir foi ter sido pregado na cruz. Mediante a morte, o corpo de carne que Ele havia tomado foi partido, capacitando-O assim a fluir da carne e tornar-se a água da vida para ser recebido por nós (Jo 19:34; 4:10, 14). A rocha no Antigo Testamento tipificava-O; ela foi ferida e dela saiu água para o povo de Israel (Êx 17:6; 1Co 10:4). Ele tornou-se carne para ser um grão de trigo que contém vida. Ele foi crucificado para que pudesse fluir da “casca” da carne para dentro de nós – Seus muitos frutos – e tornar-se nossa vida (Jo 12:24).

Assim, a vida que recebemos de Deus é o fluir do próprio Deus. Essa vida fluindo em nós, da nossa parte, é o fluir que vem de Deus; da parte de Deus, é o fluir que sai Dele. Então, quando essa vida flui de nós, ela é novamente o fluir de Deus. Esse fluir de Deus começou em Seu trono: primeiro, ele fluiu para o Jesus Nazareno; então, ele passou pela cruz e fluiu para os apóstolos; então, ele fluiu dos apóstolos como rios de água viva (Jo 7:38); ele fluiu através dos santos de todas as eras, e,

por fim, fluiu para dentro de nós. De nós, ele fluirá para milhões mais até a eternidade, fluindo para sempre sem cessar, como é falado em Apocalipse 22:1-2 e João 4:14.

As águas mencionadas em Ezequiel 47 simbolizam esse fluir de Deus. Aonde quer que as águas fluírem, tudo terá vida. Semelhantemente, aonde quer que esse fluir de Deus chegar, haverá vida, pois esse fluir é a própria vida. Quando fluir para a eternidade, então a eternidade será enchida com a condição de vida e se tornará uma eternidade de vida.

Bem no começo, quando a Bíblia fala de vida, ela nos mostra um rio fluindo (Gn 2:9-14). No final, em Apocalipse, nos é mostrado que, quanto ao que nos diz respeito, todas as coisas relacionadas com a vida, seja a água da vida ou a árvore da vida, fluem de Deus. Isso fala claramente que, para nós, a vida é o fluir do próprio Deus. Deus fluiu do céu e, por meio da carne, Ele fluiu para o nosso meio como a vida que foi manifestada a nós. Então, Ele fluiu da carne para dentro de nós como a vida que recebemos.

III. VIDA É O CONTEÚDO DE DEUS

Com relação ao que a vida é, o terceiro ponto que devemos conhecer é que vida é o conteúdo de Deus. Uma vez que vida é o fluir de Deus, ela é o conteúdo de Deus, pois o fluir de Deus vem do próprio Deus, e o próprio Deus é o conteúdo de Deus.

Uma vez que o conteúdo de Deus é o próprio Deus, esse conteúdo é tudo o que Deus é, ou seja, a plenitude da Deidade. A Bíblia nos diz que toda a plenitude da Deidade habita em Cristo (Cl 2:9). Isso é porque Cristo, como a corporificação de Deus, foi manifestado para ser a vida do homem. Essa vida contém a plenitude da Deidade, que é tudo o que Deus é. Tudo o que Deus é está nessa vida. O fato de Deus ser Deus depende dessa vida. Portanto, essa vida é o conteúdo de Deus, a plenitude da Deidade. Quando recebemos essa vida, recebemos o conteúdo de Deus e tudo que está em Deus. Essa vida que está em nós é o que Deus é. Hoje, é nessa vida que Deus se torna nosso tudo e é nosso tudo; é nessa vida que Deus se torna nosso Deus e é nosso Deus. Como essa vida em Cristo é a plenitude da Deidade e o conteúdo do próprio Deus, em nós

também está a plenitude da Deidade e o conteúdo do próprio Deus.

IV. VIDA É O PRÓPRIO DEUS

Já vimos que vida é o fluir de Deus e o conteúdo de Deus. O fluir de Deus provém Dele mesmo e o conteúdo de Deus também é Ele mesmo. Como vida é o fluir e o conteúdo de Deus, naturalmente vida é o próprio Deus. Esse é o quarto ponto que devemos conhecer a respeito da vida.

Em João 14:6, o Senhor Jesus diz que Ele é vida. Após ter dito isso, do versículo 7 até o 11, Ele mostrou aos discípulos que Ele e Deus são um – e quando Ele fala essa palavra, Deus está falando Nele. Ele é Deus tornado carne; e Ele é Deus em carne (Jo 1:1, 14; 1Tm 3:16). Quando Ele diz que é vida, é Deus quem está dizendo que é vida. Portanto, Suas palavras nos mostram que vida é o próprio Deus.

Devemos prestar atenção ao fato de que a Bíblia raramente usa o termo “a vida de Deus”. O ensinamento da Bíblia revela principalmente que Deus *é* vida; fala de Deus principalmente *como* vida; quase nunca fala que Deus quer que recebamos “Sua vida”. A expressão “a vida *de* Deus” é diferente das expressões “Deus *é* vida” e “Deus *como* vida”. A *vida de Deus* não necessariamente implica o próprio Deus como um todo, ao passo que *Deus é vida* ou *Deus como vida*, denota o próprio Deus como um todo. Rigorosamente falando, quando recebemos vida, não recebemos a vida de Deus, mas recebemos Deus *como* vida. Deus não apenas nos deu Sua vida; Ele mesmo veio para ser nossa vida. Pelo fato de o próprio Deus ser vida, Sua vida é sua própria pessoa.

Então, que é vida? Vida é o próprio Deus. Que significa ter vida? Ter vida significa ter o próprio Deus. Que significa expressar vida? Expressar vida significa expressar o próprio Deus. Vida não é nada diferente de Deus. Se fosse, não seria vida. Devemos entender isso claramente. Não basta meramente saber que temos vida; precisamos saber que essa vida que temos é o próprio Deus. Não basta saber que devemos expressar vida; precisamos saber que a vida que devemos expressar é o próprio Deus.

Irmãos, na verdade, qual é a vida que deveríamos expressar?

Que expressamos quando expressamos vida? Expressar amor, humildade, bondade e paciência é expressar vida? Não! Porque amor, bondade, humildade e paciência não são vida; nem o é qualquer boa qualidade ou virtude. Somente o próprio Deus é vida. Assim, expressar tais virtudes não é expressar vida. Apenas expressar o próprio Deus é expressar vida. Se o amor, humildade, bondade e paciência que expressamos não são o fluir de Deus ou a manifestação de Deus, eles não são vida. Qualquer boa qualidade ou virtude que expressemos, se não for a expressão de Deus através de nós, não é vida. As virtudes que expressamos devem ser o fluir de Deus, a manifestação de Deus; então, estaremos expressando a vida, pois a vida é o próprio Deus.

Colossenses 2:9 e Efésios 3:19 nos mostram a plenitude de Deus. A vida que recebemos é esse Deus pleno. Portanto, essa vida também é plena. Nela há amor, luz, humildade e bondade, paciência e tolerância, compaixão e entendimento. Todas as boas qualidades e virtudes que estão em Deus estão nessa vida. Portanto, essa vida pode expressar todas essas virtudes a partir de nós. Expressar essas virtudes é expressar Deus, porque essa vida é Deus. Embora essa vida, quando é expressada, tenha muitas manifestações, como amor, humildade, bondade e paciência, todas essas coisas são expressões de Deus, pois são expressadas a partir de Deus. O que é expressado através de viver Deus é a expressão de Deus, ou a expressão da vida, porque Deus é vida e vida é Deus.

V. VIDA É CRISTO

A Bíblia nos mostra que vida é o próprio Deus. Ela nos mostra também que vida é Cristo. A vida era Deus; então, Deus tornou-se carne, que é Cristo. Portanto, Cristo é Deus e Cristo também é vida (1Jo 5:12). A vida que era Deus, a vida que é Deus, está Nele (Jo 1:4). Por isso, Cristo disse repetidamente que Ele é vida (Jo 14:6; 11:25) e que Ele veio à terra para que o homem tenha vida (Jo 10:10). Portanto, a Bíblia diz que aquele que O tem, tem a vida (1Jo 5:12) e que O que está em nós é a nossa vida (Cl 3:4).

Assim como vida é o próprio Deus, vida também é Cristo. Assim como ter vida é ter o próprio Deus, ter vida também é

ter Cristo. Assim como expressar vida é expressar o próprio Deus, expressar vida também é expressar Cristo. Assim como a vida não é em nada diferente de Deus, ela também não é em nada diferente de Cristo. Assim como um pequeno desvio de Deus não é vida, também um pequeno desvio de Cristo não é vida. Pois Cristo é Deus como vida. É por meio de Cristo e como Cristo que Deus é manifestado como vida. Portanto, Cristo é vida e vida é Cristo.

VI. VIDA É O ESPÍRITO SANTO

Após o Senhor Jesus dizer que Ele é vida em João 14:6, Ele disse aos Seus discípulos que não apenas Ele e o Pai são um (vv. 7-11), mas também o Espírito Santo e Ele são um (vv. 16-20).² Dos versículos 7 a 11, Ele nos mostrou que Ele é a corporificação de Deus – Ele está em Deus e Deus está Nele. Por isso, Ele ser vida significa que Deus é vida. Dos versículos 16 a 20, Ele revelou que o Espírito Santo é Sua corporificação, Sua outra forma; e quando Sua presença física nos deixa, esse Espírito da realidade, que é Ele mesmo como outro consolador, entra em nós e permanece em nós. Esse Espírito que vive e permanece em nós é simplesmente Ele mesmo vivendo em nós como nossa vida para que possamos viver. Essas duas passagens, portanto, nos mostram que é pelo fato de Deus estar Nele e de Ele estar no Espírito Santo que Ele é vida. Deus está Nele como vida e Ele é o Espírito Santo como vida. Ele ser vida é Deus ser vida e o Espírito Santo ser vida. Assim, João 4:10, 14 nos dizem que a água viva que Ele dá é a vida eterna. João 7:38-39 também nos diz que a água viva que flui de nós é o Espírito Santo que recebemos. Isso desvenda o fato de o Espírito Santo ser a vida eterna. O Espírito Santo que recebemos é a vida eterna que experimentamos, ou Cristo experimentado por nós como vida. A vida eterna, ou Cristo como vida, deve ser experimentada por nós como o Espírito Santo. Por essa razão, o Espírito Santo é chamado de “Espírito da vida” (Rom. 8:2).

²Nos versículos 16 e 17, o Senhor referiu-se ao Espírito Santo como “Ele”, mas no versículo 18, “Ele” mudou o pronome para “Eu”. Ao mudar de “Ele” para “Eu”, o Senhor estava dizendo que “Ele” é “Eu”. Isso revela que o Espírito Santo, do qual Ele falou nos versículos 16 e 17, é Ele mesmo.

O Espírito Santo é o “Espírito da vida” porque Deus e Cristo sendo vida dependem Dele. Ele e a vida são um só e não podem ser separados. Ele é nossa vida e a vida provém Dele. Vida é Seu conteúdo e Ele é a realidade da vida. Falando mais precisamente, Ele não apenas é a realidade da vida, mas é a própria vida.

Todos sabemos que Deus é um Deus Triúno – Pai, Filho e Espírito. O Pai está no Filho; o Filho é o Espírito. O Pai no Filho é manifestado entre os homens; portanto, o Filho é a manifestação do Pai. O Filho como o Espírito entra no homem; portanto, o Espírito é o entrar do Filho. O Pai é a fonte da vida, a própria vida. Como o Filho é a manifestação do Pai (1Tm 3:16), Ele é a manifestação da vida (1Jo 1:2). E como o Espírito é o entrar do Filho, Ele é o entrar da vida. A vida, originalmente, é o Pai; no Filho, ela é manifestada entre os homens; e, como o Espírito, ela entra no homem para que o homem a experimente. Assim, o Espírito torna-se o Espírito da vida, o homem pode receber vida por meio do Espírito e, quando o homem põe sua mente no Espírito, isso é vida (Rm 8:6). Como o Espírito é o Espírito da vida, quando o homem exercita seu espírito para tocar o Espírito, ele toca vida. Quando ele contata o Espírito, ele contata vida, e quando ele obedece ao Espírito, ele experimenta vida.

Assim, resumindo, vida é o Deus Triúno. Mas, para nós, vida não é o Deus Triúno no céu, mas o Deus Triúno fluindo. Esse fluir do Deus Triúno significa que Seu conteúdo, que é Ele mesmo, fluiu primeiramente para Cristo; então, fluiu como o Espírito para ser recebido por nós como vida. Por isso, quando tocamos Deus em Cristo como o Espírito, tocamos vida, pois a vida é Deus em Cristo como o Espírito.

CAPÍTULO DOIS

QUE É EXPERIÊNCIA DE VIDA?

Vamos agora responder à segunda pergunta: Que é experiência de vida? Uma vez que tenhamos visto o que é vida, podemos facilmente compreender o que é experiência de vida.

I. EXPERIMENTANDO DEUS

Já vimos que vida é o próprio Deus. O próprio Deus fluindo para nós, sendo recebido e experimentado por nós, é vida. Portanto, experimentar Deus é experimentar vida. Toda experiência de vida é experimentar e tocar Deus. Qualquer experiência que não toque Deus não é uma experiência de vida.

Por exemplo: alguns tipos de arrependimento não são devidos à iluminação de Deus, mas à introspecção do homem. Se o homem não tocar Deus, não é uma experiência de vida. O arrependimento que provém da iluminação de Deus faz com que o homem toque Deus, sendo, portanto, uma experiência de vida.

Aquilo que provém do próprio comportamento humano não é uma experiência de vida. É artificial e obra do próprio homem; não é o resultado de Deus passar pelo homem nem do homem passar por Deus; portanto, não pode ser considerado como experiência de vida.

Que, então, pode ser considerado experiência de vida? Uma experiência que é resultado de Deus passar pelo homem e do homem passar por Deus pode ser considerada uma experiência de vida. Por exemplo: em nossa oração nos encontramos com Deus, somos iluminados, vemos nossas falhas e tratamos com elas diante de Deus. Não fomos nós mesmos que detectamos nossas próprias falhas, mas, quando nos aproximamos de Deus, nos encontramos interiormente com Ele e vemos

nossas falhas sob a Sua luz. Nós espontaneamente confessamos a Deus e pedimos a purificação do sangue do Senhor. Como resultado, Deus passa por nós e nós também passamos por Ele. Tal experiência faz com que experimentemos Deus; portanto, é uma experiência de vida.

Todas as experiências de vida provêm de Deus e são Seu trabalhar em nós; portanto, elas podem nos fazer tocar Deus e experimentá-Lo. Toda experiência que não for assim, não é experiência de vida, pois vida é Deus, e experimentar vida é experimentar Deus. Por isso, qualquer experiência de Deus irá manifestar vida (Fp 2:13-16).

II. EXPERIMENTAR CRISTO

Experimentar vida, sem dúvida, é experimentar Deus, mas Deus está em Cristo para ser experimentado por nós. Cristo é a manifestação e corporificação de Deus; Ele é Deus tornando-se nossa experiência. Portanto, toda nossa experiência de Deus é a experiência de Cristo e é em Cristo. Assim, como experimentar vida é experimentar Deus, também é experimentar Cristo.

Embora Deus seja vida, Ele não pode ser nossa vida se não estiver em Cristo e tornar-se Cristo, para assim ser experimentado por nós. Para ser experimentado por nós, Ele precisa ser nossa vida. Mas Ele não pode ser nossa vida estando no céu, em luz inacessível (1Tm 6:16). Além disso, para ser nossa vida, Ele precisa ter nossa natureza humana. Sua vida divina deve ser mesclada com a natureza humana para que possa ser unida a nós, que possuímos a natureza humana, e ser nossa vida. Portanto, Ele veio do céu, tornou-se carne e mesclou-se com a natureza humana. Assim, Deus tornou-se Cristo e tornou-se nossa vida em natureza humana para O experimentarmos. Quando O experimentamos como nossa vida, nós experimentamos Cristo.

Resumindo: quando experimentamos Cristo, experimentamos os seguintes aspectos:

A. Cristo revelado em nós (Gl 1:16)

Essa é a nossa experiência inicial de Cristo quando somos salvos. Nós experimentamos Deus revelando Cristo em nós

por meio do Espírito Santo, capacitando-nos, assim, a conhecê-Lo e recebê-Lo como nossa vida e nosso tudo.

B. Cristo viver em nós (Gl 2:20)

Essa é nossa experiência contínua de Cristo viver em nós como nossa vida após sermos salvos. Em outras palavras, nós experimentamos Cristo permanecendo em nós e vivendo para nós. Essa experiência contínua de Cristo em nossa vida diária como santos constitui a maior parte da nossa experiência de Cristo.

C. Cristo é formado em nós (Gl 4:19)

Isso ocorre quando deixamos que tudo que é de Cristo seja o elemento da nossa vida interior, para que Cristo cresça e seja formado em nós. Cristo está em nós não apenas para que O experimentemos como nossa vida, como Aquele que vive em nós, mas para que O experimentemos ainda mais como nosso tudo, capacitando-O assim a crescer e ser formado em nossa vida para que Sua vida alcance a plena maturidade em nós.

D. Cristo é engrandecido em nosso corpo (Fp 1:20-21)

Isso ocorre quando deixamos que tudo que é de Cristo se torne a expressão do nosso viver exterior, para que Cristo seja manifestado exteriormente. Seja pela vida ou pela morte, em qualquer circunstância, deixamos Cristo ser engrandecido em nosso corpo. Em outras palavras, para nós, viver é Cristo. Isso, é claro, é uma experiência um tanto mais profunda de Cristo: não é uma experiência de Ele ser formado em nós, mas também de experimentá-Lo ser engrandecido em nós. Cristo ser formado em nós é a maturidade da vida interior; é então que temos tudo o que Ele é como nossos elementos interiores. Cristo ser engrandecido em nosso corpo é a expressão do viver exterior; dessa maneira, nós deixamos que tudo o que Ele é seja nossa manifestação exterior. Por isso, nessa experiência, nós experimentamos Cristo não apenas como os elementos da nossa vida interior, mas também como a manifestação para o nosso viver exterior.

E. Cheios da medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4:13)

Isso significa que todos nós, ou seja, o Corpo, experimentamos Cristo até que estejamos cheios dos elementos e da constituição de Cristo; assim, nós crescemos e ficamos cheios da estatura da plenitude de Cristo. Essa, é claro, é uma experiência corporativa de Cristo em plenitude.

F. Transformados à imagem de Cristo (2Co 3:18)

Nossa experiência de Cristo pode nos transformar até que sejamos iguais a Ele. Isso começa quando experimentamos Cristo sendo revelado em nós e prossegue até que nosso corpo seja redimindo (Rm 8:23). Quanto mais O experimentamos, mais somos mudados, até que nosso próprio corpo seja mudado em forma à semelhança do Seu corpo glorioso (Fp 3:21). Nessa ocasião, estaremos totalmente conformados à Sua imagem (Rm 8:29) e seremos “como Ele é” (1Jo 3:2). Então, nós O experimentaremos plenamente.

Tudo que pertence à vida que está em nós e à manifestação santificada a partir de nós deve ser nossa experiência de Cristo. Por ser nossa vida, Cristo também é nossa santificação (Cl 3:4; 1Co 1:30). Qualquer experiência que pertença à nossa vida interior deve ser Cristo vivendo em nós; e mais, nosso viver exterior santificado deve ser Cristo expressado por nós. Todas as nossas experiências de vida devem ser experiências de Cristo. Devemos ter não apenas grandes experiências de vida como morrer com Cristo, ser ressuscitado com Ele e ascender com Ele, mas também as pequenas experiências de vida em nosso viver diário devem ser nossa experiência de Cristo. Quer seja a libertação do pecado ou vencer o mundo, o expressar santificação e espiritualidade ou o expressar amor e humildade, tudo deve ser experiência de Cristo. Até mesmo a tolerância e paciência que temos para com os outros deve ser experiência de Cristo.

Experimentar Cristo é deixar Cristo viver em nós e ser expressado por nós. Experimentar Cristo é tomar Cristo como vida e viver por Ele. Experimentar Cristo significa que todo o nosso viver e ações são o próprio Cristo expressado e agindo a

partir de nós. Experimentar Cristo é experimentar o poder de Sua ressurreição (Fp 3:10) – isso é experimentá-Lo como vida; portanto, tal experiência também é experiência de vida.

III. EXPERIMENTAR O ESPÍRITO SANTO

Em João 14, após o Senhor Jesus nos dizer que Ele é vida (v. 6), Ele nos mostra não apenas que Ele e Deus são um, que Ele está em Deus, Deus está Nele e que Ele ser vida significa que Deus é vida (vv. 7-11); não apenas que o Espírito Santo e Ele também são um, que o Espírito Santo entrar e habitar em nós é Cristo viver em nós para ser nossa vida (vv. 16-19); mas também que Ele como o Espírito Santo entrar em nós e viver em nós significa que ambos, Ele e Deus como o Espírito, entram em nós e permanecem em nós como nossa vida (vv. 20-23). Simplesmente falando, depois que o Senhor disse que Ele é vida, Ele nos mostra três coisas: (1) Deus está Nele como vida, (2) Ele é o Espírito Santo como vida, e (3) o Deus Triúno entra em nós como vida. Por isso, quando experimentamos vida, não apenas experimentamos Deus, não apenas experimentamos Cristo, mas também experimentamos o Espírito Santo. Na verdade, o Espírito Santo é tanto Deus e Cristo como vida sendo experimentado por nós, ou Deus em Cristo como vida experimentado por nós.

Como Cristo é a corporificação de Deus, o Espírito Santo é a corporificação de Cristo. Deus como vida está em Cristo e Cristo como vida está no Espírito Santo. Experimentamos Deus em Cristo e experimentamos Cristo como o Espírito Santo. Assim, como a experiência de vida é a experiência de Deus e de Cristo, ela também é a experiência do Espírito Santo.

Deus é vida, Cristo é Deus tornando-se vida e o Espírito Santo é o Espírito de Deus em Cristo como vida, ou o Espírito da vida (Rm 8:2). É esse Espírito da vida, o Espírito Santo, que nos faz experimentar todo o conteúdo de Deus em Cristo como vida. É esse Espírito Santo de vida que nos faz experimentar o Cristo que habita interiormente e é Ele que nos faz experimentar o poder de ressurreição de Deus em Cristo (Rm 8:9-11). É esse Espírito Santo de vida que nos leva a mortificar os feitos malignos do corpo, e é Ele que ora em nós (Rm 8:13, 26). Todas as nossas experiências de vida, profundas ou superficiais, são

produzidas pelo Espírito Santo; portanto, todas elas são experiências desse Espírito Santo de vida.

Romanos 8:9-11 nos mostra não apenas que é o Espírito Santo que nos capacita a experimentar o habitar interior de Cristo e o poder de ressurreição de Deus, mas também que é o Espírito Santo habitando em nós que nos faz experimentar essa vida que é Cristo, e é Deus habitando em nós que nos faz experimentar vida. Assim, a vida de Deus em Cristo é experimentada por nós mediante o Espírito Santo. Consequentemente, para experimentar essa vida, devemos experimentar o Espírito Santo; e quando experimentamos essa vida, experimentamos o Espírito Santo.

Portanto, a experiência de vida é a experiência do Deus Triúno, ou a experiência de Deus em Cristo e Cristo como o Espírito Santo para ser nossa vida. Experiência de vida é O Espírito Santo trabalhando em nós, levando-nos a experimentar Cristo e a experimentar Deus em Cristo. Experiência de vida é quando, no Espírito Santo, passamos por Deus e por Cristo e permitimos que Deus e Cristo passem por nós. Apenas essa experiência do Espírito Santo, de Cristo e de Deus é experiência de vida. Todas as demais experiências não podem ser consideradas como experiência de vida. Você pode chamá-las de zelo, viver religioso ou autoajuda, mas não pode dizer que é experiência de vida. Experimentar vida é experimentar Deus, Cristo e o Espírito Santo. Isso não é algo de nós mesmos nem é uma tentativa de aperfeiçoamento; antes, é o resultado de Deus mover-se em nós, de Cristo viver através de nós e da unção do Espírito em nós. Que todos busquemos isso.

CAPÍTULO TRÊS

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE VIDA: REGENERAÇÃO

Vimos o que é vida e o que é experiência de vida. Agora, chegamos à primeira experiência de vida, que é a regeneração. A regeneração é o primeiro passo de nossa experiência da vida de Deus; portanto, é a nossa primeira experiência da vida de Deus. Essa experiência é muito fundamental e extremamente importante. Vamos vê-la sob diversos pontos de vista. Primeiramente, vejamos:

I. POR QUE A REGENERAÇÃO É NECESSÁRIA

Por que precisamos ser regenerados? Há duas razões para isso. Primeiro, falando do aspecto mais elementar, a regeneração é necessária porque nossa vida foi corrompida e tornou-se maligna (Jr 17:9; Rm 7:18) e não pode ser mudada do mal para o bem (Jr 13:23). Essa é a razão que normalmente damos para a regeneração. Pelo fato de nossa vida (1) ser corrupta e perversa, e (2) não poder melhorar, nós precisamos ser regenerados. Todos os sábios do passado e do presente defenderam a doutrina do autoaperfeiçoamento a fim de melhorar o homem. Contudo, a salvação de Deus não corrige ou aperfeiçoa o homem, mas o regenera, pois nossa vida humana já está corrompida e não pode ser melhorada mediante aperfeiçoamento. Essa é a primeira razão pela qual precisamos ser regenerados.

Segundo, falando do aspecto mais elevado, há outra razão para precisarmos ser regenerados. Mas, primeiramente, deixemos perguntar: Se nossa vida não fosse corrompida e não tivesse tornado-se maligna, ainda precisaríamos ser regenerados? Sim, ainda precisaríamos ser regenerados, porque nossa

vida humana criada é apenas uma vida criada, não é a vida incriada de Deus. Quando fomos criados, nós ganhamos apenas a vida criada; não ganhamos a vida incriada de Deus. O propósito de Deus para nós, seres humanos, é que ganheemos Sua vida incriada e sejamos transformados à Sua imagem para sermos iguais a Ele, como Ele é. Portanto, mesmo que nossa vida humana não tivesse sido corrompida, ainda precisaríamos ser regenerados.

No princípio, embora a vida de Adão não fosse corrompida, ela era uma vida criada, não uma vida incriada, era uma vida humana, não a vida de Deus. Portanto, mesmo que o homem não tivesse caído ou sua vida não tivesse sido corrompida, mesmo que ele fosse bom sem nada maligno, ele ainda precisaria de regeneração. O propósito de Deus ao criar o homem foi não apenas obter um homem bom, mas, mais que isso, obter um homem-Deus, alguém que tem a vida e a natureza de Deus e é igual a Deus. Se Deus desejasse que o homem fosse apenas um homem bom, e se o homem não tivesse caído e sido corrompido, o homem não precisaria ser regenerado. Mas o desejo de Deus não é que o homem seja apenas um homem bom, mas, muito mais do que isso, que o homem seja um homem-Deus, alguém igual a Ele. Portanto, até mesmo um homem bom precisa ser regenerado.

Não receba essa segunda razão levemente. Esse é um assunto muito significativo. Oh! O propósito da regeneração é que tenhamos a vida de Deus e sejamos iguais a Deus! É desnecessário dizer que somos corrompidos e malignos e não podemos ser corrigidos; mas, mesmo que pudéssemos nos tornar perfeitos, ainda precisaríamos ser regenerados para possuir a vida de Deus.

Deus criou o homem com o objetivo de que o homem fosse igual a Ele e fosse um homem-DEUS, possuindo Sua vida e natureza. Mas, ao criar o homem, Ele não colocou Sua vida no homem. Ele queria que o homem exercesse seu livre arbítrio para escolher receber Sua vida. Portanto, mesmo que nós, seres humanos criados, não tivéssemos caído, ainda precisaríamos obter a vida de Deus além da nossa vida humana. Isso significa que precisamos nascer de novo.

Consequentemente, há duas razões para a regeneração: A mais elementar é que nossa vida é corrupta e maligna e que não podemos mudar; portanto, precisamos de outra vida pela qual possamos viver. A razão mais elevada é que a intenção de Deus é que o homem seja igual a Ele; portanto, precisamos obter a vida de Deus além da nossa. Que todos vejamos isso para que, de hoje em diante, ao falarmos da regeneração, mostremos também esse aspecto elevado, capacitando as pessoas a ver que, mesmo que fôssemos perfeitos e sem pecado, ainda precisaríamos ser regenerados.

II. QUE É REGENERAÇÃO?

De acordo com a Bíblia, ser regenerado é nascer do Espírito (Jo 3:3-6). Originalmente, nosso espírito estava morto, mas quando cremos, o Espírito de Deus veio tocar nosso espírito; assim, nosso espírito obteve a vida de Deus e foi vivificado. É dessa maneira que o Espírito de Deus nos gerou, além do nosso primeiro nascimento natural. Resumindo, ser regenerado é nascer de novo, nascer de Deus (Jo 1:13), ou, obter a vida de Deus além da nossa vida humana original.

Ser regenerado significa nascer de novo. Por que usamos o termo “nascer de novo”? Originalmente nascemos dos nossos pais, mas agora nascemos mais uma vez, desta vez de *Deus*; portanto, essa experiência é chamada de nascer de novo. Nascer de nossos pais fez com que ganhássemos a vida humana, ao passo que nascer de Deus faz com que tenhamos a vida de Deus. Portanto, nós que fomos regenerados temos a vida de Deus além da vida humana.

Por essa razão, precisamos ver claramente que ser regenerado é nascer de Deus, ou, além de nossa vida humana original, possuir a vida de Deus. Além da nossa vida humana original, Deus põe Sua vida em nós: isso é regeneração.

III. COMO SOMOS REGENERADOS?

Como o homem pode ser regenerado? Resumidamente, o Espírito de Deus entra no homem e põe a vida de Deus nele; assim, o homem torna-se regenerado.

Como o Espírito de Deus pode entrar no espírito do homem? Quando o homem ouve o evangelho ou lê a palavra da Bíblia,

o Espírito de Deus trabalha nele e o faz sentir que pecou e é corrupto; assim, ele é reprovado pelo pecado, a justiça e o juízo (Jo 16:8). Quando o homem vê a si mesmo como um pecador, reconhece sua corrupção e está disposto a se arrepender, o Espírito de Deus faz com que ele veja que o Senhor Jesus é seu Salvador, e que Ele morreu na cruz para derramar Seu sangue para a remissão do pecado. Nesse momento, ele espontaneamente crê no Senhor e O recebe como seu Salvador. Uma vez que ele recebe o Senhor como seu Salvador, o Espírito de Deus entra em seu espírito e põe a vida de Deus nele, fazendo com que ele seja regenerado.

Assim, falando da perspectiva do Espírito de Deus, é o fato de o Espírito de Deus entrar em nosso espírito e colocar a vida de Deus nele que faz com que sejamos regenerados. Da nossa perspectiva, fomos regenerados porque nos arrependemos, cremos e aceitamos o Senhor Jesus como nosso Salvador, o que significa que, além de nossa vida original nós recebemos a vida de Deus.

IV. OS RESULTADOS DA REGENERAÇÃO

Os resultados ou realizações da regeneração podem ser resumidamente classificados em três itens:

1) A regeneração faz com que os homens se tornem filhos de Deus. Uma vez que regeneração significa nascer de Deus, automaticamente ela faz com que os homens se tornem filhos de Deus (Jo 1:12, 13) e tenham um relacionamento de vida com Deus. A vida que é obtida de Deus mediante a regeneração capacita os homens a serem filhos de Deus; essa vida também é a autoridade para que os homens se tornem filhos de Deus. Tais filhos, tendo a vida e natureza de Deus, e podendo ser iguais a Deus, podem cumprir o propósito de Deus ao ter criado o homem.

2) A regeneração faz com que os homens se tornem uma nova criação. Uma nova criação é aquilo que tem os elementos de Deus em seu interior. Na velha criação não há o elemento de Deus. Nós, seres humanos, originalmente não temos qualquer elemento de Deus; portanto, somos a velha criação. Apenas quando o elemento de Deus é acrescentado a nós é que nos tornamos a nova criação. É isso que a regeneração fez em nós.

A regeneração faz com que tenhamos a vida de Deus e Seu próprio elemento, fazendo de nós, assim, uma nova criação (2Co 5:17). Essa nova criação é a cristalização de Deus mesclada com o homem, e é a coisa mais maravilhosa do universo: ela tem tanto o elemento humano como o divino, é tanto homem como Deus e é tão semelhante ao homem como a Deus.

3) A regeneração faz com que os homens sejam unidos a Deus como um só. Ela não apenas faz com que o homem obtenha a vida de Deus e Seus elementos, mas também faz com que ele seja unido a Deus como um só. Por meio da regeneração, Deus Espírito entra no espírito do homem fazendo com que o homem seja unido a Ele como um só espírito (1Co 6:17). Isso é Deus fazendo com que o homem tenha um relacionamento mais profundo com Ele, para tornar-se um com Ele.

Concluindo, regeneração é quando o Espírito Santo, ao crermos no Senhor Jesus, põe a vida de Deus em nosso espírito e faz com que nasçamos de Deus, nos tornemos filhos de Deus e na nova criação sejamos unidos com Deus como um.

CAPÍTULO QUATRO

O QUE É GANHO POR MEIO DA REGENERAÇÃO

Se desejamos buscar crescimento de vida, precisamos entender o que significa a regeneração e o que ganhamos por meio da regeneração. A regeneração nos proporciona um início em vida e o que ganhamos mediante a regeneração nos proporciona o crescimento em vida. Por isso, se quisermos buscar crescimento em vida, precisamos ter algum conhecimento a respeito da regeneração e também o que ganhamos por meio dela.

O que é ganho por meio da regeneração está intimamente relacionado com os seus resultados. Os resultados da regeneração provém do que é ganho por meio dela, isto é, acontecem por causa do que é ganho mediante a regeneração. Os resultados da regeneração são as coisas que a regeneração realiza em nós, enquanto o que é ganho por meio da regeneração são as coisas que recebemos por seu intermédio. Pelo fato de a regeneração nos ter feito ganhar certas coisas, ela pode realizar certas coisas em nós. Ela nos torna filhos de Deus porque nos faz ganhar a vida de Deus. Ela pode nos tornar uma nova criação porque nos faz ganhar os elementos de Deus. Ela pode nos unir a Deus porque nos faz ganhar o Espírito de Deus. Todas as realizações da regeneração em nós são alcançadas por causa das coisas que obtivemos por meio dela. Essas coisas não apenas nos fazem ter várias experiências na vida espiritual quando somos regenerados, mas também depois da regeneração elas nos fazem crescer em vida. Portanto, se estivermos buscando crescer em vida, precisamos conhecer as coisas que ganhamos por meio da regeneração.

De acordo com o ensinamento da Bíblia, a regeneração nos faz receber pelo menos sete coisas. Elas são divinas e grandiosas ou muito importantes e próximas a nós. Vejamos resumidamente essas sete coisas, uma por uma.

I. A VIDA DE DEUS

A primeira coisa que ganhamos pela regeneração é a vida de Deus. Já vimos em um capítulo anterior que a regeneração ocorre quando o Espírito de Deus põe a vida de Deus em nosso espírito. Na regeneração, a coisa primordial que o Espírito de Deus faz é pôr a vida de Deus em nós. Portanto, a coisa primordial que a regeneração nos dá é a vida de Deus.

Mas que é a vida de Deus? É o conteúdo de Deus e o próprio Deus. Tudo que há em Deus e tudo que o próprio Deus é estão na vida de Deus. Toda a plenitude da Deidade está oculta na vida de Deus. A natureza de Deus também está contida na vida de Deus. Cada aspecto do que Deus é está incluído na vida de Deus.

Com qualquer tipo de ser vivente, tudo que ele é está contido em sua vida; todas as suas faculdades e funções provêm de sua vida, e todas as suas atividades exteriores e expressões são originadas em sua vida. Ele é determinado tipo de ser vivente porque tem determinado tipo de vida. Seu ser está contido nessa vida. Esse é um princípio evidente.

Deus é o ser vivente supremo e tudo o que Ele é, naturalmente (e ainda muito mais), está em Sua vida. Tudo o que Ele é (seja verdade, santidade, luz ou amor) provêm de Sua vida. Todas as Suas expressões (seja bondade, justiça, amabilidade ou perdão) provêm de Sua vida. Sua vida faz com que Ele tenha tais faculdades e funções divinas interiormente e tais ações e expressões divinas exteriormente. O motivo de Ele ser tal Deus é que ele tem tal vida. Consequentemente, o fato de Ele ser Deus está baseado em Sua vida.

Pelo fato de a vida de Deus ser o conteúdo de Deus, nela está oculta a plenitude de Deus, e nela está contida a natureza do próprio Deus; portanto, quando recebemos a vida de Deus, nós recebemos a plenitude de Deus (Cl 2:9-10) e temos a natureza de Deus (2Pe 1:3-4). Porque tudo o que Deus tem em Si mesmo e tudo o que o próprio Deus é está baseado em

Sua vida, quando recebemos essa vida, recebemos tudo o que Deus tem em Si mesmo e tudo o que o próprio Deus é. Porque a vida de Deus faz com que Deus tenha tais faculdades e funções divinas em Seu interior, a vida de Deus em nós também pode nos fazer ter o mesmo tipo de faculdades e funções em nós. Porque tudo o que Deus é e faz vem de Sua vida, essa vida em nós também pode fazer com que sejamos o que Deus é e faz, o que significa que ela pode nos fazer iguais a Deus e expressar Deus.

Irmãos e irmãs, vocês já perceberam que por termos a vida de Deus em nós, nós temos todas as faculdades e funções que estão em Deus? Vocês já perceberam que, por termos a vida de Deus em nós, podemos ser o que Deus é e fazer o que Ele faz? Em Deus há a faculdade da santidade e a função da luz. Porque a vida de Deus está em nós, a mesma faculdade de santidade e função da luz que estão em Deus também está em nós. Assim como Deus pode expressar Sua santidade e resplandecer Sua luz por Si mesmo, nós também, por causa da vida de Deus que está em nós, podemos expressar Sua santidade e resplandecer Sua luz, o que significa que podemos ser santos como Deus é santo e resplandecentes como Deus o é. Deus é amor, e o que Ele faz é justiça. Uma vez que temos a vida de Deus em nós, podemos ser o que Deus é e fazer o que Deus faz: podemos ser o amor que Ele é e praticar a justiça que Ele pratica. Isso significa que podemos amar como Deus ama e ser justos como Ele. Por isso, podemos ser iguais a Deus e expressar Deus.

Devemos saber também que a vida de Deus é aquele grande poder que ressuscitou o Senhor Jesus. Quando o Senhor Jesus foi ressuscitado, Ele expulsou a morte e a venceu. A morte é muito forte (Ct 8:6). Em todo o universo, além de Deus e da vida de Deus, nada é mais forte do que a morte. Quando o Senhor Jesus entrou na morte, ela usou todo o seu poder para retê-lo, mas o Senhor rompeu o poder retentor da morte e ressuscitou! O Senhor, então, pôde ressuscitar e não ser retido pela morte (At 2:24), porque o poder de Deus está Nele. Foi a vida do grande poder de Deus que O capacitou a romper o grande poder retentor da morte. A vida de Deus que recebemos pela regeneração é essa vida grande e poderosa de Deus!

Essa vida grande e poderosa de Deus é o grande poder da ressurreição em nós hoje, o qual nos capacita a expulsar a morte e vencer tudo que pertence a ela, assim como Deus os venceu.

A Bíblia nos mostra que Deus tem dois tipos de poder: um, é o grande poder da criação; o outro, é o grande poder da ressurreição. O grande poder da criação de Deus chama à existência coisas que não existem. O grande poder de ressurreição de Deus dá vida aos mortos. É nisso que Abraão creu (Rm 4:17). O grande poder da criação de Deus, que está em Sua mão, pode criar todas as coisas para o homem. O grande poder de ressurreição de Deus, que está na vida de Deus, capacita o homem a livrar-se de todas as coisas mortas que estão fora de Deus e, assim, expressar o próprio Deus. Oh, a vida de Deus que recebemos pela regeneração é esse grande poder de ressurreição de Deus! Por meio da regeneração, Deus forjou Sua vida em nós, o que significa que Ele forjou Seu grande poder de ressurreição em nós. Oh, que possamos ver que essa vida de Deus, que recebemos quando fomos regenerados, é o grande poder de ressurreição de Deus! Essa vida que está em nós hoje pode nos tornar tão fortes quanto Deus. Assim como Deus é capaz de vencer a morte, nós também somos capazes de vencê-la por causa dessa vida de grande poder que está em nós. Que vida é a vida de Deus que obtivemos por meio da regeneração! Até que ponto ela pode nos tornar iguais a Deus! Como devemos adorar e agradecer a Deus por essa vida!

II. A LEI DA VIDA

Uma vez que a regeneração nos dá a vida de Deus, ela também nos dá a lei da vida. Porque a vida de Deus entrou em nós, a lei da vida que está nessa vida também foi introduzida em nós.

Todo tipo de vida tem sua própria capacidade inata, que é sua função natural. E a função natural de cada tipo de vida é sua lei natural ou sua lei da vida. Quando determinada vida entra em uma criatura, faz com que essa criatura tenha sua lei natural ou lei de vida. Semelhantemente, a vida de Deus tem sua capacidade divina, que são suas funções naturais. E as funções naturais da vida de Deus são sua lei natural ou lei da vida. Quando a vida de Deus entra em nós, ela traz para o

nosso interior a lei natural contida nela e essa lei torna-se a lei da vida em nós. Assim, quando a vida de Deus entra em nós, a lei da vida que está contida nela também entra em nós. Como a vida de Deus é algo que ganhamos por meio da regeneração, a lei da vida que ela traz consigo também foi ganha por meio da regeneração.

Vimos no capítulo 1 que na vida de Deus está contida a Sua natureza e está escondida a Sua plenitude; portanto, a lei contida na vida de Deus é compatível com o próprio Deus, com o que Deus é e com a natureza de Deus; conseqüentemente, essa lei é a lei do próprio Deus. Quando a vida de Deus introduz essa lei em nós, significa também que ela introduz a lei de Deus em nós.

A lei da vida que a vida de Deus introduz em nós são as leis mencionadas em Hebreus 8:10, que Deus pôs em nossa mente e inscreveu em nosso coração. Essas leis são diferentes das leis do Antigo Testamento. As leis do Antigo Testamento são as leis de Deus que Ele escreveu com letras em tábuas de pedra exteriormente ao homem (Êx 34:1, 28). As leis da vida são as leis de Deus que Ele inscreveu com Sua vida na tábua do nosso coração. As leis que foram escritas em tábuas de pedra são leis exteriores, leis de letra, leis mortas e leis sem poder; essas leis são incapazes de realizar qualquer coisa no homem (Rm 8:3; Hb 7:18-19). As leis que foram inscritas na tábua do nosso coração são leis interiores, leis de vida, leis vivas e leis com um grande poder; elas nos capacitam a não apenas conhecer o desejo do coração de Deus e seguir Sua vontade, como também a conhecer o próprio Deus e expressá-Lo.

As leis naturais contidas em qualquer tipo de vida sempre fazem com que a criatura conheça espontaneamente como viver e como agir; assim, elas tornam-se as leis vivas nessa criatura. Tome como exemplo a galinha: sua maneira de viver e botar ovos são as leis naturais contidas na vida da galinha; elas fazem com que ela espontaneamente saiba como fazer essas coisas e, dessa maneira, expressá-las. O homem não precisa dar-lhe uma lei exterior. As leis naturais contidas na vida que está nela são leis vivas em seu interior. Essas leis espontaneamente fazem com que ela saiba que tem de viver dessa maneira, e a capacitam a viver assim.

Semelhantemente, as leis naturais contidas na vida de Deus que está em nós são as habilidades naturais dessa vida; elas nos capacitam a conhecer espontaneamente como Deus quer que atuemos e nos comportemos, como ser agradáveis a Ele e como podemos expressá-Lo. Se algo concorda com a natureza de Deus ou é contrário a ela, se é algo que Deus quer que façamos ou não, são as habilidades naturais ou leis naturais da vida de Deus que nos fazem conhecer isso, que nos dão essa sensação. Assim, as habilidades naturais das leis naturais da vida de Deus tornam-se nossas leis interiores.

Porque essas leis que estão inscritas em nós são as habilidades naturais e as leis naturais da vida de Deus, a Bíblia as chama de “lei”. “A lei do Espírito da vida”, mencionada em Romanos 8:2 é essa lei da vida que está em nós. Como essa lei vem da vida de Deus, e a vida de Deus está no Espírito de Deus e não pode ser separada dele, Romanos 8 a chama de “lei do Espírito da vida”. A vida de Deus está no Espírito de Deus e está ligada a Ele; o Espírito de Deus contém a vida de Deus; é o Espírito da vida de Deus. Como essa lei provém da vida de Deus, ela provém do Espírito da vida de Deus. Como ela é a lei da vida de Deus, ela também é a lei do Espírito da vida de Deus.

A vida de Deus é poderosa; o Espírito de Deus também é poderoso. A lei do Espírito da vida, proveniente da vida poderosa de Deus e do Espírito poderoso de Deus, também é poderosa. Podemos dizer que a vida de Deus em nós é a origem dessa lei e o Espírito de Deus em nós é o executor dessa lei. Assim, essa lei em nós é especialmente forte e poderosa; ela não apenas nos capacita a ter conhecimento divino, como também nos capacita a ter poder divino. Uma vez que fomos regenerados e temos a vida de Deus, Deus quer que sejamos Seu povo e vivamos Nele segundo essa lei forte e poderosa, essa lei de grande poder. Após sermos salvos, Deus quer que vivamos em Sua vida e expresemos Sua vida segundo essa lei em nós, essa lei da vida, essa lei viva.

III. UM NOVO CORAÇÃO

Ezequiel 36:26 nos diz que, quando Deus nos purifica, nos salva ou nos regenera, Ele nos dá um novo coração. Assim, de

acordo com o ensinamento da Bíblia, a regeneração também nos dá um novo coração.

Que significa um novo coração? Significa que o velho coração tornou-se novo; o novo coração vem da renovação do nosso velho coração. Deus nos dar um novo coração significa que Ele renova nosso velho coração. Depois que Ezequiel 36:26 diz que Deus nos dá um coração novo, ele diz que Deus tira nosso coração de pedra e nos dá um coração de carne. Nesse versículo fica claro que Deus nos dá um coração novo renovando nosso coração velho.

Inicialmente, nosso coração se opunha a Deus, não queria Deus e era duro como uma pedra para com Ele; por isso ele tornou-se um “coração de pedra”. Quando o Espírito Santo nos regenera, Ele faz com que nosso coração se arrependa do pecado e torne-se tenro para com Deus. Portanto, após a regeneração, nosso coração de pedra torna-se um “coração de carne”. Aquele coração de pedra é o velho coração que tínhamos; este coração tenro, de carne, é o novo coração que Deus nos dá. Isso significa que, quando somos regenerados, Deus renova nosso velho coração e o torna brando.

Nosso coração é o órgão que mostra inclinação e afeição pelas coisas; ele nos representa quanto à nossa inclinação, afeição, prazer e desejo pelas coisas. Todas nossas inclinações, afeições, prazeres e desejos são funções do coração. Antes de sermos regenerados, nosso coração estava inclinado para o pecado, amava o mundo e era cheio de concupiscência; para com Deus, entretanto, ele era frio e duro, sem inclinação nem afeição; para com as coisas de Deus e as coisas espirituais, ele não tinha prazer algum. Então, quando Deus nos regenera, Ele renova nosso coração e o torna novo, com uma nova inclinação, uma nova afeição e um novo desejo. Assim, tendo sido regenerados, nosso coração se inclina para Deus e deseja Deus, se inclina para as coisas de Deus; ele também se deleita nas coisas espirituais e celestiais. Sempre que essas coisas são mencionadas, nosso coração se alegra, reage e deseja.

Irmão, você viu isso? A razão de Deus renovar nosso coração e nos dar um novo coração quando somos regenerados é que Ele quer que nos inclinemos para Ele, O adoremos, O desejemos e O amemos. Antes, não O amávamos e nem podíamos

amá-Lo, porque nosso coração era velho e duro. Agora, Ele renovou, abrandou e voltou o nosso coração; assim, podemos e queremosamá-Lo. Como nosso coração, por ter sido renovado, tornou-se novo, ele agora tem uma nova função: inclinar-se para Deus eamá-Lo, e amar as coisas de Deus.

Como a regeneração nos dá um novo coração, ela nos faz ter uma nova inclinação e amor, um novo desejo e anelo. Essa nova inclinação, amor, desejo e anelo são para com Deus e as coisas de Deus. Essa é a função do novo coração; esse também é o propósito de Deus em nos dar um novo coração.

IV. UM NOVO ESPÍRITO

Depois de dizer que Deus nos dá um novo coração, Ezequiel 36:26 diz que Deus também põe um novo espírito em nós. Assim, a regeneração não apenas nos faz ter um novo coração, como também nos faz ter um novo espírito.

Que é um novo espírito? Um novo espírito significa que o nosso velho espírito amortecido foi renovado e vivificado. Assim como o novo coração, o novo espírito também foi vivificado. Quando o velho coração é renovado, ele é amolecido; ao passo que o velho espírito, quando é renovado, é vivificado. Isso ocorre porque o problema de nosso velho coração é dureza, enquanto o problema de nosso velho espírito é morte. Portanto, quando Deus nos regenera, assim como Ele renova nosso velho coração amolecendo-o para tornar-se novo, Ele renova nosso velho espírito amortecido vivificando-o para torná-lo um novo espírito.

O espírito do homem criado era, originalmente, o órgão para o homem contatar Deus. O homem tinha comunhão com Deus por meio do seu espírito. Mais tarde, por causa da queda do homem, seu espírito foi danificado pela corrupção do pecado. Assim, o espírito humano perdeu sua função para com Deus e tornou-se um espírito morto. Por estar morto, ele era velho. Quando fomos regenerados, porque o sangue do Senhor Jesus purifica o nosso espírito da contaminação que sofreu, o Espírito de Deus põe a vida de Deus, que é o elemento de Deus, em nosso espírito e o vivifica (ver Cl 2:13). Dessa maneira, nosso velho espírito é renovado e torna-se um espírito novo.

Nosso espírito originalmente era uma velha criação; não havia elemento de Deus nele. Mais tarde, não apenas ele não tinha qualquer elemento de Deus, como foi ainda mais corrompido pelo pecado, tornando-se velho. Há duas razões para qualquer coisa ser parte da velha criação: uma é que ela não tenha o elemento de Deus durante a criação; a outra, é que ela seja corrompida pelo pecado e por Satanás. Também é devido a essas duas razões que nosso espírito tornou-se velho. Portanto, quando Deus nos regenera, a fim de renovar nosso velho espírito e de torná-lo novo, Ele trabalha de dois lados. Por um lado, Ele usa o sangue do Senhor Jesus para lavar nosso espírito da contaminação, para que este se torne limpo. Por outro, Ele usa Seu Espírito para pôr Sua vida em nosso espírito, para que este tenha Seu elemento. Assim, Ele renova nosso velho espírito e o torna novo. Renovar nosso espírito e torná-lo novo, significa pôr em nós um espírito novo.

Uma vez que, quando fomos regenerados, Deus nos deu um coração novo, por que Ele também pôs em nós um espírito novo? Porque o coração só pode desejar e amar a Deus; ele não pode contatar Deus ou tocá-Lo. Portanto, não é suficiente Deus nos dar apenas um novo coração; Ele também precisa pôr em nós um espírito novo. Se Deus apenas nos desse um coração novo, Ele poderia apenas fazer com que O desejássemos e O amássemos; não poderia nos capacitar a contatá-Lo. Portanto, Ele tinha de pôr um espírito novo em nós para que pudéssemos contatá-Lo e ter comunhão com Ele.

Já mencionamos que o coração é o órgão da inclinação e amor. Portanto, a função do coração para com Deus é inclinar-se para Ele e amá-Lo. A Bíblia diz que o coração anseia por Deus, que o coração tem sede de Deus (Sl 42:1-2). O coração pode ansiar por Deus e ter sede Dele, mas não pode contatá-Lo ou tocá-Lo. O coração tem apenas a função de amar Deus e de ter sede Dele; não tem a capacidade para contatá-Lo ou tocá-Lo. O que pode contatar Deus não é o coração, mas o espírito. O coração é bom apenas para amar Deus, mas o espírito é bom para contatar Deus e ter comunhão com Ele.

Por exemplo: suponha que eu tenha aqui uma boa caneta. Meu coração gosta muito dela; mas ele não pode contatá-la nem tomar posse dela, pois ele não tem essa capacidade. Tal

capacidade pertence à minha mão. A mão é uma ilustração do espírito. Embora nosso coração ame a Deus e tenha profunda sede Dele, ele não pode contactá-Lo nem ter comunhão com Ele. Somente nosso espírito pode fazê-lo. Portanto, quando somos regenerados, Deus não apenas nos dá um coração novo como também põe em nós um espírito novo.

Com um novo coração, podemos desejar Deus e amá-Lo, e com um espírito novo podemos contactar Deus e tocá-Lo. Nosso novo coração nos capacita a ter novos deleites e inclinações, novos sentimentos e interesses para com Deus e as coisas de Deus. Nosso novo espírito nos capacita a ter um novo contato e discernimento, uma nova habilidade e função para com Deus e as coisas de Deus. Anteriormente, nós não amávamos a Deus nem gostávamos das coisas espirituais de Deus; além disso, não éramos capazes de contactar Deus ou de entender as coisas espirituais de Deus. Mas agora temos um novo coração e um novo espírito; portanto, não apenas podemos amar a Deus e as coisas de Deus, como também podemos contactá-Lo e conhecer Suas coisas. Anteriormente, não tínhamos sentimento nem interesse algum para com Deus; éramos fracos e não tínhamos capacidade alguma para com Deus e as coisas de Deus. Mas agora, com um coração novo e um espírito novo, não apenas temos sentimento e interesse para com Deus e as coisas de Deus, mas também somos muito capazes de contactá-las e compreendê-las. Portanto, nosso coração ama a Deus e nosso espírito O toca; uma vez que nosso coração se deleita nas coisas de Deus, nosso espírito as compreende. Essa é a intenção de Deus ao nos dar um novo espírito além de um novo coração.

V. O ESPÍRITO SANTO

Depois que Ezequiel 36:26 diz que Deus nos dá um coração novo e põe em nós um espírito novo, o versículo 27 prossegue dizendo que Deus põe Seu próprio Espírito em nós. Portanto, entre as coisas que ganhamos na regeneração, também está o Espírito de Deus.

Anteriormente, não tínhamos o Espírito de Deus. E não apenas não tínhamos o Espírito de Deus, como nosso espírito estava morto para com Deus. Quando Deus nos regenerou, por

um lado Ele fez com que Seu Espírito pusesse Sua vida em nosso espírito, vivificando assim o nosso espírito morto; e, por outro lado, Deus também pôs Seu Espírito em nosso espírito, que significa que Ele fez Seu Espírito habitar em nosso espírito novo, vivificado. Assim, em nós, que somos regenerados, há não apenas um espírito novo, vivificado, que tem o elemento da vida de Deus, mas também o Espírito de Deus habitando nele.¹

Por que Deus pôs Seu Espírito em nós? Qual é a função do Espírito de Deus habitando em nosso espírito? De acordo com a Bíblia, há pelo menos sete aspectos das principais funções do Espírito de Deus habitando em nós:

A. Como o Espírito que habita interiormente

Deus põe Seu Espírito em nós para que Ele seja o Espírito que habita em nosso interior, a fim de que conheçamos a Deus e experimentemos tudo o que Deus em Cristo realizou por nós (Rm 8:9-11). Esta é a bênção especial dada por Deus na era do Novo Testamento; ela não existia no Antigo Testamento. No Antigo Testamento, Deus apenas fazia com que Seu Espírito viesse exteriormente sobre o homem; Ele não fez Seu Espírito habitar no *interior* do homem. Somente após a morte e ressurreição do Senhor é que Deus deu Seu Espírito a nós e fez com que Seu Espírito habitasse em nós como o Espírito que habita interiormente (Jo 14:16-17). Assim, Ele é capaz de revelar tanto Deus como Cristo a nós, a partir do interior, para que nós, em Cristo, recebamos e desfrutemos a plenitude de Deus (Cl 2:9-10).

B. Como o Consolador

O Senhor nos falou do Consolador em João 14:16-17. Ele disse que rogaria ao Pai para nos dar o Espírito Santo a fim de que Ele habitasse em nós como outro Consolador. Essa palavra “Consolador”, no texto original, é a mesma palavra

¹Romanos 8:9 diz: “O Espírito de Deus habita em vós” e o versículo 16 diz: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito”. Vemos, nesses dois versículos, que o Espírito de Deus habitar em nós significa que Ele habita em nosso espírito; Ele está com nosso espírito.

para “Advogado” em 1Jo 2:1, que transliterada é “Paracleto” ou “um defensor ao lado”. Originalmente, Deus deu Seu Filho para ser nosso Consolador, para ser nosso Paracleto. Quando Seu Filho voltou a Ele, Ele então deu Seu Espírito a nós para ser outro Consolador, outro Paracleto. Isso também significa que Ele enviou Seu Espírito como a corporificação do Seu Filho para ser nosso Consolador. Portanto, o Espírito de Deus habitando em nós é a própria corporificação de Cristo em nós. Ele cuida de nós interiormente, sendo plenamente responsável por nós, assim como Cristo é por nós diante de Deus.

C. Como o Espírito da verdade

Em João 14:16-17 o Senhor nos diz que o Espírito Santo que vem habitar em nós como o Consolador é o “o Espírito da realidade”. Portanto, o Espírito de Deus habitando em nós também é o Espírito da realidade. A palavra verdade no texto original significa realidade. Portanto, o Espírito de Deus, que habita em nós como o “Espírito da realidade”, faz com que tudo que Deus e Cristo são seja realidade em nós. Tudo o que Deus é e tudo o que Ele e Cristo prepararam para nós, e tudo o que Cristo é, e tudo o que Ele, por Sua morte e ressurreição, realizou por nós, é revelado e transmitido a nós como realidade por meio desse Espírito de Deus que habita em nós. Assim, podemos tocar e experimentar todas essas coisas para que elas se tornem nossas.

D. Como o Espírito da vida

Romanos 8 chama o Espírito Santo que habita em nós de “Espírito da vida” (vv. 9, 2). Isso nos mostra que o Espírito de Deus que habita em nós também é o Espírito da vida de Deus. Embora a vida de Deus esteja em Cristo (Jo 1:4), ela é conhecida e experimentada por nós mediante o Espírito Santo que habita em nós. Todos os assuntos relacionados com a vida são dados a conhecer a nós por esse Espírito Santo que habita em nós. Todas as experiências de vida também tornam-se nossas por esse Espírito Santo que habita em nós.

E. Como o selo

Efésios 1:13 e 4:30 nos mostram que o Espírito Santo que recebemos na regeneração está em nós como um selo. Quando

Deus põe Seu Espírito Santo em nós, significa que ele sela Seu Espírito sobre nós como um carimbo. Quando um selo é aplicado sobre um objeto, ele não apenas se torna um sinal de propriedade daquele objeto, como também lhe imprime uma marca, assim como um carimbo. Essa é a função do Espírito de Deus em nós como o selo. O Espírito de Deus habitando em nós serve não apenas como uma marca, mostrando que pertencemos a Deus e diferenciando-nos dos homens do mundo, mas, além disso, como a corporificação de Deus e de Cristo, Ele nos sela segundo a imagem de Deus e Cristo para que nos tornemos iguais a Deus, iguais a Cristo.

F. Como o penhor

Efésios 1:14 e 2 Coríntios 1:22 nos dizem que o Espírito Santo de Deus habita em nós como o penhor. Um penhor é uma garantia. O Espírito de Deus habitar em nós não é apenas um selo, que nos marca como pertencentes a Deus e nos carimba segundo a imagem de Deus; Ele também é o penhor, garantindo que Deus e tudo que é de Deus é nossa porção e herança para desfrutarmos.

G. Como a unção

Primeira de João 2:27 diz que temos em nós a “unção” que recebemos do Senhor. Unção, na Bíblia, refere-se ao Espírito de Deus (Lc 4:18). Portanto, esse versículo nos diz que o Espírito de Deus habitando em nós é a unção. Essa unção está sempre nos unguendo. A unção é o mover do Espírito de Deus em nós. O Espírito de Deus movendo-se em nós, ou nos unguendo, significa que Ele unge o próprio Deus em nós, que o elemento de Deus pode tornar-se nosso elemento interior e que podemos conhecer Deus e Seu desejo e vontade em todas as coisas.²

Quão elevadas e gloriosas são essas sete funções! Elas não apenas nos mostram as funções do Espírito de Deus habitando em nós, mas nos dão a conhecer que Espírito é o Espírito de Deus no qual recebemos a regeneração.

²Uma explicação detalhada desse item é dada no livro *The Experience of Life* (publicado pelo Living Stream Ministry), capítulo 7.

VI. CRISTO

Romanos 8:9-10 nos mostra que o Espírito de Deus habitando em nós é o Espírito de Cristo habitando em nós. Isso revela que o Espírito de Deus em nós é a corporificação de Cristo. Uma vez que a regeneração nos faz ter o Espírito de Deus em nós, ela também nos faz ter Cristo em nós.

Quando cremos, Deus, mediante Seu Espírito, revela Cristo em nós (Gl 1:16). Portanto, uma vez que recebemos Cristo como Salvador, Ele como o Espírito habita em nós (2Co 13:5).

Qual é o propósito de Cristo habitar em nós? É que Ele seja nossa vida. Embora Cristo habite em nós para ser nosso tudo, a razão central do Seu habitar é que Ele seja nossa vida.

Deus em Sua salvação nos regenerou para que recebêssemos Sua vida, tivéssemos Sua natureza e, assim, fôssemos totalmente iguais a Ele. Ele pôs Sua vida em Cristo para que a recebêssemos (Jo 1:4; 1Jo 5:11, 12). Em outras palavras, Ele quer que Cristo seja nossa vida (Jo 14:6; Cl 3:4). Embora seja o Seu Espírito que põe Sua vida em nós e nos capacita a conhecer, experimentar e viver e expressar Sua vida, ainda assim Sua vida é Cristo. Embora, mediante Seu Espírito, Ele nos faça receber, conhecer e experimentar Sua vida, ainda assim, Ele faz de Cristo a nossa vida. Quando Deus, mediante Seu Espírito, revela Cristo em nós, Ele quer que Cristo seja nossa vida. Cristo habitar em nós significa que Ele vive em nós como nossa vida (Gl 2:20) e quer expressar Sua vida a partir de nós (2Co 4:10-11). Assim, Ele quer que nós, em Sua vida, crescamos à Sua imagem e nos tornemos iguais a Ele (2Co 3:18). Quando nós, em Sua vida, crescermos à Sua imagem e nos tornarmos iguais a Ele, nós teremos crescido à imagem de Deus e nos tornaremos iguais a Deus, porque Ele é a imagem de Deus (Cl 1:15).

Já vimos que a vida de Deus é tudo o que Deus é; portanto, quando Deus põe Sua vida em Cristo, Ele põe tudo o que Ele é em Cristo. Cristo é a encarnação de Deus, a corporificação de Deus. Tudo o que Deus é e toda a plenitude da Deidade habitam corporalmente em Cristo (Cl 2:9). Portanto, Cristo habitar em nós faz com que sejamos enchidos até a plenitude de Deus (Ef 3:17-19).

Cristo em nós como nossa vida nos capacita não apenas a desfrutar toda a plenitude de Deus hoje, mas também a entrar na glória de Deus no futuro (Rm 8:17; Hb 2:10). Portanto, ao habitar em nós hoje, ele é, por um lado, nossa vida e, por outro, nossa esperança da glória (Cl 3:4; 1:27). Seu habitar em nós hoje como nossa vida significa que, mediante a vida de Deus Nele, Ele nos fará crescer e nos tornar iguais a Deus, crescer e ser conformados à imagem de Deus e, por fim, crescer na glória de Deus.

VII. DEUS

Cristo é a corporificação de Deus. Uma vez que a regeneração nos faz obter Cristo, ela também nos faz ter Deus. Além disso, Cristo é a corporificação de Deus, e o Espírito Santo é a realidade de Cristo. Deus está em Cristo e Cristo é o Espírito Santo. Portanto, quando a regeneração nos faz ter o Espírito Santo, ela nos faz ter não apenas Cristo, mas também Deus.

Desde que Deus nos regenerou, Ele, em Cristo, por meio do Seu Espírito, tem habitado em nós. O apóstolo João diz que sabemos que Deus habita em nós pelo Espírito Santo que Ele nos deu (1Jo 3:24; 4:13). O Senhor Jesus também diz que Ele e Deus habitam juntos em nós (Jo 14:23). Portanto, seja o Espírito Santo ou Cristo habitando em nós, Deus está habitando em nós. Deus está em Cristo e Cristo é o Espírito. Portanto, o Espírito habitar em nós é Cristo habitar em nós; e Cristo habitar em nós é Deus habitar em nós. Deus habita em nós em Cristo e Cristo é o Espírito habitando em nós. Portanto, quando temos o Espírito habitando em nós, temos Cristo e Deus habitando em nós. O Espírito, Cristo e Deus – os três – habitam em nós como um só, o que significa o Deus Triúno habitando em nós.

Mas quando a Bíblia menciona o Espírito Santo habitando em nós, a ênfase está em Sua unção em nós (1Jo 2:27); quando ela menciona Cristo habitando em nós, a ênfase está em Ele viver em nós como nossa vida (Gl 2:20); e quando ela menciona Deus habitando em nós, a ênfase está em Seu trabalhar em nós (Fp 2:13; Hb 13:21; 1Co 12:6). A Bíblia apresenta distinções claras sobre esses três assuntos. Com relação ao Espírito Santo habitar em nós, ela fala da “unção”; com relação a

Cristo habitar em nós, ela fala de “viver”; e com relação a Deus habitar em nós, ela fala de “operar”. Ela nunca diz que Cristo ou Deus estão nos unguindo, que o Espírito Santo ou Deus estão vivendo em nós, ou que o Espírito Santo ou Cristo estão operando em nós. Ela apenas diz que o Espírito Santo nos unge, que Cristo vive em nós e que Deus opera em nós. Essas três maneiras de falar não são intercambiáveis. A “unção” está relacionada com o Espírito Santo como o unguento em nós; o “viver” está relacionado com Cristo ser vida em nós, e o “operar” está relacionado com Deus operar em nós.

O Espírito Santo habitar em nós é como a unção; portanto, o que Ele faz em nós é ungir. Cristo habitar em nós é como a vida; portanto, o que Ele faz em nós é viver. Deus habitar em nós é uma questão de operação; portanto o que Ele faz em nós é operar. O Espírito Santo, unguindo-nos, unge o elemento de Deus em nós. Cristo vivendo em nós, vive a vida de Deus em nós e a partir de nós. Deus operando em nós, opera Sua vontade em nós para que ela seja realizada em nós.

Portanto, precisamos ver que o que obtivemos pela regeneração é muito grandioso, elevado, rico e glorioso. Por meio da regeneração, nós obtemos a vida de Deus e a lei dessa vida. Também obtemos um coração novo e um espírito novo. Também obtemos o Espírito Santo, Cristo e o próprio Deus. Isso é suficiente para nós – suficiente para nos tornar santos e espirituais, suficiente para nos tornar vitoriosos e transcendentais, e suficiente para nos fazer crescer e amadurecer em vida.

CAPÍTULO CINCO

A SENSACÃO DE VIDA

Já vimos o que é vida e experiência de vida. Também vimos a primeira experiência de vida, a regeneração, e as diversas coisas que são ganhas por meio dela. Agora que já vimos essas coisas, podemos ver a questão da sensação de vida.

A sensação de vida, no que se refere a nós, é muito subjetiva, pessoal e prática. Portanto, se quisermos buscar algo em vida, temos de dar atenção a essa sensação de vida e conhecê-la bem. Todos aqueles que têm experiência de vida conhecem o relacionamento profundo que existe entre a sensação de vida e a experiência de vida. Portanto, se quisermos examinar o conhecimento de vida, precisamos ver a questão da sensação de vida.

I. A BASE BÍBLICA

Embora a Bíblia não mencione explicitamente a sensação de vida, ela fala sobre esse assunto. Romanos 8:6 diz: “Pois a mente posta na carne é morte, mas a mente posta no espírito é vida e paz”. Esse versículo nos fala de maneira muito clara a respeito da sensação de vida, pois a paz mencionada aqui é claramente uma questão da consciência. Essa paz não se refere ao ambiente exterior, mas à condição interior; portanto, ela é definitivamente uma questão de sensação. Uma vez que a paz mencionada aqui é uma questão de sensação, a morte e vida mencionadas aqui também o são.

A sensação de morte nos faz sentir os elementos da morte. Os elementos da morte são: fraqueza, vazio, depressão e dor. A morte inclui pelo menos esses cinco elementos, e sua somatória é equivalente à morte. A morte faz os homens tornarem-se

fracos; e quando eles tornam-se extremamente fracos, eles morrem. A morte faz os homens tornarem-se vazios, porque a morte termina todas as coisas. A morte faz com que os homens fiquem deprimidos e abatidos; os mais deprimidos e abatidos de todos são os mortos. A morte também obscurece os homens; aqueles que estão nas mais profundas trevas são os que entraram na morte. Ao mesmo tempo, a morte faz os homens sentirem dor; quem sofre a maior dor é o que morreu. Tudo isso são elementos da morte; portanto, quando temos essa sensação, sentimos a morte.

Essas sensações de morte resultam de pormos nossa mente na carne. Sempre que colocamos a mente na carne, imediatamente temos essas sensações de morte. Por exemplo: se no domingo à tarde você põe a mente na carne, quando for para a reunião de partir o pão à noite, você se sentirá fraco interiormente e incapaz de se levantar. Ao mesmo tempo, você se sentirá vazio, deprimido e, talvez, até mesmo em trevas e dor. Todos esses sentimentos são sensações de morte. Às vezes você sente mais uma dessas coisas do que as outras; às vezes você sente todas com a mesma intensidade. Contudo, é devido a pormos nossa mente na carne que sentimos morte.

A sensação de vida é simplesmente o oposto à sensação de morte. A sensação de morte nos faz sentir fracos e vazios, ao passo que a sensação de vida nos faz sentir fortes e satisfeitos. A sensação de morte nos faz sentir deprimidos, em trevas e com dor. A sensação de vida nos faz sentir vivos, alegres, cheios de luz e satisfeitos. Por nos fazer sentir fortes, satisfeitos, alegres e cheios de luz, a sensação de vida também nos faz ter a sensação de paz, ou seja, de nos sentir bem e tranquilos.

Precisamos perceber que as coisas mencionadas em Romanos 8:6 contrastam entre si. A carne contrasta com o espírito, e a morte contrasta com vida e paz. O oposto de morte não é apenas vida, mas também paz. Portanto, a morte inclui não apenas fraqueza, vazio, depressão e trevas, mas também a dor. Fraqueza, vazio, depressão e trevas estão em contraste com a vida, ao passo que a dor está em contraste com a paz.

A sensação de morte é devida a pormos nossa mente na carne, enquanto a sensação de vida e paz é devida a pormos nossa mente no espírito. Quando vivemos no espírito, seguimos

o espírito e pomos nossa mente no espírito, nos sentimos fortes e satisfeitos interiormente; ao mesmo tempo, nos sentimos alegres, cheios de luz, satisfeitos e à vontade. Por exemplo, se o Espírito Santo lhe dá um sentimento e você coloca a mente nisso e obedece, você irá sentir-se forte e satisfeito interiormente; ao mesmo tempo, você irá sentir-se alegre, cheio de luz, confortável e à vontade. Assim, você terá o sentimento de vida e paz, porque pôs a mente no espírito.

A razão de Romanos 8:6 mencionar a sensação de vida é que ela é mencionada três vezes anteriormente: o Espírito, vida e a lei da vida. O Espírito está em nós e se torna um espírito com o nosso espírito: a vida está incluída no espírito como o conteúdo do Espírito; e a lei da vida é a faculdade e função naturais da vida. Esses três juntos tornam-se a lei do Espírito da vida, que é responsável em nós por todos os assuntos da vida, dando-nos uma certa sensação a qualquer tempo e em qualquer lugar. Sempre que pomos a mente no espírito e agimos e vivemos segundo o espírito, essa lei nos dá o sentimento de vida e paz. Sentir vida é sentir-se forte, satisfeito, alegre, cheio de luz e revigorado. Sentir paz é sentir-se confortável, à vontade, bem e natural. Se colocamos a mente na carne e agimos e vivemos segundo a carne, essa lei nos dá a sensação de morte, ou seja, nos sentimos fracos, vazios, em trevas e dor.

Portanto, o que Romanos 8:6 fala é totalmente uma questão da consciência que nos é dada pela lei do Espírito da vida. Uma vez que a lei do Espírito da vida pertence à vida, a consciência que ela dá também pertence à vida. Portanto, uma vez que a consciência mencionada em Romanos 8:6 nos é dada por essa lei, ela pertence à sensação de vida.

O segundo lugar na Bíblia que trata da questão da sensação de vida é Efésios 4:19, que diz que os gentios “tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à devassidão para, com avidez, cometerem toda espécie de impureza”. Isso nos diz que a razão das pessoas do mundo cometerem pecado e toda sorte de iniquidades à vontade é que elas abandonaram todos os sentimentos. Sem dúvidas, quando o homem peca e comete iniquidades, ele já deve ter abandonado os sentimentos em seu interior. Quando um homem peca e comete iniquidades, não podemos dizer que ele não tem sentimentos, mas pelo

menos podemos dizer que ele deixou esses sentimentos de lado. Se a pessoa não deixa de lado os sentimentos, se ela é restringida pelos sentimentos interiores, você acredita que ela ainda pode pecar e cometer iniquidades? Todo aquele que peca e comete iniquidades deixou de lado seus sentimentos. Todo aquele que peca e comete iniquidades tem de deixar de lado seus sentimentos. Quando alguém trai, engana, rouba, bate nos outros ou faz qualquer outra coisa má ou maligna, ele tem de pôr de lado seus sentimentos. Quanto mais a pessoa peca e comete iniquidades, mais ela tem de pôr de lado a consciência interior. Portanto, um homem maligno, iníquo, não tem sentimentos, ao passo que uma pessoa boa e amável é cheia de sentimentos.

Agora, quem tem o sentimento interior mais forte, o cristão ou o gentio? Se compararmos os cristãos com os incrédulos, será que a nossa consciência é mais forte do que a deles? Temos de responder que nossos sentimentos são muito mais fortes, porque, além dos sentimentos que eles têm, nós temos os sentimentos da vida em nosso interior, que eles não têm. Portanto, se pecarmos ou cometermos iniquidade, precisaremos ter deixado de lado nossos sentimentos mais fortemente do que eles. Por essa razão, a Bíblia nos exorta a não pôr de lado todos os sentimentos como fazem os gentios. A Bíblia nos pede que sejamos cuidadosos com nossa sensação interior. Isso, é claro, enfatiza a necessidade de sermos cuidadosos com a sensação interior de vida. Após nos exortar a não sermos como os incrédulos que deixam de lado os sentimentos, Efésios 4 diz que temos de nos despojar do velho homem e nos revestir do novo homem. Esse novo homem pertence à vida no Espírito. Para viver nesse novo homem, temos de viver na vida que está no Espírito. Portanto, Efésios 4 nos exorta a não renunciar aos sentimentos como fazem os incrédulos, mas a viver nesse novo homem. Isso significa que devemos viver na vida que está no Espírito, cuidar da sensação de vida no Espírito e viver segundo essa sensação de vida.

Além disso, quase todas as epístolas dos apóstolos têm palavras de bênção e saudações, nas quais são mencionadas graça e paz. Graça é Deus obtido por nós e paz é a sensação de ter obtido Deus. Deus obtido por nós para se tornar nossa vida

e para desfrutarmos é graça. Essa graça em nosso interior resulta em paz; ela nos faz ter um sentimento de paz interior. Uma pessoa que experimenta Deus, desfruta a vida de Deus e prova o poder da vida de Deus diariamente está destinada a ter paz em seu interior. Essa paz é o sentimento de que ela desfruta graça. Portanto, se não tivermos paz interiormente ou se não sentimos paz de fato, isso prova que estamos carentes de graça. Quando estamos carentes de graça, significa que estamos carentes de Deus. Uma vez que não tenhamos obtido o suficiente de Deus em nosso interior, que não tenhamos obtido suprimento suficiente da vida de Deus, estaremos carentes de paz interior. Se ganharmos o suficiente de Deus em nós e experimentarmos suficientemente Deus e Sua vida, teremos paz suficiente em nós. Essa paz não é uma paz no ambiente que nos envolve, mas uma condição interior de paz. Precisamos crer que a paz mencionada na saudação dos apóstolos é esse tipo de paz interior. Paz interior é uma questão de consciência. Quando os apóstolos desejavam paz às pessoas, significa que eles desejavam que as pessoas tivessem a sensação interior de paz, ou paz interior. A sensação interior de paz é a sensação de vida. Portanto, quando eles expressavam seu desejo de que as pessoas tivessem o sentimento de paz interior, eles desejavam que elas dessem atenção à sensação interior de vida.

II. A FONTE DA SENSAÇÃO DE VIDA

De onde vem a sensação de vida da qual estamos falando? Do quê ela é produzida? Ela é produzida das coisas que ganhamos mediante a regeneração: a vida de Deus, a lei da vida, o Espírito Santo, Cristo e Deus nos fazem ter um sentimento interior e a esse sentimento chamamos de sensação de vida.

Toda vida tem seus sentimentos. Além disso, quanto mais forte for a vida, mais intensos serão seus sentimento. A vida de Deus é a vida mais forte; portanto, quando essa vida está em nós ela faz com que não meramente tenhamos sentimentos, mas que tenhamos fortes sentimentos.

Assim como a lei da vida provém da vida, ela também tem sentimentos. Portanto, essa lei que está em nós nos faz ter

sentimentos, especialmente quando a desobedecemos. Por exemplo: quando nosso corpo está normal, dificilmente há algum sentimento. Mas quando ele fica doente, há um forte sentimento, e esse forte sentimento ocorre quando desobedecemos a lei que está no corpo. Semelhantemente, quando obedecemos a lei da vida, não temos muito sentimento, mas quando a desobedecemos, ela nos dá muitos sentimentos diferentes.

O Espírito Santo como a unção está nos unguindo e movendo-se em nós; Cristo vive em nós com atividade; e Deus está operando em nós. Os três estão em nós com atividade e ação. Eles não estão quietos e imóveis; portanto, todos eles fazem com que tenhamos sentimentos.

Assim, quer seja a vida de Deus, a lei da vida ou o Espírito Santo, Cristo e Deus, todos eles nos fazem ter sentimentos. E eles estão mesclados ao nos dar sentimentos. Portanto, os sentimentos provenientes dos cinco não são cinco tipos de sentimentos, mas um único sentimento, ou seja, a sensação de vida da qual estamos falando.

Por que os sentimentos provenientes desses cinco (a vida de Deus, a lei da vida, o Espírito Santo, Cristo e Deus) são um único tipo de sentimento? E por que esse sentimento é a sensação de vida? Porque o Espírito Santo, Cristo e Deus são o Deus Triúno; a vida de Deus é o próprio Deus; e a lei da vida provém dessa vida de Deus. Portanto, rigorosamente falando, esses cinco são um. Por isso, quando estão em nós, os sentimentos que eles nos dão são do mesmo tipo. A razão de esse sentimento ser o sentimento de vida é que ele provém do Deus Triúno de vida, da vida de Deus e da lei da vida. O principal propósito do Deus Triúno em nós é ser nossa vida, e essa vida inclui a lei da vida. Portanto, os sentimentos que eles nos dão são provenientes da vida e pertencem à vida; sendo, portanto, a sensação de vida. Essa sensação é uma com cinco aspectos. Ela é derivada da vida de Deus e da lei da vida de Deus; portanto, ela tem a natureza da vida de Deus e também a função da lei da vida de Deus. Ao mesmo tempo, essa sensação também é derivada do Espírito Santo, de Cristo e de Deus; portanto, ela contém os elementos do Espírito Santo nos unguindo, o elemento de Cristo vivendo em nós e o elemento de

Deus operando e realizando Sua vontade em nós. Por causa desses diversos aspectos, essa sensação é rica, forte e aguçada; sendo ainda mais rica, forte e aguçada que a melhor sensação entre os incrédulos. Os melhores sentimentos que os incrédulos podem ter são os sentimentos de bondade criados nos seres humanos. Mas, além dos sentimentos de bondade criados, essa sensação de vida é uma sensação divina acrescentada a nós pelas coisas que ganhamos mediante a regeneração.

III. A FUNÇÃO DA SENSACÃO DE VIDA

Qual é, então, a função ou a utilidade dessa sensação de vida? A função ou utilidade dessa sensação de vida é nos fazer saber continuamente onde estamos vivendo. Estamos vivendo na vida natural ou na vida do Espírito? Estamos vivendo na carne ou no espírito? É isso que a sensação de vida nos faz saber continuamente e é para isso que temos a sensação de vida. Portanto, a sensação de vida em nós nos guia e nos prova. Se seguirmos a sensação de vida, seguiremos o guiar que Deus nos dá e, ao mesmo tempo, receberemos a confirmação de onde estamos vivendo.

Agora, vamos aplicar o que dissemos. A sensação de morte nos faz saber que não estamos vivendo no espírito, mas na carne. Quando temos a sensação de morte, devemos saber que não estamos no espírito, mas na carne. A sensação de morte inclui fraqueza, vazio, depressão, trevas e dor. Quando temos tais sentimentos, significa que a sensação de vida em nós está nos mostrando que já não estamos corretos, que já não estamos vivendo no espírito, mas estamos na carne.

Então, que sentimento a sensação de vida dá para que saibamos que estamos corretos diante de Deus e vivendo no espírito? Ela nos dá o sentimento de vida e paz, ou, em outras palavras, ela nos faz sentir fortes, alegres, cheios de luz e satisfeitos. Sempre que nos sentimos fortes, alegres, cheios de luz e satisfeitos interiormente, temos a prova interior de que estamos corretos diante de Deus e de que estamos vivendo no espírito.

Portando, a sensação de vida em nós tem uma função muito importante. Ela está ali continuamente nos guiando, mostrando-nos onde devemos viver; e ela continuamente

prova onde estamos vivendo. É essa sensação de vida que nos guia para a vida; é ela também que prova e revela continuamente nossa verdadeira condição em vida. Por isso, ela é nosso guia e testemunho interior. Sempre que ela nos faz sentir vida e paz interiores, ela prova que não temos problemas em vida, sempre que ela nos faz sentir vazios de vida e paz, ela prova que temos algum problema em vida.

Você pode dizer que não tem a sensação de vida e paz em seu interior e tampouco tem a sensação de que lhe falta vida e paz; você não tem a sensação de estar forte, satisfeito, alegre, cheio de luz ou confortável, e tampouco tem a sensação de não estar forte, satisfeito, alegre, cheio de luz ou confortável. Estar nessa condição prova que você tem um problema. Certamente devemos ter a sensação de vida e paz. Devemos nos sentir fortes, animados, cheios de luz, satisfeitos e à vontade interiormente; então tudo estará bem. Embora, em certas ocasiões, o Senhor queira nos tirar dos nossos sentimentos e nos fazer entrar como se fosse em uma caverna, mesmo na caverna ainda temos a sensação de vida e paz profundamente em nós. Embora os sentimentos exteriores desapareçam, profundamente em nós ainda permanece o sentimento de vida e paz.

Vida e paz são os sentimentos positivos que a sensação de vida nos dá, provando assim que nossa condição em vida é normal. Fraqueza e intranquilidade são os sentimentos negativos que a sensação de vida nos dá, provando que temos algum problema em vida. Os sentimentos de fraqueza e intranquilidade são sensações de morte. A sensação de morte categoricamente vem de se pôr a mente na carne e tocar algo fora de Deus. Toda sensação de morte prova que estamos, em maior ou menor intensidade, colocando nossa mente na carne e até certo ponto tocando as coisas fora de Deus. Portanto, ter vida e paz ou fraqueza e inquietação depende de estarmos vivendo no espírito e tocando Deus ou colocando nossa mente na carne. Se há vida e paz interiormente, isso prova que estamos vivendo no espírito, que estamos tocando Deus. Se nos sentimos fracos e desconfortáveis interiormente, isso prova que nossa mente está na carne e estamos tocando coisas fora de Deus.

Não é necessário que um cristão jamais se sinta fraco, mas mesmo quando ele sente-se fraco, ele ainda deve sentir-se

forte. Ele sente-se fraco porque passou a conhecer a si próprio; ele sente-se forte porque toca Cristo e conhece Cristo como sua vida. Se continuamente sentimos apenas fraqueza e nunca nos sentimos fortes, algo está errado. O apóstolo disse que quando ele é fraco, então é que ele é forte (2Co 12:10). Uma pessoa forte, mesmo que sinta sua própria fraqueza, não põe a mente nessa fraqueza. Se sempre pusermos nossa mente em nossas fraquezas e não conseguirmos ser fortes, isso é uma prova de que há um problema. Pode ser que estejamos um pouco na carne, porque a fraqueza é uma sensação de morte, e esta sempre vem de se colocar a mente na carne.

Um cristão pode ser fraco e, ainda assim, sentir-se forte; ele pode sentir dor e ainda ter a sensação de paz. Ele sente dor porque enfrenta tribulações exteriores, mas tem a sensação de paz porque encontra e toca o Senhor interiormente. Se encontramos tribulações exteriormente, mas interiormente não temos paz, algo está errado. O Senhor diz que no mundo temos aflições, mas Nele temos paz (Jo 16:33). Aquele que vive no Senhor, ou aquele que vive no espírito, pode enfrentar muitas tribulações exteriores e ainda ter paz interiormente; caso contrário, isso prova que ele não está vivendo no espírito. Se nos falta paz interior quando estamos em tribulação, isso é uma prova de que não estamos vivendo no espírito; então, quando não temos tribulação, também não temos paz, e isso é uma prova adicional de que não estamos vivendo no espírito.

Portanto, quanto à nossa condição de vida, é a sensação de vida que prova se pomos nossa mente na carne ou no espírito, se vivemos na carne ou no espírito. É por meio desse tipo de prova que a sensação de vida nos dá orientação interior. Apenas se seguirmos a orientação desse tipo de prova é que podemos viver em vida. Portanto, se desejarmos prosseguir em vida, temos de prestar atenção à prova e orientação que essa sensação de vida nos dá interiormente.

CAPÍTULO SEIS

A COMUNHÃO DE VIDA

Neste livro, estamos considerando a questão da vida, esperando realizar duas coisas: primeiro, ajudar os irmãos e irmãs a saberem se eles têm ou não a experiência de vida que mencionamos aqui; segundo, levar os irmãos e irmãs a compreender plenamente o caminho da vida para que, mais tarde, todos possam ir a outros lugares e falar sobre isso em espírito. O objetivo deste livro não é ensino genérico, mas uma investigação especial. Desejamos trazer à tona todas as coisas relacionadas com a vida para ver se você as tem. E, se você as tem, será que você pode falar a respeito delas? Você pode falar para tocar o sentimento dos outros? Você pode falar-lhes não apenas como doutrina, mas também como experiência? Por essa razão, queremos examinar não apenas se temos a realidade de todos os termos relacionados com a vida, mas também queremos saber a definição e uso de cada um desses termos.

Há um encargo muito pesado em mim, um sentimento muito profundo, de que o que todas as igrejas mais precisam hoje são as coisas da vida. Toda a nossa obra e atividades devem ser provenientes da vida. Isso não significa que não devemos nos envolver com muita obra e atividades. Pode ser que nossa obra e atividades mais tarde aumentem ainda mais. Mas, se isso não for proveniente da vida, nossa obra e serviço não serão duradouros ou não terão muito peso. Se quisermos que nossa obra dê fruto abundante e permanente, precisamos ter um fundamento em vida. Nós próprios temos de tocar o Senhor em vida e levar os outros a tocar o Senhor em vida. Somente assim podemos nos ajustar à obra que o Senhor deseja fazer nesta era.

Todos os resultados de nossa obra devem ser medidos pela vida. Somente o que provém da vida é reconhecido por Deus. Em Mateus 7, o Senhor diz que uns pregam o evangelho e outros expulsam demônios, mas eles não são aprovados por Ele (vv. 22-23). Além disso, o apóstolo em Filipenses 1 diz que alguns pregam o evangelho por inveja (v. 15). Tais obras, sem dúvida, não provêm da vida, mas da ação humana. Não podemos nem devemos fazer tal obra. Devemos aprender a viver na vida do Senhor e permitir que Sua vida nos leve a fazer Sua obra. Não devemos almejar fazer uma grande obra ou uma grande realização. Devemos ter um único desejo: conhecer e experimentar mais a vida do Senhor e ser capazes de compartilhar com os outros o que conhecemos e experimentamos, para que eles ganhem algo. Quando trabalhamos, não devemos estabelecer uma obra, nem uma organização. Nossa obra deveria ser apenas a liberação da vida do Senhor, a transmissão da vida do Senhor aos outros. Que o Senhor tenha misericórdia de nós e abra os nossos olhos para vermos que a obra central de Deus nesta era é que o homem ganhe Sua vida e cresça e amadureça nela. Somente a obra que provém de Sua vida pode alcançar Seu padrão eterno e ser aceito por Ele.

No último capítulo vimos a sensação de vida. A comunhão de vida está intimamente relacionada a ela. Portanto, agora vamos ver a comunhão de vida.

I. A FONTE DA COMUNHÃO DE VIDA

De onde vem a comunhão de vida? Qual é sua origem? E de que é derivada? Primeira de João 1:2-3 diz: “Vos anunciamos a *vida* eterna (...) para que vós também tenhais *comunhão* conosco; e, de fato, a nossa *comunhão* é com o Pai e com Seu Filho, Jesus Cristo”. Esses versículos mostram que os apóstolos pregaram a nós “a vida eterna” para que tenhamos “comunhão”. A vida eterna é a vida de Deus, e a vida de Deus entrando em nós nos capacita a ter comunhão. Uma vez que essa comunhão provém da vida de Deus, ela é a comunhão de vida. Portanto, a comunhão de vida provém da vida de Deus; existe devido à vida de Deus; é derivada da vida de Deus; e é trazida até nós pela vida de Deus. Assim que obtemos a vida

de Deus em nós, essa vida nos capacita a ter a comunhão de vida. A vida de Deus, portanto, é a fonte da comunhão de vida.

II. O MEIO DA COMUNHÃO DE VIDA

A vida de Deus reside do Espírito Santo de Deus e é por meio Dele que ela entra e vive em nós. Portanto, a comunhão trazida a nós pela vida de Deus, embora seja derivada da vida de Deus, vem por meio do Espírito Santo de Deus. Por isso, a Bíblia também chama essa comunhão de “comunhão do Espírito Santo” (2Co 13:14).

É o Espírito Santo que nos faz experimentar a vida de Deus; portanto, é o Espírito Santo que nos capacita a ter comunhão na vida de Deus. Toda a nossa comunhão de vida é no Espírito Santo e é causada por Ele. É por isso que Filipenses 2:1 diz: “...alguma comunhão de espírito”.

O Espírito Santo de Deus move-se em nós, exige de nós e insta conosco para nos fazer ter a comunhão que provém da vida de Deus. Portanto, se desejamos ter comunhão de vida, precisamos ter não apenas a vida de Deus, mas também viver no Espírito Santo de Deus. A vida de Deus é a fonte da comunhão de vida e o Espírito Santo de Deus é o meio dessa comunhão. Embora seja a vida de Deus que nos dá a comunhão de vida, é o Espírito Santo de Deus que nos faz desfrutar de maneira prática essa comunhão de vida. Somente quando estamos vivendo, andando e pondo nossa mente no Espírito Santo é que podemos desfrutar a comunhão da vida de Deus de maneira prática.

III. O SIGNIFICADO DA COMUNHÃO DE VIDA

Antes de definir comunhão de vida, há algo que precisa ficar claro. A vida de Deus estava originalmente em Deus e, mais tarde, entrou em nós que pertencemos a Deus. Então, essa vida de Deus que entrou em nós é uma parte ou o todo? Nossa conclusão é que não é uma parte nem o todo, mas algo que flui.

Considere o exemplo da eletricidade em uma lâmpada elétrica. Ela é uma parte da eletricidade ou é toda a eletricidade de uma usina elétrica? A resposta é que não se trata de nenhuma dessas opções, porque a eletricidade que está na

usina elétrica é a mesma que está na lâmpada. Trata-se de uma corrente elétrica que flui continuamente. Se essa corrente parar, a lâmpada deixará de emitir luz.

Vejamus outro exemplo: o sangue que corre em minha mão é um sangue local ou é a totalidade do sangue do meu corpo? Se fosse um sangue local, ele não teria comunicação, e, se fosse a totalidade do sangue do meu corpo, também não teria comunicação. Mas ele é o sangue que circula, que flui. É o sangue de todo o meu corpo circulando e fluindo continuamente. É um todo e também uma parte; uma parte e também um todo.

Assim também é a vida de Deus em nós. Ela fluiu de Deus para dentro de milhares de santos, incluindo a nós. Essa vida que flui vem de Deus; passa através de Deus e passa através de milhares de santos, incluindo a nós. Assim, ela nos faz ter comunhão com Deus e com milhares de santos.

É como uma lâmpada elétrica acesa. A eletricidade está fluindo continuamente nela, mantendo-a em comunicação com a usina elétrica e com muitas outras lâmpadas acesas. Essa comunicação está no fluir da eletricidade nela. Da mesma maneira, a comunhão de vida em nós também está no fluir da vida em nós. A vida de Deus em nós nos traz um fluir de vida e, assim, temos a comunhão de vida. Essa comunhão de vida nos capacita a estar conectados com Deus e com milhares de santos. Portanto, o significado de comunhão de vida é o *fluir* de vida. Esse fluir não está separado da vida; antes, ele é a própria comunhão do fluir de vida. Essa comunhão do fluir de vida exige que andemos e vivamos continuamente fluindo-a e cedendo a ela. Sempre que não a seguimos ou não cedemos a ela, ela para de fluir. Assim, a comunhão entre nós e Deus é cortada e a comunhão entre nós e os santos também se vai.

IV. A FUNÇÃO DA COMUNHÃO DE VIDA

Qual é a função ou utilidade da comunhão de vida? É suprir-nos interiormente com tudo que há na vida de Deus ou tudo que há em Deus. Toda a plenitude de Deus é suprida a nós mediante a comunhão de vida. Quanto mais permitimos que o fluir de vida flua em nós, mais nós somos supridos interiormente com a plenitude de Deus. Tal suprimento da comunhão

de vida é como o sangue que circula, suprimindo o corpo, e como a eletricidade que supre as lâmpadas.

A sensação de vida prova se estamos ou não vivendo em Deus. E a comunhão de vida nos supre continuamente as coisas da vida. Se a nossa comunhão de vida for interrompida, o nosso suprimento de vida será cortado. Se vivermos continuamente na comunhão de vida, nosso suprimento de vida será contínuo e incessante.

A comunhão de vida e a sensação de vida estão mutuamente relacionadas. Assim que a comunhão de vida é interrompida, a sensação de vida nos faz sentir que perdemos o suprimento de vida. Quando a comunhão de vida não é interrompida, a sensação de vida nos faz sentir que temos o suprimento de vida. Portanto, vivermos na comunhão de vida ou termos o suprimento de vida depende totalmente do que indica a sensação de vida. Quanto mais vivemos na comunhão de vida, mais aguçada é nossa sensação de vida e mais somos supridos com vida.

Quanto à comunhão de vida, basta dizer isso. Devemos nos lembrar que a sensação de vida sempre nos testa e nos prova, enquanto a comunhão de vida sempre nos supre. Nossa condição diante do Senhor é determinada pela sensação de vida, e o suprimento de nossa vida espiritual é recebido mediante a comunhão de vida.

CAPÍTULO SETE

A SENSACÃO DO ESPÍRITO E CONHECER O ESPÍRITO

Veremos agora o sétimo ponto importante: A sensação do espírito e conhecer o espírito. Como toda experiência de vida ocorre no espírito, conhecê-lo é uma questão básica na experiência de vida.

Que é, na verdade, isso que chamamos de espírito? Como podemos conhecer o espírito? Como podemos tocá-lo? Admito que essas perguntas não são fáceis de responder. Explicar como é o espírito é muito difícil. Falar do corpo é fácil, porque podemos vê-lo e tocá-lo. Falar da alma também não é tão difícil, porque, embora a alma seja abstrata, podemos senti-la e conhecê-la por meio de suas funções e ações, como pensar, considerar, determinar, decidir, sentir prazer, ódio, tristeza e alegria. Apenas falar do espírito é realmente difícil. Até mesmo entender o espírito não é fácil, quanto mais falar a seu respeito. Contudo, mesmo assim vamos tentar.

Romanos 8 fala do espírito. É difícil encontrar outro lugar na Bíblia que fale de maneira tão clara a respeito da nossa condição no espírito. Portanto, se quisermos conhecer o espírito, é imperativo que prestemos atenção a essa passagem.

I. QUATRO COISAS

Ao falar do espírito, o apóstolo usa quatro coisas:

A. Vida

No versículo 2 ele fala “do Espírito da vida”. Ao fazê-lo, ele nos mostra que o Espírito do qual ele fala aqui é o Espírito da vida, o Espírito que está relacionado com a vida, que contém a vida e pertence à vida. Então, no versículo 6 ele diz que “a

mente posta no espírito é vida”. Isso significa que a vida é fruto do espírito e este é a origem da vida; portanto, ao tocar o espírito, tocamos a vida. A vida e o espírito estão inter-relacionados; portanto, podemos conhecer o espírito por meio da vida. Embora seja difícil conhecer o espírito, ainda assim é relativamente fácil compreender o que é vida.

B. Lei

No versículo 2, o apóstolo fala não apenas do “Espírito da vida”, mas até mesmo da “lei do Espírito da vida”. Isso nos diz que o Espírito do qual ele fala aqui não apenas pertence à vida, mas também tem uma lei. Portanto, quando fala do Espírito, ele também fala de uma lei. Ele reúne os três: vida, o Espírito e lei. Vida e o Espírito não podem ser separados; lei e o Espírito também não podem ser divididos.

Vida é o conteúdo e resultado do Espírito, ao passo que a lei é a função e ação do Espírito. Ao contatar vida, tocamos o espírito; ao sentir a lei, também sentimos o espírito. Embora seja difícil encontrar o espírito, não é difícil buscar a lei. Portanto, pela lei podemos encontrar o espírito.

C. Paz

No versículo 6, o apóstolo diz: “A mente posta no espírito é vida e paz”. Isso significa que o resultado de se pôr a mente no espírito é não apenas vida, mas também paz. Portanto, vida é fruto do Espírito e paz também. Quando tocamos o espírito, tocamos vida e também tocamos paz. Assim como a vida pode nos fazer compreender o espírito, a paz também o pode.

D. Morte

No versículo 6, antes de o apóstolo dizer que a mente posta no espírito é vida e paz, ele diz que “a mente posta na carne é morte”. Aqui ele usa algo negativo para contrastar com o positivo. Carne e espírito são opostos entre si, assim também morte e vida. Vida é fruto do espírito e provém do Espírito. Morte é fruto da carne e provém da carne. Vida nos faz conhecer as coisas que são originadas pelo espírito, capacitando-nos a conhecê-lo do lado positivo. Morte nos faz conhecer as coisas que provêm da carne, desvendando-nos o espírito do lado negativo.

Portanto, assim como a vida nos capacita a conhecer o espírito a partir do lado positivo, a morte nos capacita a compreendê-lo a partir do lado negativo. Para conhecer o espírito precisamos conhecer a vida e compreender o oposto de vida, que é a morte.

Assim, de acordo com o que diz o apóstolo a respeito dessas quatro coisas (vida, lei, paz e morte), elas estão intimamente relacionadas com o espírito tanto positivamente como negativamente. Se entendermos totalmente essas quatro coisas, poderemos conhecer claramente o espírito, que está evidentemente relacionado a eles. Essas quatro coisas contêm ou transmitem uma determinada sensação consciente.

II. CONSCIÊNCIA

Com exceção da vida vegetal mais rudimentar, toda vida indubitavelmente tem certa consciência. Quanto mais elevada a vida, mais rica é sua consciência. A vida do Espírito da vida é a vida do próprio Deus, que é a vida mais elevada; portanto, ela é a vida mais rica em consciência. Essa vida em nós nos torna cheios de consciência espiritual, capacitando-nos a sentir o espírito e as coisas do espírito.

Embora a lei de um objeto inconsciente não pertença à esfera da consciência, a lei de uma vida consciente pertence. Por exemplo: se eu bato em alguém, ele imediatamente sentirá dor; se eu fizer um movimento brusco de mão em direção aos seus olhos, estes piscarão imediatamente. Ele reage dessa maneira porque em seu corpo está a lei da vida que o faz agir assim. No momento exato em que eu bato, ele sente dor; isso é uma lei. No exato momento em que estendo minha mão em direção à sua face, seus olhos piscam; isso também é uma lei. Embora sejam leis, se você lhe perguntar que são essas coisas, ele dirá que é algo do estado consciente. Isso prova que a lei da vida física pertence à consciência. Uma vez que a vida do Espírito da vida é a vida de Deus, que é rica em consciência, a lei do Espírito da vida também é cheia de consciência.

A paz mencionada aqui é, sem dúvida, a paz em nosso interior. A paz que temos interiormente é totalmente uma questão de consciência. É improvável ter paz interior e não senti-la. Portanto, a paz mencionada aqui também é uma questão de consciência.

Além do mais, até mesmo a morte mencionada aqui é uma questão de consciência. A morte faz o homem perder a consciência. Quando um homem morre, ele perde sua consciência. Portanto, quando o homem não tem consciência, isso é uma prova de que a morte está operando em seu interior; embora não tenha morrido totalmente, ele está quase morto.

Também, em questões espirituais, a morte não apenas nos faz perder a sensação de vida como também nos faz ter a sensação de morte. Quando colocamos nossa mente na carne, a morte torna-se ativa em nós. Por um lado, ela nos faz perder a sensação de vida interior, por outro, ela nos faz ter a sensação de inquietude, desconforto, depressão, opressão, trevas e vazio. Esse tipo de sentimento de inquietude, desconforto, depressão, opressão, trevas e vazio é a sensação da morte e nos faz sentir morte.

Assim, vida, lei, paz e morte – os quatro – estão relacionados com a consciência. A consciência dessas coisas nos capacita a ter a sensação do espírito e, assim, conhecê-lo. Portanto, devemos usar algum tempo para examinar nosso grau de consciência desses quatro itens.

III. A SENSÇÃO DE VIDA

Vida aqui refere-se à vida do Espírito da vida. Portanto, essa vida é do Espírito, provém do Espírito e depende Dele. O Espírito do qual depende essa vida é não apenas o Espírito de Deus, mas também o nosso espírito. Esse Espírito é o Espírito de Deus e o nosso espírito mesclados como um único espírito. No Antigo Testamento, o Espírito de Deus apenas descia sobre os homens para que estes recebessem poder exterior da parte de Deus. Ele não entrava no homem para que este recebesse a vida de Deus em seu interior. Assim, na época do Antigo Testamento o Espírito de Deus era apenas o Espírito de poder; ainda não era o Espírito da vida. Apenas na época do Novo Testamento é que o Espírito entrou no homem como o Espírito da vida para que o homem recebesse a vida de Deus em seu interior. Hoje, na era do Novo Testamento, o Espírito de Deus não apenas é o Espírito de poder, mas também o Espírito da vida. Ele não apenas desce sobre o homem, fazendo-o obter poder de Deus exteriormente, e não apenas move-se no

homem, fazendo-o conhecer seu pecado, confessar, arrepende-se e crer no Senhor; mas, além disso, Ele entra no homem para que este tenha a vida de Deus interiormente e também habita no homem como o Espírito da vida. Quando, ao ser tocados por Ele, nos arrependemos e recebemos o Senhor Jesus como nosso Salvador, Ele entra em nós e põe a vida de Deus em nós. Nesse momento, Ele entra em nós como o Espírito da vida, o Espírito da vida de Deus. A vida de Deus está Nele e, portanto, Ele é a vida de Deus; por isso, quando Ele entra em nós, a vida de Deus entra em nós. Ele entra em nós com a vida de Deus como o *Espírito* da vida. Ao entrar, Ele entra em *nosso espírito*, não em nossa mente, emoção ou vontade. Ele entra em *nosso espírito*, põe a vida de Deus em *nosso espírito* e habita em *nosso espírito*; assim, o Espírito da vida está mesclado com o *nosso espírito*. Agora, o Espírito de Deus juntamente com a vida de Deus (Ele é a própria vida de Deus) habita em *nosso espírito*, para que Ele mesmo, a vida de Deus e o *nosso espírito* (os três) sejam mesclados como um só e jamais se separem.

Podemos usar como ilustração um copo que originalmente continha água pura. Mais tarde, mesclamos a ela um suco de fruta puro com açúcar; então, ele se torna um copo de água-suco-açúcar, uma bebida três em um. A água representa *nosso espírito*, o suco de fruta representa o Espírito de Deus e o açúcar representa a vida de Deus. O Espírito de Deus, que contém a vida de Deus, mescla-se com *nosso espírito*, tornando assim esses três (o Espírito de Deus, a vida de Deus e o *nosso espírito*) um espírito de vida três em um. É isso que Romanos 8:2 fala.

Dessa maneira, o espírito, no qual reside a vida do Espírito da vida da qual estamos falando aqui, inclui tanto o Espírito de Deus como o *nosso espírito*. É um espírito que é uma mescla do Espírito de Deus com o *nosso espírito*. Os tradutores da Bíblia entenderam o Espírito mencionado em Romanos 8 como sendo o Espírito Santo; portanto, eles escreveram Espírito com E maiúsculo. Muitos leitores da Bíblia também pensaram que o Espírito mencionado aqui refere-se ao Espírito Santo. Contudo, o fato e a experiência espirituais nos dizem que o Espírito mencionado aqui é a mescla do Espírito Santo com

o nosso espírito. No versículo 16 desse capítulo, o apóstolo estabelece esse fato espiritual (que também é nossa experiência). Ele diz: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito”. Ao falar dessa maneira, ele nos diz claramente que o espírito que ele mencionou anteriormente é esse espírito que é a mescla do “Espírito Santo com o nosso espírito”. Dizer que esse espírito é o Espírito Santo é correto, e dizer que é o nosso espírito também não é errado. É como a água no copo mesclada com o suco de fruta. Você pode dizer que é suco de fruta e também pode dizer que é água. Isso ocorre porque os dois tornaram-se um. Da mesma maneira, o Espírito Santo e nosso espírito estão mesclados como um único espírito. Nesse único espírito em nós, que é a mescla dos dois, está a vida que Deus nos concedeu; assim, ele se torna o espírito da vida. Falando de maneira simples, a vida de Deus está no Espírito de Deus e o Espírito de Deus entra em nosso espírito; assim, os três estão mesclados e tornaram-se o espírito da vida.

Originalmente, nosso espírito era meramente o espírito de um homem e estava morto. Agora, quando entra o Espírito de Deus, Ele não apenas vivifica nosso espírito, mas também acrescenta a vida de Deus a ele. Agora, nosso espírito não apenas está vivo, mas também tem a vida de Deus; e não é apenas espírito, é o espírito da vida. Toda consciência de vida nesse espírito nos capacita a conhecê-lo. Quando andamos colocando a mente no espírito, e quando nossas ações e feitos são segundo esse espírito, a vida que está nele nos fará ter a consciência dessa vida. Como essa vida é de Deus, fresca e vigorosa, cheia de poder, resplandecente e santa, real e não vazia, a sensação dessa vida certamente nos fará sentir a presença de Deus; assim, nos sentiremos refrescados e avivados, fortes e com poder, resplandecentes e santos, reais e não vazios. Quando temos tais sentimentos, sabemos que estamos pondo a mente no espírito, andando segundo o espírito e vivendo no espírito. Tais sentimentos são a sensação de vida em nosso espírito ou a consciência do nosso espírito de vida, que nos guia interiormente a andar segundo o espírito e a viver pelo espírito. Quando tocamos tais sentimentos, tocamos o espírito. Quando damos atenção a esses sentimentos, damos atenção ao espírito. É relativamente difícil sentirmos o próprio espírito,

mas podemos facilmente ter tais sentimentos de vida no espírito. Se seguirmos de perto esses sentimentos, poderemos conhecer o espírito e viver nele.

Pode-se dizer que a vida de Deus em nosso espírito é o próprio Deus; portanto, a sensação dessa vida certamente nos fará sentir o próprio Deus. Se vivemos no espírito e andamos pondo a mente no espírito, a sensação dessa vida nos fará sentir que estamos tocando Deus e que Deus está em nós como nossa vida, nossa força e nosso tudo. Assim, estaremos felizes, descansados, confortáveis e satisfeitos. Quando tocamos Deus dessa maneira da sensação interior de vida, tocamos a vida. Assim sabemos que estamos vivendo no espírito e pondo nossa mente no espírito.

Uma vez que o espírito, no qual está a vida do espírito da vida, é o mesclar do Espírito de Deus com nosso espírito, tudo que essa sensação de vida nos faz sentir tem de ser a história do Espírito de Deus em nosso espírito. O Espírito de Deus em nosso espírito revela Cristo a nós, transmite Deus em Cristo a nós e nos faz experimentar Cristo e contatar Deus no espírito. Assim, isso nos faz experimentar Cristo, ou seja, experimentar Deus como nossa vida; o que quer dizer também, que isso nos faz experimentar vida, ou seja, experimentar a vida de Deus em nosso espírito. Assim, quando experimentamos essa vida, ela nos faz sentir satisfação, poder, resplendor, frescor, vitalidade e transcendência de vida. Quando temos tal sensação de vida interior, sabemos que estamos vivendo no espírito e tocando o espírito.

IV. A SENSACÃO DA LEI DO ESPÍRITO DA VIDA

No Espírito da vida que está em nós, há não apenas a vida de Deus, mas também uma lei: a lei da vida de Deus. Cada vida tem sua lei. A vida em nosso corpo tem sua lei em nosso corpo. O que está de acordo com sua natureza, sua lei aprova e aceita; caso contrário, ela se opõe e recusa. Igualmente, a vida de Deus em nosso espírito também tem sua lei. É uma lei do espírito e reside nele. Portanto, sua natureza é total e absolutamente espiritual. Se o que somos e fazemos está de acordo com essa natureza espiritual, essa lei em nosso espírito aprova e aceita; caso contrário, ela se opõe e recusa. Tudo

o que ela aprova e aceita é definitivamente do espírito, porque somente o que é do espírito concorda com sua natureza espiritual. Portanto, tudo o que somos e fazemos deve provir do espírito e ser no espírito. Então, a lei da vida em nosso espírito aprovará e aceitará.

Essa lei da vida em nosso espírito pertence à ordem da consciência e tem sua própria consciência. Tudo o que ela aprova e aceita ou se opõe e recusa é revelado pelo que ela sente e deseja que sintamos. Se o que somos e fazemos é no espírito e está de acordo com a natureza do espírito da vida em nós, essa lei nos fará sentir que ela o aprova e aceita; caso contrário, essa lei nos fará sentir que ela está se opondo e recusando. Assim, mediante a sensação dessa lei, podemos saber se estamos ou não vivendo no espírito e andando pelo espírito. Como essa lei é a lei do espírito da vida em nós, a sensação dessa lei é a sensação do espírito da vida em nós; portanto, a sensação dessa lei pode nos fazer conhecer o espírito em nós.

Lei é uma coisa natural; portanto, a sensação que ela nos dá também é natural. Por exemplo: Quando bebemos um copo de suco de fruta, naturalmente sentimos que ele é doce. Isso ocorre porque há uma lei da vida física em nosso corpo que naturalmente nos faz sentir isso. Assim que nossa língua toca o suco, imediatamente sentimos a doçura. Essa sensação natural é a lei da vida do nosso corpo. Essa lei naturalmente nos faz sentir o sabor do suco. A lei da vida em nosso espírito também é assim. Não precisamos que os outros nos digam se o que somos e fazemos como cristãos é no espírito, se estamos pondo nossa mente no espírito e agradando a Deus; a lei da vida em nosso espírito naturalmente nos fará conhecer nossa situação dando-nos determinada sensação. Esse sentimento natural dado a nós por essa lei da vida é uma função natural do espírito da vida em nós. Por meio disso, podemos facilmente discernir se estamos ou não vivendo no espírito.

A sensação que essa lei da vida nos dá não apenas é natural, como também nos torna naturais. Quanto mais vivemos no espírito e quanto mais aquilo que somos e fazemos é de acordo com a natureza do espírito da vida em nós, mais naturais essa lei da vida nos fará sentir em nosso espírito. Se nós, cristãos, não somos naturais, isso é uma prova de que temos

algum problema e não estamos vivendo no espírito. Uma vez que o espírito da vida em nós é uma lei natural do espírito, somente quando nossa vida e obra estão de acordo com sua natureza espiritual é que podemos nos sentir naturais interiormente. Sentir-nos naturais interiormente é uma prova de que estamos vivendo segundo a lei do espírito em nosso espírito. Esse sentimento natural dado a nós por essa lei da vida nos faz saber que estamos vivendo no espírito e andando segundo o espírito. Assim, se seguimos a lei da vida em nosso espírito ou se seguimos a percepção natural que ela nos dá, significa que estamos seguindo o espírito da vida em nós. Falando de maneira simples, seguir a sensação de vida no espírito é seguir o espírito, porque a sensação de vida no espírito é a sensação do próprio espírito.

V. A SENSACÃO DE PAZ

O espírito da vida em nós não é apenas o lugar onde o Espírito e a vida de Deus habitam, mas também é o lugar onde está o novo homem. Além disso, o espírito em nós (o espírito mesclado com a vida de Deus) também é o novo homem em nós. Se em nossas ações e comportamentos exteriores colocamos nossa mente no espírito da vida em nós, estaremos vivendo pelo novo homem espiritual em nós. Dessa maneira, nosso homem interior e nossas ações exteriores estarão de acordo; daí nos sentir naturais e em paz. Podemos dizer que essa consciência de ter naturalidade e paz é produzida pela sensação da lei do espírito da vida. Se pusermos a mente no espírito da vida em nós, naturalmente iremos andar e viver segundo a lei do espírito da vida em nós. Isso nos faz sentir naturalidade interiormente e ter a sensação de paz. Essa sensação de paz e a sensação de vida andam de mãos dadas. A sensação de vida é refrescante e revigorante; a sensação de paz é natural e de descanso. A sensação de vida é de satisfação e pleno vigor; a sensação de paz é de descanso e bem-estar. Se pusermos a mente no espírito e andarmos segundo ele, não apenas teremos a sensação de vida, frescor, vivacidade, satisfação e vigor, mas também a sensação de paz, naturalidade, descanso, bem-estar e tranquilidade. Tal sensação também é a sensação do espírito. Uma vez que tenhamos tal

sensação, saberemos que estamos vivendo no espírito. Quando seguimos tal sensação, seguimos a sensação do espírito, o que significa que seguimos o espírito. Tal sensação nos capacita a conhecer o espírito e a reconhecê-lo. Quanto mais andamos segundo o espírito e vivemos no espírito, mais rica e profunda é essa sensação em nós.

VI. A SENSACÃO DE MORTE

Há um contraste em Romanos 8:6. O apóstolo diz que o resultado de se pôr a mente na carne é morte, ao passo que o resultado de se pôr a mente no espírito é vida e paz. Essa palavra revela que, assim como a carne se contrapõe ao espírito, o resultado de se pôr a mente na carne, que é morte, também se contrapõe ao resultado de se pôr a mente no espírito, que é vida e paz. Assim, o apóstolo nos diz aqui que morte não apenas é o oposto de vida, mas também o oposto de paz. Portanto, a sensação de morte é não apenas o oposto da sensação de vida, como também o oposto da sensação de paz. A sensação de vida nos faz sentir frescor, vivacidade, satisfação e vigor; a sensação de morte nos faz sentir o oposto disso: velhice, depressão, vazio e fraqueza. A sensação de paz nos faz sentir naturalidade, descanso, bem-estar e tranquilidade. A consciência de morte nos faz sentir exatamente o contrário: artificialidade, inquietação, desconforto e intranquilidade. Assim, sempre que nos sentimos interiormente desolados, deprimidos, vazios, secos, fracos e sem poder, em trevas e entorpecidos, inquietos, inseguros, desconfortáveis, sem harmonia, cheios de conflito, artificiais, tristes e amarrados, devemos saber que não estamos vivendo no espírito; antes, estamos vivendo no oposto ao espírito, que é a carne.

A carne sobre a qual o apóstolo fala aqui refere-se não apenas às concupiscências de nossa carne, mas também a todo o nosso velho homem. Tudo o que pertence ao nosso novo homem interior pertence ao espírito; igualmente, tudo que pertence ao nosso velho homem exterior pertence à carne. Tudo que não provém do espírito e não pertence ao espírito é da carne e pertence a ela. Embora a alma seja diferente da carne, mesmo assim, como a alma já havia caído e tornado-se cativa da carne, tudo que provém da alma ou pertence a ela

também é da carne e pertence à carne. Assim, se vivemos pela alma, vivemos pela carne. Quer ponhamos nossa mente na carne ou na alma, de qualquer maneira estaremos pondo a mente na carne. O resultado de se pôr a mente na carne é morte. Essa sensação de morte nos faz sentir deprimidos e vazios ou ansiosos e inseguros. Se tivermos tal consciência, saberemos que estamos pondo a mente na carne e que estamos vivendo na carne ou na alma. Tal sensação nos faz conhecer e reconhecer o oposto do espírito, que é a carne. Assim, conhecendo o oposto do espírito, podemos conhecer o próprio espírito.

Tudo o que fazemos, quer consideremos certo ou errado, espiritual ou não espiritual, se profundamente em nós nos sentimos inquietos, inseguros, vazios e deprimidos, será uma prova de que estamos andando na carne e não estamos vivendo no espírito. Mesmo ao orar e pregar, sem dizer outras coisas que não são boas, se nos sentimos vazios e deprimidos interiormente, insatisfeitos ou infelizes, isso é uma prova de que estamos orando ou pregando na carne e não no espírito. Muitas vezes, em nossa mente ou na carne (porque não é no espírito), oramos como se estivéssemos recitando um livro. Quanto mais oramos, mais secos e deprimidos nos sentimos, sem frescor e alegria. Depois de orar apenas nos sentimos vazios; não nos sentimos satisfeitos. Tal oração feita pela nossa cabeça faz com que nosso espírito seja incapaz de obter o suprimento de vida; antes, ela toca a sensação de morte. Embora o que oramos possa ter sido muito adequado, não foi no espírito; portanto, não pudemos tocar o regar e a alegria da vida e paz, mas sentimos apenas a secura e a depressão da morte. Muitas vezes, nossa pregação também é assim. Quando pregamos não segundo o espírito, mas segundo nossa cabeça, nos sentimos vazios e secos interiormente, ou sentimos morte; não nos sentimos satisfeitos ou regados e não temos a sensação de vida. Se estivéssemos no espírito, se tivéssemos falado pelo espírito, nos sentiríamos satisfeitos e descansados interiormente, o que significa que teríamos a sensação de vida e paz. Portanto, por essa sensação podemos saber se o que fazemos é na carne ou no espírito. Tal sensação pode nos fazer conhecer a carne e, conhecendo a carne, podemos conhecer o espírito.

A morte não apenas nos faz ter sentimentos de depressão, vazio, inquietação e infelicidade, mas também nos faz perder a sensação de vida. Tais sentimentos de morte são um aviso para nós, recomendando-nos que sejamos libertados da carne e vivamos no espírito. Se tivermos essa sensação de morte e continuarmos agindo e nos comportando pela vida da carne, depois de um tempo prolongado, a morte pode fazer com que nosso espírito perca a consciência e torne-se entorpecido. Se nosso espírito estiver entorpecido e sem consciência é porque vivemos pela carne durante um período tão longo que nosso espírito foi danificado pela carne. Assim, podemos e devemos saber como estamos tratando nosso espírito e se estamos ou não vivendo no espírito.

VII. CONHECER O ESPÍRITO PELA SENSACÃO DO ESPÍRITO

Todas as sensações sobre as quais falamos são produzidas pelo espírito da vida em nós; portanto, podemos dizer que elas são sensações do espírito. Se quisermos conhecer diretamente o espírito, será um tanto difícil, mas é comparativamente mais fácil conhecer o espírito mediante essas sensações do espírito. Não podemos apreender diretamente o que é o espírito de fato, mas mediante a sensação do espírito, não nos é difícil conhecê-lo. Se vivemos e andamos seguindo de perto a sensação do espírito, estaremos seguindo o espírito e pondo a mente no espírito. Se seguimos a naturalidade da lei do Espírito da vida, dermos atenção à sensação de vida e paz, atentarmos para os avisos dados a nós pela sensação de morte e vivermos nessas sensações, estaremos vivendo no espírito. Essas sensações são do espírito; portanto, elas podem nos fazer tocar o espírito e assim conhecê-lo.

CAPÍTULO OITO

A DIFERENÇA ENTRE ESPÍRITO E ALMA

Vimos a sensação do espírito e conhecer o espírito; agora veremos a diferença entre o espírito e a alma.

I. A SEPARAÇÃO ENTRE O ESPÍRITO E A ALMA

Os psicólogos analisam o homem e o dividem em duas partes: a metafísica e a física. A parte física refere-se ao corpo e a metafísica refere-se à psique, que a Bíblia chama de alma. Eles dizem que dentro do corpo do homem há apenas a psique, a alma. Mas a Bíblia nos diz que no interior do homem, além da alma, há o espírito. Primeira aos Tessalonicenses 5:23 não diz apenas “alma”, mas “espírito e alma”. Tanto que Hebreus 4:12 fala de se dividir a alma do espírito.

Se desejamos ter verdadeiro crescimento espiritual em vida, precisamos saber que espírito e alma são duas coisas diferentes e devemos ser capazes de discernir o que é o espírito e o que é a alma, o que é espiritual e o que é almatóico. Se pudermos discernir a diferença entre o espírito e a alma, poderemos, então, negar a alma, ser libertos dela, e viver pelo espírito diante de Deus.

A. Alma versus espírito

Primeira aos Coríntios 2:14-15 fala de dois tipos de homem: um é o homem almatóico (tradução mais adequada para “homem natural” segundo o texto original) e o outro é o homem espiritual. Isso nos mostra que o homem pode viver por meio de um destes dois: a alma ou o espírito, e pertencer a um deles. O homem pode viver pela alma e pertencer a ela, tornando-se um homem almatóico; ou pode viver pelo espírito e pertencer a ele, tornando-se um homem espiritual. Se o homem é espiritual,

ele pode discernir e receber as coisas do Espírito de Deus; contudo, se é alimático, ele não consegue receber essas coisas e tampouco conhecê-las. Isso deixa claro que a alma contrasta com o espírito. O espírito pode comunicar-se com Deus e discernir as coisas do Espírito de Deus. Para a alma, as coisas do Espírito de Deus são incoerentes e absurdas. O espírito tem prazer em apreciar e receber as coisas de Deus, mas a alma não é assim; ela não apenas não recebe essas coisas como também as considera tolices.

Na Bíblia, não apenas Romanos 8 nos mostra que a carne se opõe ao espírito, mas 1 Coríntios 2 nos mostra que a alma também se opõe ao espírito. Quando o homem vive pela carne, ele é da carne e não do espírito; igualmente, quando o homem vive pela alma, ele é da alma e não do espírito. Quando Romanos 8 fala da carne, enfatiza seu relacionamento com o pecado; portanto, todos que pecam são carnis. Mas a alma não está necessariamente relacionada diretamente com o pecado. Muitas vezes o homem pode não pecar e não ser carnal (aos próprios olhos), contudo ele ainda é alimático e não espiritual. (Rigorosamente falando, quando o homem é alimático, ele também é carnal, porque a alma do homem caiu sob o pecado. Mas quando falamos da alma em si mesma, há uma diferença entre ser da alma e ser da carne.) Assim, mesmo que não pequemos e tenhamos sido libertados do pecado, aos olhos do homem não somos carnis, mas isso não significa necessariamente que sejamos espirituais e não alimáticos; nem significa que certamente podemos entender as coisas do Espírito de Deus ou que possamos compreender, apreciar e receber as coisas de Deus. Frequentemente pensamos que se tão-somente pudessemos ser livres do pecado e parar de ter uma vida desregrada na carne, poderíamos ser espirituais, nos comunicar com Deus e entender as coisas do Espírito de Deus. Não, não é bem assim. É bem possível que, embora pareça que fomos libertados do pecado e não tenhamos uma vida desregrada na carne, ainda estejamos vivendo pela alma e não pelo espírito.

A salvação do Senhor nos liberta não apenas do pecado e da carne, mas também da alma. O propósito da salvação do Senhor não é apenas que não estejamos no pecado e na carne, mas que também não estejamos na alma, mas no espírito. Sua

salvação nos salva não apenas até o grau da moralidade, para nos tornar um homem moral, mas até o grau da espiritualidade para que nos tornemos um homem espiritual. Um homem de boa moral não é necessariamente espiritual; pelo contrário, é muito possível que seja um homem almático. Assim, um irmão pode ser muito moral e muito bom; mas quanto às coisas espirituais de Deus ele pode não ser iluminado, pode não desejar ou apreciar as coisas espirituais e pode não recebê-las, porque está vivendo pela alma e é almático.

B. A impotência da alma nas coisas espirituais

Primeira aos Coríntios 2:14 diz: “o homem *almático* não aceita as coisas do Espírito de Deus (...) e não é capaz de entendê-las.” Essas palavras expressam de maneira clara e definitiva a condição da alma com relação às coisas do Espírito de Deus. Ela “não aceita” as coisas do Espírito de Deus e “não é capaz de entendê-las”. A alma não deseja as coisas do Espírito de Deus, nem pode aceitá-las; mesmo que queira aceitá-las, ela não pode, porque não pode conhecê-las ou entendê-las. A natureza da alma não tem harmonia com as coisas do Espírito de Deus; portanto, ela não quer nem aceita as coisas de Deus. Além disso, ela também não tem capacidade de conhecer as coisas de Deus. Portanto, quanto às coisas do Espírito de Deus, um homem que vive pela alma não tem sentimento, interesse, nem desejo de entendê-las; tampouco ele busca essas coisas, nem as aceita ou entende. Por essa razão, Deus precisa nos livrar da alma para que não vivamos por ela; então, Ele pode nos fazer amar, entender e aceitar as coisas do Seu Espírito.

Precisamos ter clareza a respeito da impotência da alma nas coisas espirituais e considerá-la como algo importante. A alma não aceita as coisas do Espírito de Deus nem pode entendê-las. Um irmão que vive pela alma pode ser muito bom, bem comportado e virtuoso, mas determinantemente não pode conhecer as coisas espirituais e pode até mesmo nem ter sede delas. Já encontrei muitos irmãos e irmãs assim. São muito cuidadosos em sua conduta, e seu comportamento pode ser considerado irrepreensível, mas quanto às coisas espirituais eles têm um bloqueio mental e não conseguem vê-las. Eles avaliam a si mesmos e aos outros pelo padrão de moralidade humana, do

bem e do mal, do certo e errado e, em tudo são carentes da consciência e discernimento do Espírito de Deus. Pode ser que tenham clareza em sua mente e sejam fortes intelectualmente, mas não são iluminados em seu espírito e a consciência de seu espírito é insensível. Você pode dizer que eles são *bons* cristãos, mas não pode dizer que sejam cristãos *espirituais*. Quanto à conduta, eles são realmente bons. Eles sabem como se comportar e como cuidar das coisas; são inteligentes e alertas, diligentes e meticolosos. Mas, assim que tocam as coisas do Espírito de Deus, eles se perdem. É como se eles fossem de madeira ou de pedra, sem a faculdade da consciência ou do entendimento. Além disso, em relação às coisas espirituais, eles frequentemente são frios em seu coração; eles não apenas são lentos em compreender, também são preguiçosos em buscar.

Portanto, bons cristãos não são necessariamente cristãos espirituais. Cristãos espirituais não são meramente bons em seu comportamento; eles vivem no espírito, têm a sensação do espírito, o entendimento espiritual das coisas, conhecem interiormente o caminho de Deus e são competentes nas coisas espirituais. Bondade e espiritualidade são coisas muito diferentes. Muitos irmãos e irmãs são bons, mas não são espirituais; eles são bons, mas não vivem no espírito. Você encontra bondade neles, mas não encontra o espírito. Você vê as virtudes do homem neles, mas não sente o aroma de Deus. Sob determinado ponto de vista, eles não parecem estar na carne, contudo, eles estão definitivamente na alma. Embora não deixem que a carne reine, eles também não vivem no espírito; embora não aprovelem as coisas pecaminosas, eles também não têm sede das coisas espirituais; embora não pequem segundo a carne, eles vivem pelo ego, que é a alma. A alma é a fonte e também o meio de seu viver. Eles são pessoas almativas, vivendo na alma e pela alma; portanto, eles não desejam as coisas espirituais e tampouco as entendem.

C. O conteúdo da alma

A alma é nossa personalidade individual, nosso ego; portanto, a alma é nosso eu. O que está incluído na alma, analiticamente falando, é a mente, a emoção e a vontade, essas três

partes. A mente é o órgão para o homem pensar. É o que normalmente chamamos de cérebro. (Fisiologicamente é o cérebro e psicologicamente é a mente.) É a principal parte da alma. Pensar, meditar, considerar e memorizar são funções da mente na alma. O homem, após a queda, especialmente o homem de hoje, vive intensamente na mente e é dirigido pelos pensamentos da mente. O homem se comporta assim como ele pensa. A ação do homem está sempre ligada aos seus pensamentos. Dificilmente há alguém que não viva em seus pensamentos. Assim, hoje, não importa quem ou o que estamos considerando, temos de começar com o pensamento do homem a fim de ganhar sua mente. Hoje em dia há tantas teorias, escolas e métodos educacionais e todos têm um único objetivo: lidar com o pensamento do homem a fim de ganhar sua mente. Se conseguir ganhar a mente do homem pelo pensamento dele, você poderá ganhá-lo, porque o homem vive na mente, que é o cérebro, e é dirigido pelo pensamento da mente.

A emoção na alma é o órgão do amor, ira, tristeza e alegria do homem. O homem ama, detesta, se alegra, lamenta e fica empolgado ou deprimido – essas são funções da emoção na alma do homem. Há muitas pessoas que são emocionais. Elas são muito ricas em emoções e são facilmente excitáveis. Elas frequentemente lidam com as coisas mediante suas emoções. Quando você discute racionalmente com elas, normalmente é difícil chegar a algum ponto; mas você pode facilmente estimular sua emoção. Elas não são facilmente persuadidas na mente, mas são facilmente movidas em sua emoção.

A vontade na alma é o órgão de decisão do homem. O homem decide, determina, julga, escolhe, recebe e recusa – essas são funções da vontade da alma do homem. Algumas pessoas estão na mente, outras na emoção e outras ainda na vontade. Assim como os que estão na mente ou na emoção vivem em sua mente ou emoção, os que estão na vontade também vivem em sua vontade. Assim como a mente ou a emoção, respectivamente, é a parte mais forte daqueles que estão nelas, o mesmo ocorre com a vontade. Aquele que está na vontade, definitivamente é muito forte em suas decisões. Uma vez que ele tomou uma decisão, você não tem como dissuadi-lo. Você pode discutir com ele, mas ele não se importa com seus argumentos; você

pode apelar com emoção, mas ele não leva em consideração. Ele é alguém que age por sua vontade e está nela.

Aquele que é controlado pela alma vive nestas três partes: mente, emoção e vontade. Elas estão presentes no homem ao mesmo tempo. Todo homem tem pensamentos, emoções e vontades. Contudo, alguns estão mais na mente, outros são ricos de emoções e outros têm vontade forte.

Alguns raciocinam com muita clareza. Por mais que você tente, é impossível estimular sua emoção. Se quiser vencê-los você tem de usar a razão. Eles vivem na mente, ou seja, no cérebro: são os intelectuais.

Outros são especialmente emotivos. Parece que eles não têm cérebro e não pensam, mas têm apenas emoção. Essas pessoas frequentemente confundem as coisas por causa de sua emoção. Se você discute com elas, elas normalmente não se importam nem entendem e não são tocadas em seu coração. Se você lida com elas com a emoção, é muito fácil tocar seu interior. Mil ou dez mil argumentos não são tão poderosos para com elas como uma ou duas lágrimas. Às vezes, por mais que argumente, você não consegue convencê-las; mas se você derrama algumas lágrimas, você pode persuadi-las. Elas importam-se apenas com a emoção e não com a razão. Isso é porque elas não estão no intelecto, mas na emoção.

A vontade de alguns é particularmente forte. Em tudo eles têm alguma proposta ou ideia. E, uma vez que tenham tomado uma decisão, eles são muito firmes e não são facilmente dissuadidos. Tais pessoas normalmente são muito estáveis e obstinadas, não se importando com a emoção nem com a razão. Em tudo, por meio da vontade obstinada, eles concebem ideias e estabelecem políticas. Você discute com eles, mas eles não compreendem. Você usa a emoção com eles, mas eles não são tocados. Eles não estão nem no intelecto nem na emoção, mas na vontade.

II. O HOMEM ALMÁTICO E O HOMEM ESPIRITUAL

A. O homem almático

Não importa se o homem está na mente, na emoção ou na vontade; ele é almático. Não importa se vive na mente, na

emoção ou na vontade, ele vive na alma. Não importa se vive pela mente, pela emoção ou pela vontade, ele vive pela alma. Portanto, é muito fácil julgarmos se um homem é almático. Basta vermos se ele age ou não pela mente, emoção ou vontade, e se ele vive ou não na mente, emoção ou vontade. Uma vez que ele aja e se comporte por uma dessas três, ou uma vez que ele viva por meio de uma dessas três, ele é um homem almático.

Um homem almático é o que se chama normalmente de “homem bom”. Normalmente ele é irrepreensível aos olhos dos homens. Pessoas com raciocínio claro sempre despertam a admiração dos outros. Pessoas com emoção moderada sempre ganham a aprovação dos outros. Pessoas com uma vontade firme frequentemente também têm o elogio dos outros. Mas, quando o homem vive nessas coisas, mesmo que não esteja vivendo em pecado, ele também não está vivendo no espírito. Embora, diante dos homens, ele parece não ter pecado nem falhas, diante de Deus seu espírito está obstruído e seu entendimento espiritual, entorpecido.

Certa vez, em determinado lugar, encontrei um cooperador cuja conduta era realmente boa, mas ele vivia muito na mente, ou no cérebro; portanto, era-lhe difícil entender ou compreender as coisas espirituais. Sempre que eu falava com ele sobre assuntos relacionados ao serviço a Deus, eu temia que seus olhos fossem virar. Quando eu falava, ele ouvia até quase compreender, então seus olhos viravam e ele ficava confuso novamente. Quando seus olhos viravam, significava que sua mente estava pensando. Ele usava apenas sua mente para considerar; não usava seu espírito para sentir as coisas de Deus. Portanto, era-lhe extremamente difícil entender e sentir as coisas espirituais.

Frequentemente, pensar é a dificuldade e empecilho dos irmãos nas coisas espirituais. Muitos irmãos frequentemente usam o pensamento para lidar com coisas espirituais. Acreditam que podem entender as coisas espirituais exercitando sua mente. Não sabem que a mente, sendo uma parte da alma, não pode entender o espírito. Um homem que vive na mente, vive na alma, e certamente torna-se um homem almático, sem capacidade para entender as coisas espirituais.

Assim como a mente é a dificuldade dos irmãos em coisas espirituais, a emoção normalmente é o que atrapalha as irmãs. A razão de muitas irmãs não compreenderem ou sentirem as coisas espirituais é que elas estão muito em suas emoções. Nas igrejas, em diversos lugares, tenho visto boas irmãs que têm entusiasmo e amor, que são cuidadosas em seu comportamento e cuja conduta é sóbria; mas no que se refere às coisas espirituais, elas são carentes de percepção e dificilmente conseguem aprendê-las. Isso ocorre porque elas vivem demasiadamente em suas emoções e agem muito por suas emoções. Aparentemente, a emoção não é pecado, mas ela as impede de viver no espírito, de tocar as coisas de Deus com seu espírito, de ter alguma sensação espiritual e de entender as coisas espirituais. A emoção é uma armadilha; ela as mantém na esfera da alma, vivendo pela alma e sendo uma pessoa alímica.

Para muitos irmãos, a vontade também é uma dificuldade e estorvo quanto ao seu entendimento das coisas espirituais. Também algumas irmãs têm esse problema. Eles julgam e decidem as coisas estando muito em sua vontade; dessa maneira, inconscientemente, eles vivem na alma, não tendo sensações espirituais ou entendimento das coisas espirituais.

Seja qual for a parte da alma em que uma pessoa está, ela facilmente agirá e viverá por meio daquela parte. Sempre que alguém que está na mente encontra algo, ele naturalmente irá pensar naquilo repetidamente, considerando essa coisa sob vários aspectos. Aquele que está na emoção, inconscientemente dará muita atenção à emoção ao lidar com os outros e ao tratar com as coisas. Aquele que tem uma vontade forte, muito facilmente se apoia em sua vontade ao lidar com pessoas e coisas, tomando decisões firmes e inflexíveis. Qualquer que seja a parte da alma em que a pessoa viva tranquila e naturalmente, ela decididamente pertence àquela parte. Se você vê uma pessoa que pensa, considera, pondera e mede todas as coisas de maneira muito natural, pode ter certeza de que ela deve ser alguém que age pelo intelecto; portanto, ela é alguém que está na mente. Se alguém fica facilmente afetado ao enfrentar as situações, se sorri ou chora facilmente, se, em um momento está alegre e, no outro, está deprimida, você

sabe que ela deve ser alguém que transborda de emoção sendo muito emotiva. Se todas as vezes que enfrenta algo, você planeja, decide sem esforço algum e sua vontade vem atuar e funcionar sem qualquer esforço de sua parte, sem dúvida você é alguém de vontade forte e que está na esfera da vontade. A parte da alma que for forte ou abundante em uma pessoa, será sempre a parte que tomará a dianteira quando ela encontra algo para lidar. A parte da alma de uma pessoa que lidera ao lidar com as coisas, é uma prova de que a pessoa está nessa parte específica, e também é uma prova de que essa pessoa é almática.

B. O homem espiritual

Se pudermos reconhecer uma pessoa almática, não será difícil reconhecer uma pessoa espiritual. Uma vez que a pessoa almática vive pela mente, emoção ou vontade, a pessoa espiritual deve ser alguém que não vive por meio dessas faculdades. Como a pessoa almática vive pela alma e não pelo espírito, a pessoa espiritual deve viver no espírito e não na alma. Embora as pessoas espirituais também tenham alma, e embora a mente, emoção e vontade na alma delas possa ser forte e mais abundante do que nas pessoas almáticas em geral, elas, contudo, não vivem por meio desses órgãos da alma, nem vivem neles. Elas vivem pelo espírito e no espírito, e permitem que ele seja o senhor e a fonte de todas as suas ações e comportamentos. O espírito nelas tem a preeminência; ele é a fonte do seu comportamento e ponto de partida de sua ação. A alma nelas está em posição de submissão. Embora a mente, emoção e vontade em sua alma também funcionem, as três estão sujeitas ao governo do espírito e são dirigidas por ele. Embora usem sua mente, emoção ou vontade, elas sempre seguem a sensação do espírito ao usar esses órgãos da alma. Elas não são como as pessoas almáticas, que deixam a alma governar todas as coisas, que permitem que a mente, emoção ou vontade da alma estejam à frente para liderar e funcionar. Elas negam a preeminência à alma e recusam a liderança da mente, da emoção ou da vontade. Assim, elas permitem que o espírito tenha o senhorio; permitem que o espírito dirija todo seu ser, para que sigam a sensação do espírito. Sempre que

encontram algo, elas não usam primeiramente a sua mente, emoção ou vontade da alma para contatar e lidar com isso; antes, elas usam primeiramente seu espírito para tocar e sentir, buscando primeiro no espírito o sentimento do Senhor a esse respeito. Após terem tocado o sentimento do Senhor em seu espírito, elas usam a mente para entender esse sentimento no espírito, a emoção para expressá-lo e a vontade para realizá-lo. Embora usem os órgãos da alma, elas não são almáticas, e não vivem pela vida da alma. Elas são espirituais, vivendo pela vida do espírito, sendo a alma apenas um órgão para o seu uso.

III. UMA CONDIÇÃO ANORMAL

Vimos que o homem caído, por estar morto no espírito, somente pode viver pela alma. Mas nós que somos salvos e temos o espírito vivificado, podemos viver pelo espírito. Além disso, Deus nos salva para que possamos voltar ao espírito e viver por ele. A queda do homem fez com que ele caísse do espírito para a alma, de maneira que o homem não vive mais pelo espírito, mas pela alma. A salvação de Deus salva o homem da alma para o espírito, para que ele não viva pela alma, mas pelo espírito. Contudo, muitos salvos ainda não vivem assim. Alguns permanecem na alma e vivem por meio dela porque não conhecem a diferença entre espírito e alma nem os assuntos que isso envolve. Além disso, eles não sabem que Deus deseja que eles sejam salvos da alma e vivam no espírito. Embora haja alguns que sabem que seu espírito foi vivificado, que ele é diferente da alma, e que Deus deseja que eles vivam em seu espírito, eles continuam na alma e vivem por meio da alma. Isso ocorre porque eles estão acostumados a viver pela alma e não pelo espírito, e porque eles não consideram viver no espírito algo importante. Aqueles que não conhecem a diferença entre espírito e alma, e não sabem que Deus deseja que eles sejam libertados da alma e vivam no espírito, acham que viver na mente, emoção e vontade é adequado e necessário, e que se tão somente forem cuidadosos e não cometerem erros, tudo estará bem com eles. Mas eles não sabem que, para os cristãos, isso é muito pobre!

Deus não pretende nos libertar meramente das falhas para um estado de perfeição; Ele quer nos libertar ainda mais, da alma para o espírito. Ele deseja que vivamos não apenas uma vida irrepreensível, mas que vivamos uma vida espiritual, uma vida espiritualmente irrepreensível. Ele quer que vivamos uma vida irrepreensível não por meio da alma, mas pelo espírito. Contudo, por causa de sua ignorância, muitos cristãos ainda vivem por meio da alma e se esforçam por ser irrepreensíveis por meio de sua vida da alma. Embora seu espírito já tenha sido vivificado, eles não sabem que deveriam usá-lo e viver por meio dele. Eles querem tornar-se homens perfeitos por si mesmos, vivendo uma vida satisfatória apenas pelo poder da alma. Sua maneira de ver e julgar as coisas e seu amor e inclinações estão na alma, não no espírito. Embora sejam cristãos bem comportados, e sua conduta e comportamento sejam irrepreensíveis, eles continuam vivendo na alma e não no espírito. Presumindo que seus pensamentos sejam puros, suas emoções equilibradas e suas decisões precisas, eles ainda são almatícos e não espirituais. Sua condição como cristãos é considerada anormal. Eles estão vivendo uma vida cristã anormal. Mesmo que tenham sucesso, eles podem satisfazer apenas a si mesmos. E, às vezes, alguns estão realmente satisfeitos com seu sucesso (um sucesso realmente duvidoso); mas não podem agradar a Deus, pois Deus deseja que o homem seja liberto da alma e viva por meio do espírito.

Os que têm algum conhecimento a respeito da diferença entre espírito e alma e do desejo de Deus para que sejamos libertados da alma e vivamos no espírito, mas ainda estão vivendo em sua alma, também estão vivendo uma vida cristã anormal. Embora saibam que seu espírito já foi vivificado, não vivem por meio dele. Embora saibam que Deus deseja que eles sejam libertados da alma e vivam pelo espírito, eles ainda permanecem na alma e vivem por meio dela. Embora saibam que o homem deve contatar Deus em espírito, eles ainda usam a alma para tocar as coisas de Deus. Eles sabem que têm um espírito, mas não usam-no; sabem que deveriam viver pelo espírito, mas não vivem. Achem conveniente usar a mente, emoção ou vontade da alma e não estão acostumados a usar o espírito; por isso são negligentes em viver pelo espírito.

Sempre que algo acontece, eles sempre usam primeiramente a mente, emoção ou vontade para lidar com isso. Não usam primeiramente seu espírito para lidar com a situação. Quando muito, eles podem ser apenas cristãos bons e irrepreensíveis (o que é realmente duvidoso); mas não podem ser cristãos espirituais. Podem apenas satisfazer a si mesmos; não podem satisfazer a Deus. Podem apenas ser apreciados pelo homem, não podem receber louvor da parte de Deus. Eles ainda precisam da libertação que vem de Deus – não libertação do pecado, mas libertação da alma; não libertação da carne imunda condenada pelo homem, mas libertação da alma limpa apreciada pelo homem. Caso contrário, ainda serão estranhos e alheios às coisas do Espírito de Deus.

IV. A MANEIRA DE LIBERTAR-SE DA ALMA

Como podemos ser libertados da alma? Isso exige revelação sob dois pontos de vista: um a respeito da alma e outro a respeito da cruz. Temos de ver que a alma é impotente nas coisas de Deus e inútil nas coisas espirituais. A despeito de quão excelente e forte seja qualquer parte de nossa alma, ela ainda não pode compreender as coisas de Deus nem entender as coisas espirituais. Não importa quão limpa seja nossa mente, quão equilibrada nossa emoção e quão adequada nossa vontade, essas coisas nunca podem nos tornar espirituais. Precisamos ver também que nossa alma e todas as coisas que pertencem a ela já foram crucificadas na cruz de Cristo. Em Gálatas 2:20, quando o apóstolo diz: “Estou crucificado com Cristo”, ele está referindo-se à alma. A alma, segundo a avaliação de Deus, merece apenas a morte. E nossa alma já foi tratada por Deus mediante a cruz de Cristo. Portanto, não devemos valorizar as coisas da nossa alma; antes, devemos admitir apenas que nossa alma morra, que ela merece a morte e que já está morta. Tal revelação e visão pode nos capacitar a condenar a alma, negá-la, proibi-la de tomar a liderança em todas as coisas e nunca dar lugar a ela. Por meio do Espírito Santo levamos a alma à morte; permitimos que o Espírito Santo leve a vida da alma à morte e trate com a atividade da alma por meio da cruz.

Temos de ver quão impotente é nossa alma diante de Deus, como ela não consegue entender as coisas de Deus e não pode agradar a Deus. Precisamos também ver a avaliação que Deus faz da alma e como Ele lida com ela. Somente então poderemos negar a alma, rejeitá-la e ser libertados dela. Portanto, devemos pedir ao Senhor que nos faça ver não apenas a importância da alma, mas também do efeito da cruz sobre ela; assim, aprenderemos em todas as coisas a rejeitar a alma e a não viver por meio dela. Aquele que está na mente deve rejeitar seu intelecto em todas as coisas espirituais; deve pôr de lado completamente funções como o pensar e o considerar, e voltar para o espírito, usando o espírito para sentir a consciência de Deus. Quando lê a Bíblia, ora ou fala sobre as coisas espirituais, ele deve recusar seu pensamento, imaginação, teorias e pesquisas, mas deve seguir de perto a sensação em seu espírito e mover-se em comunhão com Deus. Aquele que é cheio de emoção, deve rejeitá-la em tudo; não deve permitir que sua emoção lidere e governe, mas deve deixar o Espírito Santo lidar com ela; assim, ele poderá sentir a vontade de Deus no espírito. Ele deveria temer sua emoção assim como teme o pecado e, em temor e tremor, viver no espírito. Não sendo dirigido ou influenciado por sua emoção. Aquele que está na vontade deve vê-la como inimiga de Deus nas coisas de Deus, como oponente do espírito. Assim, ele condenará, rejeitará e negará sua vontade. Ele deve permitir que o Espírito Santo quebre sua vontade por meio da cruz, de maneira que ele não viva diante de Deus por sua vontade firme e forte, mas pela consciência em seu espírito.

Seja qual for a parte da alma em que estamos, devemos condená-la e rejeitá-la. Seja nossa mente, emoção ou vontade, todas devem ser quebradas e tratadas. Em todas as coisas de Deus, devemos rejeitar a liderança da mente, da emoção e da vontade. Antes, devemos deixar o espírito ocupar o primeiro lugar e governar, dirigir e usar nossa mente, emoção e vontade. Dessa maneira, podemos ser libertados da alma. Então, por um lado, podemos empregar os órgãos da alma por meio do nosso espírito e, por outro, não viveremos por meio da alma; assim, não seremos alimáticos, mas espirituais.

CAPÍTULO NOVE

TRÊS VIDAS E QUATRO LEIS

Agora vamos ver o nono ponto principal no conhecimento de vida: as três vidas e as quatro leis. Trata-se de uma verdade de extrema importância na Bíblia. Se desejamos conhecer claramente a condição de nossa vida espiritual interior, ou se desejamos ter uma vida vencedora, livre dos pecados, é preciso um entendimento completo dessa verdade básica.

I. TRÊS VIDAS

A. A definição das três vidas

As três vidas das quais falamos aqui são as três vidas que estão dentro de uma pessoa salva: a vida humana, a vida de Satanás e a vida de Deus.

Normalmente, os homens pensam que há apenas uma vida no homem, ou seja, a vida humana que receberam de seus pais. Mas a Bíblia mostra que, devido à queda do homem, além da vida humana, também há no homem a vida de Satanás. Portanto, Romanos 7:18, 20 dizem que no homem, isto é, na carne do homem, também habita o Pecado. Pecado, aqui, refere-se à vida de Satanás. Essa carne que contém a vida de Satanás, de acordo com Gálatas 5:17, permanece no interior do homem depois que ele é salvo, e frequentemente luta contra o Espírito. Portanto, depois que a pessoa é salva, ela ainda tem a vida de Satanás nela.

Além disso, João 3:36 diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”. Primeira de João 5:12 também diz: “Aquele que tem o Filho tem a vida”, ou seja, a vida de Deus. Isso mostra que quem crê no Filho de Deus e é salvo tem não apenas sua vida

humana original e a vida de Satanás, mas também a vida eterna de Deus.

B. A origem das três vidas

A Bíblia diz que quando Deus criou Adão, Ele soprou em suas narinas o sopro de vida; assim, Adão obteve a vida humana criada. Então, Deus pôs o homem no Jardim do Éden, diante de duas árvores: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. De acordo com as revelações dadas a seguir na Bíblia, a árvore da vida significa Deus, a árvore do conhecimento do bem e do mal significa Satanás e Adão representa a humanidade. Portanto, aquele dia no Jardim do Éden – isto é, no universo – ocorreu uma situação que envolvia três partidos: o homem, Deus e Satanás.

Satanás é o oponente de Deus e o foco de sua luta com Deus é o homem. Tanto Satanás quanto Deus queriam o homem. Deus queria o homem para o cumprimento de Sua vontade, ao passo que Satanás queria o homem para o cumprimento de seu desejo maligno. O método de Satanás e de Deus para ganhar o homem foi mediante a vida. A intenção de Deus era que o homem comesse o fruto da árvore da vida e, assim, obtivesse Sua vida incriada e fosse unido a Ele. Contudo, Satanás seduziu o homem a comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, fazendo assim com que o homem obtivesse sua vida caída e se misturasse com ele.

Um dia, Adão, enganado por Satanás, comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Dessa maneira, a vida de Satanás entrou no homem, corrompendo-o. Assim, além de sua vida criada original, o homem também obteve a vida caída de Satanás.

Na época do Novo Testamento, Deus pôs Sua vida em Seu Filho a fim de ser manifestado entre os homens, para que, crendo em Seu Filho e recebendo-O, muitos pudessem obter Sua vida. Assim, além da nossa vida criada original e da vida de Satanás obtida por meio da queda, nós também obtivemos a vida de Deus.

Portanto, as três vidas que estão em nós que fomos salvos foram obtidas mediante a criação, a queda e a salvação, respectivamente. Vinda da mão criadora de Deus, obtivemos a

vida humana criada. Passando por Adão, nos tornamos caídos e obtivemos a vida caída de Satanás. Ao entrar Cristo, fomos salvos e obtivemos a vida incriada de Deus.

C. A localização das três vidas

De acordo com revelações bíblicas, as três vidas diferentes do homem, Satanás e Deus entraram respectivamente na alma, no corpo e no espírito humano – as três partes do homem. Quando Deus formou o homem do pó da terra, Ele soprou nele o fôlego de vida “e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7). Isso significa que a vida humana obtida mediante a criação está na alma do homem. Quando o homem foi seduzido por Satanás e caiu, ele ingeriu em seu corpo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que representa Satanás. Portanto, a vida de Satanás obtida pelo homem mediante a queda está no corpo humano. Quando o homem recebe o Senhor Jesus como Salvador e é salvo, o Espírito de Deus, trazendo consigo a vida de Deus, entra no espírito humano. Portanto, a vida de Deus obtida pelo homem mediante a salvação está no espírito humano. Assim, uma pessoa salva tem a vida de Deus em seu espírito, a vida humana em sua alma e a vida de Satanás em seu corpo.

Para entender mais claramente as três partes onde estão localizadas as três vidas, precisamos usar algum tempo para examinar a percepção dessas três partes. O corpo, nossa parte exterior, física, é visível e tocável; ele inclui todos os membros do nosso corpo e tem cinco sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – para contatar o mundo físico. Portanto, a percepção do corpo é chamada de sensação física.

O espírito, nossa parte mais interior e profunda, inclui a consciência, a intuição e a comunhão. A consciência é o órgão para discernir o certo do errado; e, segundo o princípio do certo e errado, ela nos faz sentir aquilo que é certo e aceitável aos olhos de Deus e o que é errado e rejeitado aos olhos de Deus. A intuição nos capacita a sentir diretamente a vontade de Deus, sem a necessidade de algo para intermediar. A comunhão nos capacita a nos comunicar e ter comunhão com Deus. Embora seja a parte da comunhão que nos faz contatar Deus, a consciência e a intuição nos fazem sentir Deus e as coisas espirituais,

ou seja, contatar o mundo espiritual. A sensação dessas duas partes é a sensação no espírito; portanto ela é chamada de sensação espiritual ou sensação de Deus.

A alma, que está situada entre o espírito e o corpo, é nossa parte psicológica, interior, e inclui a mente, a emoção e a vontade. A mente é o órgão para pensar e refletir; e emoção é o órgão do prazer, da ira, da tristeza e da alegria; e a vontade é o órgão para formular opiniões e tomar decisões. Embora a alma seja formada por três partes, apenas duas (a mente e a emoção) tem um estado consciente. A sensação da mente é baseada na racionalização, enquanto a sensação da emoção é baseada em gostos e aversões. As duas sensações em nossa alma nos capacitam a sentir a parte psicológica do homem, ou seja, o ego, e a contatar o mundo psicológico; portanto, são chamados de órgãos psicológicos ou sensações autoconscientes.¹

D. A natureza e condição das três vidas

Como cada uma das três vidas que obtivemos tem sua origem própria e habita separadamente em uma das três partes do nosso ser, a natureza dessas três vidas e suas respectivas condições em nós também devem ser diferentes e bem complicadas. Imediatamente após o homem ter sido criado pelas mãos de Deus, aos olhos de Deus ele era “muito bom” (Gn 1:31) e “reto” (Ec 7:29). Portanto, a vida criada do homem era originalmente boa e reta; não apenas não tinha pecado, mas tampouco tinha conhecimento do pecado e consciência de vergonha; ela era inocente e simples.²

¹ Normalmente, quando dizemos o “consciente do homem” ou “percepção” referimo-nos à sensação de gostos e aversões existentes na emoção, que é parte da alma. Embora essa sensação possa ser afetada pela mente, pelos cinco sentidos físicos e pela consciência, que é parte do espírito e até mesmo ligeiramente pela intuição do espírito, como no caso de um homem espiritual, ainda assim, essa sensação é constituída principalmente das sensações de gostos e aversões da emoção.

²Após a queda, Deus fez o homem ter a sensação de vergonha. Essa sensação tem dupla função: por um lado, prova que temos pecado e, por outro, nos impede de cometer pecado livremente. Se alguém não tiver esse senso de vergonha, será capaz de cometer pecado à vontade. Quanto mais senso de vergonha tiver, mais a pessoa é guardada de cometer pecados. Há um ditado que diz que as mulheres não devem ser desavergonhadas. Uma pessoa sem senso de vergonha certamente é alguém de baixo nível.

Após Adão ter pecado e caído, o homem não apenas ofendeu a Deus em comportamento, que resultou numa situação pecaminosa, mas, pior que isso, ele foi envenenado por Satanás em vida, o que fez com que sua vida se tornasse contaminada e corrupta. Por exemplo: Suponha que eu instrua meus filhos em casa a não brincarem com o apagador da lousa. Depois que saio de casa, devido à curiosidade deles, eles brincam com o apagador; e, quando volto, descubro que eles agiram errado. Essa ação errada é simplesmente uma violação de uma regra familiar; nada entrou neles. Suponha que, da próxima vez eu deixe uma garrafa com um remédio tóxico em casa e diga às crianças: “Nunca bebam isso”. Quando saio de casa, eles acham que a garrafa é interessante para brincar e bebem o remédio tóxico. Nesse momento, eles não apenas desobedeceram minhas ordens e violaram uma regra familiar, mas, o que é pior, algo venenoso entrou neles. Foi isso que aconteceu quando Adão comeu o fruto da árvore do conhecimento naquele dia. Ele não apenas desobedeceu à proibição de Deus como também tomou a vida de Satanás em seu interior. Dali por diante, o homem tornou-se interiormente complicado; ele não apenas tinha a vida humana original, reta e boa, mas também a vida maligna e corrupta de Satanás.

A vida de Satanás, cheia de todo tipo de pecados, contém a semente de toda corrupção e fatores malignos. Satanás vive no interior do homem e faz com que ele tenha desejos (Jo 8:44) e cometa pecados (1Jo 3:8). Portanto, sua vida é a raiz dos pecados, que faz com que o homem manifeste o pecado. Os diversos pecados cometidos pelo homem são derivados da vida de Satanás ou da vida do diabo em seu interior. Desde que essa vida diabólica entrou no homem, embora algumas vezes ele ainda seja capaz de expressar um pouco a bondade humana segundo sua vida humana, ele manifesta as coisas malignas diabólicas a maioria do tempo, segundo a vida diabólica. Algumas vezes o homem pode ser muito gentil; ele pode agir de fato como um homem e exalar o aroma de um homem verdadeiro. Mas, em outras ocasiões, quando perde a paciência, ele é realmente como um diabo e cheio do cheiro do diabo. Quando o homem se entrega à embriaguez e à farra, visitando prostitutas, jogando e cometendo diversos pecados, ele tem

uma aparência diabólica e é cheio do cheiro diabólico. Não depende da vontade própria do homem manifestar a vida diabólica; antes, é a vida do diabo nele que o ilude e o faz tornar-se um homem diabólico e ter uma vida que é uma mistura de homem e diabo.

Essa é a verdadeira condição interior das pessoas do mundo hoje. Devido ao fato de o homem ter as vidas humana e de Satanás, uma natureza boa e outra maligna, ele tem o desejo, por um lado, de fazer o bem e ser reto e, por outro, tem uma inclinação para a corrupção e o mal. Portanto, através das gerações, os filósofos envolveram-se em estudos da natureza humana e defenderam duas escolas de pensamento diferentes: uma diz que o homem é bom por natureza, e a outra, diz que o homem é maligno. Na verdade, temos as duas naturezas em nós, porque temos tanto a vida do bem como a vida do mal.

Mas, graças ao Senhor, hoje nós que somos salvos temos não apenas a vida do homem e do diabo, mas também a vida de Deus. Assim como Satanás, mediante sua corrupção, injetou sua vida em nós e fez com que fôssemos unidos a ele, ganhos por ele e possuídos por todas as coisas malignas de sua natureza, Deus também, mediante Sua libertação, pôe Sua vida em nós e faz com que sejamos unidos a Ele, ganhos por Ele e possuídos por todas as bondades divinas de Sua natureza. Portanto, assim como o ponto crucial da queda foi vida, o ponto crucial da salvação também é vida. Quando vamos à mesa do Senhor, primeiro partimos o pão da vida, então tomamos o cálice da remissão. Isso significa que quando experimentamos a salvação do Senhor, embora tenhamos primeiramente recebido o sangue e depois a vida, em Sua salvação a principal figura é o pão, que significa vida. O cálice, que significa o sangue, é secundário. Portanto, primeiro tomamos o pão e, depois, o cálice.

Quando a vida de Deus entra em nós, nos tornamos, interiormente, mais complicados do que as pessoas do mundo. Temos a vida humana reta, a vida maligna de Satanás e a vida divinamente boa de Deus. Isso significa que temos o homem, Satanás e Deus. A situação tripartida do homem, Deus e Satanás, que existia naquele dia no Jardim do Éden também existe hoje em nós. Podemos dizer que nosso interior é uma

miniatura do Jardim do Éden, com o homem, Deus e Satanás ali. Portanto, a luta de Satanás com Deus pelo homem no Jardim do Éden também está ocorrendo em nós hoje. Satanás move-se em nós hoje, desejando que cooperemos com ele para que ele cumpra sua intenção maligna de nos possuir; Deus também se move em nós, desejando que cooperemos com Ele a fim de cumprir Seu bom propósito. Se vivermos segundo a vida de Satanás em nós, manifestaremos as coisas malignas de Satanás e o capacitaremos a realizar sua intenção maligna sobre nós. Se vivermos segundo a vida de Deus em nós, expressaremos a bondade divina de Deus e, assim, O capacitaremos a cumprir Seu bom prazer em nós. Embora às vezes pareça que podemos ser independentes e não viver segundo a vida de Satanás nem segundo a vida de Deus, mas apenas segundo a vida humana, na verdade, não podemos ser independentes; vivemos segundo a vida de Deus ou segundo a vida de Satanás.

Conseqüentemente, um cristão pode agir como três tipos de pessoas e viver três tipos de vidas. Um irmão que é muito amável pela manhã realmente parece um homem; ao meio-dia, quando fica irado com sua esposa, ele se parece com um demônio; e à noite, quando está orando e sente que agiu mal com sua esposa e confessa diante de Deus e de sua esposa, ele se parece com Deus. Assim, em um único dia ele age como três pessoas diferentes, expressando três condições diferentes. Pela manhã, ele é amável como um homem, ao meio-dia, ele perde a paciência como um demônio, e à noite, após lidar com o pecado, ele expressa a semelhança de Deus. Em um mesmo dia, o homem, o diabo e Deus são manifestados em seu viver. O motivo de ele agir dessa maneira é que em seu interior há a vida dos três: o homem, o diabo e Deus. Quando vive segundo a vida do homem, ele é como um homem; quando anda segundo a vida demoníaca, ele é como o diabo; e quando age segundo a vida de Deus, ele manifesta a semelhança de Deus. A vida segundo a qual vivermos irá determinar o que expressaremos.

Portanto, precisamos ver claramente que em uma pessoa salva há três vidas: a vida criada do homem, a vida caída de Satanás e a vida incriada de Deus. Embora tenhamos as três

vidas, nós as obtivemos em três momentos diferentes, em razão de três acontecimentos diferentes. Primeiro, no momento da criação e mediante a criação, recebemos a vida criada do homem. Segundo, durante a queda, devido ao nosso contato com Satanás e a árvore do conhecimento do bem e do mal, nós obtivemos a vida caída de Satanás. Terceiro, no momento de nossa salvação, por crer no Filho de Deus e recebê-Lo, nós obtivemos a vida incriada de Deus. Por causa desses três eventos que ocorreram conosco (criação, queda e salvação), nós obtivemos as três vidas (do homem, de Satanás e de Deus), que são diferentes em natureza. Tendo visto isso, podemos ter clareza a respeito da maneira de vida. Uma vez que as três vidas (do homem, de Satanás e de Deus) existem simultaneamente, segundo qual delas devemos viver? A vida do homem, a de Deus ou a de Satanás? A vida segundo a qual vivemos é a vida que expressamos. Nisto consiste a maneira de vida.

II. QUATRO LEIS

Cada uma das três vidas que estão em nós, que somos salvos, tem uma lei. Portanto, não apenas há três vidas em nós, mas também três leis que pertencem a essas três vidas. Além delas, há a lei de Deus fora de nós. Portanto, por dentro e por fora, há ao todo quatro leis. Isso nos é revelado em Romanos 7 e 8.

A. A definição das quatro leis

O tema central dos capítulos sete e oito de Romanos é a lei. Antes, no capítulo seis, o apóstolo diz: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei” (v. 14). A única razão do pecado não ter domínio sobre nós é que não estamos debaixo da lei. Portanto, para explicar a afirmação de que não estamos debaixo da lei, o apóstolo continua a falar sobre a lei nos capítulos sete e oito. O capítulo sete começa nos dizendo: “Porventura ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem enquanto ele vive?” (v. 1). Mais adiante, diz: “Agora, porém, fomos libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos” (v. 6). Depois diz: “Eu não conheci o pecado, senão por intermédio da lei” (v. 7). Novamente: “Porque, segundo o homem

interior, tenho prazer na lei de Deus” (v. 22). Tudo isso refere-se à lei do Antigo Testamento. Por fim, ele diz: “Mas vejo nos meus membros outra lei, guerreando contra a lei da minha mente e me fazendo prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (v. 23). E, ainda: “De maneira que eu mesmo, com a mente, sirvo à lei de Deus; mas com a carne, à lei do pecado” (v. 25). Então, no capítulo oito, ele diz: “Porque a lei do Espírito da vida me livrou, em Cristo Jesus, da lei do pecado e da morte” (v. 2). Nessas palavras, o apóstolo fala das quatro leis que estão relacionadas a nós pessoalmente.

Primeiro há “a lei de Deus” (7:22, 25), ou seja, a lei do Antigo Testamento, que apresenta todas as exigências de Deus a nós. Segundo, “a lei da mente” (7:23), que está em nossa mente, nos faz desejar praticar o bem; portanto, ela também pode ser chamada de a lei do bem em nossa mente. Terceiro, “a lei do pecado nos membros” (7:23) que nos faz pecar. Porque a função dessa lei em nós, que nos faz pecar, é manifestada nos membros do nosso corpo, ela é chamada de “a lei do pecado nos membros”. Quarto, “a lei do Espírito da vida” (8:2) nos faz viver na vida de Deus. O Espírito do qual provém essa lei é o Espírito da vida, um espírito mesclado, composto pelo Espírito de Deus, a vida de Deus e nosso espírito humano. Portanto, ela é chamada de “lei do Espírito da vida”. Além disso, uma vez que essa lei contém vida, pertence à vida e é vida, a lei desse Espírito é chamada de “lei da vida”. Quanto às quatro leis, uma delas está fora de nós: a lei de Deus; ao passo que as outras três estão em nós: a lei do bem na mente, a lei do pecado no corpo e a lei do Espírito da vida em nosso espírito.

B. A origem das quatro leis

A origem de cada uma dessas quatro leis é diferente. A lei de Deus, escrita em tábuas de pedra, foi dada por Deus aos homens por meio de Moisés, nos tempos do Antigo Testamento. As outras três leis provêm das três vidas que vimos anteriormente. Sabemos que cada vida tem uma lei. Embora uma lei possa nem sempre derivar de uma vida, toda vida tem uma lei. Como temos três vidas em nós, temos três leis que correspondem às três vidas.

A lei do bem na mente deriva da vida criada que é boa, a qual foi obtida não quando fomos salvos, mas quando nascemos. É um dom natural na criação de Deus, não um dom da salvação. Antes de sermos salvos, havia frequentemente em nossa mente e pensamentos uma inclinação ou desejo natural de fazer o bem, honrar nossos pais, ser bons para com os outros, ter remorso, ter esperança de ser aperfeiçoados e decidir melhorar. Esses pensamentos de fazer o bem e de melhorar provêm da lei do bem em nossa mente. Eles também provam que, mesmo antes de ser salvos, essa lei do bem já estava em nós.

Algumas pessoas, baseadas em Romanos 7:18 (“Porque eu sei que em mim (...) não habita bem nenhum”), concluem que tanto antes como depois de sermos salvos não há bem algum em nós; portanto, a lei do bem que está em nossa mente não poderia derivar da nossa vida original criada, e muito menos existir antes de sermos salvos. Contudo, se lermos cuidadosamente Romanos 7:18, veremos que essa conclusão é imprecisa, pois quando Paulo diz que não há bem algum em nós, ele está se referindo à condição de nossa carne. E a carne da qual se fala aqui, segundo o contexto dos versículos 21, 23 e 24, refere-se ao nosso corpo caído e transmutado. Em nosso corpo caído e transmutado, isto é, em nossa carne, não habita bem algum. Isso não significa que não haja bem algum em nós, seres caídos. Ao contrário, nos é dito claramente mais adiante nesse capítulo que em nós, seres caídos, há uma vontade que deseja fazer o bem e uma lei do bem em nossa mente. Tanto a vontade como a mente são partes da alma. Portanto, embora não haja bem algum em nosso corpo caído e transmutado, há um elemento de bondade tanto na mente como na vontade de nossa alma, mesmo após a queda. Esse elemento de bondade pertence naturalmente à nossa vida criada que é boa. Portanto, a lei do bem em nossa mente pertence à nossa vida criada original e existe desde antes de sermos salvos, desde o nosso nascimento.

Algumas pessoas podem dizer que nossa vida criada, que é boa, tendo sido corrompida por Satanás mediante a queda, perdeu seu elemento de bondade. Isso não é exato. Por exemplo: acrescentar um elemento amargo a um copo com água e mel estraga o sabor doce, mas não elimina o elemento doce. Embora

o homem tenha sido danificado por Satanás, seu elemento de bondade ainda permanece. De fato, o elemento de bondade criado no homem foi corrompido por Satanás e, assim, tornou-se incurável, mas não podemos dizer que ele foi corrompido a ponto de não existir mais. Se você esmagar um vidro, ele irá se despedaçar, mas seu elemento ainda permanecerá. Um pedaço de barra de ouro pode ser jogado em um tanque imundo, mas o elemento do ouro ainda existirá. Embora nossa honra aos pais, amor fraternal, lealdade, sinceridade, retidão, moralidade, modéstia e senso de vergonha sejam um tanto impuros e misturados, esses elementos são genuínos. Portanto, podemos concluir que, embora nossos elementos bons tenham sido corrompidos, eles ainda permanecem após a destruição; embora sejam muito fracos, ainda permanecem. Por essa razão, os sábios e filósofos chineses descobriram que no interior do homem há algumas “virtudes ilustres”, uma “consciência inata”, etc., e concluíram que a natureza do homem é boa. A descoberta desses filósofos a respeito da natureza humana é, sem dúvida, correta, porque em nós, seres caídos, ainda há o elemento da bondade e a lei que naturalmente nos faz desejar fazer o bem.

A lei do pecado nos membros é derivada da vida caída e maligna de Satanás. Já dissemos que, devido à queda de Adão por causa do pecado (comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal), a vida de Satanás entrou no homem. Nessa vida de Satanás está contida uma lei do mal, ou seja, a lei do pecado nos membros. Uma vez que a vida de Satanás é maligna, a lei que deriva dessa vida naturalmente faz o homem pecar e fazer o mal.

A lei do Espírito da vida é derivada do Espírito da vida que está em nosso espírito e da vida divina incriada de Deus. Quando recebemos o Senhor e fomos salvos, o Espírito de Deus, juntamente com a vida de Deus, entrou em nosso espírito e mesclou-se com ele para tornar-se o Espírito da vida. Nesse espírito da vida está contida uma lei que é a lei do Espírito da vida ou a lei da vida.

Portanto, precisamos ver claramente que quando fomos salvos, Deus não pôs a lei do bem em nós, mas a lei da vida. O propósito de Deus em nós é vida e não bondade. Quando Deus

nos salva, Ele põe a lei da vida em nós. A lei do bem não é dada mediante a salvação de Deus, mas mediante Sua criação. O elemento de fazer o bem que está em nós é inato. Mas quando Deus nos salva, Ele põe Sua vida em nós. Nessa vida há uma lei da vida, a lei do Espírito da vida. Essa lei é obtida quando somos salvos e provém da salvação de vida de Deus.

Portanto, quanto à origem dessas quatro leis, podemos dizer que a lei de Deus, que deriva de Deus, é de Deus; a lei do bem na mente, derivada da vida do homem, é do homem; a lei do pecado nos membros, derivada da vida de Satanás, é de Satanás; e a lei do Espírito da vida, derivada do Espírito da vida, é do espírito.

C. A localização das quatro leis

Para se ter um conhecimento preciso das quatro leis, precisamos ter clareza quanto à sua localização.

A lei de Deus é escrita em tábuas de pedra; portanto, ela está fora de nós.

A lei do bem está em nossa mente, isto é, em nossa alma. Uma vez que a vida de fazer o bem está em nossa alma, a lei que provém dela também está em nossa alma, é claro. A função dessa lei é manifestada especialmente na mente, que é parte da nossa alma; por essa razão, ela é chamada de lei “da mente”. Portanto, em nossa alma temos a vida do homem, a lei do bem, que provém dessa vida, e a natureza humana boa.

A lei do pecado está em nossos membros, ou seja, em nosso corpo. Durante a queda, o homem tomou o fruto da árvore do conhecimento para dentro de seu corpo; por isso, a vida maligna de Satanás entrou em nosso corpo humano. Assim, a lei do pecado, que provém da vida de Satanás, também está em nosso corpo. Uma vez que essa vida está em nosso corpo, e o corpo é composto pelos membros, essa lei está em nossos membros. Por isso, em nosso corpo temos Satanás, a vida de Satanás, a lei do pecado que provém dessa vida e a natureza maligna de Satanás. Pelo fato de Satanás e suas coisas malignas terem entrado em nosso corpo e se misturado com ele, este foi transmutado e tornou-se a carne corrompida.

A lei do Espírito da vida está em nosso espírito. Uma vez que o Espírito da vida juntamente com a vida de Deus habita

em nosso espírito, a lei que provém do Espírito da vida também está em nosso espírito. Essa lei provém do Espírito de Deus e está em nosso espírito; portanto, não apenas sua origem é o Espírito, mas sua localização é no espírito. Por isso ela é totalmente do espírito; não é do corpo, nem da alma. Assim, em nosso espírito temos Deus, a vida de Deus, a lei do Espírito da vida de Deus e Sua natureza de vida.

D. A natureza e função das quatro leis

Quais são a natureza e funções dessas quatro leis fora e dentro de nós? A lei de Deus é composta pelos estatutos de Deus e sua natureza é santa, justa e boa. Essa lei, estando fora de nós, nos capacita a conhecer o que Deus condena e o que Ele justifica; ela exige que rejeitemos o que Deus condena e que façamos o que Deus justifica, a fim de satisfazer os estatutos santos, justos e bons.

A lei do bem em nossa mente, que provém de nossa vida humana criada e boa, contém a natureza humana boa e se encaixa exatamente com a natureza da lei de Deus fora de nós. Essa lei cria em nós, isto é, em nossa mente, o desejo de fazer o bem. Especialmente quando a lei de Deus fora de nós exige que sejamos bons, essa lei do bem em nós nos dá a tendência de fazer o bem. Portanto, a mente em nós tem prazer em obedecer a lei de Deus que está fora de nós. É o que o apóstolo diz: “De maneira que eu mesmo, com a mente, sirvo à lei de Deus” (Rm 7:25).

A lei do pecado em nossos membros, que provém da vida maligna e caída de Satanás em nossa carne, contém a natureza maligna de Satanás. A vida maligna de Satanás é o “mal” que está presente em nossa carne e o “pecado” que habita em nós (Rm 7:21, 20). A lei que vem dessa vida maligna nos faz pecar, porque é uma “lei do pecado”. Essa lei expõe em nossa carne seu poder de fazer o mal e combate a lei do bem em nossa mente. Quando a lei do bem em nossa mente nos dá o desejo de fazer o bem, essa lei se levanta para lutar contra ela e a faz prisioneira (Rm 7:23). Por isso, não apenas somos incapazes de cumprir nosso desejo de fazer o bem ou de satisfazer a boa exigência da lei de Deus; pelo contrário, nós obedecemos à lei do pecado em nossos membros, cometendo todo tipo

de pecados e obtendo a morte, como é descrito em Romanos 7:21-24. Portanto, pecamos não por escolha própria ou por vontade própria; antes, é a lei do pecado que nos motiva interiormente.

Conseqüentemente, podemos ver aqui que em nós, seres caídos, há duas leis contrárias. Uma provém da vida criada do bem e opera na mente da nossa alma, dando-nos o desejo de fazer o bem. A outra provém da vida caída maligna de Satanás e opera nos membros do nosso corpo fazendo-nos pecar. Essas duas leis opostas, fazendo obras contrárias em nossa mente e membros, lutam entre si em nós. O resultado é que a lei do pecado normalmente vence a lei do bem; por isso fracasamos em fazer o bem que desejamos e somos forçados a fazer o mal que não queremos. A isso os chineses chamam de guerra entre a razão e a concupiscência. Razão é o elemento de fazer o bem, inerente em nossa vida criada; concupiscência é o pecado que habita em nosso corpo caído, ou o mal que está em nossa carne. Embora a razão seja parcialmente proveniente da nossa consciência humana, ela opera em nossa mente; por isso, a bondade resultante da operação externa da “razão” ou provém do intelecto ou passa por ele. Embora a concupiscência esteja relacionada com nossa natureza humana caída, ela opera nos membros do nosso corpo; portanto, o mal que é a operação externa da concupiscência provém da própria concupiscência. Por essa razão, uma pessoa intelectualmente forte é mais capaz de fazer o bem, ao passo que uma pessoa mais passional facilmente faz o mal. Em outras palavras, todo bem feito pelos homens é originado ou passa pelo intelecto, na mente, ao passo que todo mal feito pelo homem é a operação externa da concupiscência nos membros. Quando a razão em nossa mente tem uma posição vantajosa, ela leva o homem a fazer o bem; quando a concupiscência nos membros tem uma posição superior, ela leva o homem a fazer o mal.

Algumas pessoas pensam que esse tipo de guerra é a mesma luta mencionada em Gálatas 5. Isso não é correto. Gálatas 5 fala da nossa carne lutar contra o Espírito; isso ocorre após termos sido salvos e termos obtido o Espírito Santo. Mas a guerra contra as duas leis está relacionada com a guerra entre a vida caída maligna de Satanás e a vida criada do bem,

guerra essa que existe antes mesmo de termos sido salvos. Ela também é uma guerra entre o bem e o mal que existe em todas as pessoas do mundo.

Esse “Pecado”, do qual provém a lei do pecado, é a vida de Satanás e, portanto, é algo vivo. “Pecado”, com letra maiúscula, significa que ele é personificado e único. No universo há apenas um Deus e um Pecado. Pecado é um termo especial e algo único; Pecado é outro nome de Satanás. Portanto, Romanos 5 a 8 nos dizem que o Pecado reina sobre nós, tem domínio sobre nós, nos faz seus escravos em oposição a Deus, habita em nós e nos vence, levando-nos a fazer o mal que não queremos. Os muitos pecados fora de nós são apenas as ações resultantes da operação do único Pecado em nós. Esse Pecado singular é a raiz e pai de todos os pecados.

Como o Pecado nos faz pecar exteriormente? Vimos que o Pecado habita em nosso corpo. Contudo, é a vontade, e não o corpo, o órgão motivador. A vontade, que pertence à alma humana, sendo controlada pelo Pecado e obedecendo-lhe, instiga o corpo humano a cometer pecado. Por isso, embora o pecado habite em nosso corpo, sua obra destruidora avança da circunferência para o centro. Tendo o corpo como base, ele lança o veneno do pecado, causando dano à nossa alma e espírito, até que todo nosso ser seja corrompido. Portanto, Jeremias 17 diz: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas”. Romanos 1 e Marcos 7 também declaram que há todo tipo de pecado no homem. Essas porções da Bíblia provam que o homem está totalmente corrompido pelo Pecado e está cheio de pecados. Por isso, na alma do homem hoje, sua mente é maligna, sua vontade é rebelde e até mesmo seu espírito está escurecido. Esses são os resultados da obra do Pecado no homem.

Mas temos de agradecer ao Senhor porque em nós, os salvos, há não apenas as duas leis do bem e do mal, do homem e de Satanás, mas também a lei do Espírito da vida de Deus. Como essa lei provém do Espírito da vida de Deus, ela vem da vida divina, incriada de Deus. Quanto ao que se refere à natureza divina e eterna de todas as assim chamadas vidas no universo, somente a vida de Deus é “vida”. (Isso foi tratado detalhadamente no capítulo um, *Que é vida?*) Portanto, a natureza da vida de Deus é “vida”. Uma vez que a lei do Espírito da vida

provém da vida de Deus, sua natureza é “vida”, assim como a natureza da vida de Deus é “vida”. Não é como as duas leis mencionadas anteriormente que são ou “bem” ou “mal”, conforme a vida da qual provém.

Segundo a revelação espiritual, vida e bem são diferentes. Temos aqui três pontos principais: Primeiro, vida é a natureza da vida de Deus, enquanto o bem é a natureza da vida do homem; segundo, vida é bem, mas o bem não é necessariamente vida; terceiro, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal no jardim do Éden nos mostram que vida e bem são definitivamente diferentes; vida não é bem nem mal. Vida, bem e mal são três coisas diferentes e independentes.

Deveríamos compreender não apenas que vida e bem não são a mesma coisa, mas que há diferença entre bem e bem. Há o bem de Deus e o bem do homem. O bem de Deus vem da vida de Deus e contém a natureza da vida de Deus. O bem do homem vem da vida do homem e contém a natureza da vida do homem. O bem mencionado em Efésios 2:10 e 2 Timóteo 2:21 é o bem que expressamos por meio da vida de Deus; portanto trata-se do bem que provém da vida de Deus e é o bem de Deus. O bem mencionado em Mateus 12:35, Romanos 7:18, 19, 21 e 9:11 é o bem que expressamos pela nossa própria vida; portanto, é o bem que provém da vida do homem e é o bem do homem. O bem que provém da vida do homem é apenas o bem do homem, sem a natureza da “vida” ou o elemento de Deus. Somente o bem de Deus, que provém da vida de Deus, não apenas é bom, mas também possui a natureza da “vida” e o próprio elemento de Deus. Portanto, quando dizemos que vida e bem são diferentes, queremos dizer que a vida *de Deus* e o bem *do homem* são diferentes. O bem do homem, que provém da vida do homem e que nada contém da natureza da vida de Deus, naturalmente difere da vida de Deus. Contudo, uma vez que o bem de Deus provém da vida de Deus e contém a natureza da vida de Deus, não podemos dizer que ela difere da vida de Deus.

Assim, vemos que a lei do Espírito da vida, contendo a natureza da “vida” de Deus, pode nos fazer expressar o bem de Deus.

Além do mais, essas três leis diferentes em nós também diferem em grau de intensidade. Sabemos que as leis variam de intensidade segundo a força de suas respectivas origens. A lei do bem provém da vida do homem, e a vida do homem é a mais fraca; portanto, a força para fazer o bem que a lei do bem tem também é a mais fraca. A lei do pecado é derivada da vida de Satanás, que é mais forte; portanto, a força da lei de pecar é mais forte que a da lei de fazer o bem; ela não apenas nos incapacita de fazer o bem, mas também faz com que comecemos pecado e façamos o mal. A lei do Espírito da vida provém da vida mais forte, a vida de Deus; portanto a força dessa lei também é a mais forte; ela não apenas nos preserva de obedecer a lei do pecado para cometer pecados, mas também nos capacita a obedecê-la e expressar a vida de Deus naturalmente.

Os filósofos por todas as gerações defenderam diversas maneiras de se cultivar a moralidade ou de se aprimorar o comportamento. Na verdade o que eles defenderam é uma ação do intelecto humano, da força de vontade e do esforço próprio no corpo e alma já corrompidos, a fim de restaurar ou reativar o bem original no homem. Nada disso pode vencer o poder natural da lei do pecado. A força do homem é limitada, ao passo que o poder da lei é permanente; o esforço do homem é esforço-próprio enquanto o poder da lei é espontâneo. Ao usar seu esforço-próprio, o homem consegue sustentar-se por algum tempo, mas quando sua força se esgota, o poder da lei manifesta-se novamente. Portanto, a maneira de Deus libertar não é trabalhar em nosso corpo exterior lidando com o Pecado que nos envolve, nem trabalhar na alma, que está entre o corpo e o espírito, fortalecendo nossa vontade de fazer o bem. Porém, é em nosso centro, ou seja, em nosso espírito, que Deus acrescenta a nós um novo elemento, que traz consigo um vigoroso poder de vida. Então, Ele prossegue do nosso centro para a circunferência, penetrando todas as partes de nosso ser interior, usando uma lei para subjugar outra a fim de vencer o poder de pecar da lei do pecado. Além disso, somos capacitados a expressar em nosso viver o bem exigido pela lei de Deus, que antes éramos incapazes de expressar mediante a lei do bem. E, muito mais ainda, por meio da vida que provém

da lei do Espírito da vida, somos capazes de expressar em nosso viver a vida que Deus deseja.

Portanto, a Bíblia nos mostra que há quatro leis relacionadas a nós: uma fora de nós e três em nós. A que está fora de nós é a lei de Deus. Das três que estão dentro de nós, uma está em nossa alma, uma em nosso corpo e uma em nosso espírito. A lei em nossa alma, proveniente da boa vida humana criada é boa e nos dá o desejo de fazer o bem; a lei em nosso corpo, que provém da vida caída, maligna de Satanás, é má e nos faz pecar; a lei em nosso espírito, que provém da vida divina criada de Deus, é divina e nos faz expressar a vida divina de Deus.

A lei de Deus, que está fora de nós, representa Deus nos dando as exigências de santidade, justiça e bondade. A lei do bem em nossa alma, ao tocar as exigências santas e boas da lei de Deus, deseja e determina cumprir as exigências. Mas a lei do pecado em nossos membros, quando percebe que a lei do bem em nossa alma deseja cumprir as exigências santas e boas da lei de Deus fora de nós, certamente se oporá, resistirá e, normalmente, vencerá a lei do bem em nossa alma. Assim, não apenas estamos incapacitados para cumprir a lei de Deus, mas violamos as exigências santas e boas da lei de Deus que está fora de nós. Isso ocorre porque a lei do pecado em nosso corpo é mais forte do que a lei do bem em nossa alma. Contudo, a lei do Espírito da vida em nosso espírito é ainda mais forte do que a lei do bem em nossa alma. Portanto, se nos voltamos para o nosso espírito, a lei do Espírito da vida em nosso espírito nos libertará da lei do pecado em nosso corpo e nos fará expressar a vida divina de Deus. Assim, não apenas sere-mos capazes de cumprir as exigências santas e boas de Deus, mas poderemos satisfazer ao padrão divino do próprio Deus.

Por exemplo: A lei exterior de Deus exige que não cobice-mos. A lei do bem em nossa alma, ao tocar essa exigência da lei de Deus, deseja cumpri-la e decide não cobiçar mais. Mas, nesse momento, a lei do pecado em nosso corpo imediatamente se levanta em oposição, fazendo-nos cobiçar interiormente; assim, somos incapazes de cumprir a lei de Deus que exige que não cobicemos. Nessa hora, a despeito do quanto tenhamos decidido, não podemos nos livrar de um coração

cobiçoso. Ao contrário, quanto mais nos esforçamos para nos livrar da cobiça, mais ela cresce em nós. Sempre que, em razão da exigência exterior da lei de Deus, a lei do bem em nossa alma deseja fazer o bem, a lei do pecado em nosso corpo imediatamente faz com que o mal opere em nós e combata nossa intenção de fazer o bem. Além disso, a lei do bem em nossa alma não é páreo para a lei do pecado em nosso corpo; em quase todos os enfrentamentos ela perde para a lei do pecado em nosso corpo. Mas, louvado seja o Senhor, a lei do Espírito da vida em nosso espírito é mais forte do que a lei do pecado em nosso corpo e pode nos livrar e libertar da lei do pecado. Se pararmos de nos esforçar e lutar por meio da lei do bem em nossa alma, e, em vez disso, andarmos segundo a lei do Espírito da vida, seremos libertados do desejo cobiçoso motivado pela lei do pecado em nosso corpo. Seremos capacitados a cumprir a exigência da lei exterior de Deus de não cobiçar e expressar em nosso viver a insuperável santidade de Deus.

Assim, podemos ver claramente que a lei exterior de Deus põe sobre nós determinadas exigências e, imediatamente, a lei do bem em nossa alma deseja cumpri-las. Mas a lei do pecado em nosso corpo se interpõe entre essas duas leis (a lei exterior de Deus e a lei do bem em nossa alma) e nos dificulta e impede, de maneira que a lei do bem em nossa alma não consiga cumprir a exigência da lei exterior conforme o desejo de Deus. Assim como o corpo envolve a alma, a lei do pecado no corpo também envolve a lei do bem na alma e é mais forte do que ela. Portanto, é muito difícil à lei do bem em nossa alma vencer a lei do pecado em nosso corpo, romper seu envolvimento e cumprir as exigências da lei exterior de Deus. Contudo, a lei do Espírito da vida em nosso espírito é a mais forte de todas; por isso ela pode vencer a lei do pecado em nosso corpo e nos libertar do jugo dessa lei, capacitando-nos, assim, a cumprir a exigência da lei de Deus.

Podemos usar outra ilustração aqui para explicar o relacionamento dessas quatro leis conosco. A lei exterior de Deus é como um homem respeitável nos propondo casamento, enquanto a lei do bem em nossa mente é como uma senhorita virtuosa dizendo sim à sua proposta. Contudo, a lei do pecado em nossos membros é como um vilão que sempre segue a senhorita e

tenta causar problemas entre ela e aquele homem. Sempre que ele vê essa senhorita dizendo sim à proposta daquele homem, ele a sequestra e a obriga a não agir de acordo com a vontade e o desejo que ela tem. Nesse exato momento, a lei do Espírito da vida em nosso espírito, que pode ser comparada a um anjo do céu, resgata a senhorita das mãos do vilão e a capacita a cumprir a proposta do homem; assim, o desejo dela é cumprido. Consequentemente, ela descobre que esse anjo do céu é, na verdade, Aquele que o homem representava. Portanto, esse anjo, ao fazer com que ela cumpra a proposta do homem, na verdade capacitou-a a cumprir o desejo dele próprio.

Com essa ilustração vemos que, embora a lei exterior de Deus faça exigências a nós, ela não consegue fazer com que cumpramos essas exigências. A lei do bem em nossa mente deseja cumprir as exigências da lei exterior de Deus, mas ela não tem força para vencer a lei do pecado em nossos membros. Além disso, a lei do pecado sempre se opõe à lei do bem e, quando vê que a lei do bem está tentando cumprir a exigência da lei de Deus, ela certamente irá dificultar e impedir que ela cumpra seu desejo. Mas a lei do Espírito da vida em nosso espírito, nossa libertação da parte de Deus com a força poderosa da lei da vida de Deus, nos liberta da lei do pecado, capacitando-nos assim a cumprir as exigências da lei de Deus e a expressar a vida divina de Deus em nosso viver. Se vivermos segundo essa lei do Espírito da vida, seremos libertados da lei do pecado em nossos membros e nos tornaremos automaticamente cristãos vitoriosos.

CONCLUSÕES

Neste ponto, podemos tirar várias conclusões: Primeiro, a libertação que Deus dá é diferente de reformar o homem. Antes de tudo, a base é diferente. A reforma do homem é baseada no bem original do homem, ao passo que a libertação de Deus é baseada na vida de Deus e no Espírito de Deus, ou seja, o Espírito da vida. Também os métodos são diferentes. A reforma do homem ocorre mediante o exercício do esforço humano, infligindo um tratamento rígido ao nosso corpo e subjugando as paixões, produzindo dessa maneira o bem no homem. A libertação de Deus ocorre quando Ele coloca Seu Filho e Sua vida

em nosso espírito, vivificando-o assim; então começa uma obra de renovação a partir do nosso espírito, renovando primeiramente as diversas partes de nosso espírito e, depois, as diversas partes de nossa alma, e, finalmente, nosso corpo físico. Por fim, os resultados serão diferentes. O resultado da reforma do homem nada mais é do que a mais elevada excelência humana; ele não capacita o homem a expressar o padrão divino da natureza de Deus. A consequência da libertação de Deus é que nos tornamos homens-Deus, expressando a vida divina de Deus.

Segundo, a libertação de Deus não nos faz homens bons, mas homens-vida. Há, ao todo, três classes de homem no universo: homens-Deus, homens bons e homens maus. A libertação de Deus não visa nos tornar homens maus, nem homens bons, mas homens-vida.

Terceiro, nós que fomos libertados por Deus devemos viver em Deus. Deus é vida e Sua libertação é para que nos tornemos homens-vida. Vida é Deus; ser um homem-vida é ser um homem-Deus. Para ser tais homens, devemos viver em Deus. Mas viver em Deus é uma doutrina vaga. Se quisermos viver Deus, temos de viver na lei do Espírito da vida. Isso exige que vivamos em espírito, pois a lei do Espírito da vida está no espírito. Isso também exige que vivamos na sensação de vida, pois a sensação de vida é a sensação da lei do Espírito da vida. Se obedecermos à sensação da vida, poremos a mente no espírito e viveremos no espírito. Se pusermos a mente no espírito, viveremos na lei do Espírito da vida. Quando vivemos na lei do Espírito da vida, vivemos em Deus. Consequentemente, o próprio Deus. Deus é vida, portanto, o que expressamos é vida e nos tornamos homens-vida.

Quarto, a meta da libertação de Deus é a unidade de Deus com o homem. Quando obedecemos à lei do Espírito da vida e vivemos em Deus, Deus também vive em nós e Ele e nós somos mesclados de maneira prática até que os dois estejamos totalmente unidos como um só.

Há mais dois pontos no aspecto subjetivo. Primeiro, temos de tocar a sensação interior, que significa que temos de obedecer o sentimento interior. Segundo, temos de viver em comunhão. Comunhão é a comunhão de vida. Viver em comunhão é viver na comunhão de vida. Esses dois pontos nos capacitam a

experimentalizar a vida de maneira prática. O propósito deste capítulo sobre as três vidas e quatro leis é nos levar a esse ponto. Se tocarmos a sensação interior de maneira prática e vivermos em comunhão, automaticamente seremos capazes de: (1) ser libertos do pecado, (2) fazer as boas obras que não conseguimos fazer, (3) cumprir a lei de Deus e (4) expressar a vida de Deus. Por fim, poderemos nos tornar homens-Deus, manifestando a vida de Deus. Essa é a meta da salvação de Deus e isso também inclui todos os assuntos que pertencem à vida.

CAPÍTULO DEZ

A LEI DA VIDA

No último capítulo, vimos as três vidas e as quatro leis. Agora, veremos especificamente a lei da vida, que também é a lei do Espírito da vida mencionada no último capítulo. Das quatro leis, somente a lei da vida é a capacidade natural da vida de Deus que nos capacita a expressar a vida de Deus de maneira muito espontânea; portanto, se quisermos tocar a maneira da vida, precisamos conhecer claramente a lei da vida.

I. BASE BÍBLICA

Em toda a Bíblia, podemos dizer que apenas cinco passagens mencionam a lei da vida, direta ou indiretamente:

A. Romanos 8:2: *“A lei do Espírito da vida...”*

A lei do Espírito da vida mencionada aqui é a lei da vida. O Espírito, ao qual provém essa lei, contém vida, ou podemos dizer que ele é vida; portanto, a lei é uma lei do Espírito e também da vida.

B. Hebreus 8:10: *“Pois esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Na sua mente porei as Minhas leis, e sobre os seus corações as inscreverei; e Eu lhes serei Deus, e eles Me serão povo”.*

C. Hebreus 10:16: *“Esta é a aliança que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as Minhas leis no seu coração, e sobre a sua mente as inscreverei”.*

As duas passagens em Hebreus 8 e 10 mencionam primeiramente “pôr” e depois “inscrever” e ambas falam da mente e do coração; assim, ambas falam da mesma coisa. Elas são citações de Jeremias 31:33.

D. Jeremias 31:33: *“Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.*

E. Ezequiel 36:25-28: *“Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. (...) vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.”*

Estes poucos versículos falam de pelo menos cinco coisas: (1) lavar com água pura, (2) dar-nos um novo coração, (3) dar-nos um novo espírito, (4) tirar nosso coração de pedra e nos dar um coração de carne, e (5) pôr o Espírito de Deus em nós. O resultado dessas cinco coisas combinadas é que somos levados a andar nos estatutos de Deus e a guardar os Seus juízos. Nós seremos Seu povo e Ele será nosso Deus. Isso significa que o Espírito Santo em nós nos dá nova força para fazer a vontade de Deus e agradá-Lo, para que Deus seja nosso Deus e nós sejamos Seu povo. Assim, o resultado mencionado aqui é o mesmo resultado de Jeremias 31:33.

II. A ORIGEM DA LEI DA VIDA: REGENERAÇÃO

Se desejarmos falar da origem da lei da vida, temos de começar com a regeneração, pois a regeneração é o ato de receber a vida de Deus em nosso espírito. Uma vez que somos regenerados, temos a vida de Deus em nosso espírito; e uma vez que temos a vida de Deus, naturalmente temos a lei da vida que provém da vida de Deus.

A. A criação do homem

Ao falar da regeneração, devemos começar com a criação do homem. Quando o homem foi criado pela mão de Deus, ele tinha apenas uma vida humana boa e reta; ele não tinha a vida divina e eterna de Deus. Contudo, quando Deus criou o homem, Seu propósito central era mesclar Sua vida no

homem, unir-Se com o homem e alcançar o alvo da unidade de Deus e o homem. Portanto, quando Deus criou o homem, além do corpo e da alma do homem, Ele criou especialmente um espírito para o homem. Esse espírito é o órgão pelo qual o homem recebe a vida de Deus. Quando usamos esse espírito para contatar Deus, que é Espírito, podemos então receber Sua vida e nos unir a Ele, cumprindo assim o propósito central de Deus.

B. A queda do homem

Mas antes que o homem recebesse a vida de Deus, ele caiu. O fator mais essencial da queda do homem foi não apenas que ela fez com que ele cometesse pecado e ofendesse a Deus, mas fez com que seu espírito se tornasse amortecido, isto é, ela trouxe morte ao órgão pelo qual o homem recebe a vida de Deus. Dizer que o espírito está morto não significa que o espírito não existe mais, mas que ele perdeu sua função de comunhão com Deus e separou-se de Deus; assim, o homem não podia mais ter comunhão com Deus. A partir desse momento, o homem não era mais capaz de usar seu espírito para contatar Deus e assim receber Sua vida.

Nessa época, o homem tinha duas necessidades: por um lado, por causa da queda, ele precisava que Deus lidasse com o pecado que ele cometeu; por outro, ele precisava que Deus regenerasse, dando vida ao seu espírito morto, para que ele pudesse receber a vida de Deus e cumprir o propósito central de Deus ao criar o homem.

C. A maneira de Deus libertar

Por causa dessas necessidades, a maneira de Deus libertar consiste em dois aspectos: o negativo e o positivo. Do lado negativo, pelo fato de o Senhor Jesus derramar Seu sangue na cruz, a redenção foi cumprida e o problema do pecado do homem foi resolvido. Do lado positivo, pela morte do Senhor Jesus, a vida de Deus foi liberada; então, mediante a ressurreição do Senhor Jesus, a vida de Deus foi posta no Espírito Santo; por fim, o Espírito Santo entrando em nós faz-nos obter a vida divina e eterna.

O fato de o Espírito Santo capacitar-nos a obter a vida de Deus significa que Ele nos regenera. Mas como o Espírito Santo nos regenera? Pela Palavra de Deus. O Espírito Santo primeiramente prepara uma oportunidade para nós em nosso ambiente para ouvirmos as palavras do evangelho. Então, por meio das palavras, Ele resplandece sobre nós e nos move, fazendo-nos reconhecer nossos pecados, nos arrepender e crer, aceitando assim as palavras de Deus e recebendo a vida de Deus. Nas palavras de Deus está oculta a vida de Deus, e as palavras de Deus “são vida” (João 6:63). Quando recebemos as palavras de Deus, a vida de Deus entra em nós e nos regenera.

Portanto, a regeneração nada mais é do que o fato de o homem receber a vida de Deus em acréscimo à sua própria vida. Quando recebemos a vida de Deus dessa maneira, recebemos uma autoridade que nos capacita ser filhos de Deus (Jo 1:12). A autoridade é a própria vida de Deus; portanto, quando temos essa vida, temos a autoridade para ser filhos de Deus.

Quando temos a vida de Deus e nos tornamos filhos de Deus, naturalmente temos a natureza divina (2Pe 1:4). Se vivermos por essa vida e natureza, podemos nos tornar iguais a Deus e expressar a imagem de Deus.

Como a vida de Deus em nós opera para nos tornar iguais a Ele? Ela opera do centro para a circunferência, ou do espírito para a alma e, então, para o corpo, realizando sua expansão exterior. Quando a vida de Deus entra em nós, ela primeiramente entra em nosso espírito, vivifica nosso espírito morto e o torna vivo, novo, forte, vigoroso e capaz de tocar Deus, e temos uma doce comunhão com Deus. Então, ela se expande gradualmente de nosso espírito para cada parte de nossa alma e torna nossos pensamentos, afetos e decisões gradualmente iguais aos de Deus, tendo o aroma de Deus; até mesmo em nossa ira há algo da semelhança de Deus, algo do aroma de Deus. Oh! Que mudança maravilhosa!

Além disso, essa vida irá operar continuamente até que se expanda para o nosso corpo, para que este também tenha o elemento da vida. É sobre isso que Romanos 8:11 fala: o Espírito de Deus que habita em nós pode dar vida aos nossos corpos mortais.

A vida de Deus em nós irá operar e expandir cada vez mais até que faça com que nosso espírito, alma e corpo, ou seja, todo nosso ser, sejam completamente encheidos com a natureza e o aroma de Deus; até que sejamos arrebatados e transfigurados; até que entremos na glória e nos tornemos totalmente iguais a Ele.

A vida de Deus operando e expandindo-se continuamente em nós não o faz de maneira forçada, ignorando nossa pessoa; antes, ela pede a inclinação de nossa emoção, a cooperação de nossa mente e a submissão de nossa vontade. Se rejeitarmos seu trabalhar, se não o seguirmos de perto e cooperarmos com ele, ele não tem como mostrar seu poder ou manifestar sua função. Pelo fato de o homem ser um ser vivo, com sentimentos, mente e vontade, a questão de ele querer cooperar e poder cooperar permanece sendo um problema. Por isso, quando Deus nos regenera, além de nos dar Sua vida, Ele também nos dá um novo coração e põe em nós um novo espírito (Ez 36:26); assim, nos tornamos dispostos e capazes de cooperar.

O coração tem a ver com nossa disposição, ao passo que o espírito é uma questão de capacidade. Nosso coração original, por causa da rebelião contra Deus, tornou-se duro e velho; portanto, ele é chamado de “coração de pedra” e de “velho coração”. Esse velho coração é contrário a Deus, não quer Deus e não está disposto a cooperar com Ele. Agora, Deus nos dá um novo coração. Não é que Ele nos dá outro coração, além do nosso velho coração, mas que, mediante a regeneração do Espírito Santo, Ele suaviza nosso coração de pedra a fim de que se torne um “coração de carne”, renovando-o assim para que se torne um novo coração. Esse novo coração é voltado para Deus e O ama; ele nos torna dispostos a cooperar com Deus e a permitir que a vida de Deus se expanda e opere livremente de dentro para fora.

O espírito que tínhamos originalmente, por causa da separação de Deus, está morto e tornou-se velho; portanto, ele é chamado de “velho espírito”. Uma vez que esse velho espírito perdeu sua capacidade de ter comunhão com Deus, ele naturalmente não tem como cooperar com Deus. Agora Deus nos dá um “espírito novo”. Isso não significa que Ele nos dá outro espírito além do nosso velho espírito, mas que, mediante a

regeneração do Espírito Santo, Ele vivifica nosso espírito morto, tornando-o um novo espírito. Esse novo espírito pode ter comunhão com Deus e pode compreender as coisas espirituais. É um novo órgão para contatar Deus; ele nos capacita a cooperar com Deus e, mediante a comunhão com Ele, permitir que Sua vida em nós se expanda e opere exteriormente.

Com um novo coração, estamos *dispostos* a cooperar com Deus, e com um novo espírito somos *capazes* de cooperar com Deus. Contudo, um novo coração e um novo espírito quando muito nos capacitam a ter sede de Deus e a contactá-Lo, permitindo, assim, que a vida de Deus em nós se expanda livremente e opere exteriormente; eles não podem satisfazer a demanda ilimitada de Deus sobre nós, que é que alcancemos o padrão divino do próprio Deus. Portanto, quando Deus nos regenera, além disso, Ele faz algo mais glorioso e transcendente: Ele põe Seu próprio Espírito, o Espírito Santo, em nosso espírito novo. Esse Espírito Santo é a corporificação de Cristo, e Cristo, por sua vez, é a corporificação de Deus. Portanto, o Espírito Santo entrar em nós é o Deus Triúno entrar em nós. Dessa maneira, o Criador e a criatura são unidos. Oh! Isso de fato merece nosso louvor! Além disso, o Espírito de Deus, o Espírito eterno, ou o Espírito infinito, tem funções ilimitadas e força transcendente. Por isso, quando Ele habita em nosso espírito novo, Ele pode usar Seu poder ilimitado para nos ungir e suprir, para trabalhar e mover-se em nós; assim, Ele nos capacita a responder à exigência ilimitada de Deus sobre nós, permitindo assim que a vida de Deus se expanda continuamente do nosso espírito, passando pela alma e alcançando o corpo. Por fim, Ele nos faz alcançar aquele estágio glorioso de sermos totalmente iguais a Deus! Aleluia!

Uma coisa é claramente revelada aqui: A maneira de Deus libertar e o autoaperfeiçoamento humano são fundamentalmente diferentes. O autoaperfeiçoamento do homem é meramente um trabalho em cima do que o homem já tem originalmente, a saber: Sua alma e corpo com suas capacidades. Mesmo que o aperfeiçoamento seja bem sucedido, ele ainda é limitado, porque o poder do homem é limitado. Mas, com a libertação de Deus, embora passe por cada parte de nossa alma e gradualmente renove cada uma delas, alcançando

até o corpo, a questão essencial é que o Espírito de Deus, que traz Consigo a vida de Deus, é acrescentado ao nosso espírito. Tendo poder divino, ilimitado, ele é totalmente capaz de responder à exigência ilimitada de Deus. Isso é um acréscimo, e não um aperfeiçoamento. Tentar melhorar é apenas melhorar as coisas que já existem, o que é limitado; mas acrescentar algo do próprio Deus é algo ilimitado.

O que acabamos de dizer deveria nos ajudar a ver claramente que a regeneração nos faz receber a vida de Deus. Nessa vida está contida uma função natural, e a função natural dessa vida é a “lei da vida”. Assim, a vida de Deus é a fonte dessa lei da vida e a regeneração é a origem dessa lei da vida. Embora essa lei da vida provenha da vida de Deus, é mediante a regeneração que ela entra em nós.

III. O SIGNIFICADO DA LEI DA VIDA

Se quisermos saber o significado da lei da vida, precisamos saber o que é uma lei. Uma lei é um regulamento natural, uma regra constante e imutável. Ela não provém necessariamente de uma vida, mas uma vida é definitivamente acompanhada por uma lei. Essa lei que acompanha a vida é chamada de lei da vida. A lei de uma vida específica também é a característica natural, a função inata, dessa vida específica. Por exemplo: Gatos caçam ratos e os cães podem ficar de guarda à noite; ou, nosso ouvido pode ouvir, nosso nariz pode cheirar, nossa língua pode sentir gostos e nosso estômago pode digerir. Todas essas habilidades são características naturais e funções inatas de uma vida. Desde que uma determinada vida exista e seja livre, ela pode naturalmente desenvolver suas características e manifestar suas capacidades. Não é necessário ensinamento ou estímulo humano; antes, ela se desenvolve muito naturalmente sem o menor esforço. Tais características naturais e capacidades inatas em uma vida constituem a lei da vida.

A vida de Deus é a vida mais elevada; é a vida insuperável; portanto, as características e capacidades dessa vida devem ser definitivamente as mais elevadas e insuperáveis. Como essas características mais elevadas e insuperáveis constituem a lei da vida de Deus, essa lei é, naturalmente, a mais

elevada e insuperável. Uma vez que pela regeneração recebemos a vida de Deus, naturalmente recebemos dela a lei mais elevada e excelente dessa vida.

No primeiro capítulo – *Que é vida?* – dissemos que apenas a vida de Deus é vida; portanto, a lei da vida da qual estamos falando agora refere-se especificamente à lei da vida de Deus.

A lei da vida é aquela que Deus nos dá especialmente sob a nova aliança. É muito diferente das leis dadas por Deus no monte Sinai. No Antigo Testamento, Deus deu uma lei escrita em tábuas de pedra exteriormente ao corpo humano. Aquela lei era uma lei externa, uma lei de letras. Ela fazia exigências ao homem exteriormente, regra após regra, estabelecendo o que ele devia e o que não devia fazer. Mas o resultado foi nulo; ninguém conseguiu guardá-la. Embora a lei fosse boa, o homem sendo maligno e morto, não tinha o poder da vida para satisfazer às exigências daquela lei. Ao contrário, ele caiu sob a condenação daquela lei. Romanos 8:3 refere-se a isso quando diz: “O que era impossível á lei, no que estava enferma pela carne...”.

Na era do Novo Testamento, quando Deus, mediante o Espírito Santo, nos regenera, Ele põe Sua própria vida em nós, acompanhada pela lei da vida. Essa lei da vida é a lei interior que é o dom especial de Deus para nós no Novo Testamento. Isso cumpre a promessa de Deus escrita no Antigo Testamento: “Porei a minha lei no seu interior” (Jr 31:33 – ARC).

Essa lei da vida é colocada em nós; portanto, de acordo com sua localização, ela é uma lei interior. Não é como a lei do Antigo Testamento fora do homem que era, portanto, uma lei externa. Além disso, a lei da vida é proveniente da vida de Deus e pertence a ela; portanto, segundo a sua natureza, é uma lei da vida; por isso, ela pode suprir. Não é como a lei do Antigo Testamento, que é uma lei de letras que só pode exigir e não pode suprir. Essa lei da vida em nós, que é a característica e capacidade naturais da vida de Deus, é, de forma muito espontânea, capaz de regular, item por item, todo o conteúdo da lei de Deus. O resultado desse regular responde perfeitamente à exigência da lei exterior de Deus.

Usemos agora dois exemplos para ilustrar como funciona a lei da vida. Pense em um pessegueiro seco. Suponha que estabeleçamos algumas leis para ele, exigindo: “Você tem de produzir folhas verdes, dar flores vermelhas e produzir pêssegos”. Sabemos que essas exigências, mesmo que feitas do começo ao fim do ano, são absolutamente fúteis e vãs, porque a árvore está seca e não tem força de vida para responder às exigências dessas leis exteriores. Contudo, se pudéssemos transfundir vida nela e restaurá-la à vida, mesmo que não exigíssemos coisa alguma, aquela vida teria o poder natural de capacitar a árvore a crescer, produzir folhas, flores e frutos na devida estação, e até mesmo exceder a exigência da lei exterior. Essa é a função da lei da vida.

Suponha, agora, que façamos exigências a um homem morto, dizendo: “Você deve respirar; você deve comer; você deve dormir; você deve mover-se”. Sabemos que as exigências de tais leis sobre esse homem morto não surtem efeito algum; nenhuma delas pode ser cumprida. Contudo, se pudéssemos pôr a vida de ressurreição nele e trazê-lo de volta à vida, ele, muito naturalmente, respiraria, comeria, dormiria e se moveria. Isso ocorre devido à função da lei da vida.

A partir desses dois exemplos, podemos ver claramente que toda nossa vida espiritual diante de Deus não pode ser realizada pelo nosso esforço próprio; nem pode ser alcançada por autoaperfeiçoamento com todo empenho; antes, isso é responsabilidade da vida de Deus que já recebemos em nós. A vida de Deus, acompanhada pela lei dessa vida, habita em nosso espírito; se vivermos e agirmos segundo essa lei da vida em nosso espírito, ela pode governar, de maneira muito espontânea a partir do nosso interior, item por item, todo o conteúdo da vida de Deus. Isso corresponderá muito bem à exigência da lei externa de Deus, e até mesmo a excederá sem qualquer deficiência. Romanos 8:4 fala: “A fim de que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito”.

Essa lei da vida escrita em nós, na tábua do coração, é chamada de “lei do Espírito da vida” em Romanos 8:2. Isso significa que ela não apenas provém da vida de Deus e pertence a ela, mas que ela também depende do Espírito de Deus

e pertence a Ele. A razão disso é que a vida de Deus depende do Espírito de Deus, e o Espírito de Deus também pode ser considerado como a vida de Deus. Quando falamos da vida de Deus, estamos enfatizando aquilo que em si mesmo é a vida de Deus; quando falamos do Espírito de Deus, estamos enfatizando o executor da vida de Deus. Em outras palavras, a vida de Deus não é uma pessoa, mas o Espírito de Deus é. Essa vida que não é uma pessoa pertence ao Espírito, que é uma pessoa, e não pode ser separada Dele. Esse Espírito, que é uma pessoa, introduz a vida de Deus em nós; e essa vida é acompanhada por uma lei, que é a lei da vida ou lei do Espírito da vida. Essa lei tem a vida eterna de Deus como sua origem e o Espírito de Deus, que é uma pessoa com grande poder, como seu executor. Portanto, a lei do Espírito da vida tem poder eterno e ilimitado para satisfazer à exigência ilimitada de Deus.

Assim, vimos que a lei do Antigo Testamento é a lei de letras escrita em tábuas de pedra. Embora ela tenha feito muitas exigências ao homem, o resultado foi nulo. A lei do Novo Testamento é a lei da vida escrita na tábua do nosso coração. Embora não nos faça qualquer exigência, no fim ela pode, espontaneamente, administrar todas as riquezas de Deus a partir do nosso interior, tornando-nos, assim, mais do que capazes de satisfazer a todas as exigências de Deus. Que maravilhoso e glorioso! Essa é a graça central que Deus nos dá na Nova Aliança! Como devemos agradecer-Lo e louvá-Lo!

IV. O LUGAR DA LEI DA VIDA

A. O lugar de operação da lei da vida

A lei da vida provém da vida de Deus. Quando, em nossa regeneração, recebemos essa vida, embora fosse organicamente completa, ela não estava crescida e amadurecida nas diversas partes do nosso ser. É como uma fruta que nasce em uma árvore. A vida dessa fruta, quando aparece, embora seja completa, é completa apenas organicamente. Para ser completa em todas as partes, ela deve esperar até que esteja crescida e madura. Semelhantemente, a vida de Deus que recebemos na regeneração é completa apenas organicamente. Se quisermos

que essa vida tenha a maturidade completada, ela também precisa crescer e amadurecer gradualmente em todas as partes do nosso ser. O crescimento e amadurecimento dessa vida provêm da operação da lei da vida em cada parte do nosso ser. Isso revela que o lugar onde a lei da vida opera são todas as partes do nosso ser. É a isso que Jeremias 31:33 se refere como “interior” (VRC).

B. O interior e as leis interiores

Que é o nosso interior? São as partes do nosso espírito, alma e coração. Esse coração não é o coração *biológico*, mas o coração *psicológico*. Em nós, seres humanos, o espírito e a alma são partes independentes, mas o coração tem uma natureza composta. De acordo com o registro da Bíblia, o coração contém, pelo menos:

1. A mente. Por exemplo: “Cogitais coisas malignas em vossos corações” (Mt 9:4) e “pensamentos do coração” (Hb 4:12).

2. A vontade. Por exemplo: “Com propósito de coração” (At 11:23) e “intenções do coração” (Hb 4:12).

3. A emoção. Por exemplo: “Não se perturbe o vosso coração” (Jo 14:1) e “o vosso coração se alegrará” (Jo 16:22).

4. A consciência. Por exemplo: “Tendo o coração aspergido para purificá-lo de má consciência” (Hb 10:22) e “se o nosso coração nos condenar” (1Jo 3:20).

Essas referências nos mostram que o coração contém mente, vontade e emoção, que são as três partes da alma, e a consciência, que é uma parte do espírito. O coração tem essas partes como seus componentes. Assim, o coração não apenas consiste de um componente do espírito e de todos os componentes da alma, mas ele de fato conecta o espírito com a alma.

De nossas diversas partes, a intuição e a comunhão – que são partes do espírito – estão mais relacionadas com Deus e são para Deus; a consciência – que também é parte do espírito – tem o poder de discernir o certo e o errado e está mais relacionada ao homem e é para o homem. A mente, vontade e emoção – partes da alma – são o lugar da personalidade do homem, também são mais para o homem e estão mais relacionadas com o lado humano. Uma vez que o coração contém

mente, emoção, vontade e consciência, ele é um composto que reúne várias partes do interior do homem. Ele pode ser considerado o principal representante do homem.

A lei da vida em nosso interior opera continuamente nesses diversos aspectos. Toda parte que essa operação alcança, ela torna-se a lei dessa parte. Quando sua operação alcança a mente, ela se torna a lei da mente. Quando sua operação alcança a vontade, ela se torna a lei da vontade. Quando alcança a emoção, ela se torna a lei da emoção. Quando alcança a consciência, ela se torna a lei da consciência. Dessa maneira, ela se torna uma lei para cada uma de nossas partes interiores. Assim, Hebreus 8:10 e 10:16 chamam essa lei de “leis”. Essas leis, na verdade, são uma única lei interior, que é a lei da vida, ou o que Deus chama de “lei” em Jeremias 31:33; mas ela é posta em nossas diversas “partes” interiores.

Em Jeremias, essa lei da vida é chamada de “lei”, enquanto em Hebreus ela é chamada de “leis” – uma é singular e a outra é plural. Isso porque, quando fala da própria lei, há apenas uma; portanto, é singular. Contudo, ao falar dos efeitos da operação dessa lei, como ela manifesta suas capacidades e funções nas diversas partes do nosso ser, ela se torna várias leis; portanto, é plural. Quer Jeremias a chame de lei, no singular, ou Hebreus a chame de leis, no plural, ambos se referem à mesma lei.

C. A relação entre o coração e a lei da vida

Já vimos que o lugar onde a lei da vida opera são nossas diversas partes interiores, das quais o coração é a principal. Isso ocorre porque o coração é o conglomerado das partes interiores do homem e é o principal representante do homem. Portanto, o coração está muito intimamente relacionado com a lei da vida, que opera em nossas diversas partes interiores e, portanto, se torna as diversas leis. Por essa razão, vamos falar detalhadamente da situação do coração.

1. O coração é a entrada e a saída da vida

Já mencionamos que o coração conecta o espírito e a alma; assim, o coração está entre o espírito e a alma. Para a vida entrar no espírito, ela tem de passar pelo coração; para fluir

do espírito, a vida também tem de passar pelo coração. Assim, o coração é o caminho pelo qual a vida tem de passar. Pode-se dizer que ele é a entrada e a saída da vida. Por exemplo: Quando alguém ouve o evangelho do Senhor e sente a dor e a tristeza do pecado ou a doçura do amor de Deus, a emoção do seu coração é tocada, sua consciência é entristecida, sua mente se arrepende e sua vontade decide crer. Então, seu coração se abre ao Senhor, ele recebe a salvação e a vida de Deus entra em seu espírito. Caso contrário, se seu coração não concordar e não se abrir, não importando o quanto você pregue para ele, não há como a vida de Deus entrar no espírito dele. É por essa razão que o grande evangelista, Sr. Spurgeon, disse uma vez que, para mover o espírito do homem é preciso mover seu coração. Essa afirmação é realmente verdadeira; somente quando o coração é tocado é que o espírito pode receber a vida de Deus.

Da mesma maneira, depois que o homem é salvo, se é para a vida de Deus entrar nele, ela tem de passar pelo coração e ter a cooperação do coração. Quando o coração concorda, a vida pode passar. Quando o coração não concorda, a vida não consegue passar. Às vezes, o coração concorda apenas parcialmente. Talvez apenas a consciência concorde e outras partes não. Ou talvez a mente concorde e a emoção não concorde. Portanto, a vida não consegue passar. Assim, o coração é de fato a entrada e saída da vida. Assim como receber a vida começa com o coração, expressá-la também começa com o coração.

2. O coração é a chave da vida

O coração é a entrada e saída da vida: dele dependem o entrar e o sair da vida. Além disso, o coração também é a chave da vida. Se o coração estiver fechado, a vida não poderá entrar nem governá-lo. Contudo, uma vez que o coração se abre, a vida pode entrar e também governar livremente. A parte do coração que estiver fechada, a vida de Deus não poderá governá-la; ela só pode governar as partes que estiverem abertas. Assim, o coração é de fato a chave da vida. Embora a vida tenha grande poder, seu grande poder é controlado pelo nosso pequeno coração. A vida ser trabalhada ou

não, depende totalmente do coração estar aberto ou não. É como a energia elétrica de uma usina, que, por mais poderosa que seja, é controlada pelo pequeno interruptor de luz em nosso quarto; se o interruptor não for ligado, a eletricidade não pode entrar.

Isso não significa, é claro, que ter um coração adequado é suficiente. O coração pode apenas nos fazer amar a Deus e nos inclinar para Ele; não pode fazer-nos tocar Deus e ter comunhão com Ele. É o Espírito que nos faz tocar Deus e ter comunhão com Ele. É por isso que muitos irmãos e irmãs, embora amem muito o Senhor, não conseguem tocar Deus quando oram. Eles têm coração, mas não usam o espírito. Muitos pentecostais falham em sua obra pelo mesmo motivo. Eles apenas movem a emoção do homem, despertam sua vontade e fazem-no amar a Deus e desejá-Lo; eles não levam os homens a exercitar seu espírito a fim de ter comunhão com Deus.

É verdade que para entender as coisas espirituais precisamos usar a mente do coração, contudo, precisamos primeiramente usar o espírito para contatar essas coisas, pois o espírito é o órgão para se contatar o mundo espiritual. Devemos contatar as coisas espirituais primeiramente pelo espírito, então, compreendê-las e entendê-las com a mente do coração. É como ouvir um som: primeiramente, ele é contactado pelo ouvido e, então, é compreendido pela mente. É também como contemplar determinada cor: ela precisa ser contactada primeiramente pelos olhos e, então, ser distinguida com a mente. Portanto, quando pregamos o evangelho, se nosso espírito for fraco, usaremos apenas palavras para fazer com que as pessoas compreendam e entendam com a mente; mais tarde, precisaremos levá-las a tocar o Espírito. Contudo, quando nosso espírito é forte, enviamos a salvação de Deus diretamente para o espírito das pessoas mediante as palavras do evangelho. Assim que ouvem o evangelho, as pessoas tocam o espírito e são salvas. Depois disso, gradualmente as levamos a compreender e entender.

A principal função para contatar Deus e as coisas espirituais é exercitar o espírito; contudo, se o coração for indiferente, o espírito fica preso interiormente e não consegue manifestar

sua capacidade. Mesmo que Deus queira ter comunhão com ele, será impossível. Portanto, para se contatar Deus e as coisas espirituais, precisamos usar o espírito e também ter o coração voltado para isso. O espírito é o órgão para contatar a vida de Deus e o coração é a chave, o interruptor, ponto estratégico que permite a vida de Deus passar.

3. O coração pode impedir o operar da vida

Uma vez que o coração é a entrada e saída da vida e também a chave, ou interruptor, ele tem grande influência sobre a vida; o menor problema com ele pode impedir totalmente a operação da vida. Qualquer parte do coração que tenha um problema, a vida é obstruída e paralisada, e a lei da vida não consegue mais governar.

A vida de Deus em nós deve ser capaz de operar e crescer livremente, fazendo-nos receber revelação diária e luz frequente. Isso é normal e razoável. Mas, na verdade, não é o que geralmente acontece. Há muitos irmãos e irmãs cuja vida espiritual não cresce e cujo viver espiritual não é normal. Não é porque a vida de Deus não é real para eles; tampouco porque haja algum problema com a vida de Deus neles; é o coração deles que tem problema. O coração deles não está suficientemente voltado para Deus, ele não ama o Senhor suficientemente, não O busca suficientemente, não é suficientemente limpo, nem suficientemente aberto. Isso revela algum problema com o coração. Ou há algum problema com a consciência, que tem a sensação de condenação e não foi tratada, ou há um problema com a mente, com relação a alguma preocupação, ansiedade, pensamento, raciocínio ou dúvida malignos, etc. Ou há um problema com a vontade, obstinada e dura, ou há um problema com a emoção, com desejos carnis e inclinações naturais. Todas essas questões estão no coração e tornam-se um impedimento à operação da vida em nós, tornando impossível o governo da lei da vida. Portanto, se desejamos crescer em vida, precisamos primeiramente lidar com o coração e, então, exercitar o espírito. Se o coração não for tratado, nem adianta mencionar o espírito. O problema de muitos irmãos e irmãs não é o espírito, mas o coração. Se o coração não estiver correto, a vida no espírito fica impedida e

a lei da vida não pode operar livremente. Se desejarmos buscar a vida e andar no caminho da vida, não podemos ter problema com o coração. Então, a lei da vida poderá operar livremente e mover-se sem impedimento, alcançando assim todas as partes do nosso ser.

4. Como lidar com o coração

Uma vez que o coração está relacionado com a vida de maneira tão vital, Deus não tem outra alternativa senão lidar com nosso coração para que Sua vida seja expressada através de nós mediante o governar interior. Para com Deus, nosso coração tem quatro grandes problemas: dureza, impureza, falta de amor e falta de paz. Dureza é uma questão da vontade, impureza é uma questão não apenas da mente, mas também da emoção, falta de amor é uma questão da emoção e falta de paz é uma questão da consciência. Quando Deus lida com nosso coração, Ele lida com esses quatro aspectos, de maneira que nosso coração seja dócil, puro, amoroso e tenha paz.

Primeiramente, Deus quer que nosso coração seja dócil. Ser dócil significa que a vontade do coração é submissa e obediente a Deus, e não de dura cerviz e rebelde. Quando Deus lida com nosso coração para que ele se torne dócil, Ele tira o coração de pedra da nossa carne e nos dá um coração de carne (Ez 36:26). Isso significa que Ele amolece nosso coração duro de pedra para que ele se torne um coração dócil de carne.

Quando somos recém-salvos, o coração é sempre amolecido. Mas, depois de certo tempo, o coração de alguns volta a ficar duro novamente. Não sendo submissos ao Senhor e não O temendo, eles gradualmente perdem a presença do Senhor. Sempre que nosso coração estiver endurecido, temos um problema diante de Deus. Se desejarmos que a condição de nosso viver espiritual diante de Deus seja correta, nosso coração não pode ser endurecido; ao contrário, ele precisa ser continuamente amolecido. Na verdade, não devemos temer isso ou aquilo, mas ofender a Deus. Não tema o céu nem a terra, tema apenas ofender a Deus. Nosso coração deve ser tratado até ficar dócil a esse ponto; então ele estará correto. É, de fato, triste que muitos irmãos e irmãs sejam dóceis em muitas

coisas; mas, assim que Deus e a vontade de Deus são mencionados, eles se tornam muito duros. Eles chegam a dizer: “Eu sou assim mesmo; vamos ver o que Deus vai fazer sobre isso”. Isso é terrível! Também há irmãos e irmãs que são duros para com tudo; mas quando se menciona Deus e a vontade de Deus, eles se tornam dóceis. Tais pessoas tem coração dócil. Devemos pedir a Deus que amoleça nosso coração dessa maneira.

Como Deus torna nosso coração dócil? Como Ele o amolece? Às vezes Ele usa Seu amor para nos tocar e, às vezes, Ele usa castigos para nos golpear. Deus frequentemente usa primeiramente Seu amor para nos tocar; se o amor não consegue nos mover, Ele usa Sua mão através do ambiente para nos golpear até que nosso coração seja amolecido. Quando nosso coração é amolecido, Sua vida pode operar em nós.

Em segundo lugar, Deus quer que nosso coração seja puro. Um coração puro significa um coração que põe sua mente especificamente em Deus. Também é um coração no qual a emoção é extremamente pura e simples para com Deus. (Veja 2Co 11:3). Ele só ama Deus e só deseja Deus; além de Deus, ele não tem outro amor, inclinação ou desejo. Mateus 5:8 diz: “Os puros de coração (...) verão Deus”. Assim, se nosso coração não for puro, não poderemos ver Deus. Se nosso pensamento estiver um pouco preocupado com as coisas fora de Deus, se nossa emoção tiver algum amor pelas coisas além de Deus, nosso coração não mais estará puro; a vida em nosso espírito também é impedida por causa disso. Portanto, devemos seguir “com os que, de coração puro, invocam o Senhor” (2Tm 2:22) e devemos ser pessoas que amam o Senhor e desejam Deus de coração puro; então, poderemos deixar que a vida de Deus opere livremente em nós.

Terceiro, Deus quer que nosso coração seja amoroso. Um coração amoroso é um coração no qual a emoção ama Deus, deseja Deus, tem sede de Deus, anela Deus e sente afeição para com Deus. Na Bíblia, há um livro que fala especificamente do amor dos santos para com o Senhor: Cântico dos Cânticos, no Antigo Testamento. Ali diz que, como povo do Senhor, devemos amá-Lo como uma mulher ama seu amado. Esse amor é tão profundo e imutável, e é mais forte do que a morte (Ct 8:6-7). Por falar especialmente do nosso amor para com o Senhor,

esse livro também mostra especialmente nosso crescimento na vida do Senhor. Então, no Novo Testamento, em João capítulo vinte e um, o Senhor perguntou a Pedro: "Tu me amas?" Isso significa que o Senhor desejava conduzir a emoção de Pedro a amá-Lo a fim de que ele fosse alguém com um coração amoroso para com o Senhor. O Senhor fez isso porque queria que Pedro desse à Sua vida uma oportunidade de operar e crescer nele. Esse evento é registrado no Evangelho de João, um livro que fala sobre como podemos receber o Senhor como vida e como viver essa vida. Se nosso coração tem tal amor para com o Senhor, Sua vida em nós pode mover-se suavemente como Lhe aprouver.

Quarto, Deus quer que nosso coração esteja em paz. Um coração em paz significa um coração no qual a consciência não tem ofensa (At 24:16), condenação ou reprovação; ela é segura e firme. A consciência em nós representa Deus nos governando. Se nossa consciência nos condenar, Deus é maior que ela e conhece todas as coisas (1Jo 3:20); Ele nos condenaria ainda mais. Assim, temos de tratar de maneira clara com as ofensas, condenação e reprovação; então, "perante Ele tranquilizaremos o nosso coração" (1Jo 3:19). Quando nosso coração estiver assim em paz, Deus poderá passar por ele e a lei da vida de Deus poderá continuar a operar em nós.

Se nosso coração for dócil, puro, amoroso e estiver em paz, então estará correto. Apenas tal coração correto é um complemento adequado para a lei da vida. Ele pode permitir que a lei da vida de Deus se expresse livremente através de nós por meio do seu governar interior. Frequentemente parece que nosso coração expõe um sinal para Deus: "Rua sem saída"; assim, fazemos com que seja impossível Deus passar; podemos fazer com que a vida de Deus fique bloqueada e paralisada, de maneira que ela seja incapaz de operar e se expandir livremente do nosso interior para o exterior.

Embora essas palavras não sejam de grande eloquência e sabedoria, mesmo assim elas deveriam fazer-nos examinar, como em um exame físico, todas as condições do nosso coração. Devemos perguntar: A vontade do nosso coração realmente prefere Deus? Ela se submete e se rende a Deus? Ou ela é obstinada e rebelde? Também devemos perguntar: A mente do

nosso coração é pura diante de Deus? Ou é suja? Nossos pensamentos e preocupações são unicamente para Deus? Ou, além de Deus, há outra pessoa, assunto ou coisa com a qual nos preocupamos profundamente e que tem ocupado nosso coração? Então precisamos perguntar: A emoção do nosso coração é singela para com Deus? Ela ama e deseja totalmente a Deus? Ou ela tem outro amor, outra inclinação, outro apego além de Deus? Também devemos perguntar: Como está nossa consciência diante de Deus? Está sem ofensa? Está segura? Ou ela tem condenação e reprovação? Devemos examinar-nos cuidadosamente para que nosso coração se torne dócil, puro, amoroso e tenha paz; em outras palavras, para que seja um coração reto. Dessa maneira, a vida em nosso espírito poderá definitivamente governar a partir do nosso interior.

Assim, em qualquer parte do nosso coração que tenha sido tratada, a vida de Deus pode operar e a lei da vida também pode governar. Quando todas as partes de nosso coração forem examinadas e lidarmos com elas, a lei da vida de Deus poderá então governar a partir de nosso espírito, por meio do coração, cada parte do nosso ser. Consequentemente, cada parte do nosso ser poderá manifestar a capacidade dessa lei da vida e ser preenchida com o elemento da vida de Deus, alcançando assim o fim glorioso da unidade de Deus com o homem.

V. EXIGÊNCIAS DA LEI DA VIDA

Como já vimos a localização da lei da vida, sabemos que ela opera nas diversas partes interiores do nosso ser. Contudo, na prática, para que a lei da vida opere livremente em nossas partes interiores, precisamos satisfazer duas exigências:

A. Amar a Deus

A primeira exigência é amar a Deus. O Evangelho de João fala especialmente da vida; também fala enfaticamente sobre crer e amar. Crer é receber vida, enquanto amar é fluir vida. Se quisermos receber vida, precisamos crer. Se quisermos fluir vida, precisamos amar. Somente o crer pode permitir que a vida entre e somente o amor pode permitir que ela flua. Portanto,

amar é uma condição necessária que capacita a lei da vida a operar.

Em outro lugar vemos que a Bíblia quer que amemos a Deus de todo o nosso coração, toda a nossa alma, toda a nossa mente e toda a nossa força (Mc 12:30). Quando amamos a Deus a tal ponto, permitindo que nosso amor por Ele alcance nossas diversas partes interiores, a vida de Deus pode começar a funcionar e governar essas diversas partes. Assim, essas partes gradualmente tornam-se iguais a Deus.

Assim, Deus primeiro semeia Sua vida em nós; então, Ele usa o amor para tocar a emoção em nosso coração e fazer com que ele O ame, volte-se para Ele e se apegue a Ele. Dessa maneira, o véu em nós é retirado (ver 2Co 3:16) e podemos ver a luz, receber revelação e conhecer a Deus e a vida de Deus. Além disso, quando amamos a Deus de todo coração, estamos naturalmente dispostos a nos submeter a Ele e a cooperar com Ele. Dessa maneira, permitimos que a lei da vida de Deus opere livremente em nós e supra cada parte de nosso ser interior com todas as riquezas da vida de Deus. Toda a parte que for enchida com o amor de Deus será regulada pela lei da vida de Deus. Se todo o nosso ser amar a Deus, a lei da vida de Deus operará através de todo o nosso ser. Então, todo o nosso ser, interior e exteriormente, se tornará igual a Deus e será enchido com as riquezas da vida de Deus.

B. Obedecer à primeira sensação de vida

A segunda exigência é obedecer à primeira sensação de vida. No capítulo sete, *A Sensação do Espírito e o Conhecimento do Espírito*, mencionamos que a lei da vida pertence ao estado consciente; ela pode nos dar uma sensação. Assim que somos regenerados e temos a vida de Deus, essa lei da vida em nós definitivamente nos faz ter certa percepção. Nossa responsabilidade é obedecer a sensação da lei da vida, permitindo assim que essa lei opere livremente em nós.

Contudo, no começo, a consciência dessa lei da vida pode ser comparativamente fraca e esporádica. Se estivermos dispostos a obedecer à primeira sensação, embora seja comparativamente fraca, as percepções seguintes serão cada vez mais fortes. Apenas precisamos começar submetendo-nos a essa

primeira percepção fraca e continuar nos submetendo. Dessa maneira, a lei da vida pode operar em nós continuamente, até que alcance as diversas partes interiores do nosso ser. Assim, a vida em nós poderá se expandir para fora de maneira muito natural e crescer em profundidade e altura.

Alguns podem perguntar: Depois de obedecer ao primeiro toque da consciência, que devemos fazer? A resposta é: Antes de obedecer à primeira sensação, não nos preocupemos com o que devemos fazer depois. Deus nos dá uma percepção de cada vez, assim como Ele nos dá um dia de cada vez. Assim como vivemos dia após dia, também obedeçamos às sensações uma por uma. Quando Deus nos dá uma percepção, simplesmente a obedecemos. Quando tivermos obedecido à primeira percepção, Deus naturalmente nos dará a segunda. Quando chamou Abraão, Deus lhe disse apenas o primeiro passo: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai”. Após sair dessas coisas, lhe foi mostrado o que fazer e aonde ir. Deus disse: “Te mostrarei” (Gn 12:1). Quando o Senhor Jesus nasceu e o rei Herodes tentou destruí-Lo, Deus apenas disse a José o primeiro passo, que era fugir para o Egito; ele devia ficar lá *até* que Deus lhe desse uma palavra para o próximo passo (Mt 2:13).

Isso nos mostra que a razão para Deus nos dar apenas um sentir de cada vez é que Ele quer que O busquemos passo a passo e dependamos Dele a cada momento, submetendo-nos, dessa maneira, a Ele. Portanto, a sensação da lei da vida está no mesmo princípio da árvore da vida: O princípio da dependência. Ele nos torna dependente de Deus, ou seja, dependemos que Deus nos dê um sentir após outro. Não é depender Dele uma só vez, mas continuamente. Não é como o princípio da árvore do conhecimento do bem e do mal, que é independência de Deus. Assim, todos nós que desejamos viver pela lei da vida devemos dar importância à primeira sensação de vida e obedecê-la, e então continuar obedecendo.

A lei da vida às vezes nos dá também sentimentos negativos. Isto é, quando fazemos algo que é contra Deus, que não está em harmonia com a vida de Deus, a lei da vida nos faz sentir incômodos e inseguros, e provar o sabor da morte. Isso é ser “impedidos” e “não ter permissão” de Deus em nós

(At 16:6,7). Não importa o que desejemos fazer ou estejamos fazendo, assim que tivermos tal sentimento de proibição em nós, devemos parar. Se formos capazes de agir ou parar de acordo com a percepção da lei da vida interior, essa lei da vida poderá operar em nós desimpedidamente; a vida em nós também poderá crescer e se expandir continuamente. Portanto, obedecer à sensação da lei da vida (especialmente à primeira percepção) também é uma condição vital para que a lei da vida opere em nós. A razão pela qual o apóstolo, em Filipenses 2, quer que obedeçamos com temor e tremor é para que Deus opere em nós (vv. 12-13). O operar de Deus em nós exige nossa cooperação mediante a obediência; portanto, nossa obediência se torna um requisito para a operação de Deus.

VI. A FUNÇÃO DA LEI DA VIDA

Vimos que amor e obediência são dois requisitos para o operar da lei da vida. Também são nossas duas responsabilidades para com ela. Se formos capazes de amar e estivermos dispostos a obedecer, a lei da vida poderá espontaneamente operar em nossas diversas partes interiores e manifestar sua função natural.

Há dois tipos de funções da lei da vida. Uma é remover ou matar e a outra é simplesmente acrescentar ou suprir. Por um lado, ela remove o que não deveríamos ter em nós e, por outro, acrescenta o que deveríamos ter. O que é removido é o elemento de Adão em nós, e o que é acrescentado é o elemento de Cristo como o Espírito que dá vida. O que é removido é velho e o que é acrescentado é novo. O que é removido é morto e o que é acrescentado é vivo. Quando a lei da vida opera em nós, ela manifesta essas duas funções em nós: uma é, gradualmente, remover toda nossa velha criação, e a outra é acrescentar gradualmente tudo da nova criação de Deus. Dessa maneira, a vida surge em nós pouco a pouco.

O motivo de a lei da vida em nós ter essas duas funções é que a vida da qual essa lei provém tem dois elementos especiais: um é o elemento de morte e o outro é o elemento de vida. O elemento de morte é a morte maravilhosa do Senhor Jesus na cruz, essa morte que inclui tudo e põe fim a tudo. O elemento de vida é a ressurreição do Senhor Jesus ou o poder da vida de

ressurreição do Senhor; portanto, ele também é chamado de elemento de ressurreição.

A função de remoção da lei da vida provém do elemento da morte todo-inclusiva do Senhor contida na vida; portanto, assim como a morte do Senhor na cruz eliminou todas as dificuldades que Deus encontrava no homem, hoje também, por meio da operação da lei da vida, Sua morte está sendo executada em nós. Ela mata e remove, um por um, tudo o que não está em harmonia com Deus e tudo o que está fora Dele, como os elementos do pecado, do mundo, da carne, da concupiscência, da velha criação e da constituição natural. A função de acrescentar o que há na lei da vida provém do elemento da ressurreição do Senhor contido na vida; portanto, assim como a ressurreição levou o homem a Deus, capacitando o homem a participar em tudo que é do próprio Deus, também hoje, mediante o operar da lei da vida, a Sua ressurreição está sendo aplicada em nós. Isso significa que ela nos acrescenta e supre o poder de Deus, Sua santidade, amor, paciência e todos os elementos de Deus ou os elementos da nova criação, para que sejamos encheidos de toda plenitude da Deidade.

É como o remédio que tomamos. Alguns contêm dois elementos: o elemento para matar os germes e o elemento para nutrir. A função do elemento que mata remove a enfermidade que não deveríamos ter; a função do elemento que nutre supre os elementos de vida que precisamos.

É também como o sangue em nosso corpo, que contém dois tipos de elementos: glóbulos brancos e glóbulos vermelhos. Os glóbulos brancos têm a função de matar os germes; os glóbulos vermelhos têm a função de nutrir. Quando o sangue circula e flui em nós, os glóbulos brancos matam e removem os germes que invadiram nosso corpo, enquanto os glóbulos vermelhos suprem todo nutrimento necessário a cada parte do nosso corpo. Semelhantemente, quando a lei da vida de Deus opera em nós, ou quando a vida de Deus opera em nós, os dois elementos, vida e morte, contidos na vida de Deus têm as funções de matar e suprir, ou seja, matar os germes espirituais em nós, como o mundo e a carne, e nos suprir nutrição espiritual, que consiste em todas as riquezas do próprio Deus.

Assim, devemos ver que aqui está uma forma correta de buscar crescimento em vida. Assim que somos salvos e temos a vida de Deus, a lei da vida de Deus em nós nos faz ter certa percepção. Se quisermos buscar crescimento em vida, temos de amar Deus e obedecer a essa percepção, para lidar com a consciência, emoção, pensamentos e vontade. Agindo assim, a vida de Deus em nosso espírito continuará a nos dar certa consciência ou sensibilidade. Quando obedecemos a esses sentimentos, a lei da vida governará a partir do nosso interior e manifestará suas duas funções: remover o que está fora de Deus e acrescentar tudo que é o próprio Deus. Dessa maneira, podemos crescer pouco a pouco e amadurecer na vida de Deus. Essas experiências são muito reais e práticas. O caminho da vida do qual falamos está aqui!

VII. O PODER DA LEI DA VIDA

Além das duas funções mencionadas acima, a lei da vida também tem poder. Já mencionamos que a lei do Antigo Testamento é a lei escrita fora do homem, a lei morta, a lei de letras. Ela apenas faz exigências ao homem; não tem poder para suprir o homem para que este satisfaça suas exigências. Portanto, “era impossível à lei” (Rm 8:3) e também “a lei não aperfeiçoou coisa alguma” (Hb 7:19). Mas a lei do Novo Testamento é a lei escrita em nossas partes interiores, a lei viva, a lei da vida. Essa vida é a “vida indestrutível” de Deus, que tem “poder” (Hb 7:16). Assim, a lei que provém dessa vida também tem poder e pode nos capacitar em todas as coisas.

Devemos ver que o poder da lei da vida é o poder da vida de Deus da qual provém essa lei. Foi esse poder que capacitou o Senhor Jesus a ressuscitar da morte e ascender ao céu, muito acima de tudo. Também é esse poder que quer nos governar interiormente todos os dias e que pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos (Ef 1:20; 3:20). Esse poder pode realizar as seguintes coisas em nós:

A. Inclina nosso coração para Deus

Primeiro, esse poder pode inclinar nosso coração para Deus. Quando falamos do relacionamento entre a lei da vida e o coração, mencionamos que a lei da vida pode ser impedida

pelo coração. Se o coração não se inclinar para Deus, a vida de Deus não pode passar. Mas, graças a Deus, Sua vida em nós não para por aí. Ela continua a operar em nós a tal ponto que nosso coração, que não está inclinado para Deus, inclina-se para Ele. Provérbios 21:1 diz: “Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina”. Assim, podemos pedir a Deus: “Inclina-me o coração aos teus testemunhos, e não à cobiça” (Sl 119:36). Quando estamos dispostos a pedir dessa maneira, o poder da lei da vida de Deus faz, de maneira muito espontânea, nosso coração voltar-se para Deus e inclinar-se totalmente para Ele.

B. Faz-nos submissos a Deus

Segundo, esse poder pode nos fazer submissos a Deus. Quando falamos das exigências da lei da vida, também mencionamos que a operação da lei da vida em nós exige nossa submissão para satisfazê-la. Contudo, quantas vezes não apenas não conseguimos nos submeter, mas não queremos nos submeter. Nessas ocasiões, o poder da lei da vida é totalmente capaz de lidar com a nossa condição e nos tornar submissos.

Embora nós que somos salvos e temos a vida de Deus às vezes nos afastamos e nosso coração fica endurecido e não consegue obedecer a Deus, Deus é misericordioso para conosco, pois Sua vida em nós não para sua ação reguladora. Pelo Seu poder, Ele governa nossa emoção e nossa vontade; ao nos governar dessa maneira, Ele nos capacita a voltar a obedecê-Lo.

Filipenses 2:13 diz que a questão da nossa vontade diante de Deus também é devida à operação de Deus em nós. Assim, a submissão da nossa vontade também é resultante do poder da lei da vida de Deus em nós. Esse poder pode fazer com que nossa vontade desobediente se torne obediente a Deus.

Uma vez, uma irmã sentia que não conseguia obedecer de maneira alguma. Não apenas sua mente estava incomodada, mas sua consciência também sofria acusação. Ela, então, pediu que Deus a socorresse. Quando clamou a Deus, Ele mostrou-lhe a luz em Filipenses 2:13. Ela, então, ficou sabendo que Deus podia torná-la obediente. Assim, ela foi encorajada e encontrou descanso.

C. Faz-nos praticar as boas obras que Deus nos ordenou

Terceiro, esse poder também pode nos fazer realizar as boas obras que Deus preparou de antemão para que andássemos nelas (Ef 2:10). Esse bem vem de Deus e flui da vida de Deus; portanto, fazer essas boas obras é expressar o próprio Deus. Esse bem, que excede em muito o bem do homem, jamais pode ser expressado pela vida humana. Mas a vida de Deus em nós, governando-nos com Seu poder, pode nos fazer expressar esse bem extraordinário.

D. Faz-nos laborar de todo coração e com toda nossa força

Quarto, esse poder pode nos fazer trabalhar pelo Senhor de todo nosso coração e com toda nossa força. O apóstolo Paulo disse que a razão de ele poder trabalhar muito mais do que os outros apóstolos não era devida a ele mesmo, mas à graça de Deus concedida a ele, ou à graça da vida de Deus para com ele (1Co 15:10). Ele disse também que trabalhou, esforçando-se segundo a operação que atuava nele “com poder” (Cl 1:29). A palavra “poder” também pode ser traduzida por “dinamite”. Isso significa que sua obra não dependia de seu poder almático, mas do poder dinâmico da vida de Deus que habitava nele. Em todas as gerações passadas, os que foram usados pelo Senhor laboraram continuamente e sofreram constantemente na obra do Senhor. Eles laboraram não com seu esforço próprio, mas porque amavam a Deus e se inclinaram para Ele, de maneira que permitiram que a vida de Deus operasse neles, a fim de governá-los, de dentro para fora, como uma atividade, irrompendo explosivamente numa obra. Essa atividade governada ou obra irrompida é a produção do poder dinâmico da vida de Deus. Quando esse poder dinâmico da vida de Deus governa o homem a partir de seu interior, ninguém pode permanecer inativo. Todo aquele que permite que o poder dinâmico da vida de Deus opere em sua pessoa definitivamente trabalhará com toda sua força, não medindo sua própria força em trabalho algum.

Após a Guerra Sino-Japonesa, fomos trabalhar em diversas igrejas locais. Fomos muito abençoados e demos muito fruto. Quando voltamos para Xangai, o irmão Nee me disse: “Irmão, nós somos ‘causadores de problemas’. Acabamos de causar problemas em outras igrejas e agora vamos causar problemas na igreja em Xangai”. Embora tenham sido palavras bem humoradas, seriamente falando, todos os que vivem na vida de Deus e permitem que a lei da vida de Deus opere neles são definitivamente “causadores de problemas”. Isso ocorre porque a vida de Deus neles é uma vida interminável e poderosa, uma vida positiva e motivadora, uma vida com poder dinâmico. Sempre que essa vida opera e governa no interior deles, eles explodem interiormente; eles realizam a obra que tem poder dinâmico. Consequentemente, eles naturalmente se tornam causadores de problemas. Caso contrário, quando uma pessoa que trabalha pelo Senhor não causa agitação e faz com que a obra do Senhor não tenha som nem cheiro, é desnecessário investigar – a vida deve estar restrita dentro dele e a lei da vida não pode operar eficientemente.

Se você não me compreender mal, quero testificar que muitas vezes não ousou gastar tempo orando. Se eu orar apenas meia hora diariamente, a roda da vida começa a girar, a lei da vida começa a governar e o poder motivador começa a me estimular interiormente até que eu não consiga mais deixar de trabalhar. E mesmo que eu morra ali, tenho que trabalhar. Se não trabalhar, eu sofro; mas se trabalhar fico satisfeito. Oh! Eis aqui o poder motivador para trabalhar.

E. Faz nosso serviço ser vivo e revigorante

Em quinto lugar, esse poder pode nos fazer ter um serviço vivo e revigorante. O serviço do Antigo Testamento é segundo a letra. Como é antigo, ele é velho e mata o homem. O serviço do Novo Testamento é segundo o Espírito; é revigorante e, portanto, é vivo e aviva o homem. O serviço do Antigo Testamento é uma atividade baseada em regras exteriores e mortas; portanto, ele não pode suprir vida. O serviço do Novo Testamento é resultado do governar da lei da vida no espírito. Ele vem da vida; portanto, pode dar vida ao homem e fazer com que ele receba um suprimento vivo. Tome como exemplo as

atividades que temos nas reuniões. Se a lei da vida em nós estiver se movendo, até mesmo compartilhar umas poucas palavras, dar um testemunho ou dar um aviso pode ser algo vivo que faz o homem receber suprimento de vida.

Tornamo-nos ministros competentes do Novo Testamento com um serviço vivo e não pela nossa própria capacidade, eloquência ou educação, mas pelo Espírito de Deus (2Co 3:5-6) e de acordo com “o dom da graça de Deus” (Ef 3:7). Tal dom não se refere aos dons sobrenaturais, como falar em línguas, ter visões, curar, expulsar demônios, etc., mas ao dom da graça, que é dado a nós segundo a operação do poder de Deus e o qual ganhamos mediante o operar contínuo do poder contido na vida dada gratuitamente a nós por Deus. Portanto, o apóstolo Paulo diz que esse dom da graça pode capacitá-lo a pregar as insondáveis riquezas de Cristo e fazer com que todo homem veja qual é o mistério oculto das eras em Deus que criou todas as coisas (Ef 3:8-9). Oh! Que grande dom é esse! Contudo, esse grande dom é dado a ele segundo a operação do poder da lei da vida de Deus. Portanto, o dom da graça que recebemos pela operação do poder da lei da vida de Deus é plenamente capaz de nos fazer servir a Deus de maneira viva e refrescante.

VIII. O RESULTADO DA LEI DA VIDA

Quando permitimos que a lei da vida de Deus opere desimpedidamente em nós em âmbitos sempre crescentes, a vida de Deus em nós pode, então, expandir-se até “Cristo ser formado” em nós (Gl 4:19). Quando Cristo é assim formado gradualmente em nós, somos transformados pouco a pouco à imagem do Senhor (2Co 3:18) e temos a imagem do Filho de Deus (Rm 8:29) até que, por fim, sejamos totalmente “semelhantes a Ele” (1Jo 3:2). Esse é o resultado glorioso da operação da lei da vida em nós.

Que significa Cristo ser formado em nós? Usaremos um exemplo simples: Em um ovo há a vida de uma galinha. Contudo, nos primeiros dias em que uma galinha está sendo formada, se usarmos uma lâmpada para ver através do ovo, não poderemos distinguir que parte é a cabeça e que parte são os pés. Quando termina o período de chocagem e o pintinho lá

dentro está para quebrar a casca e sair, se usarmos novamente uma lâmpada, veremos a forma completa de um pintinho dentro do ovo. Isso significa que o pintinho foi formado no ovo. Semelhantemente, quando Cristo é formado em nós, significa que a forma de Cristo foi completada em nós. Quando recebemos a vida de Cristo mediante a regeneração, Cristo apenas nasceu em nós, o que significa que Ele era completo organicamente, mas não era completo em Sua forma. Mais tarde, à medida que a lei da vida opera constantemente em nosso interior, o elemento dessa vida aumenta gradualmente em nossas diversas partes; assim, Cristo cresce em nós até que Sua vida seja completamente formada em nós.

À medida que Cristo é gradualmente formado em nós, também gradualmente somos transformados. A medida que Cristo é formado em nós é a mesma medida que somos transformados. A formação de Cristo e nossa transformação ocorrem simultaneamente interior e exteriormente. Assim como a formação de Cristo é o crescimento do elemento de Cristo em nossas diversas partes, de dentro para fora, nossa transformação também ocorre nessas diversas partes de dentro para fora, até que nos tornemos gradualmente iguais a Cristo. Assim, a transformação se processa a partir do espírito para o entendimento (ou seja, a alma) e então para a conduta (ou seja, o corpo). Quando nosso espírito é vivificado por meio da regeneração, ele é transformado pela renovação. (Veja capítulo 4, item IV, a respeito do novo espírito.) Mais tarde, mediante a operação da lei da vida, o entendimento na alma também é transformado por meio da renovação. Então, pelo brilhar da luz da vida de Deus, reconhecemos nosso ego, resistimos a ele e, pelo Espírito Santo, nós o crucificamos e permitimos que apenas a vida de Deus seja expressada em nós. Assim, em nossas experiências espirituais, cada vez mais nos despojamos do velho homem e nos revestimos do novo homem em nossa conduta; portanto, nossa conduta exterior também é gradualmente renovada e transformada. Desse modo, Cristo ser formado em nós significa que nossa natureza está sendo transformada à semelhança do Senhor. Quando estamos sendo transformados a partir do espírito, passando pelo entendimento e alcançando a conduta, isso significa que nossa semelhança

está sendo transformada na semelhança do Senhor. O resultado dessa transformação sempre faz com que sejamos iguais ao Senhor Jesus, ou, em outras palavras, iguais à natureza humana gloriosa do Senhor. Isso é a conformação à imagem do Seu Filho, mencionada em Romanos 8:29. É como ser moldado no molde do Filho de Deus. Assim, transformação é o processo, e o resultado da nossa transformação é ser igual ao Senhor, ou ter a mesma imagem e natureza que o Senhor. Essa é a obra “de glória em glória” que o Senhor faz em nós. Como devemos louvá-Lo!

Precisamos compreender também que a meta da transformação não é apenas fazer-nos parecidos com o Senhor ou fazer com que tenhamos a mesma imagem e natureza do Senhor, mas, mais que isso, tornar-nos totalmente “iguais a Ele”. Isso é “a redenção do nosso corpo” falada em Romanos 8:23. Quando o Senhor voltar e aparecer a nós, Ele “transfigurará o corpo da nossa humilhação para ser conformado ao corpo da Sua glória, segundo a eficiência do Seu poder de até sujeitar a Si todas as coisas” (Fp 3:21). Assim, Ele nos torna iguais a Ele não apenas na natureza do nosso espírito e na forma de nossa alma e conduta, mas completamente iguais a Ele até mesmo no corpo, que será glorioso e incorruptível e jamais desvanecerá. Esse é o resultado final do operar da lei da vida de Deus em nós. Oh! Que maravilhoso! Que glorioso! Portanto, todos nós que temos essa esperança devemos nos purificar assim como Ele é puro (1Jo 3:3). Devemos, à luz da vida de Deus, conhecer a nós mesmos e tudo que está fora de Deus, e devemos lidar diariamente com nosso pecado, o mundo, a carne e todas as coisas da velha criação, para que possamos ser puros e sem mistura. Deus, então, poderá em breve alcançar Seu propósito glorioso e nós prontamente poderemos desfrutar a glória com o Senhor.

IX. DEUS QUER SER DEUS NA LEI DA VIDA

Em Hebreus 8:10, depois que Deus disse: “Na sua mente porei as Minhas leis, e sobre o seu coração as inscreverei”, Ele disse: “E Eu lhes serei Deus, e eles Me serão povo”. Isso nos mostra que Deus põe Sua lei da vida em nós porque Ele quer ser o nosso Deus nessa lei e quer que sejamos Seu povo nessa

lei. Isso estabelece a intenção de Deus, ou Seu propósito, e é um assunto muito importante; portanto, não podemos deixar de examiná-lo.

A. Deus quer ser Deus para o homem

Por que Deus criou o homem? E por que o diabo roubou o homem? Esses assuntos não são explicitamente revelados no começo da Bíblia. Somente depois que Deus declarou os dez mandamentos no monte Sinai é que Sua intenção com relação ao homem foi claramente revelada. Nos três primeiros mandamentos, vemos que Ele quer ser Deus para o homem. E apenas mais tarde, quando o diabo tentou o Senhor no deserto e quis que o Senhor o adorasse, é que foi revelada a intenção do diabo em roubar o homem; ou seja, ele quer usurpar a posição de Deus e quer que o homem o adore como Deus. Isso nos mostra claramente que a luta entre o diabo e Deus está na questão de quem é Deus para o homem e quem recebe a adoração do homem. Mas apenas Deus é Deus; somente Ele é digno de ser o Deus do homem e de receber a adoração do homem. Na época do Antigo Testamento, Ele viveu entre o povo de Israel como seu Deus. No Novo Testamento, por meio da encarnação, Ele viveu entre os homens e declarou ser Deus. Então, por meio do Espírito Santo, Ele vive na igreja e é Deus para o homem na igreja. No futuro, no milênio, Ele será Deus para toda a família de Israel. Além disso, Ele habitará eternamente entre os homens no novo céu e nova terra e será o Deus eterno para os homens.

B. Deus quer ser Pai e depois Deus

Deus quer não apenas ser Deus para o homem, mas, muito mais, quer ser Pai para o homem. Ele quer não apenas que o homem O tome como Deus, mas, muito mais, que o homem tenha Sua vida. Ele quer ser Pai para o homem, sendo, dessa maneira, Deus para o homem em Sua vida. Somente quando o homem tem Sua vida e se torna Seu filho é que consegue saber de fato que Ele é Deus e realmente permitir que Ele seja Deus.

Na manhã do dia de Sua ressurreição, o Senhor Jesus disse a Maria Madalena: “Subo para Meu Pai e vosso Pai, e

Meu Deus e vosso Deus” (Jo 20:17). Aqui, o Senhor mencionou primeiramente o Pai e depois Deus. Isso significa que Deus precisa ser nosso Pai; depois Ele pode ser nosso Deus. E o Senhor Jesus em Sua oração, em Sua última noite, também afirmou claramente que somente quando temos a vida eterna de Deus é que podemos conhecê-Lo, o único Deus verdadeiro (Jo 17:3). Portanto, precisamos experimentar Deus como Pai em vida; então poderemos conhecer Deus como Deus. Quanto mais permitimos que a vida do Pai opere em nós, mais nós adoramos e servimos esse Deus glorioso! Deus é Pai para nós porque Ele quer ser nosso Deus nessa vida do Pai. Isso também significa que Ele quer ser nosso Deus no operar de Sua vida.

C. Deus quer ser Deus na lei da vida

Deus é nosso Pai porque temos Sua vida. Uma vez que Sua vida entrou em nós, ela também trouxe a lei dessa vida para o nosso interior. Quando a lei está operando, ela expressa de nós o próprio Deus. Assim, Deus pretende ser nosso Deus nessa lei da vida.

Os muçulmanos de fato adoram o Deus que está no céu e principalmente os que estão no judaísmo adoram o Deus que está no céu. Mas eles adoram apenas um Deus objetivo, um Deus que está acima de tudo; eles não permitem que Deus seja seu Deus interiormente. Hoje, mesmo entre os cristãos, muitos adoram a um Deus objetivo e que está muito acima de tudo. Eles adoram apenas um Deus que está fora deles, segundo determinados ensinamentos ou normas exteriores da letra. Eles não permitem que Deus lhes seja um Deus vivo, na vida que está neles. Mas precisamos ter clareza de que, quando adoramos a Deus e permitimos que Ele seja nosso Deus, não devemos seguir doutrinas ou leis de letra; antes, devemos fazê-lo na vida de Deus ou na lei da vida de Deus. Essa lei é a função manifestada pela vida de Deus. Quando essa lei da vida de Deus nos governa interiormente, ou quando Deus trabalha em nós, Ele está sendo nosso Deus nessa lei, ou seja, em Seu operar.

Hoje, quando servimos a Deus, devemos servi-Lo na lei dessa vida, em Seu trabalhar. Sempre que permitimos que

Sua vida trabalhe em nosso interior e que a lei de Sua vida nos regule interiormente, nosso serviço é o serviço de vida, serviço espiritual ou serviço vivo. Quando permitimos, dessa maneira, que Deus seja o nosso Deus na lei de Sua vida, então o Deus que adoramos não é um Deus em doutrina ou imaginação, mas um Deus vivo, um Deus prático, um Deus que pode ser tocado. Em nossas experiências de vida, em nosso viver diário e nas atividades do nosso trabalho, nosso Deus é de fato um Deus vivo, um Deus que podemos tocar e que podemos encontrar. Ele não é nosso Deus em crença, nem é nosso Deus em regulamentos, mas é nosso Deus em uma lei viva, em uma função viva.

Às vezes, porém, devido a algum problema em nosso coração, nós não O amamos nem permitimos que a lei de Sua vida nos governe. Então, embora tenhamos Deus, Ele se torna um Deus em doutrina ou em crença. Quando restauramos nosso primeiro amor para com Ele e permitimos novamente que Ele nos governe interiormente pelo ciclo da Sua vida; então, a função do ciclo é novamente manifestada e a lei da vida novamente faz sua obra de mover-se continuamente e nos governar interiormente. Nessa hora, Ele torna-se novamente nosso Deus no sentido prático; Ele não é mais apenas um nome ou uma doutrina, mas um Deus vivo.

Portanto, precisamos nos colocar na mão de Deus, deixando que a lei da vida nos governe. Então, poderemos tê-Lo realmente como nosso Deus. Sempre que não permitimos que essa lei da vida nos governe, Ele não consegue ser nosso Deus e não conseguimos ser Seu povo. Para que Ele seja nosso Deus e sejamos Seu povo de maneira muito prática, temos de permitir que a lei de Sua vida nos governe e que Ele seja nosso Deus nessa lei.

Deus tem de ser nosso Deus na lei de Sua vida e temos de ser Seu povo na lei de Sua vida, porque nosso relacionamento com Deus deve ser vivo. Quando Sua vida move-se e nos governa interiormente, Sua lei da vida O traz até nós e nos leva até Ele. É na operação dessa lei da vida que podemos obtê-Lo e Ele pode obter-nos. Sempre que Sua lei da vida em nós para de nos governar, esse relacionamento vivo Dele como nosso Deus e nós como Seu povo também para. Por isso,

precisamos permitir que a lei da vida de Deus nos governe; somente então poderemos tê-Lo como nosso Deus e sermos Seu povo de maneira claramente viva.

Assim, podemos ver claramente que há uma grande diferença entre Deus ser Deus para o homem no Antigo Testamento e no Novo Testamento. No Antigo Testamento, Deus era Deus para o povo de Israel muito acima de tudo em Seu trono e segundo os regulamentos da lei. Ele também queria que o povo de Israel fosse Seu povo segundo esses regulamentos. Portanto, se eles tão somente seguissem esses regulamentos, não teriam problemas diante de Deus. Mas no Novo Testamento, Deus entra em nós para ser nossa vida e é na lei dessa vida que Ele é nosso Deus e nós somos o Seu povo. Portanto, é necessário que vivamos pela lei dessa vida.

X. CONCLUSÃO

Ao ver os principais pontos de cada aspecto da lei da vida, ficamos sabendo quão importante ela é para nossa experiência de vida espiritual. Portanto, precisamos ver de maneira clara e compreender totalmente cada ponto principal a respeito desse assunto; então poderemos ter uma verdadeira experiência em vida. Por esta razão, sem medo de ser repetitivo, devemos resumir novamente esses pontos principais para que fiquemos profundamente impressionados com eles.

Quando fomos regenerados, nós recebemos a vida de Deus. Nesse momento, embora tivéssemos a vida de Deus em nós, ela era completa apenas organicamente; ela não tinha a conclusão do crescimento e da maturidade. Para tê-lo, devemos permitir que o poder dessa vida opere em nós continuamente e sem cessar, a fim de alcançarmos Sua meta perfeita de crescimento e maturidade. A operação dessa vida vem do funcionamento e característica naturais dessa vida; em outras palavras, vem da lei dessa vida.

Para expressar seu conteúdo a partir de nós, essa lei da vida tem de passar pelo nosso coração. Por isso, o operar dessa lei em nós exige a cooperação do nosso coração. Assim que nosso coração coopera, essa lei da vida tem a oportunidade de nos governar interiormente sem impedimento. O resultado é que passamos a ter certa percepção interior. Quando temos

essa percepção, temos de obedecê-la pelo poder dessa vida. Sempre que obedecemos, damos a essa lei outra oportunidade de nos governar, o que nos dá outra percepção e nos faz avançar na obediência. Quanto mais obedecemos, mais Lhe damos a oportunidade de operar. Essa interação contínua de causa e efeito operando em nós resulta na manifestação incessante das funções dos dois elementos: morte e ressurreição, contidos na vida. A função da morte leva embora tudo que não deveríamos ter em nós. A função da ressurreição acrescenta tudo que é da vida de Deus. Além disso, a operação dessa lei e essas duas funções, da morte e da ressurreição, também são cheias de poder para nos capacitar a responder à exigência ilimitada de Deus e a expressar tudo que está na vida de Deus. Assim, permitimos que a vida de Deus cresça e amadureça gradualmente em nós.

Enquanto isso, enquanto essa vida opera em nós governando-nos constantemente, nossa inclinação, submissão e serviço para Deus tornam-se espontâneos e leves, vivos e cheios de frescor. É nessa lei viva que Deus torna-se nosso Deus vivo e nos tornamos Seu povo vivo. Podemos dizer que nosso relacionamento com Deus está totalmente nessa lei da vida. Isso realmente merece nossa total atenção.

CAPÍTULO ONZE

O CONHECIMENTO INTERIOR

Veremos agora o décimo primeiro ponto principal a respeito da vida, que é o conhecimento interior ou o conhecimento de Deus por meio da lei interior da vida e o ensinamento da unção. O grau em que conhecemos Deus a partir de nosso interior determina o quanto temos Dele e o quanto O experimentamos como vida. Assim, o conhecimento interior e o crescimento de vida estão totalmente relacionados entre si. Se quisermos conhecer a vida para que esta possa crescer, temos de examinar detalhadamente o conhecimento interior.

I. A IMPORTÂNCIA DE SE CONHECER DEUS

Deus se deleita em que o homem O conheça; portanto, Ele quer que o homem prossiga em conhecê-Lo (Os 6:6, 3). Tudo que Ele faz no Novo Testamento é para que O conheçamos (Hb 8:10-11). Quando somos regenerados, Seu Espírito, que contém Sua vida, entra em nós para nos capacitar a conhecê-Lo interiormente. Por um lado, esse conhecimento Dele cresce gradualmente com nosso crescimento interior de vida e, por outro, também faz com que a vida cresça em nós. Porque Deus nos deu Sua vida, podemos conhecê-Lo. Quanto mais Sua vida cresce em nós, mais O conhecemos. Quanto mais O conhecemos, mais O experimentamos como nossa vida, O desfrutamos e permitimos que Ele seja expressado por meio de nós. Assim, podemos dizer que todo o crescimento de nossa vida espiritual depende do nosso conhecimento de Deus. Oremos para que Deus nos dê espírito de sabedoria e de revelação para que possamos conhecê-Lo de fato (Ef 1:17) e crescer “pelo pleno conhecimento de Deus” (Cl 1:10).

II. OS TRÊS PASSOS PARA CONHECER DEUS

O Salmo 103:7 diz: “Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel”. Isso nos diz que os filhos de Israel conheciam os feitos de Deus, mas Moisés conhecia Seus caminhos. Hebreus 8:10-11 também diz: “Na sua mente porei as minhas leis (...) todos Me conhecerão, desde o menor até o maior dentre eles”. Por meio desses versículos, vemos que todos que recebem a lei interior no Novo Testamento podem conhecer o próprio Deus. Essas duas passagens da Bíblia, mostram-nos que o conhecimento que o homem tem de Deus é obtido em três passos: primeiro, conhecendo os feitos de Deus; segundo, conhecendo os caminhos de Deus; e, terceiro, conhecendo o próprio Deus.

A. Conhecer os feitos de Deus

O homem conhece os feitos de Deus pelo que Deus faz e realiza. Por exemplo: os filhos de Israel no Egito viram as dez pragas que Deus enviou para ferir os egípcios. À margem do Mar Vermelho, eles viram que Deus dividiu a água para que eles atravessassem. No deserto, eles viram que Deus ordenou à rocha que fluísse água para satisfazer a sede deles. E diariamente Deus enviava o maná do céu para alimentá-los. Quando testemunharam tais milagres de Deus, eles conheceram os Seus feitos. Outro exemplo: quando as multidões viram os milagres que o Senhor Jesus realizava, como alimentar cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes, acalmar a tempestade e o mar, curar os enfermos, expulsar demônios e ressuscitar os mortos, eles conheceram os Seus feitos. Ou, por exemplo: quando estamos doentes e somos curados por Deus, quando enfrentamos um grande perigo e somos guardados por Deus, quando temos necessidades e somos supridos por Ele, estamos conhecendo os feitos de Deus. Conhecer assim os feitos de Deus é o primeiro passo para conhecê-Lo. Esse conhecimento é superficial e exterior, pois somente vendo os feitos de Deus é que sabemos o que Ele fez.

B. Conhecer os caminhos de Deus

Conhecer os caminhos de Deus é conhecer os princípios pelos quais Ele age. Quando Abraão intercedeu por Sodoma, ele

reconheceu que Deus é justo e que jamais agiria de modo contrário à Sua justiça. Portanto, Abraão falou com Deus segundo a justiça de Deus (Gn 18:23-32). Isso significa que ele conhecia os caminhos pelos quais Deus age. Quando os filhos de Israel continuaram a murmurar depois que Corá e seu bando se rebelaram e foram consumidos, Moisés, tendo visto a aparição da glória de Jeová, disse a Arão: “Toma o teu incensário, põe nele fogo do altar, deita incenso sobre ele, vai depressa à congregação e faz expiação por eles; porque grande indignação saiu de diante do SENHOR; já começou a praga” (Nm 16:46). Isso mostra que Moisés conhecia os caminhos de Deus. Ele sabia que quando o homem age de determinada maneira, Deus certamente reage de acordo com ela.

Samuel disse a Saul: “Eis que obedecer é melhor do que sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros” (1Sm 15:22). E Davi disse: “Não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada” (2Sm 24:24). Isso mostra que eles conheciam os caminhos de Deus.

Quando liberamos a palavra do Senhor, cremos firmemente que ela não voltará vazia, mas fará o que agrada o Senhor (Is 55:10-11). Também, se semearmos para o Espírito, sabemos que do Espírito colheremos vida eterna (Gl 6:8). Isso também é porque conhecemos os caminhos de Deus.

Quando conhecemos os caminhos pelos quais Deus age, damos o segundo passo para conhecer Deus. Tal conhecimento é um passo além do conhecimento das coisas de Deus. Antes dos feitos de Deus serem realizados, sabemos o que Ele fará e como o fará. Esse conhecimento pode aumentar nossa fé em oração e também pode nos capacitar a negociar com Deus. Contudo, embora o conhecimento seja bom, ele ainda não é suficientemente profundo e interior.

C. Conhecer o próprio Deus

Conhecer o próprio Deus é conhecer a natureza de Deus. Assim que somos regenerados e recebemos a vida de Deus, temos a natureza de Deus. Por meio da vida de Deus em nós, podemos tocar a natureza de Deus. Quando tocamos a natureza de Deus, tocamos o próprio Deus; em outras palavras, conhecemos o próprio Deus. Esse conhecimento é diferente

dos dois primeiros passos de se conhecer os feitos de Deus e Seus caminhos exteriormente. O terceiro passo é conhecer o próprio Deus em nosso interior.

Por exemplo: considere um irmão que tinha uma doença incurável, mas foi curado de fato por Deus. Ele exclama feliz: “Graças a Deus, Ele realmente cuidou de mim!” Com isso, ele conheceu um pouco dos feitos de Deus. Mais tarde, ele adoeceu novamente. Dessa vez ele sabia que isso aconteceu porque havia cometido alguma falta e Deus o estava castigando e disciplinando. Por isso, ele lida com sua transgressão. Tendo feito isso, ele sabia que Deus o curaria (1Co 11:30-32). O resultado é que Deus, de fato o curou. Mas, antes de ser curado, ele já sabia que Deus o curaria, pois ele conhecia os feitos de Deus. Nessa ocasião, embora seu conhecimento de Deus tenha aumentado (conhecendo os feitos e os caminhos de Deus), esse ainda era um conhecimento objetivo de Deus, a partir do exterior, e não um conhecimento subjetivo interior. Mais tarde, esse irmão sentiu interiormente que tinha algumas coisas que não estavam de acordo com a natureza santa de Deus; por isso, lidou com elas e as eliminou. Esse sentimento e conhecimento não vieram de algo exterior a ele, mas da percepção que lhe foi dada pela vida de Deus interiormente. Portanto, desta vez ele veio a conhecer o próprio Deus interiormente; ele teve um conhecimento subjetivo de Deus.

Considere outro irmão que, no princípio de uma grave dificuldade, orou a Deus e Deus o amparou. Dessa maneira ele conheceu os feitos de Deus. Mais tarde, quando enfrentou outra dificuldade, ele sabia como deveria agir para ser amparado por Deus. Isso mostra que ele conhecia os caminhos de Deus. Novamente, quando enfrentou outra dificuldade, ele teve um estranho sentimento interior. Ele sentiu que Deus definitivamente o ampararia. Esse sentimento ou conhecimento não ocorreu em razão de ele ter visto certos feitos de Deus, nem por conhecer os princípios pelos quais Deus age. Foi porque ele tocou o próprio Deus interiormente. Portanto, ele teve essa sensação ou conhecimento. Pode-se dizer que tal conhecimento de Deus é o mais elevado, profundo e interior.

Na época do Antigo Testamento, Deus manifestou apenas Seus feitos e Seus caminhos aos homens. Portanto, naquela

ocasião o homem podia apenas obter os dois primeiros passos do conhecimento de Deus. Agora que chegou a época do Novo Testamento, embora ainda possamos conhecer os feitos e os caminhos de Deus, a coisa mais importante e gloriosa é que o próprio Deus no Espírito habita em nós para se tornar nossa vida. Isso nos capacita a tocar Deus diretamente e a conhecê-Lo interiormente. Esse terceiro passo de se conhecer Deus, o conhecimento do próprio Deus, é uma bênção especial para nós que somos salvos sob a nova aliança.

III. OS DOIS TIPOS DE CONHECIMENTO DE DEUS

Embora nosso conhecimento de Deus seja em três passos, há, na verdade, apenas dois tipos de conhecimento: o exterior e o interior. Conhecer os feitos e os caminhos de Deus são, ambos, conhecimentos de natureza exterior. Embora esses dois passos difiram em grau e profundidade, eles são ambos um conhecimento derivado dos feitos e caminhos de Deus exteriormente a nós. Portanto, eles são objetivos e exteriores. Contudo, conhecer o próprio Deus é um conhecimento de natureza interior. Esse tipo de conhecimento ocorre quando tocamos o próprio Deus por meio de Sua vida em nosso interior e, assim, O conhecemos de maneira subjetiva e interior.

No texto original da Bíblia, há duas palavras diferentes usadas para descrever o conhecimento interior e o exterior. Hebreus 8:11 fala de conhecermos o Senhor. O verbo “conhecer” é usado duas vezes nesse versículo, mas, no texto original, são usadas duas palavras diferentes com significados diferentes. O primeiro “conhecer” refere-se ao nosso conhecimento geral, exterior, para o qual precisamos do ensinamento dos homens. O segundo “conhecer” refere-se ao conhecimento da nossa sensação interior, para o qual não precisamos do ensinamento de homens. Isso indica que os conhecimentos exterior e interior de Deus são de fato diferentes.

Por exemplo, suponha que coloquemos um pouco de açúcar refinado ao lado de um pouco de sal refinado. Na aparência exterior, ambos são brancos e refinados e é difícil distingui-los. Podemos pedir a alguém que nos diga qual é o açúcar e qual é o sal, mas esse conhecimento vem do ensinamento de outros e é exterior, objetivo e genérico; e também pode ser equivocado.

Contudo, se tão somente os provarmos, imediatamente sabermos qual é doce e qual é salgado. Não precisaremos que outros nos digam. Esse conhecimento provém da sensação interior; por isso é subjetivo e pertence ao sentimento interior.

Sempre que provamos Deus interiormente, temos um desfrute e sensação que não podem ser obtidos pelo conhecimento de Deus segundo Seus feitos ou caminhos exteriores. O Salmo 34:8 diz: “Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom”. Graças a Deus, Ele pode ser provado! Hebreus 6:4-5 também diz: “Aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes da era vindoura”. Isso nos mostra que Deus pode não apenas ser provado, mas que as coisas de Deus, as coisas do Espírito, também podem ser provadas. Esse provar nos faz conhecer interiormente. Uma vez que “provamos” Deus e as coisas de Deus em nosso interior, naturalmente temos um conhecimento determinado, preciso, que vem do sentimento interior e não precisamos que outros nos ensinem. Isso é de fato uma bênção gloriosa sob a nova aliança!

IV. O CONHECIMENTO INTERIOR

No Novo Testamento, há quatro passagens que falam claramente do conhecimento interior. As duas primeiras são Hebreus 8:11 e 1 João 2:27. Ambas dizem que não precisamos que os outros nos ensinem, mas que podemos conhecer Deus em nosso interior. Contudo, elas falam de maneira diferente. Hebreus 8 diz que a lei da vida de Deus, que é a função natural da vida de Deus, pode fazer com que conheçamos a Deus. E 1 João 2 diz que o ensinamento da unção, que é o mover revelador do Espírito Santo, pode fazer com que conheçamos a Deus. Conhecer Deus pela lei da vida é conhecê-Lo por meio de Sua vida. Conhecer Deus por meio do ensinamento da unção é conhecê-Lo por meio do Seu Espírito.

As outras duas passagens que falam do conhecimento interior são João 17:3 e Efésios 1:17. João 17:3 diz que os que têm a vida eterna de Deus conhecem a Deus. Isso significa que a vida de Deus em nosso interior pode fazer com que O conheçamos. Efésios 1:17 diz que Deus nos dá espírito de sabedoria

e de revelação para que O conheçamos. O espírito mencionado aqui é nosso espírito humano relacionado ao Espírito de Deus. Isso significa que nosso espírito com o Espírito de Deus pode fazer com que conheçamos a Deus interiormente.

Essas quatro passagens da Bíblia nos mostram que nosso conhecimento interior de Deus ocorre por dois meios: um é a lei da vida, que provém da vida de Deus; o outro é o ensinamento da unção, que provém do Espírito Santo de Deus. Porque temos esses dois meios de conhecer a Deus em nosso interior, nosso conhecimento Dele pode acontecer em duas fases. A lei da vida faz primordialmente com que conheçamos a natureza de Deus, que é a característica de Sua vida. Sempre que Sua vida opera e funciona em nós para expressar essa característica, ela naturalmente manifesta a natureza de Deus a nós e faz com que a conheçamos. O ensinamento da unção faz, primordialmente, com que conheçamos o próprio Deus. Isso ocorre porque o ensinamento da unção vem do Espírito Santo, e o Espírito Santo é a corporificação do próprio Deus. Quando o Espírito Santo nos unge e opera em nós, Ele sempre nos unge interiormente com o próprio Deus. A lei da vida e o ensinamento da unção nos fazem conhecer interiormente a natureza de Deus e o próprio Deus. É a isso que chamamos aqui de conhecimento interior.

V. A LEI E OS PROFETAS

Podemos ver uma sombra dessas duas fases do conhecimento da natureza de Deus e do próprio Deus no Antigo Testamento. Deus deu a lei e os profetas para que, por meio deles, os filhos de Israel pudessem conhecer a natureza divina e o próprio Deus. Esse conhecimento era exterior.

As características do Antigo Testamento são a lei e os profetas. A razão pela qual Deus deu a lei e estabeleceu os profetas foi fazer com que seu povo O conhecesse. Assim, a lei e os profetas são os dois meios pelos quais Deus levou o povo de Israel a conhecê-Lo. Por esses dois meios, eles puderam ter o conhecimento de Deus em duas fases.

Deus deu a lei a fim de que os Israelitas conhecessem Sua natureza. A lei vem da natureza de Deus, pois ela fala do que Deus gosta e não gosta. Tudo o que a natureza de Deus gosta

é o que Ele queria que eles fizessem. Tudo o que a natureza de Deus detesta é o que Ele os proibiu de fazer. Por exemplo: Deus é um Deus ciumento; portanto, Ele os proibiu de adorar ídolos. Deus é amável; portanto, Ele os proibiu de matar. Deus é santo; portanto, Ele queria que eles fossem santos. Deus é honesto; portanto, Ele queria que eles fossem honestos. O tipo de lei que lhes foi dado era segundo a natureza de Deus. Assim, toda a lei lhes mostrava a natureza de Deus. Alguns itens falam do esplendor divino, outros, da santidade e bondade de Deus, e ainda outros do amor de Deus. Deus usou as exigências e proibições de todos os itens da lei para guiar o povo de Israel a conhecer cada aspecto de sua natureza.

Deus também estabeleceu profetas para guiar o povo de Israel a conhecê-Lo, pois os profetas do Antigo Testamento foram instituídos por Deus para representá-Lo. As palavras que eles falavam eram a revelação e o guiar dados por Deus segundo Sua própria vontade. Por exemplo: Moisés foi um profeta instituído por Deus (Dt 18:15). As palavras que ele falou aos filhos de Israel sobre a edificação do tabernáculo era a revelação de Deus para eles a esse respeito. Quando ele os guiou no deserto, foi Deus que os guiou no deserto. Assim, Deus usou todo tipo de revelação e orientação por meio dos profetas para guiar os filhos de Israel a conhecê-Lo.

Como a lei provém da natureza de Deus, seu caráter é fixo e imutável. A lei diz que se devem honrar os pais, não se deve matar nem cometer adultério e não se deve roubar. Todas essas leis são fixas, rígidas e não podem ser mudadas. São aplicáveis a qualquer pessoa, esteja ela vivendo em Jerusalém ou em Samaria. Não são alteradas em razão de mudanças em pessoas, eventos, tempos ou lugares. Se os filhos de Israel estivessem dispostos a aceitar os padrões dessas leis, ele não apenas conheceriam a natureza eterna e imutável de Deus, mas também o estilo, o caráter e o sabor do seu viver corresponderiam àquela natureza.

Por outro lado, uma vez que os profetas representavam o próprio Deus e falavam a vontade de Deus para um determinado tempo, a atividade deles era flexível e podia mudar. Não era limitada e fixa. Isso porque Deus faz todas as coisas segundo Sua própria vontade e Ele mesmo é flexível e não

pode ser limitado. Os profetas podem dar um tipo de revelação às pessoas em determinada ocasião e dar outro tipo de revelação em outra ocasião. Aqui, eles podem dar este tipo de orientação às pessoas e, ali, podem dar aquele tipo de orientação. Assim, o padrão da lei dada aos homens era fixo e limitado, mas a revelação e orientação que os profetas davam eram flexíveis e ilimitadas. Se os israelitas estivessem dispostos a seguir a revelação e orientação dos profetas, eles podiam conhecer Deus em Sua própria Pessoa por meio delas e podiam conhecer Sua vontade para aquela época. Eles também podiam corresponder ao próprio Deus e à Sua vontade, tanto em atividade como em repouso, no trabalho ou na guerra.

VI. A LEI DA VIDA E O ENSINAMENTO DA UNÇÃO

Embora a lei e os profetas do Antigo Testamento pudessem fazer com que os filhos de Israel conhecessem a Deus, era tudo conhecimento exterior, e não interior. Portanto, na época do Novo Testamento, Deus pôs Seu Espírito com Sua vida em nós, capacitando-nos, assim, a conhecê-Lo interiormente. A lei da vida, que vem da Sua vida, toma o lugar da lei do Antigo Testamento e nos capacita a conhecer interiormente Sua natureza. O ensinamento e a unção tomam o lugar dos profetas do Antigo Testamento e nos capacitam a conhecer o próprio Deus e Sua vontade em nosso interior.

A. A lei da vida

A lei da vida é uma característica e função naturais da vida e essa característica da vida é a natureza da vida. Portanto, quando a lei da vida de Deus em nós expressa sua função e nos governa, ela sempre nos revela a natureza de Deus. Por isso, ela nos capacita a conhecer a natureza de Deus. Esse conhecimento não exige o ensinamento exterior, nem precisa dos regulamentos exteriores da lei de letras na forma de ordenanças, mas é pela percepção natural dada a nós pela lei interior da vida. Por exemplo: se colocarmos vinagre na boca de um bebê, ele irá cuspi-lo. Mas se colocarmos açúcar em sua boca, ele o engolirá. A capacidade que o bebê tem de distinguir entre azedo e doce não é baseada em ensinamento,

mas na função natural da vida. Semelhantemente, alguém que recentemente foi salvo e recebeu a vida de Deus não gosta de cometer pecado. Não é porque ele tenha medo de punição pelo pecado, mas porque a natureza santa da vida de Deus nele naturalmente lhe dá uma sensação repugnante, detestável e intolerável do pecado. Essa sensação é mais profunda que a condenação da consciência. Por essa sensação de detestar o pecado é que passamos a conhecer a natureza de Deus.

Paulo disse aos santos em Corinto: “Nos afadigamos, trabalhando com as próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando difamados, rogamos” (1Co 4:12-13). Paulo pôde agir assim não apenas porque a vida de Deus nele o fez assim, mas também porque a natureza da vida de Deus nele era assim. Quando vivia na vida de Deus daquela maneira, ele tocava a natureza de Deus; em outras palavras, ele passou a conhecer a natureza de Deus.

A natureza da vida de Deus, tal como santidade, amor, honestidade, resplendor, etc., é sempre imutável, de eternidade a eternidade, não importando a diferença de tempo ou espaço. Portanto, o caráter da lei da Sua vida também é fixo e imutável. Não importando a hora ou lugar, sempre que a vida opera, a natureza de Deus que ela nos capacita a tocar é sempre permanente e imutável.

Quando a lei da vida opera em nós, capacitando-nos a conhecer a natureza de Deus, o resultado é que ela faz com que a maneira, o caráter e o gosto de todo o nosso viver correspondam à natureza de Deus. Não é como a lei de letras do Antigo Testamento, que é apenas uma regulamentação exterior, exigindo que a vida exterior do homem corresponda à natureza de Deus. É a lei da vida do Novo Testamento, que, pelo operar interior dessa vida, mescla a natureza de Deus em nossa natureza. Assim, ela faz com que nossa natureza contenha o elemento da natureza de Deus e, gradualmente, torne-se igual à natureza de Deus. Tudo que a natureza de Deus ama ou detesta, nossa natureza também amará ou detestará. Agora, sempre que praticamos, ou apenas queremos praticar, as coisas tenebrosas e impuras do passado, a lei da vida que está em nós nos faz sentir desconfortáveis, desagradáveis e sem

paz. Ao contrário, quanto mais praticamos as coisas que são da luz, são santas e correspondem à natureza de Deus, mais sentimos vida e paz interiormente. Dessa maneira, nosso viver é naturalmente mudado para corresponder à natureza de Deus em nós.

B. O ensinamento da unção

Nas Escrituras, apenas 1 João 2:27 fala do ensinamento da unção. Todos sabemos que *unção* é um substantivo abstrato que se refere à ação do unguento, ao mover e operar do unguento. De acordo com o tipo do Antigo Testamento e seu cumprimento no Novo Testamento, a unção, ou azeite, na Bíblia refere-se ao Espírito Santo (Is 61:1; Lc 4:18). Uma vez que o unguento ou azeite refere-se ao Espírito Santo, a unção tem de referir-se à operação do Espírito Santo. A operação do Espírito Santo em nós é como a unção do unguento; portanto, a Bíblia chama essa operação do Espírito Santo de “unção”.

Uma vez que a unção é o operar do Espírito Santo em nós, ela naturalmente nos faz ter uma sensação interior para que conheçamos Deus e Sua vontade. Quando a unção nos faz conhecer Deus e Sua vontade dessa maneira, ela está nos ensinando interiormente. A esse ensinamento a Bíblia chama de “ensinamento da unção”.

Como o ensinamento da unção é o operar do Espírito Santo em nós, ele também é o próprio Deus operando em nós, porque o Espírito Santo é a corporificação de Deus em nós. Deus é ilimitado; portanto, o caráter do ensinamento que Ele nos dá, operando em nós e nos unguindo interiormente, não pode ser limitado. Às vezes Ele nos dá um tipo de ensinamento; às vezes Ele nos dá outro. Não é como a lei de Sua vida, cujo caráter é fixo e imutável. A lei de Sua vida provém da natureza fixa de Sua vida e nos faz tocar a natureza fixa dessa vida; portanto, a função dessa lei em nós é fixa. Mas a operação do Seu Espírito Santo provém do Seu ser ilimitado; portanto, o ensinamento que essa operação nos dá interiormente também é ilimitado. Pode fazer-nos obter Sua revelação e receber Sua orientação, fazendo-nos, assim, conhecer Seu ser infinito e Sua vontade ilimitada.

Uma vez que o ensinamento da unção nos dá revelação e orientação mediante o ser infinito de Deus, ele pode fazer com que todo nosso comportamento, ação, movimento e escolha sejam de acordo com a vontade de Deus. Não é como os profetas do Antigo Testamento que ensinavam os outros exteriormente e exigiam deles uma ação que correspondesse à vontade de Deus. É o Espírito Santo como a unção em nós, unguindo-nos interiormente com o elemento do próprio Deus e capacitando-nos interiormente a compreender a vontade de Deus, porque tocamos o próprio Deus. O resultado é que isso faz com que não apenas nossa ação, mas todo nosso ser seja enchido com o elemento de Deus e seja unânime com Sua vontade.

Assim, a lei da vida nos faz tocar a natureza da vida de Deus. Ela nos governa interiormente segundo a natureza da vida de Deus. Mas a unção nos faz tocar Deus, a Sua Pessoa, e nos unge com Sua própria essência. Uma vez que temos a lei da vida e a unção operando continuamente em nós e nos ensinando, podemos conhecer Deus em todas as coisas e não precisamos que os outros nos ensinem. Sempre que tocamos a questão do modo e sabor de viver, a lei da vida nos dá a conhecer a natureza de Deus nesses assuntos. E sempre que tocamos a questão de agir ou escolher, o ensinamento da unção nos faz entender como o próprio Deus se sente a respeito desses assuntos.

Por exemplo: suponha que queiramos comprar algumas roupas. Comprá-las ou não é uma questão de ser guiado pelo Espírito Santo em ação. Assim, a unção nos ensinará e nos guiará. Quando chegamos à loja, o estilo e cor que escolhemos são assuntos relacionados ao sabor e natureza de Deus. A lei da vida nos fará sentir que estilo e cor estão de acordo com a natureza de Deus. A orientação de ir à loja e comprar roupas ou não, não é fixa. É possível que desta vez devamos ir e da próxima não. Contudo, o gosto do estilo e cor que devemos escolher nunca muda; sempre que vamos, é o mesmo.

Considere, por exemplo, um irmão e uma irmã que desejam casar-se. Que dia devem casar-se é uma questão de orientação na ação e não está relacionado à natureza de Deus. Não é que o dia primeiro ou o dia 15 devem concordar com a natureza de Deus e todos os demais não. Uma vez que é uma

questão de orientação na ação, isso é determinado pela unção ou operação do Espírito Santo. Contudo, na hora do casamento, o estilo das roupas, o tipo de arranjo, como a reunião é preparada e se o caráter, o sabor e o estilo estão de acordo com a igreja e são apropriados aos santos, são todas questões relacionadas com a natureza de Deus. Portanto, elas não são ensinadas pela unção, mas são governadas pela lei da vida.

C. A conexão entre a lei da vida e o ensinamento da unção

Embora a lei da vida e o ensinamento da unção tenham funções diferentes e não sejam o mesmo, eles estão muito intimamente relacionados. A causa e efeito entre os dois não podem ser separados.

A lei da vida tem sua origem na vida de Deus e a vida de Deus se apoia e está contida no Espírito de Deus. Portanto, essa lei também é chamada de “lei do Espírito da vida” (Rm 8:2) e também é uma lei do Espírito Santo. Embora seja derivada da vida de Deus e se apoie nela, ela é executada pelo Espírito Santo de Deus e esse operar do Espírito Santo é a unção. Portanto, a função dessa lei é necessariamente manifestada com a unção. Sempre que a unção para, a função dessa lei necessariamente desaparece. Isso nos prova que a unção e a função da lei da vida estão de fato conectadas e não podem ser separadas.

Além disso, o ensinamento da unção também está relacionado com a nossa compreensão da lei da vida. Uma vez que a lei da vida é a função natural da vida, a operação dessa lei em nós pertence à sensação de vida. Pela lei dessa vida, apenas podemos ter uma sensação na parte mais profunda de nosso ser, uma sensação que nos faz sentir um impulso ou uma proibição, um gostar ou um detestar. Contudo, ainda não conseguimos entender o significado dessa sensação. Para entendê-la, precisamos do ensinamento da unção. Apenas quando a unção nos ensina é que podemos compreender o significado da sensação que recebemos da lei da vida. Por exemplo: uma criança que prova açúcar e sal pela primeira vez sentirá a diferença de sabor pela capacidade natural de sua vida; contudo, ela ainda não conhece essas duas coisas. Entretanto, quando sua

mãe lhe diz que a coisa doce chama-se açúcar e a salgada, sal, ela não apenas sente que o sabor dessas coisas é diferente, mas também sabe o que elas são.

Semelhantemente, quando um irmão é salvo, ele tem em seu interior a vida de Deus. Portanto, se ele for ao cinema, beber vinho ou fumar, como essas coisas não estão em harmonia com a natureza da vida de Deus nele, a natureza dessa vida faz com que ele sinta-se desconfortável e não tenha paz até que abandone essas coisas. É isso que a sensação inata da vida de Deus lhe dá a conhecer. Contudo, apesar de sentir-se desconfortável ao fazer essas coisas, ele ainda não entende o porquê desse desconforto. Apenas quando a unção, por meio do ensinamento da Bíblia, mostra-lhe que todas essas coisas não estão de acordo com a natureza santa da vida de Deus nele é que ele passa a conhecer a causa desse desconforto. Nessa hora, ele não apenas tem a percepção que a sensação inata da vida de Deus lhe dá, mas também tem o ensinamento da unção que o faz entender. Assim, não apenas a função da lei é manifestada por meio da unção, mas também o significado da sensação da lei da vida é revelado mediante o ensinamento da unção.

Por outro lado, a operação da lei da vida também está relacionada com a nossa compreensão do ensinamento da unção. Pela experiência sabemos que entender o ensinamento da unção depende do crescimento de vida. Quanto mais crescemos em vida, mais entendemos o ensinamento da unção. Por exemplo: se uma criança que provou açúcar e sal é muito jovem, mesmo que sua mãe lhe diga que a coisa doce chama-se açúcar e a salgada chama-se sal, ela ainda não consegue entender. É preciso esperar que a vida cresça até certo nível para que ela compreenda. Se quisermos compreender o ensinamento da unção, o mesmo princípio se aplica. É necessário crescimento de vida suficiente. Se quisermos compreender mais o ensinamento da unção, nosso crescimento de vida tem de aumentar. E o crescimento de vida provém da operação da lei da vida. Quanto mais a lei da vida opera em nós, mais nosso crescimento de vida aumentará, e mais poderemos compreender o ensinamento da unção. Dessa maneira, a operação da lei da vida pode aumentar nossa compreensão da unção.

Recordemos, portanto, que a lei da vida e a unção não apenas estão relacionadas entre si, mas também se influenciam mutuamente. É o relacionamento e a interação das duas que fazem com que nosso conhecimento interior de Deus cresça cada vez mais até conhecermos Deus de maneira rica e plena.

D. A comparação entre a lei da vida e o ensinamento da unção

Já vimos como a lei da vida e o ensinamento da unção diferem entre si e como eles estão mutua e reciprocamente relacionados. Agora veremos uma comparação simples e clara do conhecimento de Deus dado por esses dois itens, que nos esclarecerá ainda mais.

Como a lei da vida é a função natural da vida de Deus, o conhecimento de Deus que ela nos dá é de um único tipo, ou seja, ele nos faz conhecer a natureza da vida de Deus.

Contudo, uma vez que o ensinamento da unção é a operação do Espírito do próprio Deus, há, pelo menos, três tipos de conhecimento de Deus que ele nos dá:

Primeiro, ele nos faz conhecer o próprio Deus. Isso significa que tocamos, experimentamos e ganhamos o próprio Deus.

Segundo, ele nos faz conhecer a vontade de Deus. Isso significa que entendemos a orientação que Deus nos dá em nossas ações. Essa orientação pode ser dividida em orientação comum e especial. Orientação comum é para nossa vida diária. Orientação especial é para o plano da obra do Senhor. Como dissemos anteriormente, comprar ou não alguma coisa, em que dia casar, etc., são exemplos de orientação comum em nossa vida diária. Por outro lado, quando o irmão Hudson Taylor sentiu que devia levar o Evangelho do Senhor para o interior da China, essa foi uma orientação especial na obra do Senhor.

Terceiro, ele nos faz conhecer a verdade. Isso significa que recebemos revelação acerca da verdade. Isso também é dividido em comum e especial. O comum refere-se ao nosso comportamento humano. Por exemplo: ver que os crentes não devem pôr-se “sob jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6:14), ou o que fizermos, façamos “tudo para a glória de Deus” (1Co 10:31). Por outro lado, a revelação especial refere-se ao plano

de Deus, como ver o mistério de Deus em Cristo (Cl 2:2) e a função da Igreja em relação a Cristo (Ef 1:23).

Depois de ver esses pontos, percebemos que o conhecimento interior que a lei da vida e o ensinamento da unção nos dão é de fato rico. Ele inclui quase todo o operar de Deus em nós e, assim, nos capacita a ter um conhecimento de Deus pleno, rico e perfeito.

VII. A PROVA DAS ESCRITURAS

A sensação interior que a lei da vida e o ensinamento da unção nos dão nos capacita a conhecer Deus. Contudo, embora essa sensação interior seja absolutamente real e verdadeira, ela ainda precisa ser provada pelos ensinamentos e princípios da Bíblia. Se a percepção interior que temos não estiver de acordo com os ensinamentos e princípios das Escrituras, não devemos aceitá-la. Dessa maneira, podemos nos guardar de ser enganados ou de nos tornar extremistas e podemos ser precisos e estáveis.

Quer seja proveniente da lei da vida em nosso espírito ou do Espírito Santo como a unção, a percepção interior deve estar de acordo com a verdade das Escrituras. Se a percepção interior que temos não estiver de acordo com a verdade na Bíblia, ela não deve ser proveniente da lei da vida nem da unção interior. Mesmo que a percepção interior seja viva, a verdade na Bíblia é precisa e segura. Embora a verdade das Escrituras sozinha não seja precisa e segura se não for viva, a sensação interior sozinha pode, às vezes, ser viva, mas não ser precisa; ou ser viva, mas não ser segura. É como um trem: deve haver não apenas a potência do motor, mas também os trilhos. É claro que, se houver apenas os trilhos e nenhuma potência no motor, o trem não pode mover-se. Mas, se houver apenas potência no motor e nenhum trilho exteriormente, embora o trem possa mover-se, ele com certeza causará um desastre. Portanto, precisamos não apenas da sensação viva interiormente, mas também da verdade correta exteriormente. A percepção interior viva provém da lei da vida e do ensinamento da unção; a verdade precisa reside no ensinamento das Escrituras e na luz de seus princípios.

Quando os filhos de Israel andaram pelo deserto, uma coluna de nuvem era seu guia durante o dia e uma coluna de fogo, à noite. Semelhantemente, quando nossa condição espiritual é como a forte luz do dia, quando estamos interiormente resplandecentes como o meio-dia e nossa sensação interior é clara e precisa, com a orientação do Espírito Santo, tipificada pela coluna de nuvem, então podemos andar no caminho certo de Deus. Mas, às vezes, nossa condição espiritual é obscura como a noite; interiormente estamos em trevas como a meia-noite e nossa sensação interior está obscura e confusa. Então precisamos que as Escrituras, tipificadas pela coluna de fogo, sejam a lâmpada para os nossos pés para nos guiar no caminho reto de Deus.

Portanto, se desejamos andar no caminho seguro da vida e da verdade, devemos conferir e provar toda percepção, orientação e revelação com o ensinamento e princípios do verdadeiro poder e força segura. Somente esse equilíbrio nos capacita a prosseguir sem ser parciais.

VIII. O “ENSINAMENTO” EXTERIOR

Embora por um lado as Escrituras digam que, porque temos a lei da vida e o ensinamento da unção em nós, podemos conhecer a Deus e não precisamos que os outros nos ensinem, por outro lado, há muitos lugares na Bíblia que falam do ensinamento do homem. Por exemplo: passagens como 1 Coríntios 4:17; 14:19; 1 Timóteo 2:7; 3:2; 2 Timóteo 2:2, 24, etc., dizem que o apóstolo Paulo ensinava os homens e que ele queria que os outros também aprendessem a ensinar os homens. Há três razões principais para isso.

Primeiro, embora a sensação interior dada a nós pela lei da vida e pelo ensinamento da unção seja suficiente para nos fazer conhecer Deus, e por isso não precisamos do ensinamento de homens, frequentemente não damos ouvidos e não atendemos a essa percepção. Somos fracos, especialmente em ouvir as palavras de Deus. Às vezes não ouvimos e às vezes não estamos dispostos a ouvir. Os que têm problemas mentais, os que são subjetivos, os que insistem em suas opiniões e os que intencionalmente se fecham, frequentemente não conseguem ouvir. E os que não amam o Senhor, não pagam o

preço e não O seguem, não estão dispostos a ouvir. Por não estarem dispostos a ouvir, eles naturalmente não ouvem. Por não ouvirem, eles de maneira alguma querem ouvir. Portanto, muitas vezes não é que Deus não fala, que Sua vida não governa ou que Sua unção não ensina, mas que não ouvimos. Jó 33:14 diz: “Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso”. Temos situações piores do que essa. Mesmo quando Deus fala, dez ou vinte vezes, ainda não queremos ouvir. Mas, graças a Deus, Ele perdoa e é longânimo. Se não ouvimos o que Ele fala interiormente, Ele usa o ensinamento dos homens exteriormente para repetir. Ele já havia falado em nosso interior, mas porque não ouvimos, Ele nos ensina exteriormente por meio dos homens para repetir o que Ele já havia falado interiormente.

No Novo Testamento, muitos ensinamentos seguem esse princípio da repetição. Nas epístolas, é frequente a expressão: “Acaso não sabeis?” Isso é o mesmo que dizer que você já tinha ouvido e já sabia, mas você não deu importância ao ouvir; por isso, Deus usa os homens para ensiná-lo novamente. Assim, muitas vezes, quer Deus use as palavras da Bíblia ou Seu servo para nos ensinar, Ele não o faz para substituir Seu ensinamento em nós, mas para repetir o que Ele já havia nos ensinado interiormente. Embora a orientação exterior e o ensinamento interior ajudem-se mutuamente, o exterior não pode substituir o interior. Ele é apenas uma repetição do interior.

Assim, hoje, quando ajudamos os outros em assuntos espirituais, não devemos dar-lhes os dez mandamentos para ensiná-los a agir desta ou daquela maneira de forma objetiva. Apenas podemos explicar o que Deus ordenou em princípio, dando, assim, testemunho das palavras que Deus fala interiormente e repetindo o que Deus já lhes falou interiormente. Não deveríamos ensinar os homens objetivamente desta ou daquela maneira detalhadamente. Isso é o que os profetas do Antigo Testamento faziam. No Novo Testamento, há apenas profetas para a igreja, explicando o que Deus ordenou em princípio. Não há profetas para pessoas individualmente, decidindo questões em detalhes. O detalhamento é o que Deus, pela lei da vida e pela unção, dá a conhecer interiormente a todo homem. Esse é o princípio do Novo Testamento. Assim,

embora devamos ser humildes para receber ensinamento dos outros, esse ensinamento tem de ser o que a lei da vida ou a unção interior ensinaram para nos regular. Caso contrário, não estará de acordo com o princípio do Novo Testamento.

A segunda razão para o ensinamento de homens no Novo Testamento é que, embora a lei da vida e a unção possam fazer-nos conhecer Deus, a percepção e o ensinamento que eles nos dão estão em nosso espírito. Se não recebermos ensinamento exterior adequado, será difícil à nossa mente compreender a percepção e o ensinamento dados a nós pela lei da vida e pela unção. Para que nossa mente compreenda a percepção e o ensinamento dados a nós pela lei da vida e pela unção interior, precisamos que os homens nos ensinem os caminhos de Deus exteriormente. Quanto mais recebemos esse ensinamento exterior, mais nossa mente compreende a percepção e o ensinamento da lei da vida e da unção interior. E quanto mais recebemos esse ensinamento exterior, mais ele ajuda nosso espírito crescer, dando assim mais base e oportunidade para que a lei da vida e a unção manifestem suas funções e nos deem uma sensação e um ensino mais profundos. Portanto, embora a lei da vida e a unção nos deem percepção e ensinamento interiores, ainda precisamos do ensinamento de homens exteriormente. Contudo, esse ensinamento exterior não pode e não deveria substituir a percepção da lei da vida e o ensinamento da unção interior. Ele é apenas para nos ajudar a compreender essa sensação e ensinamento interiores e dar oportunidade à lei da vida e à unção de nos proporcionar uma sensação e ensinamento mais profundos. O ensinamento exterior dos homens sempre deve ter um “amém” ou um “eco” da percepção e ensinamento interior dado pela lei da vida e a unção. Então, ele estará de acordo com o princípio do Novo Testamento. O ensinamento e a orientação interior e exterior não substituem um ao outro, mas reagem mutuamente um ao outro.

Terceiro, embora a lei da vida e o ensinamento da unção possam nos fazer conhecer Deus em todas as coisas, com relação à verdade das coisas profundas de Deus e ao conhecimento fundamental da vida espiritual, muitas vezes ainda precisamos de outros que tenham o ministério da palavra na

revelação de Deus para nos ensinar a fim de que possamos entender. Precisamos do conhecimento subjetivo que vem da unção e da lei interior, mas, muitas vezes, sem o ensinamento objetivo de outros, não conseguimos obter o conhecimento subjetivo interior. É claro, no Novo Testamento, o ensinamento exterior objetivo não pode substituir o conhecimento interior subjetivo; mas muitas vezes o conhecimento interior subjetivo é alcançado mediante o ensinamento exterior objetivo.

Pelas três razões acima, Deus frequentemente levanta os que têm conhecimento e experiência espirituais diante Dele e os dispõe para nos ensinar e orientar. Esperamos que, por um lado, possamos honrar o que Deus nos ensina interiormente por meio da lei da vida e da unção e, por outro, não ignorar o ensinamento que Deus nos dá por meio de homens exteriormente. Não devemos recusar o ensinamento exterior dos homens simplesmente porque temos interiormente a lei da vida e o ensinamento da unção. Somos gratos a Deus por nos dar a lei da vida e o ensinamento da unção, mas ainda precisamos ser humildes e nos esvaziar para receber o ensinamento e a orientação que Deus nos dá por meio dos homens. Lembremo-nos que no Novo Testamento, Deus dá não apenas a lei da vida e a unção para nos ensinar, mas também dá os que podem nos ensinar e guiar exteriormente.

IX. CONHECER NO ESPÍRITO E ENTENDER NA MENTE

A. Conhecer no espírito

Uma vez que o conhecimento interior provém da lei da vida e do ensinamento do Espírito de Deus como a unção, e ambos estão em nosso espírito, esse conhecimento interior nos é dado indiscutivelmente em nosso espírito. Exceto pelas questões de certo e errado, que são determinadas pela consciência, que é parte de nosso espírito, podemos dizer que esse conhecimento no espírito é responsabilidade da intuição, outra parte de nosso espírito. Portanto, se queremos entender o conhecimento interior, precisamos saber o que é a intuição do espírito.

Tanto o corpo como a alma do homem têm sensações. Assim como o corpo tem o sentido da visão, audição, olfato, paladar e tato; a alma tem sensações de alegria, ira, tristeza, gozo, etc.; o espírito do homem tem os sentidos da consciência e da intuição. A sensação da consciência ocorre devido a questões de certo e errado; a sensação da intuição acontece diretamente, sem uma causa. A Bíblia nos mostra que o espírito pode estar “disposto” (Mt 26:41), pode “perceber” o arrazoamento do coração do homem (Mc 2:8), pode “gemer profundamente” (Mc 8:12), pode “propror” (At 19:21) e pode se “revoltar”, ser “fervoroso” e “revigorado”, etc. (At 17:16; 18:25; 2Co 7:13). Tudo isso são sensações da intuição do espírito. Podemos dizer que a intuição do espírito tem tantas sensações quanto a alma.

Contudo, a intuição do espírito é diferente da sensação da alma. A principal diferença é que a sensação da alma provém de uma causa, mas a intuição do espírito não tem um motivo. A causa da sensação da alma provém de homens, acontecimentos e coisas exteriores. Um homem, um acontecimento ou uma coisa, pode nos fazer ter uma percepção na alma. Se for agradável, ficamos felizes; se for triste, nos sentimos infelizes. Esses sentimentos da alma, que ocorrem devido a influências externas, são sensações que têm uma causa. Contudo, a intuição do espírito vem sem motivo, o que significa que ela não vem por intermédio de alguma coisa, mas está presente na parte mais profunda do espírito. Ela não é influenciada por homens, eventos ou coisas; tampouco é influenciada pela sensação da alma. Na verdade, ela frequentemente age contrariamente à sensação da alma.

Por exemplo: às vezes queremos fazer algo. Nossas razões são suficientes para isso, nosso coração também está muito contente e estamos dispostos a fazê-lo. Contudo, não sabemos por que temos em nosso espírito uma condição que não podemos explicar. Sentimo-nos muito pesados e deprimidos, como se o espírito se estivesse opondo ao que a mente pensa, ao que a emoção gosta e ao que nossa vontade decidiu. Nosso espírito parece estar dizendo que não deveríamos fazer o que planejamos. Essa percepção é a proibição da intuição do espírito. Às vezes há determinada questão que não tem um motivo para a apoiarmos; ela é contrária aos nossos gostos e não estamos

dispostos a realizá-la. Contudo, embora não saibamos por que, sentimos constantemente no espírito um impulso e estímulo, desejando que a realizemos. Uma vez que realizamos essa coisa, nos sentimos confortáveis interiormente. Essa percepção é o ímpeto da intuição no espírito.

Essa proibição ou impulso da intuição no espírito ocorre sem motivo. É uma sensação mais profunda, que ocorre mediante a operação da lei da vida e da unção. Por isso podemos tocar Deus, conhecê-Lo e conhecer Sua vontade diretamente. A esse conhecimento da intuição do espírito a Bíblia chama de “revelação”. Assim, revelação é nada menos que o Espírito Santo em nosso espírito mostrando-nos a realidade de determinado acontecimento para que possamos compreendê-lo claramente. Podemos dizer que esse é o conhecimento mais profundo de Deus em nós. Também é o conhecimento interior do qual estamos falando.

B. Entender na mente

Embora o conhecimento interior esteja na intuição do nosso espírito, ele ainda precisa ser entendido pela mente, que é parte da alma. Isso é porque o órgão de compreensão e entendimento está na mente. Portanto, o conhecimento interior precisa ser não apenas conhecido pelo espírito, mas também entendido pela mente. O conhecimento da intuição no espírito precisa do acréscimo do entendimento da mente para ter compreensão. O entendimento da mente é um tipo de interpretação que a mente faz da intuição do espírito. Sempre que temos uma percepção intuitiva em nosso espírito, nossa mente é necessária para compreendê-la e interpretá-la. Isso significa que tomamos os homens, acontecimentos ou coisas relacionados e os comparamos com essa percepção intuitiva do espírito. Comparamos até que haja um “eco” no espírito. Então conheceremos a intenção do Espírito Santo e poderemos agir segundo ela.

Por exemplo: quando vamos ao Senhor e sentimos profundamente em nós um encargo na intuição, sabemos que veio orientação de Deus para nós. Isso é conhecer no espírito. Contudo, podemos não ter clareza se essa orientação de Deus é para pregarmos o evangelho ou para visitarmos um irmão. Se

for para visitar um irmão, que irmão é esse? Tudo isso exige o entendimento da mente. Devemos, em nossa mente, colocar diante de Deus cada uma das coisas que devemos fazer e conferir com a intuição interior. Se ao chegarmos à questão de visitar os irmãos e houver uma reação interior, então entendemos que Deus quer que visitemos alguns irmãos. Então, em comunhão com Deus, apresentamos muitos irmãos, um por um, para saber quem devemos visitar e conferimos com a intuição do espírito. Quando conferimos a respeito de um irmão que está em necessidade, pode não haver reação alguma no espírito. Quando conferimos sobre um irmão que está doente, pode não haver reação alguma no espírito. Mas quando consideramos outro irmão que está em dificuldades, a intuição no espírito reage, como se todo nosso interior dissesse: “Amém!” Se tememos estar errados, podemos levar mais irmãos que precisam ser visitados e conferi-los também. Se o espírito não reagir a qualquer deles, entendemos que a pessoa que Deus quer que visitemos é o irmão que está em dificuldades. Isso é usar a mente para entender o que é conhecido pelo espírito, ou usar a mente para interpretar a percepção do espírito.

Outro exemplo é que em oração você pode ter um encargo, sentindo que Deus quer que você diga algo aos irmãos e irmãs. Esse encargo é o conhecimento da intuição. Contudo, você não tem clareza quanto ao que Deus quer que você fale. Isso exige que, em sua mente, você tome uma mensagem após a outra e confira com o encargo em seu espírito. Quando você confere a questão de lidar com a carne, o espírito responde. Então você entende que Deus quer que você fale sobre esse assunto. Esse entendimento é a compreensão da mente. Assim, o encargo da intuição no espírito lhe diz que Deus quer que você faça algo, e o entendimento da mente o capacita a compreender que coisas Ele quer que você faça.

Talvez no domingo, como sempre, você queira ofertar algum dinheiro. Mas seu espírito tem um encargo, um sentimento que Deus quer que você faça uma oferta especial. Mas, o quanto Deus quer que você oferte, é preciso entender na mente para que assunto e para que pessoa ofertar. Dessa maneira, você tem não apenas o encargo de Deus na intuição, mas também

entende na mente a intenção de Deus. Isso é o conhecimento interior.

Tal maneira de fazer as coisas pode parecer muito esquisita; mas quando um homem está começando a aprender a interpretar a percepção do espírito com sua mente, ele deve fazer dessa maneira. Mais tarde, quando essa maneira de agir tiver se tornado um hábito e ele tiver sido aperfeiçoado, assim que houver uma percepção no espírito, a mente imediatamente irá compreender e entender.

X. A MANEIRA DE OBTER O CONHECIMENTO INTEIROS

Agora que vimos todos os aspectos do conhecimento interior, precisamos ver a maneira de praticá-lo ou obtê-lo. Para obter o conhecimento interior devemos exercitar o espírito, renovar o entendimento e lidar com o coração.

A. Exercitar o espírito

Uma vez que o conhecimento interior está na intuição de nosso espírito, se queremos obter tal conhecimento, temos de exercitar e usar frequentemente nosso espírito para que ele seja vivo e forte. Somente quando o espírito é vivo e forte é que a intuição do espírito se torna consciente e alerta, capacitando-nos, assim, a conhecer a Deus em nosso interior.

Para exercitar o espírito, precisamos primeiro aprender a nos voltar para o espírito. Se vivermos constantemente no homem exterior, não teremos como conhecer Deus na intuição do espírito. Temos de aprender a pôr de lado o que é exterior, as ocupações e coisas que nos atrapalham. Devemos nos abster não apenas de estar ocupados exteriormente, mas também evitar que nosso pensamento corra livremente. Em vez disso, devemos prestar atenção ao mover no espírito, à profunda percepção interior. O menino Samuel, ministrando ao Senhor, pôde ouvir Sua voz; Maria, sentada tranquilamente aos pés do Senhor, pôde entender Suas palavras. Se pudermos nos voltar assim para o espírito para estar próximos de Deus, poderemos, na verdade, perceber Deus no espírito e, assim, conhecê-Lo.

Também precisamos exercitar e usar o espírito em nosso viver diário. Ao lidar com as pessoas, administrar assuntos,

lidar com coisas ou ao servir o Senhor e ministrar a palavra de Deus nas reuniões, ao conversar com os outros ou até mesmo ao fazer negócios, em tudo, temos de negar a alma e deixar que o espírito tome a liderança. Não devemos deixar que nossa mente, emoção ou vontade liderem, mas em todas as coisas devemos primeiramente tentar tocar a profunda percepção no espírito. Ou seja, precisamos primeiramente tentar perguntar o que o Senhor, que habita no espírito, tem para dizer. Se continuarmos a exercitar dessa maneira, a percepção no espírito estará definitivamente alerta e então será fácil o conhecimento interior crescer e se aprofundar.

A melhor prática para se exercitar o espírito é a oração, pois a oração exige mais exercício do espírito do que qualquer outra atividade. Frequentemente gostamos de conversa fiada, mas não gostamos de orar ou louvar; portanto, nosso espírito frequentemente está murcho. Se pudéssemos usar uma hora diariamente para orar, não fazendo pedidos, mas adorando, tendo comunhão e louvando, não demorará muito para que nosso espírito cresça e se torne forte. O salmista disse que louvava o Senhor sete vezes ao dia (Sl 119:174). Se os que lutam boxe praticam uma hora por dia, após certo tempo seus punhos estarão muito fortes. Da mesma maneira, se exercitarmos nosso espírito todos os dias para orar, ele definitivamente ficará forte. Quando o espírito estiver forte, a intuição, com certeza, estará alerta. Então, com uma intuição alerta, poderemos obter mais conhecimento de Deus.

B. Renovar o entendimento

Já mencionamos que o conhecimento interior exige não apenas o conhecimento no espírito, mas também o entendimento da mente. Portanto, se quisermos obter esse conhecimento interior, precisamos exercitar nosso espírito e renovar o entendimento da nossa mente. A mente é um órgão para entender as coisas; sua principal capacidade é entender.

Romanos 12:2 nos mostra que apenas quando a mente, onde está o entendimento, é renovada e transformada é que podemos experimentar “qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”. Colossenses 1:9 também nos diz que ao ter “entendimento espiritual” podemos ser “cheios do

pleno conhecimento da Sua vontade”. Portanto, renovar o entendimento da mente é uma necessidade na questão de conhecer a Deus.

Antes de sermos salvos, todo o nosso ser, incluindo nossa mente, era caído. Todo desígnio do nosso coração era mau (Gn 6:5) e nosso pensamento e percepção também estavam cheios do sabor do mundo. Uma vez que nossa mente estava nesse estado, nosso entendimento ficou embaçado. Portanto, éramos totalmente incapazes de compreender as coisas espirituais. Muito menos podíamos conhecer a vontade de Deus. Quando fomos salvos, fomos renovados pelo Espírito Santo (Tt 3:5). Essa obra de renovação do Espírito Santo começa em nosso espírito e, então, se expande para nossa alma a fim de renovar o entendimento de nossa mente para que possamos conhecer as coisas do espírito. Quanto mais o entendimento de nossa mente é renovado pelo Espírito Santo, mais podemos compreender as coisas espirituais e entender a vontade de Deus.

Embora essa renovação do entendimento da mente seja feita pelo Espírito Santo, temos de assumir duas responsabilidades:

Primeiro, temos de nos consagrar. Em Romanos 12, antes de a mente ser renovada e transformada, nos é pedido para apresentar nosso corpo por sacrifício vivo. Isso mostra que a renovação do entendimento da mente é baseada em nossa consagração. Se estivermos realmente dispostos a nos consagrar e nos dar a Deus, o Espírito Santo de Deus poderá expandir Sua obra de renovação para nossa alma e, assim, renovar o entendimento de nossa mente.

Segundo, temos de aceitar os tratamentos da cruz para jogar fora o antigo viver do passado. Efésios 4:22-23 nos mostra que, somente quando nos despojamos do nosso velho homem com sua antiga maneira de vida, é que a mente, que contém o entendimento pode ser renovada. Antes de ser salvos, nossa antiga maneira de vida já havia obscurecido o entendimento da nossa mente. Depois que fomos salvos, mediante a morte do Senhor na cruz, nos despojamos do velho viver do passado. Isso permite que o matar da cruz do Senhor possa abolir, uma por uma, todas as antigas maneiras de vida. Somente então o entendimento da mente pode ser renovado. Assim, para que o

entendimento da nossa mente seja renovado, temos de aceitar os tratamentos da cruz. O entendimento da mente será renovado na medida em que permitirmos que a cruz faça o trabalho de abolir a velha maneira de vida.

Efésios 4:23 diz: “E que sejais renovados no espírito da vossa mente”. Sabemos que a mente é a principal parte da alma. Originalmente, ela não estava relacionada com o espírito, mas agora o espírito tornou-se “o espírito da mente”; portanto, ele está conectado a ela. Isso é porque o espírito se expandiu e alcançou a mente de nossa alma a fim de que sejamos renovados nesse espírito, isto é, para que nossa mente seja renovada estando conectada ao espírito. Por isso, essa renovação se expande do espírito para a mente.

A obra do Espírito em nós atua do centro para a circunferência, o que também significa do espírito interiormente para a alma exteriormente. O Espírito renova primeiramente nosso espírito, que é o centro do nosso ser interior. Então, se nos consagrarmos a Ele e aceitarmos os tratamentos da cruz, Ele Se expandirá do nosso espírito para a alma, que é a circunferência externa. Isso renovará cada parte da nossa alma. Isso significa que, quando nossa alma se submete ao governo do Espírito e se une ao nosso espírito, ela é renovada. Portanto, o entendimento da mente também é renovado.

Depois de receber a regeneração do Espírito Santo, se nos consagramos a Deus e aceitamos a obra do Espírito Santo por meio da cruz para descartar nosso velho viver, o Espírito Santo pode, então, realizar continuamente Sua obra de expandir-se em nós, renovando o entendimento da nossa mente na alma. Somente um entendimento renovado assim pode ser compatível com a intuição no espírito. Sempre que Deus nos faz conhecer alguma coisa na intuição do espírito, o entendimento da mente pode imediatamente entender. Quando temos um espírito forte e alerta e um entendimento renovado e claro, podemos ter um pleno conhecimento interior da natureza de Deus e de toda Sua orientação e revelação.

C. Lidar com o coração

O coração é o conjunto total do homem; portanto, se o coração tiver problemas, todas as atividades do espírito e da vida

em nós sofrerão impedimentos e limitações. Mesmo que nosso espírito esteja alerta e nosso entendimento seja renovado, se houver problemas com nosso coração, ainda não poderemos obter o conhecimento interior de Deus. Portanto, também precisamos lidar com o coração para que ele seja sensível e puro, ame a Deus, deseje Deus e O obedeça.

Em Mateus 11:25, o Senhor diz que Deus ocultou as coisas espirituais dos sábios e entendidos e as revelou aos pequeninos. Os “sábios e entendidos” são aqueles que se autojustificam no coração; que estão satisfeitos consigo mesmos e são obstinados; portanto, eles não conseguem ver as coisas espirituais de Deus. “Pequeninos” são aqueles que são humildes e afáveis de coração; portanto, eles podem receber a revelação de Deus. Assim, nosso coração precisa ser tratado até que se torne humilde e afável. Somente quando ele está livre da própria satisfação e obstinação é que podemos receber revelação e conhecimento interiores de Deus.

Em Mateus 5:8, o Senhor diz que os puros de coração verão a Deus. Se nosso coração não é puro por termos inclinações e desejos além de Deus, há em nós um véu que nos impede de ver Deus claramente. Contudo, sempre que nosso coração se volta para Deus, o véu é retirado (2Co 3:16). Assim, devemos lidar com nosso coração. Nosso coração deve ser puro e não ser dividido (Tg 4:8); então, podemos receber luz e revelação no espírito, compreender e entender na mente e, assim, conhecer Deus.

Em João 14:21, o Senhor diz: “Aquele que Me ama, (...) Me manifestarei a ele”. Na manhã do dia da ressurreição, Maria Madalena buscou o Senhor por causa do seu amor intenso pelo Senhor. Ela recebeu a primeira manifestação do Senhor aos Seus discípulos após a ressurreição e tornou-se a primeira pessoa a conhecer o Cristo ressurreto (Jo 20). O irmão Lawrence disse que se alguém quiser conhecer a Deus, o único caminho é o amor. Nosso coração precisa amar a Deus e buscá-Lo; então, poderemos ter a manifestação de Deus e conhecê-Lo.

Em João 7:17, o Senhor diz: “Se alguém quiser fazer a vontade Dele, conhecerá...”. Isso revela que nosso coração precisa desejar Deus e Sua vontade; então, poderemos conhecê-Lo e a Sua vontade.

Em Filipenses 2:13, o apóstolo diz que é Deus quem opera em nós tanto o querer como o realizar. Se nosso coração não se submeter ou não estiver disposto a se submeter à operação de Deus em nós, Deus não poderá operar em nós. Dessa maneira, não conseguimos ter a percepção de que Seu operar nos levaria ao conhecimento Dele. Por isso, nosso coração deve ser tratado até que ele não apenas se submeta a Deus, mas também esteja disposto a isso. Então, poderemos receber a percepção e o conhecimento que provêm da operação de Deus em nós.

Portanto, precisamos: 1) exercitar e usar o espírito até que ele fique forte e alerta; 2) ter nosso entendimento renovado pelo Espírito; e 3) lidar com nosso coração até que ele fique afável e puro, amando a Deus e submetendo-se a Ele. Então, poderemos ter um conhecimento interior de Deus.

XI. CONCLUSÃO

Porque Deus Se agrada em que o homem O conheça, Ele deu ao homem muitas maneiras e meios para isso. No Antigo Testamento, Ele manifestou Seus feitos e declarou Seus caminhos aos homens para que eles O conhecessem. Mas o conhecimento que o homem tinha Dele, por meio dos Seus feitos e caminhos, era apenas exterior, objetivo, superficial e incompleto. Portanto, no Novo Testamento, embora Ele ainda use Seus feitos e caminhos para Se fazer conhecer, a coisa mais importante e gloriosa é que Ele mesmo, como o Espírito, entrou em nós para ser nossa vida. Isso nos capacita a ter um conhecimento interior subjetivo, profundo e pleno Dele.

Quando Deus está em nós como vida, Ele nos faz ter a lei da vida divina interiormente, a qual nos governa interiormente o tempo todo, fazendo-nos conhecer a natureza de Sua vida. A lei dessa vida, por ser uma lei, não é uma pessoa; é fixa e imutável. Ela nos governa interiormente sem mudar, de acordo com a natureza da vida de Deus. O resultado é que ela faz com que a maneira, a natureza, e o sabor do nosso viver sejam compatíveis com a natureza de Deus.

O Espírito de Deus habitando em nós é como a unção, que nos unge e ensina para que O conheçamos. Uma vez que a unção é o próprio Deus, ela é uma pessoa, e é ilimitada e flexível. Essa unção em nós nos unge continuamente com o próprio

Deus infinito. O resultado é que ela faz com que toda nossa pessoa, comportamento e conduta sejam encheidos com a essência de Deus e concordem com Sua vontade.

Deus, como a lei da vida e a unção, começa em nosso espírito e, então, se expande para nossa alma, para que nossa mente possa compreender e entender. Portanto, precisamos exercitar o espírito para que a intuição do espírito esteja alerta. Também precisamos ter nossa mente renovada para que o entendimento da mente seja claro. Além disso, precisamos lidar com nosso coração para que ele seja afável e puro, amando a Deus, desejando-O e sendo submisso a Ele. Dessa maneira, assim que a lei da vida e a unção movem-se em nós, a intuição em nosso espírito imediatamente saberá, o entendimento em nossa mente também compreenderá imediatamente e poderemos ter o conhecimento interior de Deus a qualquer momento.

Para tal conhecimento interior, Deus também nos deu o ensinamento e os princípios da Bíblia exteriormente, para nos conferir e provar, a fim de que não nos enganemos nem sejamos enganados. Além disso, Deus ensina ou repete a percepção que temos interiormente por meio de Seus muitos servos exteriormente. Ele pode ensinar nossa mente para que compreenda a percepção que temos no espírito, ou pode nos esclarecer as coisas profundas de Deus e o conhecimento fundamental da vida espiritual.

Uma vez que, interior ou exteriormente, temos tantas maneiras de conhecer Deus, podemos ser cheios do pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual, a fim de andarmos de modo digno do Senhor, para agradá-Lo em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo pelo pleno conhecimento de Deus (Cl 1:9-10). Quando conhecemos Deus dessa maneira, não apenas podemos conhecer plenamente a vontade de Deus, mas também podemos crescer e amadurecer na vida de Deus. Quanto mais crescermos no conhecimento de Deus, mais cresceremos em Sua vida, até que Ele nos ocupe totalmente. Então, a essência de Deus será plenamente trabalhada em nós, cumprindo assim a meta gloriosa do desejo de Deus de ser mesclado conosco como um só.

CAPÍTULO DOZE

QUE É O CRESCIMENTO DE VIDA?

Veremos agora o décimo segundo ponto principal sobre o conhecimento de vida, que é o crescimento de vida. Se quisermos ter mais conhecimento de vida, precisamos também saber o que é crescimento de vida. Há muitos irmãos e irmãs cujo coração não é carente de fervor em seu amor ao Senhor, e o preço que eles têm pago também não pode ser considerado insuficiente, mas por não saberem o que é o verdadeiro crescimento de vida, eles podem ter pontos de vista equivocados. Assim, o verdadeiro crescimento de vida neles é muito limitado. Que pena! Portanto, para ter um conhecimento exato e uma busca adequada no caminho da vida, precisamos gastar algum tempo para ver o que é crescimento de vida.

Contudo, antes de ver o que é crescimento de vida, vamos dar uma olhada no lado negativo: o que não é crescimento de vida. Isso nos impressionará mais profundamente e nos proporcionará um conhecimento mais exato.

I. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É MELHORA DE COMPORTAMENTO

A melhora de comportamento significa a mudança do comportamento de uma pessoa de ruim para bom, de maligno para virtuoso. É a isso que os homens normalmente chamam de “deixar os caminhos maus e voltar ao caminho reto” ou “deixar o mal e seguir a virtude”. Por exemplo: um homem que antes era muito orgulhoso, agora é humilde. Ele costumava odiar os outros; agora os ama. Normalmente ele perdia a paciência e ficava irado com facilidade; agora ele se tornou paciente e já não fica irado com facilidade. Todas essas coisas podem ser consideradas melhora de comportamento. Quando

o comportamento de um homem melhora dessa maneira, será que isso é crescimento de vida? Não!

Por que afirmamos que crescimento de vida não é melhora do comportamento? Porque comportamento e vida são coisas que definitivamente pertencem a dois mundos diferentes.

Assim como o mal é diferente de vida, o bem também o é. Assim como o mal não é vida, o bem também não é. O mal e o bem, embora diferentes em natureza, não pertencem ao mesmo mundo; ambos não são vida. Assim, na Bíblia, o bem e o mal não são duas árvores, mas uma única árvore; vida é outra árvore, pertencendo a outro mundo, outro reino (Gn 2:9). Podemos dizer que o bem e o mal por um lado, e a vida por outro, definitivamente pertencem a duas categorias diferentes. Assim, um homem, por sua determinação e esforço próprios, pode melhorar consideravelmente em seu comportamento e continuar a ser muito imaturo e fraco na vida de Deus. Isso ocorre porque seu aperfeiçoamento é totalmente fora da vida. Além disso, sua melhora não é resultado de seu crescimento em vida. Portanto, crescimento de vida não é melhora de comportamento.

II. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É EXPRESSÃO DE PIEDADE

Que é expressão de piedade? Expressão de piedade é diferente de melhora de comportamento. Melhora de comportamento é algo em relação aos homens, o que significa que o comportamento e caráter de uma pessoa diante dos homens tornaram-se melhor do que antes. A expressão da piedade é em relação a Deus, o que significa que a atitude de uma pessoa diante de Deus é cheia de reverência e temor, além de ser dedicada e sincera. Contudo, nem melhora de comportamento, nem expressão de piedade é crescimento de vida. Alguns crentes podem ser muito reverentes e dedicados diante de Deus; eles não ousam ser desrespeitosos ou relaxados em seu comportamento e procedimento. Não podemos dizer que essas expressões não sejam boas, mas elas tampouco são crescimento de vida. Crentes assim somente olham para Deus que está acima de todas as coisas e que é digno de reverência e temor. Portanto, eles têm um coração de veneração e expressão

de piedade. Contudo, eles podem não ter o menor conhecimento e a mínima experiência no que se refere a Deus em Cristo habitar no homem como vida para ele, nem como, pelo operar da lei da vida, Ele está no homem para ser Deus para ele. Embora tenham a expressão de piedade, essa expressão não é por causa de crescimento da vida de Deus neles. Portanto, isso não é uma indicação de que eles têm o crescimento de vida em seu interior. Por isso, crescimento de vida também não é a expressão de piedade.

III. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É SERVIÇO DILIGENTE

Que é serviço diligente? Significa que antes, um crente era indiferente e frio para com as coisas de Deus e agora ele avança entusiasticamente em servir a Deus. Ou anteriormente ele raramente vinha às reuniões e agora está em todas as reuniões. Antes ele não se preocupava com a igreja; agora participa de todos os serviços da igreja. Embora esse serviço diligente manifeste o fervor de um crente para com o Senhor e seu zelo em servi-Lo, e embora isso também seja frequentemente recomendado pelos homens, essa diligência pode muito bem estar misturada com muita empolgação, negócios e interesses humanos. Também é muito possível que esse servir seja segundo a força da alma e dependa da força do homem; não provém do guiar do Espírito Santo; muito menos depende da vida de Cristo para ajudar os homens a terem uma união mais profunda com Deus. Por isso, esse serviço diligente não provém da vida e não é de vida; portanto, não é crescimento de vida.

Vemos na Bíblia que, antes de ser salvo, o apóstolo Paulo servia diligentemente a Deus (At 22:3). Naquela época, embora ele não tivesse recebido a vida de Deus em seu interior, ele podia servir a Deus exteriormente mediante sua própria empolgação e força, de maneira muito diligente. Isso nos mostra que servir diligentemente a Deus pode não ter absolutamente relação com a vida. Não indica nem um pouco a condição da vida da pessoa. Portanto, crescimento de vida também não é serviço diligente.

IV. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É AUMENTO DE CONHECIMENTO

Embora o crescimento do conhecimento espiritual de um crente por ouvir mais mensagens, conhecer mais verdade, entender mais a Bíblia e saber mais termos espirituais, etc., seja um tipo de crescimento, não é crescimento de vida. O crescimento desse tipo de conhecimento somente faz com que a mente melhore e seja mais instruída, e sua cabeça tenha mais compreensão ou mais capacidade para compreender. Não é que o Espírito Santo tenha lhe dado mais revelação interior ou que a vida tenha ganhado mais terreno nele de modo que ele tenha o verdadeiro conhecimento e experiência de Cristo como vida. O crescimento desse conhecimento sozinho simplesmente faz com que o homem se ensoberbeça (1Co 8:1). Ele nada vale diante de Deus (1Co 13:2) e não tem valor algum em vida. Assim, crescimento de vida não é aumento de conhecimento.

V. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É ABUNDÂNCIA DE DONS

Embora seja muito precioso que o cristão tenha abundância de dons espirituais, como a capacidade de ministrar, curar, falar em línguas, etc., isso também não é crescimento de vida. É o poder miraculoso do Espírito Santo descendo mais sobre um crente que faz com que ele tenha esses dons. Não é porque a lei da vida de Deus cresceu e amadureceu nele que os dons são manifestados. Por um lado, é possível que um homem usado pelo Espírito Santo manifeste mais dons; por outro, ele pode não ter permitido ao Espírito Santo trabalhar mais a vida de Deus nele. Assim, abundância de dons não necessariamente significa crescimento de vida.

Os crentes em Corinto eram ricos em toda palavra e em todo o conhecimento e não lhes faltava dom algum (1Co 1:5, 7), contudo, eles ainda eram muito imaturos em vida; eram carnis e crianças em Cristo (1Co 3:1). Isso também nos mostra que crescimento de vida não é abundância de dons.

VI. CRESCIMENTO DE VIDA NÃO É AUMENTO DE PODER

É possível que um crente tenha mais poder do que antes no serviço a Deus; ao pregar ou ao testificar, ele é mais capaz

de tocar o coração das pessoas do que antes; ao administrar a igreja ou ao gerenciar, tem mais sabedoria do que antes. Tudo isso é aumento de poder, mas ainda não é crescimento em vida. Esse aumento de poder não passa de um poder externo que o Espírito Santo lhe deu. Não é que o Espírito Santo tenha entretecido vida nele e assim, por meio do seu espírito, tenha manifestado poder proveniente da vida em seu interior. Por isso, o aumento desse poder também não é crescimento de vida.

Lucas 9 nos diz que no início, os doze discípulos que seguiram o Senhor receberam Dele poder e autoridade para subjugar todo tipo de demônio e curar todo tipo de enfermidades; contudo, naquela época, a condição de sua vida espiritual era muito imatura. Isso é suficiente para nos mostrar que o aumento de poder não é crescimento de vida.

A partir desses seis pontos negativos, vemos que não temos crescimento de vida por melhorar nosso comportamento, ter uma expressão de piedade diante de Deus, ser diligente no serviço a Deus, aumentar nosso conhecimento espiritual, ser abundante nos dons exteriores ou ter aumentado nosso poder em obras. Nenhuma dessas coisas é crescimento de vida. É uma pena que quase todos os cristãos hoje tomem essas coisas como padrões para o crescimento de vida. Eles determinam se há ou não crescimento de vida em um cristão observando seu comportamento, piedade, diligência, conhecimento, dons e poder. Essa maneira de avaliar as coisas não é exata. O cobre é muito parecido com o ouro, mas não é ouro. Semelhantemente, embora esses seis pontos se pareçam um pouco com crescimento de vida, não o são. Sem dúvida, o crescimento de vida manifestará até certo grau esses seis pontos; contudo, medir o crescimento de vida por eles não é correto.

Então, afinal de contas, que é crescimento de vida? Isso exige que consideremos novamente o assunto, desta vez do lado positivo.

I. CRESCIMENTO DE VIDA É O CRESCIMENTO DO ELEMENTO DE DEUS

O aumento do elemento de Deus significa que o próprio Deus é mais mesclado conosco, é mais ganho por nós e se

tornou nosso elemento. Já dissemos que vida é o próprio Deus e que experimentar a vida é experimentar Deus; portanto, o crescimento de vida é o crescimento do elemento de Deus em nós, até que tudo que é da Deidade seja completamente formado em nós para que sejamos enchidos até toda a plenitude de Deus (Ef 3:19).

II. CRESCIMENTO DE VIDA É O CRESCIMENTO DA ESTATURA DE CRISTO

Enquanto vida é o próprio Deus, Deus ser nossa vida é Cristo; por isso, a Bíblia diz que Cristo é nossa vida. Podemos dizer que quando somos regenerados, Cristo nasce novamente em nós para ser nossa vida. Mas assim que a recebemos, essa vida ainda é muito jovem e imatura, o que significa que a estatura de Cristo em nós é muito pequena. Quando amamos Cristo, O buscamos e permitimos que Ele viva mais em nós e, dessa maneira, nos ganhe, a estatura de Cristo gradualmente cresce em nós. Isso é crescimento de vida. Como essa vida é Cristo que vive em nós, seu crescimento é o crescimento da estatura de Cristo em nós.

III. CRESCIMENTO DE VIDA É A EXPANSÃO DA BASE DO ESPÍRITO SANTO

Também mencionamos que vida é não somente Deus, mas também é Cristo e também o Espírito Santo. Podemos dizer que experimentar vida é experimentar o Espírito Santo; por isso, crescer em vida também significa permitir que o Espírito Santo ganhe mais terreno, tenha mais base em nós. Quando buscamos com mais afinco o operar do Espírito Santo em nós e somos diligentes em obedecer ao Seu ensinamento em nós como a unção, o Espírito Santo pode expandir amplamente Sua base. Assim, a vida em nós crescerá muito. Portanto, crescimento de vida também significa que a base do Espírito Santo foi expandida em nós.

IV. CRESCIMENTO DE VIDA É A DIMINUIÇÃO DO ELEMENTO HUMANO

Os três itens anteriores revelam que se em um crente o elemento de Deus, a estatura de Cristo e a base do Espírito

aumentam, sua vida terá crescido. Todos esses itens referem-se ao lado de Deus. Agora falaremos do nosso lado. Primeiro, o crescimento de vida é a diminuição do elemento humano. A diminuição do elemento humano é a diminuição de Adão, a velha criação, no homem, o que também significa a diminuição do sabor do homem e o aumento do sabor de Deus. Alguns irmãos são muito entusiasmados enquanto algumas irmãs são muito meigas; na aparência exterior eles parecem ser crescidos em vida, contudo são cheios do elemento humano, do sabor humano; eles não podem fazer com que você toque o elemento de Deus ou sinta o sabor de Deus. Portanto, se queremos saber se um irmão ou irmã tem crescimento de vida, não podemos simplesmente observar seu comportamento exterior: quão devotos ou zelosos eles são, ou quanto conhecimento, dons ou poder eles têm. Antes, precisamos discernir se há o aumento do elemento de Deus nessas coisas, ou, por outro lado, se ainda estão cheios do elemento humano. A diminuição do elemento humano é o aumento do elemento divino. Se um crente realmente cresceu em vida, suas palavras, ações, viver ou obra devem transmitir a sensação de que eles não são segundo eles mesmos, mas segundo Deus; não são segundo sua própria inteligência, mas segundo a graça de Deus; portanto, eles não têm o sabor do homem, mas principalmente o sabor de Deus, o que também significa que o elemento humano diminuiu e o elemento de Deus aumentou. Assim, crescimento de vida é não apenas o aumento do elemento de Deus, mas também a diminuição do elemento do homem.

Esse item é muito importante, mas é muito difícil de ser aprendido pelos irmãos e irmãs. Embora nós que servimos o Senhor no ministério da palavra estejamos falando continuamente dessa maneira há mais de dez anos, ainda não fomos capazes de incutir neles esse assunto. Às vezes falamos até que todos acenem a cabeça como sinal de concordância; contudo, quando chega a hora de praticar, os irmãos e irmãs ainda consideram se houve algum progresso no comportamento ou no zelo no serviço, etc., como padrões para determinar se houve crescimento de vida. Uma vez, em determinado lugar, os irmãos responsáveis da igreja disseram-me unanimemente: "Há uma irmã que fala de maneira firme e caminha

suavemente, e que é tão calada e gentil, verdadeiramente espiritual e cheia de vida”. Eu lhes disse: “Se isso é ser espiritual ou ter vida, então a estátua de Maria na Igreja Católica é ainda mais espiritual e cheia de vida, porque ela é mais gentil e calada do que ela”. Seu silêncio e gentileza eram cheios de sabor e do elemento humanos; eles eram totalmente produto do esforço humano. Quando queremos determinar a condição de vida de um crente, não podemos nos basear no que ele manifesta exteriormente; temos de sentir o sabor e o elemento que ele manifesta. É o sabor de Deus ou dos homens? É o elemento de Deus ou dos homens? Muitas vezes nossa percepção pode não ser acurada, mas o olfato é acurado. É possível que determinada peça do vestuário lhe pareça muito limpa, mas se cheirá-la, você saberá que ela está cheirando mal. Assim, se quisermos avaliar a condição da vida em uma pessoa, temos de fazer como se prova chá: um pequeno gole mostra o sabor.

V. CRESCIMENTO DE VIDA É O QUEBRANTAMENTO DA VIDA NATURAL

O quebrantamento da vida natural de um crente também é uma prova de seu crescimento em vida. O quebrantamento da vida natural significa que nosso próprio poder, habilidade, visão e método são tratados pelo Espírito Santo e pela cruz a ponto de serem quebrantados. Por exemplo, imagine um irmão que antes, em seu comportamento e atitudes, em seu serviço ao Senhor e ao administrar a igreja, dependia de seu próprio poder, capacidade, visão e método. Em todas as coisas ele confiava em seu próprio poder e capacidade, e usava seu conceito e método próprios. Mais tarde, ele foi tratado pela cruz e disciplinado pelo Espírito Santo por meio das circunstâncias de maneira que sua vida natural foi um tanto quebrantada. Agora, quando ele vem servir e administrar, ele não confia em seu próprio poder, capacidade, visão e método. Esse homem, cuja vida natural foi quebrantada aprende a não confiar mais no poder de sua vida natural ou a viver por meio de sua vida natural, mas depende continuamente do poder da vida de Deus e vive por meio da vida de Deus. Dessa maneira, a vida em seu interior pode crescer. Assim, o crescimento de vida é o quebrantamento da vida natural.

VI. CRESCIMENTO DE VIDA É A SUBMISSÃO DE TODAS AS PARTES DA ALMA

Quando falamos sobre o que é libertação do pecado, devemos prestar atenção à carne ser crucificada; quando falamos sobre o que é crescer, devemos prestar atenção à alma ser subjugada. Positivamente falando, crescimento de vida é a expansão da base do Espírito Santo; negativamente falando, é que cada parte de nossa alma é subjugada. Todo aquele que vive na vida natural, vive por meio da alma. Todos sabemos que a alma tem três partes: mente, emoção e vontade. Portanto, viver por meio da alma é viver por meio da mente, da emoção ou da vontade. A parte da alma que for mais forte e prevaiente será aquela pela qual o homem vive; quando contata as coisas, ele definitivamente usa aquela parte da alma para lidar com elas. Uma vez o irmão Watchman Nee disse que é como se um homem caminhasse descuidadamente chocando-se com uma parede; ao fazê-lo, seu nariz é a primeira parte a bater. Qualquer parte de nosso corpo que se sobressair, será a primeira a bater na parede. A situação da nossa alma é parecida com isso. Se a mente de uma pessoa é particularmente forte, sempre que ela se depara com um problema, sua mente definitivamente age primeiro. Se sua emoção é que se sobressai, sempre que ela enfrenta um problema, sua emoção move-se primeiro. Se sua vontade for particularmente forte, sempre que ela enfrentar um problema, certamente sua vontade irá liderar.

Quando um homem foi suficientemente tratado pela cruz, todas as partes de sua alma são subjugadas. Sua mente, emoção e vontade são quebrantadas e subjugadas; elas já não se sobressaem como antes. Sempre que ele se depara com algum problema, ele teme usar a mente, teme usar a emoção e teme usar a vontade. A mente não vem em primeiro lugar; o espírito é que vem primeiro. A emoção não se move primeiro; o espírito é que se move primeiro. A vontade não toma a liderança; o espírito é que lidera. Isso significa que não devemos permitir que a alma tome a liderança, mas que o espírito encabece, para que não vivamos por meio da alma, mas pelo espírito. Pessoas assim têm crescimento de vida. Portanto, crescer em vida é ter todas as partes da alma subjugadas.

Após ver esses doze itens sobre o que é crescimento de vida, sabemos o que é o verdadeiro crescimento de vida. Do nosso lado, é uma questão de diminuirmos, sermos quebrantados e subjugados; do lado de Deus, é uma questão de aumentar, crescer e expandir. Tudo isso, podemos dizer, é o conhecimento fundamental que devemos ter na busca da vida. Isso também está muito relacionado com a experiência espiritual, que tratamos em outro volume.¹ Portanto, precisamos compreender de maneira plena e precisa todos esses pontos.

¹*The Experience of Life*, livro publicado pelo Living Stream Ministry.

CAPÍTULO TEZE

A PORTA DE SAÍDA DA VIDA

Veremos agora o décimo terceiro ponto principal a respeito do conhecimento de vida: a porta de saída da vida. Se quisermos conhecer o caminho da vida e buscar crescimento de vida, precisamos ter clareza sobre a saída da vida, a maneira como a vida sai de nós.

Quase todos os itens principais neste capítulo já foram mencionados nos capítulos anteriores. Vamos agora considerar cada um deles especificamente.

I. O LUGAR ONDE ESTÁ A VIDA: O ESPÍRITO

Deus nos regenera por intermédio do Seu Espírito e, assim, a Sua vida é introduzida em nosso espírito; portanto, nosso espírito é o lugar onde está a vida.

Quando a vida de Deus, que está no Espírito de Deus, entra em nosso espírito, os três mesclam-se como um só e se tornam o que Romanos 8:2 chama de “Espírito da vida”. Por isso, esse espírito da vida três-em-um, em nós, é o lugar onde está a vida.

II. A PORTA DE SAÍDA DA VIDA: O CORAÇÃO

No capítulo *A Lei da Vida*, dissemos que o coração é a entrada e a saída da vida, assim como seu interruptor. Portanto, o coração está intimamente relacionado com o crescimento de vida.

Mateus 13 é o lugar na Bíblia que diz claramente que o coração está relacionado com o crescimento de vida. O Senhor nos diz ali que a vida é a semente e o coração é o solo. Portanto, ele é o lugar onde a vida cresce em nós. Se a vida consegue ou não crescer a partir do nosso interior, depende totalmente da condição do nosso coração. Se o coração for adequado ou reto,

a vida pode crescer; mas se ele é inadequado ou corrupto, ela não poderá crescer. Assim, se desejamos que a vida cresça em nós, temos de lidar com nosso coração.

Mateus 5:8 diz: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”. Isso nos diz que nosso coração precisa ser puro. Lidar com o coração é lidar com a pureza do coração, ou seja, fazer com que o coração deseje Deus, ame-O e se incline para Ele em simplicidade, sem qualquer outro amor ou desejo além de Deus. Quando lidamos com o coração e ele se torna puro, então está adequado e correto. Dessa maneira a vida pode crescer.

III. A PASSAGEM DA VIDA

Embora o coração seja a porta de saída da vida, o lugar de onde ela cresce, para a vida crescer ela tem de passar pela consciência, mente, emoção e vontade (as quatro partes do coração). Portanto, essas quatro partes são os lugares por onde ela passa. Assim, precisamos ver o relacionamento entre cada uma dessas partes com o crescimento de vida.

A. A consciência

Quando a vida cresce em nós, ela passa pela consciência. A consciência precisa estar sem ofensa. Lidar com a consciência é torná-la sem ofensa.

Antes de sermos salvos, enquanto ainda éramos pecadores, frequentemente ofendíamos a Deus e errávamos para com os homens em nossa conduta e comportamento; nosso coração era sujo e enganoso; portanto, a consciência, estando obscurecida, estava cheia de ofensas e vazamentos e era extremamente impura. Portanto, assim que somos salvos, devemos lidar com a consciência. Assim que fomos salvos e começamos a seguir o Senhor, uma grande parte das lições que aprendemos, tais como fazer reparação de dívidas antigas, clarificar o velho viver, etc., foi fazer com que lidássemos adequadamente com a consciência para que ela estivesse pura e sem ofensa. Posteriormente, por toda nossa vida de seguir o Senhor, podemos ter falhado diversas vezes e nos tornado fracos, caindo em pecado e na carne ou ficando contaminados e ocupados pelo mundo, o que faz com que nossa consciência novamente tenha ofensas e

vazamentos. Portanto, precisamos lidar continuamente com a nossa consciência para que ela fique constantemente livre de ofensa. Primeira a Timóteo 1:19 diz: “Mantendo fé e boa consciência, pois alguns, tendo-as rejeitado, naufragaram na fé”. Isso nos mostra que lidar com a consciência está muito relacionado com o crescimento de vida. Sempre que deixamos a consciência de lado e a negligenciamos, a vida é imediatamente bloqueada e presa. Portanto, se desejamos ter crescimento em vida, se queremos que a vida em nós tenha uma porta de saída e cresça a partir do nosso coração, é imperativo que lidemos com nossa consciência.

Lidar com a consciência significa lidar com todas as ofensas e sentimentos de ansiedade e inquietação da consciência. Diante de Deus, sempre que nos tornamos injustos por causa do pecado, impuros porque uma parte do mundo ocupou nosso coração, ou ansiosos por causa de outras condições sem harmonia, nossa consciência nos condena interiormente, fazendo assim com que tenhamos sentimentos de ofensa e ansiedade diante de Deus. Se quisermos lidar com a consciência, temos de prestar atenção à percepção na consciência. Portanto, lidar com a consciência é lidar com essas percepções na consciência. Quando tivermos lidado cabalmente com eles, nossa consciência poderá ficar extremamente limpa e segura, não tendo ofensas nem acusações. Dessa maneira, a vida pode crescer em nós.

Em nossa experiência, para se lidar com a consciência de modo que fique totalmente limpa, frequentemente acontecem exageros. Isso significa lidar com a consciência a tal ponto que se torne hipersensível, quase a ponto de enfraquecer. Nessa condição, a pessoa não ousa mover-se ou agir; a cada movimento vem o sentimento de ofensa e, a cada ação, a sensação de ansiedade. Parece ser um caso de ir longe demais; contudo, é necessário no estágio inicial aprender a lidar com a consciência.

O período no qual tratei mais severamente com minha consciência foi em 1935. Naquela época, parecia que eu tinha um problema mental. Por exemplo, ao ir à casa dos outros, após ter passado pelo portão, se ninguém viesse abrir a porta, eu não ousava entrar. Ao entrar na sala, se ninguém me

convidasse para sentar, eu não ousava sentar; se o fizesse sentia interiormente que estava infringindo a soberania de outra pessoa. Se houvesse jornais diante de mim, se ninguém me convidasse a lê-los, também não ousava fazê-lo e, se o fizesse, também sentiria interiormente que estava infringindo a soberania do próximo. Naquela época, quando escrevia uma carta, tinha de escrevê-la três ou quatro vezes. A primeira vez que escrevia, sentia que algumas palavras não eram exatas, então eu a rasgava e escrevia de novo. Após escrever novamente, eu sentia que algumas palavras não estavam bem colocadas e rasgava e escrevia uma terceira vez. Eu também não ousava falar com os outros. Se eu falasse, sentia que havia alguns erros, ou porque eu não havia falado de maneira exata ou porque havia falado demais, e se não lidasse com isso, não conseguiria ficar tranquilo.

Uma vez em Xangai, morei com um irmão em um quarto pequeno. Tínhamos que buscar água para lavar nosso rosto. Aquele quarto era muito pequeno; mesmo que fôssemos muito cuidadosos, não podíamos evitar que algumas gotas de água caíssem na cama do outro. Isso acontecia frequentemente comigo. Embora a água secasse pouco tempo depois, e rigorosamente falando aquilo não pudesse ser considerado pecado, minha consciência simplesmente não tinha descanso e eu tinha um sentimento de ofensa. Eu só podia confessar e pedir desculpa: "Irmão, por favor, me perdoa, espirrei várias gotas de água em sua cama". Quando confessava dessa maneira, minha consciência novamente perdia a paz. Foram apenas três gotas de água, como pude dizer "várias gotas?" Eu tinha de confessar novamente. À tarde, eu fui um pouco descuidado e pisei em um de seus sapatos que estavam em baixo da cama e, novamente, minha consciência não me deixava em paz. Tive de confessar de novo. Diariamente, de manhã até a noite, eu lidava com esse tipo de pecados. Por fim, aquele irmão ficou muito impaciente e eu fiquei muito embaraçado com tantas confissões; contudo, se não confessasse, isso não acabava. Um dia, aconteceu outra ofensa; eu temia que, se confessasse, ele perderia a paciência; se não confessasse, eu não teria paz. À noite, após a refeição, ele quis caminhar e me ofereci para acompanhá-lo. Então, encontrei uma oportunidade para lhe

dizer: “Eu errei novamente, por favor, me perdoe”. Então o irmão disse: “A pior pessoa é a que erra, mas não confessa. A melhor pessoa é a que não erra nem confessa. Quem não é bom nem mau é aquele que erra e também confessa”. Depois de ter ouvido isso, eu disse para mim mesmo: “Senhor, tem misericórdia de mim! Não quero ser a pior pessoa e não consigo ser a melhor. Somente consigo ser alguém que não é bom nem mau”.

Naquela época eu realmente lidava muito com minha consciência. Mas agora, quando olho para trás, vejo que aquilo foi necessário. Sem dúvida, quem quiser ter verdadeiro crescimento em vida tem de passar por um período de tratamento rigoroso da consciência. Se ela não for adequadamente tratada, a vida não poderá crescer adequadamente.

Quando a consciência passa por tratamentos rigorosos e completos, sua percepção se torna cada vez mais sensível. É como o vidro de uma janela: quando está coberto de poeira e sujeira, a luz não consegue penetrar; mas, se limpamos um pouco, ele fica um pouco mais claro. Quanto mais esfregamos, mais claro ele se torna e mais permite que a luz atravesse. Lidar com a consciência também é assim. Quando mais ela é tratada, mais clara e luminosa se torna e sua percepção fica mais sensível.

Quanto mais sensível for a consciência, mais dócil será o coração, pois em todo coração dócil a consciência é mais sensível. Se houver apenas uma pequena percepção, ele sentirá imediatamente. Podemos dizer que uma consciência sensível definitivamente pertence a um coração dócil. Todos aqueles cujo coração está endurecido têm uma consciência entorpecida. Quanto mais entorpecida for a consciência de uma pessoa, mais duro é seu coração. Portanto, quando o Espírito Santo quer abrandar nosso coração, Ele sempre move primeiramente nossa consciência. Ao pregar o evangelho, sempre falamos do pecado; isso é porque nossa intenção é tocar a consciência do homem de modo que ele sinta que tem muitos erros e ofensas. Quando a consciência do homem é tocada, seu coração é amolecido; então, ele fica disposto a receber a salvação do Senhor.

Uma vez que uma consciência sensível, sem ofensa, pode abrandar o coração, ela naturalmente pode também permitir

que a vida cresça do nosso interior. Assim, a consciência é o primeiro lugar pelo qual a vida passa quando cresce, ou a primeira seção da porta de saída para o crescimento de vida.

B. A emoção

Quando a vida cresce do nosso interior, o segundo lugar pelo qual ela passa é a emoção, parte do coração. A emoção está relacionada ao amor. Lidar com a emoção é fazer com que ela ame fervorosamente ao Senhor.

Sabemos que em tudo que um homem faz, a questão mais importante é se ele gosta ou não do que faz. Se gostar, estará disposto e feliz em fazê-lo; se não gostar, não estará disposto nem feliz em fazê-lo. Se quisermos permitir que a vida do Senhor cresça livremente em nós, também é preciso que estejamos contentes em cooperar com Ele e dispostos a deixá-Lo trabalhar. Portanto, quando Deus quer trabalhar em nós, Ele frequentemente toca primeiro a nossa emoção a fim de nos tornar dispostos a cooperar com Ele. Muitas passagens na Bíblia falam de amar o Senhor. Todas são mencionadas com a intenção de tocar nossa emoção. Por exemplo: em João 21, o Senhor disse a Pedro: “Amas-me mais do que estes?” Isso significa que o Senhor queria tocar a emoção de Pedro; Ele queria que Pedro O amasse tão integralmente que Sua vida pudesse fluir dele. Novamente, em Romanos 12:1-2 o apóstolo Paulo diz: “Rogo-vos (...) pelas paixões de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo (...) para que experimenteis qual é a vontade de Deus”. Quando ele fala das paixões de Deus, também é para tocar nosso coração, para nos fazer amar o Senhor, desejá-Lo, buscá-Lo e nos consagrar a Ele; então poderemos entender as coisas de Deus. Esses exemplos nos mostram que, se quisermos que a vida do Senhor flua do nosso interior, além de uma consciência sem ofensas, também precisamos de uma emoção que ame fervorosamente o Senhor.

A emoção que realmente ama o Senhor está intimamente relacionada com nosso coração e consciência. Primeira a Timóteo 1:5 diz: “A finalidade da advertência é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência...” Essa passagem fala de emoção, coração e consciência juntos. A intenção de Paulo aqui era dizer a Timóteo que muito do que

falam os homens não importa, mas o amor e tão somente o amor é a meta final. Mas de onde vem esse amor? Vem de um coração puro e uma boa consciência. Assim, é necessário ter um coração puro e uma boa consciência antes que o amor possa surgir. Por essa razão, quando ajudamos os outros, devemos primeiramente ajudá-los a lidar com seu coração e consciência. Quando o coração e a consciência são tratados, a emoção pode facilmente amar o Senhor e desejá-Lo. Quando há amor na emoção, ele oferece uma porta de saída para a vida de Deus que está em nosso espírito. Assim, a emoção é o segundo lugar por onde passa o crescimento de vida, ou a segunda parte da saída para o crescimento de vida.

C. A mente

A terceira parte pela qual passa o crescimento de vida é a nossa mente. A mente precisa ser renovada. Lidar com a mente é tê-la renovada e libertada de todos os velhos pensamentos. Romanos 12:2 diz: “Não vos conformeis a esta era, mas transformai-vos pela renovação da mente, para que experimenteis qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”. Isso indica que apenas quando temos uma mente renovada e transformada é que podemos entender a vontade de Deus e permitir que a vida do Senhor passe e cresça naturalmente. Assim, a mente também está intimamente relacionada ao crescimento de vida.

Toda a obra de renovação em nós é feita pelo Espírito Santo (Tt 3:5). Portanto, quando falamos da renovação da mente, ainda temos de começar com a obra do Espírito Santo. Sabemos que o começo da obra do Espírito Santo em nós é nos regenerar. Depois disso, muito da obra contínua do Espírito Santo em nós é nos renovar. Ao nos regenerar, o Espírito Santo nos faz receber a vida de Deus e ter Sua natureza. Ao nos renovar, o Espírito Santo nos faz conhecer Deus ou entender a vontade de Deus e ter a mente de Deus.

O espírito e a mente são objeto da obra renovadora do Espírito Santo em nós. No capítulo intitulado *O Conhecimento Interior*, deixamos claro que, se quisermos conhecer Deus, da nossa parte isso se realiza pelo espírito e pela mente. Primeiramente obtemos o conhecimento da intuição no espírito

e, então, ganhamos compreensão na mente; por meio disso, entendemos a vontade de Deus e O conhecemos. Assim, podemos dizer que o espírito e a mente são órgãos para conhecermos Deus. Não basta ter apenas o espírito, nem ter apenas a mente. Precisamos de ambos: o espírito e a mente. É como uma lâmpada resplandecendo a luz elétrica. A lâmpada sozinha não é suficiente e o filamento também não. É necessário que ambos trabalhem juntos. Uma vez que a obra renovadora do Espírito Santo visa conhecermos Deus, Ele naturalmente precisa renovar o conjunto de órgãos para se conhecer Deus, ou seja, o espírito e a mente.

Efésios 4:22-23 diz: “Que, quanto à vossa antiga maneira de viver, vos despojeis do velho homem (...) e que sejais renovados no espírito da vossa mente”. Essa passagem, ao falar da renovação, combina a mente com o espírito e chama o espírito de “espírito da mente”. Embora entender a vontade de Deus seja algo na mente, a própria mente não pode tocar e conhecer Deus de maneira direta. A fim de entender a vontade de Deus, devemos primeiramente usar nosso espírito para tocá-Lo e senti-Lo; então, temos de usar a mente a fim de compreender o significado da intuição do espírito. Assim, para entender a vontade de Deus, quanto à mente, ela precisa da cooperação do espírito; quanto ao espírito, ele está ligado à mente e é da mente. É como o filamento que está ligado à lâmpada elétrica e também pertence a ela. Portanto, nessa passagem, a Bíblia chama nosso espírito de “espírito da mente”. Quando o Espírito Santo renova o “espírito da nossa mente”, significa que Ele renova nosso espírito e nossa mente. O Espírito Santo renova nosso espírito porque na questão de se conhecer Deus, o espírito é da mente; portanto, a verdadeira renovação da mente sempre começa com a renovação do espírito. O Espírito Santo primeiramente renova nosso espírito e, então, a nossa mente; assim, o espírito da nossa mente é renovado.

Quando o espírito da nossa mente é renovado dessa maneira pelo Espírito Santo, ele torna-se vivo e aguçado. Toda vez que o Espírito Santo opera e unge, esse espírito pode sentir e saber. Enquanto isso, nossa mente também é clara e capaz; ela consegue imediatamente interpretar o significado da intuição no espírito. Dessa maneira, podemos entender a vontade

de Deus. Então, tudo que nossa mente pensar e considerar será segundo o espírito; ela já não se inclina para a carne para ser usada por ela. Nossa mente, então, não será mais a mente posta na carne, mas a mente posta no espírito. Romanos 8:6 chama essa mente de “mente do espírito”. Uma vez que essa mente do espírito está constantemente posta no espírito e atenta a ele, ela permite à vida de Deus que cresça continuamente a partir do nosso espírito.

Resumindo: com relação à renovação da mente, há três pontos: 1) Romanos 12 diz que a mente precisa ser renovada e despojar-se de todos os velhos pensamentos; 2) Efésios 4 diz que a mente precisa que o espírito coopere com ela, esteja ligado a ela a fim de que ele se torne “o espírito da mente”; e 3) Romanos 8 diz que a mente deve posicionar-se com o espírito, render-se a ele, ser dele, estar constantemente posta nele, cogitar nele e atentar para o mover e percepção dele, tornando-se, assim, a “mente do espírito”. Quando a mente é renovada dessa maneira, tendo a cooperação do espírito e posicionando-se com ele, ela pode permitir que a vida passe e cresça tranquilamente, sem qualquer empecilho. Assim, a mente é o terceiro lugar pelo qual passa o crescimento de vida, ou a terceira parte da porta de saída para o crescimento de vida.

D. A vontade

Quarto, o crescimento de vida passa por nossa vontade. Vimos que o coração precisa ser puro, a consciência estar sem ofensas, a emoção amar e a mente ser renovada. E a vontade, de que precisa? A Bíblia nos mostra que a vontade precisa ser flexível. Lidar com a vontade é torná-la flexível.

A vontade é o órgão dos propósitos e decisões. Querer ou não, decidir ou não, tudo isso é função da vontade. Quando dizemos: “quero”, ou “decido”, é a vontade que quer ou decide. Assim, a vontade é a parte mais essencial de todo nosso ser; ela determina nossas ações e movimentos. Podemos dizer que ela é o nosso leme. Assim como um barco vira de acordo com o leme, o homem move-se para frente ou para trás de acordo com sua vontade.

A vontade do homem é totalmente independente, totalmente livre. Ela não pode ser forçada ou obrigada a fazer

aquilo a que se opõe ou desaprova. Assim como ela age dessa maneira para com o homem, ela também age para com Deus. Desse modo, o crescimento da vida de Deus em nós está muito relacionado à nossa vontade ser flexível e se render. Se nossa vontade for dura, inflexível, obstinada, rebelde e, em todas as coisas, agir segundo nossas próprias ideias, não há como a vida de Deus crescer. Se nossa vontade for branda, flexível e estiver disposta a agir segundo a operação da vida, a vida de Deus pode crescer. Portanto, nossa vontade é o quarto lugar por onde passa o crescimento de vida, ou a quarta parte da porta de saída para o crescimento de vida.

É importante notar que sempre que mencionamos o coração, nos referimos a estas diversas partes: à consciência, à emoção, à mente ou à vontade. Quando dizemos que o coração de uma pessoa não é puro, nos referimos ao coração como um todo. Quando dizemos que o coração de uma pessoa está sem ofensas, sem condenação, nos referimos à consciência. Quando dizemos que o coração de uma pessoa ama o Senhor, nos referimos à sua emoção. Quando dizemos que o coração de uma pessoa não entende, nos referimos à sua mente. Quando dizemos que o coração de uma pessoa é obstinado, nos referimos à sua vontade. Quando falamos de lidar com o coração, nos referimos a lidar com esses cinco aspectos do coração.

Se pudermos lidar com nosso coração até tornar-se puro, sem ofensa, amando o Senhor, transparente, capaz e flexível, então teremos um coração que é útil à vida de Deus e poderemos permitir que a vida de Deus encontre uma porta de saída desobstruída em nós.

PALAVRA FINAL

Tendo visto onde está a vida, sua porta de saída e por onde ela passa, sabemos que se quisermos que ela tenha caminho para crescer a partir de nosso interior, temos de lidar com nosso espírito, coração, consciência, emoção, mente e vontade até que não haja mais problemas neles. Isso porque a vida de Deus toma o nosso espírito como sua habitação e nosso coração (consciência, emoção, mente e vontade) como sua porta de saída. Se um desses seis órgãos tem problema, a vida de Deus é bloqueada e não consegue emergir. Portanto, se desejamos

buscar crescimento em vida, não é tão simples. Devemos não apenas tocar o espírito e conhecê-lo, mas também lidar com cada parte do coração. Se nos faltar alguma coisa, não sere-mos bem sucedidos. Por essa razão, são pouquíssimos os irmãos e irmãs hoje que têm crescimento em vida, e seu crescimento é muito lento!

Às vezes você vê um irmão do qual não se pode dizer que não ama o Senhor; na verdade, ele é muito bom de todas as maneiras. Mas, porque a mente dele é muito peculiar, todo seu futuro espiritual está paralisado. Algumas irmãs têm lidado com sua consciência e não têm problemas com a mente; mas porque são carentes na emoção, tendo outros amores além do Senhor, elas também não têm muito crescimento espiri-tual. Há alguns irmãos que têm uma vontade obstinada em todas as coisas; eles insistem naquilo que já decidiram, não estando dispostos a serem corrigidos e não são capazes de se submeter à luz; portanto, a vida também não consegue sair. Assim, não é tão fácil lidar com todas essas partes em nosso viver real. Se houver alguém que não tenha problema algum nesses assuntos, será um verdadeiro milagre. Que Deus tenha misericórdia de nós!

CAPÍTULO CATORZE

LUZ E VIDA

Veremos agora o último ponto principal a respeito do conhecimento de vida. Tanto nas palavras de Deus como em nossa experiência, vemos que a luz está especialmente relacionada com a vida. Podemos dizer que por ser iluminados recebemos vida. E a medida da vida que recebemos corresponde exatamente à medida de nossa iluminação. Somente o brilhar da luz pode gerar vida e somente o brilhar da luz pode aumentar a vida. Portanto, se quisermos conhecer a vida, precisamos ver a relação da luz com a vida.

I. VIDA É DIFERENTE DE COMPORTAMENTO

Dissemos repetidamente que a intenção de Deus em nos salvar não é que sejamos homens bons ou maus, mas homens-vida ou homens-Deus. Portanto, após sermos salvos, não deveríamos meramente alcançar o padrão de moralidade em nosso comportamento e expressar em nosso viver a bondade humana, mas também o padrão da vida no viver e expressar a vida de Deus. Por isso, o caminho que tomamos hoje não é o caminho do autoaperfeiçoamento, mas o caminho da vida. Não buscamos melhora de comportamento, mas crescimento em vida. Para prosseguir no caminho da vida, não nos desviando, precisamos ser capazes de distinguir a diferença entre vida e comportamento.

Vida e comportamento são de fato diferentes. Bem no início, a Bíblia menciona duas árvores no jardim do Éden: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. A árvore da vida denota a vida de Deus, e a árvore do conhecimento do bem e do mal denota bom e mau comportamentos. Elas não

são uma única árvore, mas duas. Isso mostra que vida e comportamento são de fato duas categorias de coisas.

Precisamos ver qual é a diferença fundamental entre vida e comportamento. Simplesmente falando, vida é crescimento natural e comportamento é esforço humano. Por exemplo: considere uma casa e uma árvore. A casa é resultado de conduta, produto do esforço humano, enquanto a árvore é uma expressão de vida, de crescimento natural. As portas e janelas da casa são colocadas ali mediante trabalho; as flores e folhas da árvore surgem por meio de crescimento. A casa, que é edificada, expressa um tipo de comportamento; a árvore, que cresce, expressa um tipo de vida. A diferença entre as duas é muito evidente. Conosco, como cristãos, a diferença entre comportamento e vida é parecida com isso. O que é produzido pelo nosso esforço humano é comportamento, ao passo que somente o que é produzido pelo crescimento da vida de Deus em nós é vida. Alguns irmãos e irmãs são muito amáveis, pacientes, humildes e mansos. À primeira vista, parece que eles realmente têm vida, mas na verdade essas virtudes são apenas determinada forma de comportamento produzido por eles mesmos e não a vida que cresce do interior. Embora seu comportamento tenha melhorado muito, a vida deles cresceu pouco.

Embora vida e comportamento sejam de fato diferentes, na aparência exterior eles são muito parecidos e é difícil distinguir entre os dois. Como podemos diferenciar vida de comportamento?

Primeiro, podemos diferenciar os dois pelo sabor ou cheiro. Uma forma de comportamento pode ser muito parecida com a vida, mas definitivamente não tem o sabor ou o aroma da vida. Por exemplo: pode haver duas árvores que se pareçam exteriormente; contudo, uma delas é real, com vida, e a outra é artificial, sem vida. A árvore verdadeira, que tem vida, produz muitos frutos, ao passo que na artificial, sem vida, alguém pendurou alguns frutos. Os frutos das duas árvores têm a mesma forma e cor, quase não havendo diferença na aparência. Mas se cheirmos ou provarmos o fruto, poderemos imediatamente dizer a diferença. O fruto verdadeiro é saboroso, mas o artificial não tem gosto; ele pode apenas ser observado, mas não pode ser saboreado. O que nós, cristãos, manifestamos em

nosso viver diário também é parecido com isso. A forma e a maneira do viver diário de alguns irmãos e irmãs se parece muito com vida; mas se você cheirar cuidadosamente, não há cheiro de vida. Algumas irmãs imitam muito bem a maneira da Madame Guyon orar e ter comunhão, mas o aroma não corresponde. Alguns irmãos imitam as maneiras humildes de Jesus Nazareno, mas, embora atuem bem exteriormente, falta-lhes o aroma interior. Essas coisas são obras de homens e não o crescimento de vida; são encenação do comportamento e não a expressão da vida. Assim, por meio desse sabor ou aroma, podemos discernir se o viver de um cristão provém da vida ou se é meramente uma forma de comportamento. Tudo que provém da vida tem sabor e aroma de vida, o sabor e aroma de Deus; se for apenas comportamento, terá o sabor e aroma do homem.

Segundo, podemos distinguir entre vida e comportamento por meio do teste de mudanças ambientais. Tudo que provém da vida pode suportar a mudança de ambiente; embora sofra adversidades, consegue sobreviver. Com o comportamento não é assim. No momento que chega uma adversidade, o comportamento muda em natureza ou é extinto. Por exemplo: se enterrarmos uma semente de vida na terra, ela crescerá e dará muito fruto. Mas se enterrarmos uma pedra, nada surgirá. Muitas vezes é muito difícil distinguir se o que um cristão expressa é vida ou comportamento; às vezes, é até mesmo difícil diferenciar pelo sabor ou pelo cheiro. Então, somente podemos deixar que a mudança de ambiente seja o teste. Quando Deus permite que todo tipo de sedução, tentação, dificuldades ou adversidades recaiam sobre um cristão, se o que ele tem provém da vida de Deus, ela ainda consegue sobreviver depois de passar por todas essas situações e se manifesta mais ainda. Isso acontece porque a vida de Deus contém o grande poder da ressurreição; ela não teme adversidades, destruição ou morte e não pode ser suprimida por nenhum ambiente adverso; ao contrário, ela abre caminho em meio a tudo, vence tudo e floresce incorruptivelmente para sempre. Contudo, se o que ele tem for meramente comportamento humano, assim que enfrente situações, desgraças, destruições ou provações adversas, seu comportamento muda em natureza ou é

extinto. Uma vez que todo comportamento humano provém do labor humano, ele não pode suportar golpes ou destruição; nem pode vencer tentações ou testes; assim que o ambiente muda, é difícil continuar a existir da mesma forma.

Uma vez, havia uma irmã que imitava madame Guyon com tal intensidade que, não importando o que lhe acontecesse, ela nunca se perturbava; ela sempre olhava as coisas calmamente. Ela não apenas havia aprendido a agir como madame Guyon exteriormente, mas até mesmo o sabor e aroma se pareciam com os dela. Mas, um dia, seu filho mais amado, seu “único Isaque”, repentinamente ficou doente. Então, tudo o que ela havia aprendido se foi e ela ficou mais ansiosa do que qualquer outra pessoa. Isso prova que, antes, quando ela não mostrava ansiedade exteriormente, era esforço humano; por isso não conseguiu suportar o teste.

Assim, não devemos julgar precipitadamente a condição espiritual dos irmãos e irmãs, tampouco devemos ser rápidos em elogiar a expressão de seu viver. Nossa observação e sentimento nem sempre são confiáveis. Somente o que Deus provou com o tempo é exato. Aquilo que é meramente comportamento humano ruirá com o passar do tempo; ou mudará em natureza, ou será destruído. O que provém da vida de Deus, contudo, sobreviverá ao tempo. Esse teste do tempo é de Deus; ele nos faz ver o que é vida e o que é comportamento.

Deixe-me mencionar aqui algumas questões pessoais para ilustrar a diferença entre vida e comportamento. Assim que cri no Senhor, ouvi que aqueles que estavam nos seminários eram piedosos em seu viver diário, comportamento e atitudes, e que também eram muito reverentes para com o Senhor. Quando ouvi isso, eu os admirei muito. Mais tarde, também ouvi que alguém, após ter sido salvo, tornou-se uma pessoa totalmente diferente. Quando ouvi isso, fiquei ainda mais tocado. Desse dia em diante, decidi ter o viver piedoso dos estudantes nos seminários. Também quis ser um cristão que era uma pessoa totalmente diferente de antes. Assim, diariamente eu me esforçava para me comportar e aprender. Essa ação e aprendizado não provinham da vida, mas eram devidos à influência exterior e à admiração em meu coração. Esforcei-me ao máximo

para imitar os outros; assim, aquilo era totalmente uma forma de comportamento.

Vejamos outro exemplo. Naquela época, o costume de celebrar o ano novo ainda era muito prevalecente entre os chineses. Contudo, mediante a libertação do Senhor, essas coisas já não tinham lugar em mim. Na manhã do primeiro dia do ano, depois que me levantei, ajoelhei-me, como normalmente fazia, para orar e ler a Bíblia, e experimentei plenamente a presença do Senhor. Quanto terminei de orar e me levantei, minha mãe me disse para vestir uma bata nova que fora preparada para mim. Peguei-a despreocupadamente, vesti-a e fui com minha família comer o banquete de ano novo. Depois de comer e de ter voltado para o meu quarto, ajoelhei-me novamente e orei, mas, estranhamente, perdi a presença interior de Deus. Senti como se Deus tivesse saído de mim. Então, tive um profundo sentimento de que não deveria ter usado aquela bata. Imediatamente tirei-a e vesti minha velha bata. Então, orei novamente. Dessa vez toquei a presença de Deus; senti que Deus havia retornado.

Oh! Irmãos, isso é vida! Isso não foi um encorajamento, decisão ou comportamento exterior; tampouco foi um ensinamento, prática ou imitação. Foi a vida de Deus em minha parte mais profunda dando-me determinada percepção e mostrando-me que eu não deveria usar aquela bata nova. Essa percepção interior também era o poder da vida me resgatando. Daquele dia em diante, o costume de festejar foi totalmente eliminado de mim. Como isso é diferente do exemplo anterior de admiração e imitação exterior. Essa é a expressão da vida.

Em 1940, em Xangai, houve uma reunião de treinamento para os cooperadores, e muitos compareceram. Naquela ocasião, um irmão me disse: “Se o crescimento de vida dos irmãos e irmãs que estão aqui não for adequado, eles terão de se empenhar mais”. Essas palavras são muito significativas, pois naquele ambiente, a pessoa naturalmente irá agir para ser mais piedosa e espiritual. Todas essas atividades não são vida.

Sempre que, por causa da influência de determinado ambiente ou devido à admiração ou temor, reagimos com determinada maneira de viver, esse viver é meramente uma atuação,

uma forma de comportamento; um dia, quando mudar o ambiente, ela também mudará. Assim, nosso viver não deve ser resultado da influência do ambiente, mas da sensação de vida interior. Quando o ambiente exterior me for favorável, eu vivo dessa maneira; quando ele não me for favorável, eu também vivo dessa maneira. O ambiente pode mudar, mas meu viver não deve mudar. Esse viver provém da vida.

Agora que vimos a diferença entre vida e comportamento, devemos examinar nosso próprio viver e conferir ponto por ponto. Quanto dele não é representação teatral? Quanto não é imitação? Quanto dele é expressão da vida que está em nós? Quando examinarmos a nós mesmos dessa maneira, imediatamente veremos que muito disso é somente comportamento, imitação, submissão e adaptação a determinados regulamentos exteriores devidos a influência externa; muito pouco é expressão da vida que temos interiormente. Isso indica que não abandonamos totalmente o comportamento do esforço humano.

Como podemos, então, deixar o comportamento de esforço humano e expressar a vida? Precisamos compreender que o comportamento nasce do encorajamento e ensinamento de outro ou da nossa imitação ou prática, enquanto a vida brota da iluminação de Deus. O comportamento não exige iluminação alguma; ele pode ser produzido pelo esforço humano. A vida, contudo, só pode ser produzida pelo resplandecer da luz. Portanto, se quisermos ser libertos do nosso comportamento e expressarmos vida, precisamos ser iluminados. Sem iluminação, podemos no máximo apresentar comportamento; mas com o resplandecer da luz, podemos expressar vida.

II. VIDA PROVÉM DA LUZ

A Bíblia inteira revela que a vida provém do brilhar da luz. Quando a luz entra, a vida segue. Onde há luz, aí há vida. Os capítulos um e dois de Gênesis dizem que antes de Deus começar Sua obra de restauração, toda a terra estava sem forma e vazia, o que significa que ela estava cheia de morte, pois as trevas são o símbolo da morte. Portanto, o primeiro passo da obra de Deus foi ordenar que houvesse luz. Quando a luz veio, ela destruiu a morte que pertence às trevas e começou a

produzir vida. Assim, a vida vem após a luz e a vida começa da luz.

No primeiro dia Deus ordenou a luz; e a vida vegetal foi gerada no terceiro dia. Para a vida vegetal, a luz do primeiro dia era suficiente. Mas, para uma vida superior, era necessário uma luz mais forte. Portanto, no quarto dia, Deus ordenou que o sol, a lua e as estrelas brilhassem. Dessa maneira, foi introduzida uma vida mais elevada. Houve não apenas aves, peixes, animais e todo tipo de vida animal, mas também a vida do homem, à imagem de Deus. Finalmente, no sétimo dia, apareceu Deus, representado pela árvore da vida. Deus, como a luz mais elevada, introduziu a vida mais elevada, que é a vida divina. O processo de aparição dos diversos tipos de vida nos mostra que a vida sempre vem depois da luz. A vida começa com a luz e se torna mais elevada à medida que a luz se torna mais forte.

A luz do primeiro dia não era concreta; portanto, ela produziu a vida vegetal, a forma mais rudimentar de vida, uma vida que não tem consciência. Isso simboliza a luz que recebemos interiormente quando fomos salvos (2Co 4:6). Embora essa luz tenha trazido a vida de Deus para o nosso interior, ela nos transmitiu apenas uma vida na etapa inicial, uma vida que não tem muita substância nem forma.

A luz do quarto dia era mais forte do que a do primeiro dia. Ela era mais clara e definida, mais concreta. Portanto, ela trouxe uma vida mais elevada, a vida animal. Porque a luz era mais substancial e forte, a vida também era mais substancial e elevada. A luz progrediu e, acompanhando-a, a vida também progrediu. Isso tipifica a nossa experiência: à medida que recebemos em nós um brilhar da luz mais forte, claro, definido e concreto, a vida em nós também cresce e torna-se mais definida em forma. Assim, Cristo é “formado” em nós.

A luz do sétimo dia foi a mais elevada; portanto, ela trouxe a vida mais elevada, a vida de Deus, representada pela árvore da vida. Quando a luz alcançou o ápice, a vida também o alcançou. Quando a luz torna-se completa, a vida também se torna. Quando o brilhar da luz que recebemos em nós alcançar o ápice, nossa vida espiritual também terá se tornado plena e

madura e terá alcançado o estado de ser totalmente igual a Deus.

Em Gênesis 1 e 2, o Espírito Santo nos mostra continuamente que a vida segue a luz. Ele mostra que a luz está dividida em três etapas. O primeiro, o quarto e o sétimo dia; portanto, a vida também é dividida em três etapas. A luz marca o começo de cada etapa. A luz de uma etapa específica introduz a vida dessa etapa. A intensidade da luz dessa etapa determina a intensidade da vida que ela introduz.

O propósito de Deus era que o homem, que foi criado à luz do quarto dia, tocasse a árvore da vida, que foi manifestada à luz do sétimo dia e, assim, receber a vida incriada de Deus representada por essa árvore. Infelizmente, antes de o homem receber essa vida, Satanás veio tentá-lo. Ele o persuadiu a receber sua vida, representada pela árvore do conhecimento do bem e do mal, e assim o homem tornou-se corrompido. Então, uma vez que o homem foi corrompido, Deus apenas pôde impedir o acesso à árvore da vida, para que o homem não a tocasse (Gn 3:24). Dessa maneira, a vida trazida pela luz do sétimo dia foi posta de lado. Então, um dia, o próprio Deus se fez carne e veio à terra para ser luz e vida. João falou a respeito dele, dizendo: “Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1:4). Ele mesmo disse: “Eu sou a luz do mundo; quem Me segue (...) terá a luz da vida” (Jo 8:12). Assim, a vinda do Senhor Jesus para a terra significa que a luz do sétimo dia, acompanhada pela vida do sétimo dia, foi novamente manifestada entre os homens para que todos os que cressem Nele e O recebessem pudessem receber essa vida neles. Dessa maneira, a intenção original de Deus é cumprida.

Em Apocalipse 21 e 22, aparece a Nova Jerusalém. Nessa cidade há a luz da glória de Deus; portanto não é necessária a luz do sol e da lua. Também não há mais noite. Ao mesmo tempo, no meio da rua da cidade, há um rio de água da vida e, em ambos os lados do rio está a árvore da vida. Todos os salvos podem beber livremente da água da vida e participar da árvore da vida. Assim, o interior daquela cidade é cheio de luz e de vida. Por um lado, a luz expulsa as trevas; por outro, a vida traga a morte. Essa é a cena gloriosa quando a luz do sétimo dia é recebida pelos homens e está mesclada com eles.

Essa é também a consumação final e máxima de Deus ser recebido pelos homens como vida na luz.

Todas essas passagens mostram que há uma linha na Bíblia que fala continuamente de vida e luz juntas. Onde há luz, há vida. Esse é um grande princípio na Bíblia. O Salmo 36:9 diz: “Em ti está o manancial da vida, na tua luz vemos a luz”. Isso também fala claramente do relacionamento entre vida e luz. A vida sempre segue a luz e somente a luz pode produzir vida.

Portanto, se quisermos conhecer a condição da vida em uma pessoa, precisamos ver o estado de iluminação nela. Sempre pensamos que se um homem se torna um pouco mais zeloso, sua vida cresceu; ou, se ele é um pouco mais piedoso, sua vida melhorou. Esses conceitos são totalmente errados. A vida não está no zelo do homem; tampouco está em sua piedade. Há uma única esfera e fonte da vida, que é a luz. A vida reside na luz; ela também procede da luz. Para determinar se uma pessoa cresceu em vida, devemos observar sua condição de iluminação interior.

Assim, se quisermos ajudar os outros a crescer em vida, devemos ajudá-los a ser iluminados. Se os outros puderem receber iluminação de nós, eles poderão crescer em vida. Por exemplo: se o que falamos ao ministrar a Palavra é apenas uma espécie de encorajamento ou ensino, isso irá apenas excitar as pessoas, influenciá-las e fazer com que melhorem seu comportamento; não consegue produzir o resultado final da vida. Nossa obra também poderá ter um efeito apenas temporário; seu resultado não permanecerá por muito tempo. Se nós mesmos fomos iluminados e vivemos sob o brilhar da luz, então, as palavras que liberamos podem levar luz, o que torna manifestas as verdadeiras dificuldades dos homens. (Efésios 5:13 refere-se a isso quando diz que todas as coisas quando reprovadas se tornam manifestas pela luz.) Depois dos homens ouvirem tais palavras, eles podem não se lembrar claramente da doutrina, mas, profundamente em seu interior foi deixado algo vivo que os move, os toca e produz mudanças constantemente em seu viver diário. Essas mudanças não são reforma exterior por meio do esforço humano, mas são a manifestação

da vida por terem recebido a iluminação interior; portanto, o resultado pode ser duradouro e não mudar.

O mesmo princípio se aplica à pregação do evangelho. Algumas pessoas que pregam o evangelho podem convencer os homens por suas palavras; mas não podem fazer com que os homens toquem interiormente o resplandecer da luz do evangelho. Por isso, embora um homem diga que crê e esteja determinado a crer em seu coração, ele não consegue, do seu interior, receber vida para nascer de novo e ser salvo. Contudo, alguns que pregam o evangelho pregam palavras cheias de luz. Enquanto os homens ouvem, a luz do evangelho resplandece neles. Eles podem continuamente balançar a cabeça e dizer: “Eu não creio”, mas, depois que voltam para casa, algo em seu interior lhes diz continuamente: “Creia! creia!” Então, eles não podem deixar de crer. Esse é o resultado do brilhar da luz que faz com que os homens recebam a vida e assim possam nascer novamente e ser salvos. Esses exemplos revelam que a vida resulta da luz. Com a luz, a vida pode ser gerada, sem a luz, não. A vida, sem dúvida, brota da luz.

III. A LUZ ESTÁ NA PALAVRA DE DEUS

Uma vez que a vida depende da luz, de que depende a luz? Na Bíblia vemos que a luz depende da Palavra de Deus. Esse também é um grande princípio na Bíblia. O Salmo 119:105 diz: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos”. E o versículo 130 diz: “A exposição das tuas palavras concede luz” (XXI). Esses versículos nos mostram que, de fato, a luz depende da Palavra de Deus. Portanto, se queremos obter luz, precisamos obter a Palavra de Deus. Sempre que obtemos a Palavra de Deus, obtemos luz. A razão de não termos luz é porque nos falta a Palavra de Deus.

A Palavra de Deus à qual nos referimos não é a palavra escrita na Bíblia, mas a palavra que o Espírito Santo nos fala interiormente. A Bíblia é a Palavra escrita de Deus; isso é certo. Mas essa palavra, composta meramente de letras que são parte de um código, não tem o poder de brilhar e não pode nos iluminar. Contudo, quando o Espírito Santo nos revela a palavra da Bíblia, abrindo-a e vivificando-a para nós, a Palavra então tem o poder de resplandecer luz e pode ser nossa

luz. Se apenas lermos a Bíblia, embora possamos lê-la totalmente e até mesmo memorizá-la, o que obtemos são apenas doutrinas de letras. Ainda não teremos obtido a Palavra de Deus e, portanto, não teremos obtido luz. Somente quando o Espírito Santo em nosso espírito nos dá revelação, abrindo a palavra da Bíblia para nós, é que a palavra se torna a Palavra viva de Deus, capaz de nos fazer obter a luz de Deus.

Em João 6:63, o Senhor diz: “As palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida”. Aqui, o Senhor fala de palavras, espírito e vida: três coisas juntas. Uma vez que tanto a vida como o espírito estão em nós, fica claro que as palavras das quais o Senhor fala aqui devem referir-se também às palavras que são faladas em nós, e não às letras da Bíblia. Todas as palavras que estão fora de nós são mero conhecimento, não são luz. Somente as palavras que entram em nosso espírito são as palavras vivas, resplandecentes de Deus. Se, ao lermos a Bíblia, exercitamos constantemente nosso espírito em comunhão para ler e abrimos nosso espírito para receber, as palavras da Bíblia são espírito e vida para nós. Elas podem entrar em nosso espírito e tornarem-se palavras vivas que trazem a luz da vida.

Uma vez que a luz está na Palavra de Deus, temos de respeitar a Palavra de Deus. Sempre que o Espírito Santo fala a nós interiormente, devemos obedecer de maneira absoluta e não ser negligentes nem desobedientes. Isaías 66:2 diz que Deus olhará para aquele que treme da Sua palavra. E o versículo cinco diz que os que tremem diante da Palavra de Deus devem ouvi-la (XXI). Se desobedecemos à Palavra de Deus, rejeitamos a luz de Deus. Sempre que rejeitamos a luz, ela desaparece. Quando a luz desaparece, a vida também se vai, a presença do Espírito Santo e Deus retrocedem e todas as riquezas e bênçãos espirituais também são perdidas. Isso é de fato uma grande perda! Por isso, sempre que uma pessoa que conhece de fato a Deus toca a Palavra de Deus, ela teme e treme e não ousa rejeitá-la ou desobedecê-la.

Se Deus lhe falar uma vez e você não atentar, se falar outra vez e você desobedecer, se falar então uma terceira vez e você deixar passar, definitivamente não há luz alguma em você, nem a mínima abertura, e a vida não terá maneira

alguma de entrar. Se você obedecer sempre que Deus lhe falar, sua experiência será muito diferente: sua primeira obediência à Palavra de Deus produz uma abertura interior pela qual a luz pode brilhar. Quando você obedece à Palavra de Deus novamente, há outra abertura pela qual a luz pode passar. Se continuar a obedecer dessa maneira, você será como os quatro seres viventes, cheio de olhos ao redor (Ap 4:8), tão transparente, cheio de luz e de vida. Portanto, vemos que a vida está na luz e que a luz está na palavra de Deus.

IV. LUZ É A SENSAÇÃO INTERIOR

Vimos que a luz está na Palavra de Deus e que essa Palavra de Deus refere-se à palavra que o Espírito Santo nos fala interiormente; portanto, a luz que recebemos não é uma luz exterior, objetiva, mas uma luz interior e subjetiva.

João 1:4 nos diz que a vida de Deus está no Senhor Jesus e que essa vida é a luz dos homens. Quando recebemos o Senhor Jesus como Salvador, essa vida entra em nós e se torna nossa “luz da vida” (Jo 8:12). Portanto, rigorosamente falando, essa luz não é uma luz objetiva que nos ilumina a partir do exterior, mas é uma luz subjetiva que nos ilumina interiormente.

Efésios 1:17-18 diz que quando recebemos o espírito de revelação, os olhos do nosso entendimento são iluminados, o que também significa que recebemos o brilhar da luz interior. Uma vez que a revelação do Espírito Santo é algo interior, subjetivo, a luz trazida por essa revelação definitivamente deve não ser fora de nós, objetiva, mas subjetiva em nós.

Uma vez que a luz está em nós, cada vez que ela brilha, ela nos faz ter certa percepção interior. Assim, podemos dizer que a luz é nossa sensação interior. Considere o exemplo que dei de usar uma bata nova no dia de ano novo. Quando usei minha bata, não tive paz interior. Esse sentimento foi a iluminação interior. Assim, a luz interior é a sensação interior e a sensação interior também é a luz interior. Há mais de dez anos, raramente usávamos a palavra *sensação*. Agora estamos muito claros que, se falamos do brilhar da luz, não podemos deixar de falar de uma sensação, porque toda sensação que temos interiormente é a iluminação que ganhamos.

Hoje, estarmos na luz ou em trevas, termos muita ou pouca luz, depende da condição da nossa percepção interior. Uma pessoa sem percepção está em trevas e não permite que a luz de Deus brilhe em seu interior. Uma pessoa com percepção está na luz e permite que a luz de Deus brilhe nela. Assim, uma pessoa cheia de percepção é cheia de luz e transparente.

Há alguns irmãos e irmãs cuja condição diante do Senhor é assim. Quando os outros os contatam, sentem que eles são transparentes e claros como cristal. Disseram-me que havia um irmão que, sempre que ele falava, dava aos outros o sentimento de que ele era transparente. Essa palavra é verdadeira. Quando algumas pessoas falam, você sente que elas são transparentes. Outras, você sente que têm um pouco de luz interiormente, mas não são tão transparentes. Outras ainda, assim que se levantam e falam, transmitem a sensação de que são totalmente transparentes. Elas são assim porque são cheias de sensação interior. É sempre assim: quanto mais percepção a pessoa tem, mais transparente ela é.

Como podemos ser cheios dessa sensação e nos tornar transparentes? Depende de como tratamos o Espírito Santo quando Ele nos ilumina e nos dá uma percepção. Se não obedecermos à percepção dada pelo Espírito Santo, não seremos transparentes interiormente e nossa sensação se tornará inevitavelmente lenta e entorpecida. Se desobedecemos repetidamente, a percepção interior se tornará mais entorpecida, mais opaca, à medida que o tempo passa, até que fique totalmente escurecida, não tendo qualquer sentimento. Se estivermos dispostos a obedecer continuamente à percepção que o Espírito Santo dá, Ele ganhará cada vez mais terreno em nós e terá cada vez mais oportunidade para operar; a iluminação interior se tornará cada vez mais clara e a percepção se tornará cada vez mais rica e sensível.

V. A ILUMINAÇÃO DEPENDE DA MISERICÓRDIA DE DEUS

Como podemos receber iluminação? De que depende a iluminação? Falando sob a perspectiva de Deus, a iluminação depende totalmente da misericórdia divina. Ele terá misericórdia de quem quiser ter misericórdia e terá compaixão de

quem quiser ter compaixão (Rm 9:15). Quem recebe revelação é aquele a quem Deus dá revelação. Recebe iluminação aquele a que Deus ilumina. Depende totalmente de Deus, e não de nós. Portanto, ninguém pode exigir luz e ninguém pode controlar a luz. Quando a luz vem, ela vem sem que você a busque. Quando ela não vem, mesmo que você a busque, ela não virá. É como o nascer do sol. Quando o sol nasce, ele nasce. Você pode não querer que ele nasça, mas ele não lhe dará ouvidos. Quando o sol não nasce, ele não nasce; mesmo que você queira que ele nasça, ele não nascerá, ele não lhe ouvirá. Semelhantemente, se Deus nos ilumina, podemos ser iluminados; mas se Ele não nos iluminar, nada podemos fazer. Um dia, na estrada para Damasco, Saulo, que se opunha a Deus, não tinha coração para buscar a luz; contudo, a luz do céu veio sobre ele, fazendo com que ele se prostrasse e fosse grandemente abençoado (At 9:3-4). Deus teve misericórdia dele. Assim, a luz de Deus não é controlada pela mão do homem, mas pela mão de Deus. Depende totalmente da misericórdia de Deus.

Portanto, se quisermos ser iluminados, podemos apenas esperar em Deus, olhar para Ele e confiar Nele; não há coisa alguma que possamos fazer. Quando fazemos outras coisas, podemos decidir por nós mesmos, mas não podemos decidir ser iluminados. Não podemos dizer: “O irmão fulano sabe ler a Bíblia e eu também sei; ele pode receber luz da Bíblia e eu também posso.” É difícil às pessoas que pensam assim obter luz.

Alguns podem dizer que, embora não consigamos controlar a luz natural, podemos produzir luz por nós mesmos com a eletricidade ou com lamparinas de querosene ou com velas. Contudo, se desejamos ser iluminados em assuntos espirituais, não podemos fazer isso. Podemos apenas esperar que Deus brilhe. Se Ele não nos iluminar, definitivamente não devemos fabricar luz nem buscá-la por nós mesmos. Quanto a isso, Isaías 50:10-11 diz: “Quem há entre vós que tema ao SENHOR e que ouça a voz do seu servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do SENHOR e se firme sobre o seu Deus. Eia! Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos

sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis". Em toda a Bíblia, essa é a passagem que fala mais claramente sobre ser iluminado. Por um lado, ela nos mostra o caminho adequado: se temermos a Deus, obedecermos a Sua voz e subitamente cairmos em trevas sem ter qualquer luz, nada devemos fazer senão confiar no nome do Senhor, confiar em nosso Deus e esperar que a luz de Deus brilhe. Isso é porque somente Deus é luz, somente Deus é a origem da luz e somente na luz de Deus é que podemos ver a luz. Por outro lado, esses versículos também nos advertem que, quando não temos luz alguma, não devemos buscar uma maneira de nós mesmos acendermos um fogo ou produzirmos nossa própria luz. Pois, se não esperamos em Deus, mas nos equipamos com alguma luz autofabricada, embora possamos andar na luz do nosso próprio fogo por algum tempo, no final cairemos em tormentas.

Ao mesmo tempo, também não conseguimos tomar emprestada a luz dos outros, a luz que outros receberam, como se fosse nossa, para nosso uso. Por exemplo: suponha que alguém tenha testificado em uma reunião que, ao enfrentar dificuldades, aceitou o tratamento da cruz e foi 'assim' abençoado por Deus. Certo irmão, após ouvir esse testemunho, pode ter sido grandemente tocado e, ao voltar para casa, pode ter decidido a, daquele dia em diante, aceitar o tratamento da cruz. Embora isso não seja buscar luz por si mesmo, nem fabricar sua própria luz, é tomar emprestado a luz que outros receberam como se fosse sua. Aquele que age assim, pouco tempo depois abandonará essa luz. Assim, a luz emprestada não funciona; ela não pode substituir a luz verdadeira.

Aqueles entre nós que temem a Deus, ouvem a Sua voz e enfrentam trevas, devem lembrar-se de não fazer coisa alguma, mas confiar em Deus, depender Dele, olhar firmemente para Ele, esperar calmamente por Ele e buscar mais uma vez Sua misericórdia. Sempre que Deus vem, sempre que Ele concede misericórdia, a luz do Seu semblante é nossa luz. Se simplesmente O tocarmos, veremos luz. No momento em que Ele esconde Sua face de nós, imediatamente nos encontramos em trevas. Não importando o quanto nos esforcemos pela luz, não funciona; a despeito do quanto nos esforçamos, é em vão. Não é que você está um pouco relaxado e por isso não consegue ter

luz, e eu sou um pouco piedoso e a luz vem; ou porque você é um pouco preguiçoso e não consegue ver luz e eu sou um pouco diligente e vejo luz. A iluminação não depende do nosso esforço e luta, mas da misericórdia de Deus. Infelizmente, quantos hoje fabricam a própria luz acendendo lâmpadas e fogueiras. Quando as trevas vêm, eles não esperam o amanhecer, o nascer do sol; eles acendem um fogo para produzir sua própria luz. Deus diz que aqueles que acendem um fogo para iluminar a si mesmos, terminarão em tormentas. Esse é o decreto de Deus. Como isso é sério! Que todos tenhamos a Deus e O busquemos para obter misericórdia.

VI. A MANEIRA DE SER ILUMINADO

Uma vez que a iluminação depende totalmente da mão controladora de Deus e de Sua misericórdia, deveríamos ser totalmente passivos e indiferentes? Absolutamente não. Pelo ensinamento da Bíblia e por nossa própria experiência, vemos que ainda temos responsabilidade. Segunda aos Coríntios 4:6 diz: “Porque o Deus que disse: Das trevas resplandecerá a luz, Ele mesmo é quem resplandeceu em nosso coração...” Esse versículo nos diz que Deus já teve misericórdia de nós, já resplandeceu em nós. O Deus que resplandece em nosso coração é nossa luz. Uma vez salvos, já temos Deus em nós e já temos luz. Portanto, a questão agora não é como pedir ou buscar luz, mas como obter iluminação, ou como permitir que a luz brilhe. Quando o sol já raiou, não temos de buscá-lo novamente; apenas temos de receber seu brilhar. Somente os tolos buscam o sol quando já é dia. Efésios 5:14 diz: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará”. Você precisa apenas despertar; então receberá a iluminação. Assim, iluminação é uma questão de obter, de aceitar; não é uma questão pedir ou buscar. Nossa responsabilidade é remover os véus para aceitar a luz e ser iluminados. Isso inclui, pelo menos, os dois itens a seguir.

Primeiro, precisamos querer o resplandecer. Como a luz não depende de pedir ou buscar, mas de aceitar e receber, a primeira condição para sermos iluminados é estarmos dispostos a aceitar e receber. O sol já raiou; portanto, você não precisa pedir ou buscar; precisa apenas que a luz brilhe e você a receba. Se não

estiver disposto a receber o brilhar, se não quiser que a luz brilhe sobre você, mas continuamente se cobre, mesmo que haja sol todos os dias, ele não conseguirá brilhar sobre você. A luz da vida também é assim; ela já resplandeceu em nós. Hoje, não é uma questão de esperarmos pela luz, mas de ela estar esperando por nós. A luz está em nós, esperando constantemente que recebamos seu brilhar. Portanto, se quisermos o brilhar e o aceitarmos, podemos ser iluminados. Se não quisermos nem aceitarmos, será difícil sermos iluminados.

Pouquíssimas pessoas hoje desejam o brilhar. Alguns não o querem porque são indiferentes no coração; outros, porque já decidiram rejeitá-lo. Milhares de coisas tornaram-se véus para a luz em nosso interior. Se não estivermos dispostos a retirar os véus, seremos aqueles que não querem o brilhar e o rejeitam. Naturalmente, então, não haverá maneira de sermos iluminados. Por exemplo: quando lemos a Bíblia e oramos pela manhã, se realmente desejamos o brilhar, ele virá com certeza. Quando o brilhar vem, podemos ver algo interiormente. Esse ver é nossa sensação interior. Sempre que temos certa percepção profunda em nós, é uma prova de que o brilhar da luz veio. A questão agora é se obedecemos a esse brilhar. Se obedecermos à percepção desse brilhar e lidarmos com determinadas coisas, retiraremos os véus de nós. Assim, somos os que querem e aceitam o brilhar da luz e teremos continuamente esse brilhar. Se não reagirmos de acordo com a sensação do brilho, não estaremos dispostos a retirar os véus de nós. Então, seremos aqueles que não querem o brilhar, aqueles que rejeitam o brilhar da luz. Assim, não poderemos obter o brilhar.

Segundo, devemos abrir-nos ao Senhor. O Senhor é luz, portanto, se todo nosso coração estiver voltado para Ele, certamente teremos luz; mas se desviarmos nosso coração Dele e o inclinarmos a outras coisas, certamente não teremos luz. Segunda aos Coríntios 3:16 diz: “mas quando o coração deles se volta ao Senhor, o véu é retirado”. Quando o coração não se volta ao Senhor, o véu permanece ali; mas, quando ele se volta ao Senhor, o véu é retirado. Então, podemos ver o Senhor face a face; podemos ver a luz. Portanto, se quisermos receber o brilhar, devemos nos abrir ao Senhor e, do nosso interior,

libertar-nos, colocando-nos diante do Senhor sem qualquer reserva ou recuo. Assim, será muito fácil obter luz.

Contudo, o problema é que não é fácil nos abrir para o Senhor. Ainda nos escondemos frequentemente; ainda nos detemos. Não apenas não ousamos nos abrir para o Senhor; também não ousamos orar para o Senhor. É como uma criança que às vezes tem medo do rosto de seus pais. Quando seus pais a chamam, ela responde com sua boca; mas não está disposta a ir, porque fez coisas, escondida, que não quer contar. Oh! Há muitos nessa condição diante do Senhor! Por terem feito coisas e questões que não agradam ao Senhor, eles se escondem e recuam. Eles temem que o Senhor toque nessas coisas; se o Senhor o fizer, que fariam eles? O Senhor pode querer que eles Lhe entreguem algo que eles apreciam; se for assim, que fariam eles? Por terem tanto medo de serem iluminados pelo Senhor, eles não ousam abrir-se para Ele. Por isso, eles são como um pedaço de papel bem enrolado, nunca dispostos a desenrolar-se e permitir que Deus escreva as palavras que Ele quer.

Embora essas pessoas que não estão dispostas a se abrir ao Senhor ainda usem sua mente para ouvir mensagens e ler a Bíblia, as mensagens que elas ouvem e a Bíblia que leem tornam-se apenas uma referência para julgarem os outros, um instrumento para criticarem os outros, enquanto elas mesmos não recebem luz alguma. Essa situação é como um homem em um quarto à noite. Se o quarto está claro, eles não conseguem ver as coisas do lado de fora; se o quarto está escuro, eles podem ver as coisas do lado de fora muito claramente. Igualmente, aqueles que se fecham para o Senhor são especialistas em julgar e criticar os outros. Eles têm muita clareza sobre a situação dos outros, mas não sabem nada de sua própria condição. Isso prova que eles estão totalmente em trevas!

Esses que não estão dispostos a se abrir ao Senhor podem até pregar e trabalhar por ele. Embora eles mesmos não estejam dispostos a aceitar o brilhar, conseguem persuadir os outros a buscar esse brilhar. Embora frequentemente esperem que o Senhor seja gracioso para com eles e lhe dê vida abundante, equipando-os e concedendo-lhes dons para que

possam ministrar e trabalhar, temem o brilhar do Senhor e até mesmo rejeitam Seu brilhar. Assim, as palavras que ministram e as obras que fazem são exortações mortas que não podem transmitir aos homens o brilhar vivo.

Quando os homens não estão dispostos a se abrir para o Senhor dessa maneira, eles se tornam interiormente estéreis e vazios, em trevas e sem luz. É como estar no porão: não importando quão forte seja a luz do lado de fora, ela não consegue entrar. Mas para aquele que está aberto ao Senhor, a condição é totalmente diferente. Ele cede totalmente e coloca todas as coisas, de dentro para fora, diante do Senhor sem nenhuma reserva, permitindo que a luz de Deus brilhe. Essa pessoa com certeza receberá iluminação frequentemente. Seja ao ouvir uma mensagem ou ao ler a Bíblia, assim que ela recebe o brilhar da luz, ela aceita-a humildemente, por um lado, triste e, por outro, adorando o Senhor. Está triste por causa da própria desolação e falhas; adora ao Senhor por causa da Sua misericórdia e do resplandecer de Deus. Estando na luz, ela não vê as falhas dos outros, mas suas próprias deficiências. Assim, ela não condena os outros; apenas sente que ela própria é a pessoa mais miserável, como um verme ou uma larva, que não pode levantar sua cabeça diante do Senhor santo. Também busca a Deus para obter misericórdia, pede que Deus a salve e está disposta a receber um brilhar mais profundo da luz. Dessa maneira, a luz de Deus a ilumina continuamente em seu interior e a vida de Deus cresce nela. Ela, então, se torna uma pessoa transparente, cheia de percepção.

Terceiro, devemos estabelecer uma parada para nós mesmos. Que significa estabelecer uma parada para nós mesmos? Significa parar nossos pontos de vista, nossas maneiras de ver as coisas, nossos sentimentos, opiniões e palavras, etc. Todos sabemos que não é fácil parar. Pouquíssimas pessoas conseguem fazê-lo. Contudo, não conseguir estabelecer uma parada para nós mesmos também é um véu, um sério véu, que nos impede de ser iluminados.

Por exemplo, alguns irmãos ao ler a Bíblia sempre o fazem com seus próprios sentimentos e ideias e põem seus próprios conceitos em seus significados. A Bíblia diz claramente: "Simão Pedro", mas quando leem, ele torna-se "Pedro Simão".

A Bíblia diz claramente: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo”, mas ele torna-se “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus”. Quando não estão lendo a Palavra de Deus, suas opiniões não estão em evidência; mas assim que leem a Bíblia, suas opiniões surgem. Portanto, sempre que leem a Bíblia, não há uma passagem a respeito da qual não tenham uma opinião e sentimento; contudo, não sabem que essas opiniões e sentimentos são madeira, feno e palha, sem valor algum. Alguns irmãos são parecidos com isso em seu ministério. Quando estão pregando, suas palavras voam pelo céu, sem um ponto central ou principal. Alguns irmãos e irmãs, quando estão ouvindo o ministério, simplesmente perdem todos os pontos importantes e essenciais, mesmo depois de muitas repetições. Contudo, eles se lembram claramente dos fragmentos, das palavras secundárias, que as pessoas normalmente se esquecem depois de falar. Isso ocorre também porque eles têm muitos pensamentos e sentimentos que não podem parar. Tais irmãos e irmãs, que estão sempre extremamente ocupados exteriormente e cedem a imaginações fantasiosas interiormente não conseguem parar nenhuma parte de seu ser. Consequentemente, eles não conseguem obter nem um pouco de luz.

No Novo Testamento há um exemplo disso. Lucas 10 e João 11 falam de uma pessoa muito ocupada que não conseguia parar: Marta. Lucas 10 relata quão ocupada ela era exteriormente, e João 11 relata como ela era ativa interiormente. Podemos dizer que todo seu ser era agitado. Ela não apenas tinha muitas opiniões e sentimentos, mas também muitas palavras; não podia ser detida por um instante sequer. Por isso, nenhuma palavra que o Senhor lhe disse entrou nela. Quando encontrou o Senhor, antes que Ele pudesse abrir Sua boca, ela abriu a sua e culpou o Senhor, dizendo: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”. O Senhor respondeu: “Teu irmão ressuscitará”. Então, ela imediatamente emitiu uma opinião, respondendo: “Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia”. Ela expôs as palavras do Senhor de maneira tão maravilhosa que essa ressurreição foi adiada para milhares de anos mais tarde. Novamente o Senhor disse a ela: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que morra viverá; e todo o que vive e crê em Mim, de

modo algum morrerá, eternamente. Crês isso?” Ela disse: “Sim, Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus...” A resposta dela não respondeu, de maneira alguma, a pergunta Dele. Ela não ouviu nada do que o Senhor havia dito; ela era cheia de opiniões e tagarela. Quando terminou essas palavras, ela imediatamente se foi e chamou sua irmã Maria em particular, dizendo: “O Mestre está aqui e te chama”. Isso foi totalmente invenção dela; foi a ideia dela expressada como se fosse do Senhor. As pessoas tagarelas e cheias de opinião são as que podem dar sugestões e expressar opiniões. Essas pessoas não conseguem parar nem um pouquinho. Por isso, estão totalmente vendadas para a luz e não há realmente como ser iluminadas.

A dificuldade de ser incapaz de parar está no homem. Muitos leem a Bíblia sem luz e ouvem o ministério sem compreender os pontos essenciais, não porque sejam pecaminosos ou mundanos, mas porque são cheios de opiniões, sentimentos, ideias e palavras. Rigorosamente falando, o pecado e o mundo são como um pedaço de pano gasto, que não é difícil de jogar fora. Mas as opiniões, sentimentos e ideias em nós não são fáceis de jogar fora. É por isso que eles se tornaram hoje o véu mais grave em nós; eles nos tornam incapazes de obter o resplandecer do Senhor.

Assim, se desejamos ser iluminados, precisamos nos aquietar e estabelecer uma parada para nós. Não apenas nossas atividades exteriores têm de ser paradas; até mesmo nossas opiniões, sentimentos, ideias, visões e palavras interiores precisam ser parados. Quando uma pessoa que parou totalmente vai diante do Senhor, ela pode ser extremamente simples e singela em receber Sua palavra. Tudo o que o Senhor diz ela ouve e compreende. Quando lê a Bíblia, ela não lê sua própria opinião e explicação; antes, lê o que a Bíblia quer dizer. No início, parece que ela não entende o que lê. Mas quando a luz vem, as grandes coisas da Bíblia resplandecem nela, fazendo-a ter revelação. O mesmo é verdade quando ela ouve uma mensagem. Toda a sua pessoa, de dentro para fora, aguarda calmamente diante do Senhor, desejando ouvir Seu falar. Assim, quando as palavras são liberadas, ela pode compreender o ponto essencial da mensagem e receber em seu interior a

palavra do Senhor. Tal pessoa, por conseguir estabelecer uma parada para si mesma, é capaz de receber incessantemente a Palavra viva de Deus, ou seja, a luz de Deus, pois a luz de Deus reside na Palavra de Deus. Assim, a terceira exigência para ser iluminado é parar.

Quarto, não devemos discutir com a luz. Esse é outro requisito básico para ser iluminado. Assim que temos iluminação e sensação interior, devemos imediatamente aceitá-las, submeter-nos a elas e agir de acordo com elas; não podemos ter qualquer discussão. Sempre que discutimos com a luz, ela se retrai.

Quando o Espírito Santo realiza essa obra de iluminação no homem, isso é algo muito sensível e delicado. Assim que encontra resistência da parte do homem, Ele imediatamente se retrai. Fazer o Espírito Santo retrair-se, resistindo a Ele, é extremamente fácil; mas pedir-Lhe que volte é muito difícil. Mesmo que confessemos, nos arrependamos e obtenhamos o perdão do Senhor, o Espírito Santo pode não voltar imediatamente. Podemos ver uma situação dessas em Cântico dos Cânticos. Quando o Senhor bateu à porta de Sua amada, ela não abriu. Mais tarde, quando ela percebeu o que havia feito e foi abrir a porta, o Senhor não pôde ser encontrado. Quando o Senhor se esconde assim, essa é Sua punição para conosco.

Não apenas o Espírito Santo age dessa maneira; até mesmo os que têm o ministério do Espírito Santo agem assim. Um servo que conhece a Deus e é usado por Deus está sempre feliz em ajudar os outros. Contudo, se você o critica ou resiste a ele intencionalmente, ele não irá contender, discutir ou argumentar com você sobre o que é certo ou errado. Ele tem apenas uma maneira de agir: simplesmente se retrai, não tendo mais nada a dizer a você, não podendo mais ajudar-lhe. Assim, quem gosta de discutir é tolo e sofre uma tremenda perda! Você deve ser muito cuidadoso com relação a quem tem o ministério do Espírito Santo! Você pode sentir liberdade para criticar os que andam pela rua, mas não deve criticar livremente nem discutir propositalmente com alguém que tem o ministério do Espírito Santo. Isso não significa que sua crítica não é correta ou que sua discussão não é razoável; talvez suas críticas sejam corretas e suas discussões razoáveis, mas

uma coisa é certa: assim que você criticá-lo e discutir com ele, o ministério dele para com você terá terminado. Ele pode ajudar milhares de pessoas, mas não poderá ajudar-lhe. Não é que ele não queira ajudar-lhe, mas que não consegue fazê-lo. Mesmo que queira ajudar-lhe, você não ganharia coisa alguma. Que coisa séria! Como devemos ser cuidadosos!

Assim, tanto para com o Espírito Santo que fala em nosso interior como para com os ministros que falam exteriormente, não podemos ter críticas ou discussões. A iluminação do Espírito Santo no homem não pode ser questionada, pois assim que discute com Ele, você estará em trevas por, pelo menos, vários dias. Esse período de trevas é tanto uma punição como um lembrete a você. Você pensa que não importa ofender a Deus uma vez, pois ainda pode pedir-Lhe perdão. Sim, Ele pode perdoá-lo, mas Ele tem Seu governo; você não pode fugir da punição que Ele tem para você. E, se você O ofende muitas vezes, seu fim com certeza será mais trágico. O povo de Israel no deserto discutia continuamente com Deus e ofendia a Deus. Quando chegaram a Cades-Barnéia, a mão do governo de Deus apareceu: eles somente puderam retornar ao deserto e peregrinar. Embora tenham chorado e se arrependido, não houve como restaurar a situação. Assim, seja a iluminação que recebemos do Espírito Santo ou a iluminação que recebemos dos ministros da Palavra de Deus, devemos obedecer sem discutir. Esse também é um princípio importante na busca das coisas espirituais.

Quando o Espírito Santo nos ilumina, se formos realmente fracos e não conseguirmos nos submeter, o máximo que podemos dizer é: "Ó Deus, eu deveria obedecer nessa questão, mas sou fraco; tem compaixão de mim". Essa atitude do coração ainda é algo da Sua misericórdia. Mas é melhor quando somos iluminados para nos submeter imediatamente e não discutir nada. Dessa maneira, podemos permitir que Deus nos ilumine continuamente.

Quinto, devemos viver continuamente na luz. Quando, em uma questão específica, recebemos o brilhar e passamos a conhecer a vontade de Deus, não se trata de obedecer uma só vez e basta. Devemos aprender a nos manter continuamente sob a iluminação que recebemos. Isso significa que, quando

you receive o brilhar em determinado assunto, you deve submeter-se não apenas naquele momento, mas continuamente, segundo aquele princípio.

Esses cinco pontos são a maneira de obter iluminação. Se prestarmos atenção cuidadosamente a esses cinco pontos diante do Senhor, poderemos obter iluminação frequentemente e viver na luz. Nesta etapa, Deus nos dará qualquer tipo de orientação interior que precisarmos; Ele nos mostrará qualquer tipo de luz que precisarmos; e Deus nos fará ter qualquer tipo de crescimento de vida que precisarmos, pelo resplandecer da luz. Que o Senhor seja gracioso para conosco!

SOBRE OS DOIS SERVOS DO SENHOR

Somos gratos ao Senhor porque o ministério de Watchman Nee e seu cooperador Witness Lee ao Corpo de Cristo tem sido uma bênção para os filhos do Senhor em todos os continentes da terra há mais de 80 anos. Seus escritos foram traduzidos para muitas línguas. Nossos leitores fizeram muitas perguntas sobre Watchman Nee e Witness Lee. Como resposta, apresentamos esta descrição resumida da vida e obra desses dois irmãos.

Watchman Nee

Watchman Nee recebeu Cristo aos dezessete anos de idade. Seu ministério é muito conhecido entre os crentes buscadores por todo o mundo. Muitos receberam ajuda dos seus escritos sobre a vida espiritual e o relacionamento entre Cristo e Seus crentes. Contudo, não são muitos os que conhecem outro aspecto igualmente importante do seu ministério, o qual enfatizava a prática da vida da igreja e a edificação do Corpo de Cristo. O irmão Nee escreveu muitos livros sobre a vida cristã e a vida da igreja. Até o final de sua vida, Watchman Nee foi um dom dado pelo Senhor para desvendar a revelação na Palavra de Deus. Após ter sofrido vinte anos na prisão por causa do Senhor, na China continental, ele morreu em 1972 como uma testemunha fiel de Jesus Cristo.

Witness Lee

Witness Lee foi o cooperador mais íntimo e confiável de Watchman Nee. Em 1925, aos dezenove anos de idade, ele experimentou uma regeneração espiritual dinâmica e consagrou-se ao Deus vivo a fim de servi-Lo. A partir daquela

ocasião, ele começou a estudar intensamente a Bíblia. Nos primeiros sete anos de sua vida cristã, ele foi grandemente influenciado pelos Irmãos de Plymouth. Então, ele encontrou Watchman Nee e, nos 17 anos seguintes, até 1949, ele foi um cooperador do irmão Nee na China. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando a China foi ocupada pelo Japão, ele foi preso pelos japoneses e sofreu por causa do seu serviço fiel ao Senhor. O ministério e obra desses dois servos de Deus trouxe um grande reavivamento entre os cristãos na China, o qual resultou na expansão do evangelho por todo o país e na edificação de centenas de igrejas.

Em 1949, Watchman Nee chamou todos os seus cooperadores que serviam ao Senhor na China e comissionou Witness Lee a que continuasse o ministério na ilha de Taiwan, fora do continente. Nos anos seguintes, devido à bênção de Deus em Taiwan e no sudeste asiático, mais de cem igrejas foram estabelecidas.

No começo da década de 1960, Witness Lee foi conduzido pelo Senhor a mudar-se para os EUA, onde ele ministrou e trabalhou para o benefício dos filhos do Senhor durante mais de 35 anos. Ele viveu na cidade de Anaheim, Califórnia, de 1974 até morrer em junho de 1997. Durante os anos de sua obra nos EUA, ele publicou mais de 300 livros.

O ministério de Witness Lee é especialmente útil aos cristãos buscadores que desejam conhecimento e experiência mais profundos das riquezas insondáveis de Cristo. Ao abrir a revelação divina em todas as Escrituras, o ministério do irmão Lee nos revela como conhecer Cristo para a edificação da igreja, que é o Seu Corpo, a plenitude Daquele que a tudo enche em todas as coisas. Todos os crentes devem participar desse ministério de edificação do Corpo de Cristo para que o Corpo edifique a si mesmo em amor. Somente a realização dessa edificação pode cumprir o propósito do Senhor e satisfazer o Seu coração.

A principal característica do ministério desses dois irmãos é que eles ensinaram a verdade segundo a pura palavra da Bíblia.

A seguir está uma breve descrição das principais verdades que os irmãos Watchman Nee e Witness Lee defendiam:

1. A Bíblia Sagrada é a revelação divina completa, infalível e soprada por Deus, verbalmente inspirada pelo Espírito Santo.

2. Deus é único e Triúno (Pai, Filho e Espírito Santo) coexistindo igualmente e sendo coinerentes mutuamente de eternidade a eternidade.

3. O Filho de Deus, a saber, o próprio Deus, encarnou para ser um homem chamado Jesus, nasceu da virgem Maria para ser nosso Redentor e Salvador.

4. Jesus, um Homem genuíno, viveu na terra durante trinta e três anos e meio para tornar Deus Pai conhecido dos homens.

5. Jesus, o Cristo ungido por Deus com o Espírito Santo, morreu na cruz pelos nossos pecados e derramou Seu sangue para realizar nossa redenção.

6. Jesus Cristo, três dias depois de sepultado, foi ressuscitado dentre os mortos e, quarenta dias depois, ascendeu ao céu, onde Deus O fez Senhor de todos.

7. Após Sua ascensão, Cristo derramou o Espírito de Deus para batizar Seus membros escolhidos em um único Corpo. Hoje, esse Espírito move-se na terra para convencer os pecadores, regenerar o povo escolhido de Deus transmitindo a vida divina a eles, a fim de habitar nos crentes em Cristo para seu crescimento em vida e para edificar o Corpo de Cristo para Sua expressão plena.

8. No fim desta era, Cristo voltará para tomar Seus crentes, julgar o mundo, tomar posse da terra e estabelecer Seu Reino eterno.

9. Os santos vencedores reinarão com Cristo no milênio e todos os crentes em Cristo participarão das bênçãos divinas na Nova Jerusalém no novo céu e nova terra pela eternidade.

Política de Distribuição

É com prazer que o Living Stream Ministry disponibiliza gratuitamente a versão eletrônica destes sete livros. Esperamos que muitos os leiam e os recomendem. Pedimos, para evitar confusões, que a impressão destes arquivos se limite ao uso pessoal, no entanto, se desejar fazer mais cópias para além dessa, por favor, contate-nos enviando-nos um pedido por escrito para copyrights@lsm.org. Por favor, não coloque estes arquivos em nenhum formato noutros sítios na internet. Pedimos ainda que todos os direitos de autor sejam respeitados conforme a lei que a eles se aplica. Estes arquivos em formato PDF não podem ser de maneira nenhuma modificados nem desmontados para qualquer outro uso.